

**A arte magica anniquilada ... / traduzida da lingua italiana ... Accresce
huma nova prefação, qui escrevia o traductor.**

Contributors

Maffei, Scipione, marchese, 1675-1755.

Publication/Creation

Lisbon : S.T. Ferreira, 1783.

Persistent URL

<https://wellcomecollection.org/works/djt69b3p>

License and attribution

This work has been identified as being free of known restrictions under copyright law, including all related and neighbouring rights and is being made available under the Creative Commons, Public Domain Mark.


You can copy, modify, distribute and perform the work, even for commercial purposes, without asking permission.



Wellcome Collection
183 Euston Road
London NW1 2BE UK
T +44 (0)20 7611 8722
E library@wellcomecollection.org
<https://wellcomecollection.org>

N. iv. a

18



Digitized by the Internet Archive
in 2016 with funding from
Wellcome Library

<https://archive.org/details/b28757877>



A
ARTE MAGICA
ANNIQUILADA

D O
M A R Q U E Z
FRANCISCO SCIPIÃO MAFFEO,
TRADUZIDA
DA LINGUA ITALIANA
N A
PORTUGUEZA.

*Accresce huma nova Prefação, que escrevia
o Traductor.*

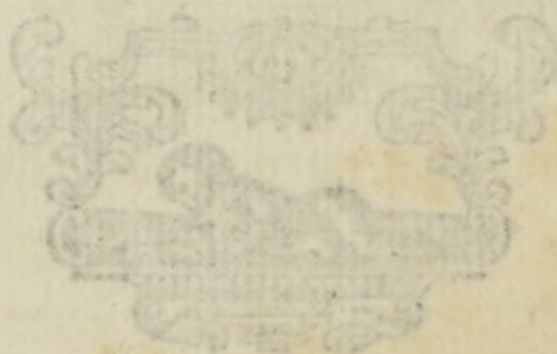


LISBOA
NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.
ANNO M. DCC. LXXXIII.

Com licença da Real Meza Censoria,



*Entenderaõ, que pela vinda do Salvador a Ma-
gica Arte havia de Cessar. Dialogos de Dom Frei
Amador Arraes, fol. 66. v., col. 2.^a, edição de
Coimbra de 1604.*



LISBOA

NA OFFICINA DE SIMÃO THOMAS FERREIRA

ANNO M. DCC. LXXXII.

Com licença da Real Mesa Censura

P R E F A Ç A Õ
D O
T R A D U C T O R.

NA Õ tivemos por objecto deste nosso trabalho aos Portuguezes eruditos , porque bem commua he entre elles a sufficiente intelligencia da Lingua Italiana : emprendemos sómente a instrucção daquellas pessoas , que a penas lem , e entendem a nossa Lingua vulgar ; e como destas poderá haver (1) a quem faça horror negarem-se os prodigios magicos , parecendo-lhe que desta sorte se regeita , e nega a verdade dos milagres , que Deos obra , ou a existencia dos anjos máos , julgámos
a ii con-

(1) Molti ritrovansi a quali il non credere i portenti dé Malefici , fa un certo orrore quasi si negassero con ciò i miracoli , o si negasse l'esistenza de' diavoli. Arte Magica Dileguata del signor Marchese Maffei , terza edizione in Verona , in 4. , pag. 39. , l'an. 1774. Con licenza de' Superiori.

conveniente fazer algumas breves advertencias , e tocar depois a questão , para assim melhor affeiçãoarmos o Leitor á curiosa , e util lição da *Arte Magica Anniquilada*.

Advertimos em primeiro lugar , que haver , ou não haver Magicos verdadeiros , e Feiticeiras he simplez , e mera opiniaõ. Abonaremos com algumas authoridades esta proposição. O Conselheiro Grimaldi na sua Obra das trez Magias , impressa em Roma com approvação do Mestre do Sacro Palacio , a pag. 12. diz assim : Esta opiniaõ não he nova , antes do Marquez Maffeo a tinha já publicado Joaõ Hoornbeek , tratando da Conversaõ dos Indios ; e citou para prova a Santo Athanasio , liv. 2. de *Incarnatione Verbi*.

(1) O Padre Casto Pio Innocencio Anfaldi , lustre da doutissima Reli-

(1) Il Padre Casto Pio Innocente Anfaldi, celebre Dominicano , per tante erudite Opere date in luce.

Novelle letterarie Publicate in Firenze , tom. X., pag. 28.

ligiaõ Dominicana , seguiu a opiniaõ de não existir a Magia diabolica, como elle mesmo escreveu ao Marquez , e se lê na resposta que Maffeo imprimio , e lhe dedicou (1).

O Padre Schram , douto Benedictino , não só affirma nas suas Instituições (2) do Direito Ecclesiastico , que „ „ muitos são os que hoje duvidaõ da „ „ real existencia da Magia diabolica ; „ „ mas no seu Compendio de Theologia , referindo a opiniaõ do Sabio Professor Augustiniano (3) o Padre Jordaõ Simaõ , diz delle o seguinte : (4) „ „ Doutamente prova este Author não ser

(1) La mia vedrà V. P. M. R. nel decorso , che in sostanza , si conforma appunto a quella che nella benignissima sua mi accena tennerfi anche da lei. *Arte Magica Dileg.* Del signor Marchese Maffei , al Padre Innocente Anfaldi dell'Ordine de Predicatori , pag. 4. , in Verona , 1774. Com licenza de Superiori.

(2) An re vera detur hodieum Magia diabolica , multi dubitant. Schram , *Inst. , Jur. , Eccles. t. 3. , § 1246.* Schol.

(3) Este Padre que era Professor de Controversia na Universidade de Praga , deo á luz : *De Religione contra libertinos , libri tres , Pragæ.*

(4) Docté probat , non esse de fide dari Magiam dia-

„ fer de fé a Magia diabolica , maior-
 „ mente nos tempos do Evangelho. „
 Dos fundamentos do Padre Jordaõ , que
 o Padre Schram refere , por brevida-
 de expenderemos tão sómente os que
 se seguem. „ Não se infere ser de fé
 „ a sua existencia , por crermos que ha
 „ demonios : nem tão pouco por con-
 „ fessarmos , que possa o diabo por
 „ divina permissão obrar prodigios , e
 „ ser nocivo aos homens ; porque de-
 „ vem provar os Defensores da Ma-
 „ gia , que Deos lhe concedera este
 „ poder , para o exercer a seu arbitrio :
 „ do referido conclue o louvado Pa-
 „ dre Jordaõ , que não he de fé a exis-
 „ ten-

bolicam maximé modo in lege Evangelica , camque salva fide negari posse. Existencia Magiæ ex aliis veritatibus revelatis non fluit. Non ex illa , quod dæmon permittente Deo mira patrare , & homini nocere possit. Nam probandum est , Deum potestatem hanc pro libitu exercendam dæmoni concessisse , ex quibus concludit Prælaudatus Pater Jordanus Simon , existentiam Magiæ diabolicæ ad fidem non pertinere , & exempla Magica de quibus testantur Historiæ , vel ad fabulas , vel ad illusiones artificiosas amandat. Compendium Theolog. Dogm. a P. Dominico Schram. , tom. I. , pag. 353. Schol. Augustæ vindilicorum , 1768.

„ tencia da Magia , e que os exem-
 „ plos magicos de que fallaõ as Histo-
 „ rias são fabulas , ou artificiosas illu-
 „ sões. „

O judicioso Padre Job das Escó-
 las Pias , nas suas instituições de Lo-
 gica , e Metaphysica para uso dos No-
 bres da Academia de Saboya , expli-
 cou-se assim : „ (1) Parece que re-
 „ pugna á Providencia , e bondade de
 „ Deos , que obre milagres para sa-
 „ tisfazer os desejos de hum homem
 „ ímpio , assim como repugna á sum-
 „ ma verdade , que faça milagres em
 „ confirmação de falsa doutrina. Daqui
 „ parece seguir-se que devemos ter a
 „ Arte Magica , e seus effeitos por pa-
 „ tranhas. Isto mostráráõ muitos Au-
 „ thores em suas obras , como o Mar-
 „ quez

(1) Jam vero hoc cum Providentia , & bonitate Dei pug-
 gnare videtur , ut desiderio hominis impii per miraculum
 satisfaciatur ; quemadmodum pugnat cum veracitate , ut in
 confirmationem falsæ doctrinæ miraculum edat. Consequens
 proinde videtur , ut Artem Magicam , effectusque Magicos
 pro figmentis habeamus : id quod plures editis operibus de-
 monstratum ivere , ut Scipio Maffeus , Tartarottus , & alii.

„ quez Maffeo , Tartarotti , &c. Não he
 „ com tudo tão certa esta sentença ,
 „ que seja unanimemente seguida : jul-
 „ gão huns , que he fabuloso quanto da
 „ Magia se narra ; outros porém affir-
 „ maõ que se daõ alguns prodigios
 „ magicos : achaõ-se dissolvidos os ar-
 „ gumentos dos patronos desta ultima
 „ sentença , nos Authores que ha pou-
 „ co louvamos. „

Authorizada a proposição de ser
 simplez , e mera opiniaõ o haver Ma-
 gia diabolica , e mais (1) vulgar a
 que nega a sua existencia , mostrare-
 mos aos timoratos , que os Impugna-
 dores da Arte Magica confessaõ , e
 pu-

Neque tamen hæc sententia adeo certa est , ut omni-
 bus hodie probetur : sunt qui multa fabulosa narrari fatean-
 tur ; aliqua tamen vera esse , ac proinde dari operationes
 magicas affirmant. Argumenta patronorum hujus sententiæ
 dissoluta reperies in laudatis mox Auctioribus. Eduardi Job
 Schol. Piar. Inst. Log. , & Metaph. , pag. 191. 192. ,
 Viennæ 1772.

(1) Ego vero in eam incidens temporum conditionem ,
 in qua opinio negans cum vulgatiores sit. De Haen , de Ma-
 gia lib. pag. xx. , edit. 2. , Lipsiæ 1777.

publicação em suas obras a verdade dos milagres que Deos obra. Expendere-mos para affastar semelhante receio os lugares seguintes por serem de dous acerrimos , e Catholicos Impugnado-res.

(1) ,, Não se deve inferir do
 ,, que disse , que tudo se attribua á
 ,, virtude natural , como se o supre-
 ,, mo Author da natureza tivesse de
 ,, hum certo modo prezo , e ligado as
 ,, suas mãos , e não se dignasse algumas
 ,, vezes de condescender com a inter-
 ,, cessaõ de seus fervos , ouvir rogos , e
 ,, fazer graças que manifestamente ex-
 ,, cedem as forças , que elle mesmo con-
 ,, cedeo á natureza. ,,

(2) ,, A Religião Christãa he toda
 b di-

(1) Non bisogna de durne che a virtu naturale se deb-
 ba sempre attribuir tutto , quasi il supremo Autore della
 natura se fosse in certo modo legate le mani , e non si com-
 piacesse qualche volta condescendendo all' intercessione
 de' suoi serví , ed alle preci di noi meschini di far grazie
 che superano manifestamente le forze concesse da lui al-
 la natura. Maffei , Dileguata , pag. 52.

(2) Religionem Christianam , plane divinam esse , quod

„ divina ; o que se mostra pelas *Pro-*
 „ *phecias* , e pelos *Milagres* ; e de tal
 „ forte , que aquelle que negar estes
 „ motivos de credibilidade , deixará de
 „ ser varão prudente , e com razão
 „ se poderá dizer que enlouqueceo. „

Ora os Impugnadores da Magia ,
 não sómente abraçaõ huma opiniaõ sem
 estes absurdos, que alguns lhe imputáraõ,
 mas seguem , e tem por si a mui graves,
 e catholicos Authores (1). „ He gran-
 „ de , diz de Haen , a multidaõ de cla-
 „ ros Escriptores Ecclesiasticos , Juris-
 „ tas , Politicos , Medicos , e Philoso-
 „ phos que negáraõ a Magia diabolica. „

O famoso Canonista de Vienna
 d'Austria Paulo José Riegger , expli-
 ca-

non solum ex *Prophetiis* , sed etiam ex *Miraculis* de-
 monstratur ; adeo ut qui hæc motiva credibilitatis spernit , vi-
 rum prudentem exuisse , & cum ratione insanire dicendus
 sit. Riegger Inst. Jurisprud. Eccl. , pars. 1. , §. 52. Vin-
 dobonæ , 1777.

(1) Ingens est Clarorum Virorum agmen , qui Magiam
 negent , Ecclesiasticorum , Juridicorum , Politicorum , Me-
 dicorum , Philosophorum. De Haen , de Magia , lib. ,
 pag. 53. , 2. edit. , Lipsiæ 1777.

ca-se da maneira seguinte: „ Houve
„ sempre , (1) e ha principalmente em
„ nossos dias muitos Varões pruden-
„ tes , e amantes da verdade , que de-
„ pondo as preocupações , com empe-
„ nho mui digno de hum homem
„ Christão , não sem felicidade , intre-
„ pidamente emprenderão patentear a
„ falsidade da Magia diabolica , e ar-
„ rancar pela raiz , dos animos da su-
„ perstitiosa plebe , e daquelles que
„ nada mais sabem do que a plebe , tão
„ fantasticas idéas profunda , e tenaz-
„ mente arreigadas. „

Naõ he só entre nós controver-
sa a questão da Magia diabolica , por-
que entre os mesmos (2) Protestantes ha
b ii gran-

(1) Fuere semper , & nostris præsertim temporibus
sunt plurimi viri cordati veritatisque amantes , qui sepo-
sitis præjudiciis , Magiæ diabolicæ veritatem detegere , ejus-
que phantasticas ideas ex animis , superstitiosæ plebis ,
eorumque , qui supra plebem non sapiunt alte pertinaciter-
que infixas stirpitus evellere , conatu Christiano homine di-
gnissimo imperterritè , non sine omni successu , aggressi
sunt. Riegger Inst. Jurisprud. Eccl. pars. 4. , §. CDXXXV.
pag. 308. , Vindobonæ , 1777.

(2) Ex ipsis tractatibus quæ hic exhibentur constat

grandes defensores da sua existencia ; e daqui entenderá o Leitor , que o impugnar a existencia da Magia não he opinião propria , e peculiar de heterodoxos.

Advertimos , por ultimo , ao nosso Leitor , que sinceramente , e do coração , respeitamos , como temos de obrigação o recto , e Santo Tribunal da Fé , e que profundamente veneramos as suas justas , e sábias determinações. Authorizado este Tribunal pelos sagrados Canones , pelos Papas , pela Soberana , e pelas Leis civís castiga (1) justamente os que procuraõ enganar , e persuadir os crédulos com o seu imaginado pacto diabolico. He de si detestavel o exercicio de Magico , ou Feiticeira , porque além de torcidos , e embusteiros fins , incluye os crimes de (2) idolatria , e apof-

sam illis temporibus maximam partem Theologorum, JC. torum , & Medicorum Protestantium fabulis Magiæ fuisse infectos Christ. Thomasius in Diss. XCV. De Origine ac progressu processus contra sagas , §. 76. pag. 625.

(1) Maleficos non patieris vivere. Exod. , cap. 22. , v. 18.

(2) Personne ne peut douter que cette Magie qui

apostazia (1). Selvagio no Capitulo em que trata da *Arte Divinitoria por pacto*, &c. escreve o seguinte : „ Este crime (2), que de sua natureza encerra a idolatria, sacrilegio, apostasia, heresia, hypocrisia, e outros peccados, foi sempre castigado com gravissimas censuras. O Direito civil

est une espece d'idolatrie, ne soit toujours superstitieuse, & illicite : aussi les Peres, & les Consiles la condamnent comme un crime execrable, & trez pernicieux, que la loi de Dieu ordonne en termes exprés de punir de mort. Conferences d'Angers, tom. I., pag. 164., a Angers, 1758.

(1) Sed propter hoc ipsum, quod malefici sint, seu incantatores, quod per se tale est, ut mortem mereatur quia scilicet est crimen *apostasiæ* a Deo, & transfugii ad ejus adversarium Diabolum, ita ut ei deferatur honor Deo debitus. Estii Annotationes in præcipua, ac difficiliora Sacræ Scripturæ loca. Lutetiæ Parisiorum, 1663, in Exod. pag. 46., col. 2.

(2) Istud crimen quod natura sua ex idolatria, apostasia, hæresi, sacrilegio, hypocrisi, aliis que peccatis conflatum est, gravissimis censuris semper multatum fuisse, præsertim in const. Apostol., lib. 8., cap. 32., civilibus quoque Legibus ejusmodi superstitiosa professio damnata est : ac præsertim lege Constantii in Codice Theodosiano adhuc extante, qua ex æquo augures, vates, *magi*, aliique curiosam divinandi artem profitentes capitis damnantur. Antiq. Christian. Inst. a Julio Laurentio Selvagio, lib. 4., cap. 3., §. 9. de divinatione per pactum, pag. 58., Vercellis. 1779.

„ vil lhe impõe graves penas , e hu-
 „ ma Lei do Imperador Constancio ,
 „ lhe commina pena de morte. „
 Prova Gibert (1) , que se deve pu-
 rificar a Igreja Santa de tal , e seme-
 lhante peste.

Os que quizerem ver as pruden-
 tes cautelas , e exemplar moderação
 com que o Santo Officio justissima-
 mente procede ácerca dos Feiticeiros ,
 leaõ a Tartarotti no seu *Congresso* ,
 livro 1. , cap. X. , e o Opusculo *In-*
structio pro formandis processibus in
causis strigum , sortilegorum , ac Male-
ficiarum , que anda junto ao Tratado
 de Cesar Carena , de *Officio Sanctissimæ*
Inquisitionis.

Nesta debatida , e célebre ques-
 taõ da Magia diabolica , não entra pre-
 sentemente a duvida de haver , ou não
 ha-

(1) Subversi sunt , & à diabolo captivi tenentur , qui
 relicto creatore suo , diaboli suffragia quærunt , & ideo a
 tali peste debet mundari Sancta Ecclesia : Gibert , Corpus
 Juris Canonici , tom. 3. , de Judiciis , pars 3. , Titul. 3. ,
 Sectio 4.

haver livros , e aulas em que se aprenda a Arte Magica , ou a ser Feiticeiro , porque em nossos dias se não toleraõ já , nem ouvem as insipidas patranhas do diabo das covas de Salamanca.

Lidaõ , e disputaõ sómente os Authores das duas oppostas opiniões , sobre a *possibilidade do pacto* , e sobre o *poder do infernal espirito*. Se he possível ao demonio celebrar contractos com os mortaes : se pode (1) a seu arbitrio satisfazer os desejos , e rogos do Feiticeiro , temos Arte Magica : mas senaõ pode fazer ajustes ,
nem

(1) Considerabimus *potestatem diaboli , quæ regulariter nulla est* , nisi inscrutabile Dei judicium exceptionem fieri permittat. Ideo in Consil. Bracarenf. 1. Can. 8. constitutum est. Si quis credit , quia aliquantas in mundo creaturas diabolus fecerit , & tonitrua , & fulgura , & tempestates , & siccitates ipse diabolus sua auctoritate faciat , sicut Priscillianus dixit anathema sit. Apud Harduin. tom. 3. , col. 349. Rieger , Inst. Jurisprud. Eccl. pars. 4. , §. CDXIV.

Cependant je ne doute point que le démon n'exerce quelque fois sa malice sur les hommes , par une permission particuliere. De la Recherche de la verité par Malebranche , tom. I. , pag. 429. , a Paris 1762.

nem cumprir com o promettido , são os magicos huns miseraveis homens impostores , e as Feiticeiras fátuas , e maliciosas mulheres. Esta he a questão : assim a trataõ , e explicaõ os Theologos , e Canonistas. Direi primeiramente a definiçaõ dos Defensores da Magia , deixando os fundamentos por communs , e sabidos ; referirei depois a definiçaõ , e alguns argumentos dos Impugnadores , citando , e transcrevendo as suas mesmas palavras.

He dos Defensores a definiçaõ seguinte (1) : „ A Magia diabolica „ he huma Arte , na qual por virtude do pacto feito com o demonio „ se fazem prodigios , que excedem a „ commua comprehençaõ do homem.
„ Ac-

(1) Magia diabolica est Facultas sive Ars , qua vi pacti cum dæmonibus initi , mira quædam , & communem hominum captum superantia efficiuntur. Omnis scilicet vis Magiæ hujus pacto tacito , vel expresso cum dæmonibus nititur. Natalis Alexand. Theol. Dogam. t. 9. , pag. 496. , Parisiis , 1694. . in 8.

„ Accrescentaõ estes Authores. Estri-
 „ ba-se toda a efficacia , e valor da
 „ Magia no pacto (1) tacito ,
 „ ou expresso celebrado com o dia-
 „ bo. „

Fundaõ-se os Defensores da Ma-
 gia no pacto , mas nós lemos (2) em
 Riegger , e (3) Thomasio , que he
 nova , e dos principios do Seculo XIII,
 a persuasão dos pactos ; e (4) Cauz
 affirma , que pela Historia se conven-
 ce

(1) Ignoro quem primeiro , só por força do seu en-
 genho , excogitou , e inventou a opiniaõ do *pacto tacito* ,
 feito entre o homem , e o diabo. Nescio quis primus ex in-
 genio tantum suo opinionem invexerit de *pactis tacite* , ab
 aliquo singulari homine cum diabolo initis. Muratori de
 Nævis , pag. 125. , Lucæ 1749.

(2) Quod ad Doctores privatos attinet, primus omnium
 qui commercia & pacta diabolica in lucem publicam pro-
 tulit erat Cæsarius Heisterbacens. in lib. XII. illustr. mi-
 racul., an. 1227. Riegger Inst. Jurisprud. Eccles. , pars 4. ,
 §. CDXII.

(3) Eodem Sæculi decimi tertii initio: Habes igitur
 hic prima initia persuasionis de Magia cum pacto cum
 diabolo conjuncta , quamvis nullum sit dubium , illo ini-
 tio cordatiores has fabellas risisse. Christ. Thomasius , Dif-
 fert. XCV. De Origine ac progressu , contra Sagas , §. 32.

(4) Quoniam factum ipsum historicè falsum est. ,
 pag. 66. Por não termos este Author nos servimos
 do extracto , que trazem as Actas dos Eruditos de Lipsia,
 anno de 1771.

ce de falso o facto , e existencia do pacto diabolico.

„ (1) Não se póde negar , diz
 „ Riegger , que ha homens , os quaes
 „ vendo , que segundo a Providencia
 „ de Deos , não podem obter o que se
 „ propuzeraõ de serem famosos , de
 „ enriquecer , de satisfazer seus appe-
 „ tites , e de executar suas particula-
 „ res vinganças , imploraõ o auxilio ,
 „ e poder do diabo , e tentaõ com
 „ grande empenho , mas debalde , ter
 „ com elle commercio , e celebrar
 „ pactos. Justamente se póde neste
 „ sentido definir a Magia : „ *Recur-
 so , e accesso do homem a Satanás com*
in-

(1) Negari enim non potest , dari homines , qui cum per Dei Providentiam propositum suum inclarescendi , ditiscendi , libidinem explendi , & vindictam privatam exercendi , &c. se obtinere non posse videant , diaboli vires & auxilium implorant , & conatu serio , quidem attamen irritò , commercia & pacta cum eo inire attentant. Quo sensu Magia ritè definiri potest quod sit Accessus mentis ad Satanam cum conatu & fiducia aliquid ab eo obtinendi. Riegger , Inst. Jurisprud. Eccl. , pars. 4. , §. CDXXXIV.

intento, e esperança de alcançar pelo demonio alguma cousa.

(1) „ Concorda, e mui exactamente com esta definição a que „ a nossa Augustissima Legisladora (a „ Imperatriz Rainha) expoz aos olhos „ de todos, no Código criminal The- „ resiano, para ser seguida. „

(2) Trata-se neste Código da Magia, como se podia esperar depois dos tempos de Christiano Thomasio, e de tal sorte se trata, que parece se adoptáraõ os Escritos deste célebre Jurisconsulto.

(3) „ Sériamente meditando
c ii „ nes-

(1) Atque cum hac definitione exactissimè consentit illa, quam Augustissima Legislatrix nostra in Cod. Crim. Theresiano præ oculis habendam esse omnibus proposuit. Riegger Inst. Jurisprud. Eccles., pars. 4., pag. 308. Vindobonæ, 1777.

(2) De Magia, & iis quæ ad illam pertinent tam sobriè judicatur, quam post Christiani Thomasii tempora optari poterat, cujus scripta in hac re abhibita esse videntur. Nova Acta Eruditorum, anni 1772., publicata Lipsiæ, 1774., pag. 247.

(3) Ora adunque che resta per sostegno di questa Magica dottrina convinta della parte della Phisica? Resta quella della superstizione, e della vantata famigliarità co'

„ neste ponto , (diz o Conde Carli ,
 „ publico Professor da Universidade
 „ de Padua) não sei como possa o
 „ homem sem ser por milagre , ter
 „ dominio no diabo , e governallo a
 „ seu arbitrio , ignoro como tal con-
 „ siga. Huma cousa he , que Deos
 „ absolutamente queira que esta , ou
 „ aquella cousa se execute por meio
 „ do demonio , e outra que o ho-
 „ mem ,

demoni. E qui seriamente pensando , come l'uomo senza il miracolo aver possa il demonio , ed arbitrare a suo talento del diavolo , io non saprei certamente convenirne a capo. Altro e il dire , che Dio assolutamente voglia , che per mezzo del demonio questa , o quell' altra cosa sia fatta : ed altro , che l'uomo , e la donna scellerata , e sacrilega possa a suo beneplacito patteggiare col suddetto cattivo spirito , ed oprar possa per mezzo suo tutte quelle cose , che sono superiori alle leggi della natura , come le celebrate imprese delle streghe , e de' Maghi. In somma io non son capace di ritrovare esemplo nella Scrittura , in cui si possa rilevare commercio , e potestà degli uomini sopra del diavolo per solo oggetto della prava lor volontà. Egli ha la facoltà d'istigare , e di tentare , come fece de' Padri primi , e degli uomini tutti , ma non fece , né fa per questo nulla di più , lasciando campo alla lor prava volontà di compiere il remamente. Si nella tentazione stá tutto il diabolico commercio , io sono con voi. Lettera del signor Conte Gio. Rinaldo Carli , Publico Professore dell'Univérsità di Padova al signor Tartarotti , pag. 338. 339. , in Rovereto , 1749.

„ mem , ou a malvada mulher possa ,
 „ quando quizer , fazer pacto com o
 „ espirito maligno , e obrar por elle ,
 „ e pelo seu poder todas aquellas cou-
 „ sas , que são superiores ás Leis da
 „ natureza , como o são as célebres
 „ emprezas das Feiticeiras , e Magi-
 „ cos. Em fim , não sou capaz de
 „ achar exemplo na Sagrada Escrip-
 „ tura , pelo qual se possa mostrar nos
 „ homens commercio com o diabo ,
 „ e poder sobre elle , procedendo tu-
 „ do de má , e perversa vontade.
 „ Tem o diabo poder para instigar ,
 „ e tentar como fez a nossos primei-
 „ ros Pais , e presentemente faz , mas
 „ outra cousa não obra , dando lugar
 „ ás pervertidas vontades para execu-
 „ tarem o mais. Se nas tentações
 „ consiste o diabolico commercio ,
 „ sou do vosso parecer.

(1) „ Se dermos credito aos
 „ Ma-

(1) Si l'on en croit les Magiciens , le diable est de
 bonne foi , il ne manque jamais à sa parole : ses pactes

„ Magicos escreveo *Monsieur de San-*
 „ *to André*, o diabo he de palavra ,
 „ e boa fé , são inviolaveis os seus
 „ ajustes , os pactos existem ainda
 „ além da morte dos que os celebrá-
 „ raõ , se assim se estipulou. Tu-
 „ do o que os Magicos promettem
 „ por virtude do pacto , ou naõ suc-
 „ cede , ou se acontece he puro effei-
 „ to da impostura , ou do acaso , ou
 „ da destreza ; onde a arte , e a na-
 „ tureza obra independentemente de
 „ outra alguma coula. „

Aconteceo-me muitas vezes , (1)
 diz Maffeo , principalmente quando fiz
 as minhas campanhas , saber que abjectas
 pes-

font inviolables , rien n'est capable d'en empecher l'ex-
 ecution même apres la mort des contractans , s'il est ain-
 si porté par la convention. Tout ce que les Magiciens pro-
 mettent en vertu de ces pactes , ou n'arrive presque ja-
 mais , ou s'il arrive quelque fois , c'est un pure effet ,
 soit de l'imposture , soit du hasard , soit de l'adresse , où
 l'art , & la nature agissent seuls independement de toute
 autre cause. Lettres de Mr. de S. André , pag. 17. 18. ,
 a Pariz 1725.

(1) E avvenuto a me più volte spezialmente quand fui
 nelle armate di sapere che persone abiete si eran date pie-
 namente al diavolo , e l'avean chiamato a se con bestie-

peſſoas ſe tinhaõ entregue totalmente ao diabo , chamando-o com blasfemias horriveis , mas averiguando , achei que nunca o demonio apparecêra , nem ſe ſeguira effeito algum deſta abominavel diligencia. Diſſeraõ-me dous Religioſos Sabios , que foraõ Inquiſidores , hum por eſpaço de vinte e quatro annos , e o outro por vinte e oito , que ſempre as notorias , e famoſas feitiçarias , que pareciaõ evidentes , examinadas por elles com prudencia , e paciencia ſe deſcubríraõ , e patenteáraõ enganos , e velhacarias.

O Jeſuita Federico Spee , de grande piedade , e litteratura , e que por muitos annos confeſſou , e acompanhou as Feiticeiras condemnadas á mor-

mie orribili , ma non per cheſto era comparito mai , ne effecto ſe n'é mai veduto alcuno. Potrei con piu forza dire che due ſavi Religioſi uno de' quali avea eſercitato l'uſſizio d'Inquiſitore 24. anni , e l'altro 28. mi aſſicuraron già , come fattucherie famole , e che pareano evidenti , eſaminati con prudenza , e com pazienza da loro le aveano ſcoperte ſempre furberie ed inganni. Art. Mag. Dileg. in Verona , 3. ediz. , pag. 12. 13. , 1774.

morte , escreveo o seguinte (1) :
Deponho com juramento , que nunca acompanhei á fogueira huma só Feiticeira , que , consideradas prudentemente todas as circumstancias , pudeffe ser julgada ré. Isto mesmo ouvi tambem a dous exactos , e perfeitos Theologos. Achando o Arcebispo de Moguncia por experiencia propria verdadeiras as asserções do Padre Spee , avocou a si todas as causas de feitiçaria , e fez cessar a pena de fogo (2).

(3) Mandou a Imperatriz Rainha ,

(1) Ego id cum juramento depono , me quidem haetenus (ut confessarium) nullam ad rogam duxisse de qua omnibus consideratis , prudenter statuere potuerim esse ream. Idem ego a duobus aliis accuratis Theologis audiui. De Haen , lib. de Magia , pag. 55. , edit. 2. , Lipsiæ 1777.

(2) Feijó tom. 4. , Discurso 9. , pag. 239.

(3) Erat mihi unà cum Ill. I. B. Van-Swieten ab Aug. nostra Imperatrice ac Regina datum in mandatis , ut tres feminas , quod sagæ haberentur , damnatas , ejusque jussu ex Croatia in meum nosocomium ductas , an veræ sagæ essent nec ne examinarem. Nos ambo de Magia existente convicti , has feminas hoc crimine immunes esse judicavimus ; easdem proinde ut innocentes & munificentiae regiae suæ participes suis ædibus familiisque Augusta restituit. De Haen , de Magia , lib. in Præf. , pag. XVIII. XIX.

nha , que o Barão Van-Svvieten , e de Haen examinassem tres mulheres já sentenciadas á queima por Feiti-ceiras , e estes mui eruditos Medi-cos as julgáráo , não obstante serem Defensores da Magia , livres do cri-me , e innocentes.

(1) O Senhor Inquisidor Ma-carinelli faz esta asseveraçaõ. Te-nho experimentado por causa do em-prego , que exercito ha muitos annos , carecerem sempre os sortilegios , os encantamentos , e os maleficios do ef-feito desejado.

Será couza importuna , e enfa-donha para o Leitor continuarmos na citaçaõ de semelhantes , e particula-res exemplos , e por este motivo pas-samos a referir mais algumas authori-dades , que desfazem a persuasaõ de haver , e existir pacto diabolico.

(2) Quasi todos os Santos
d Dou-

{ 1 } Arte Magica Anniquilada , pag. 32.

{ 2 } Presque tous les Saints Docteurs conviennent

Doutores convém que o meio , e instrumento , que hoje resta ao demônio para nos enganar , he a suggestão , que Deos lhe deixou para exercicio da nossa virtude. A parte , que o diabo tem nas obras , e práticas dos que vulgarmente se chamaõ Feiticeiros , he a suggestão ; pela qual nos instiga para a abominavel indagação de todas as causas naturaes , com que podem prejudicar aos homens.

Diz o Padre Schram (1) : *O louvado Author (falla do Padre Jordão Simão) impugna a possibilidade da*

qu'il ne leur reste d'autre moyen de nous tromper que par la suggestion , la quelle Dieu leur a voulu laisser pour exercer notre vertu. Toute la part qu'ont les demons dans les pratiques criminelles de ceux , qu'on nomme communement des forciers , c'est la suggestion , par la quelle ils les invitent à la recherche abominable de toutes les causes , qui peuvent nuire au prochain. Recueil des pièces pour servir de supplement à l'Histoire des Pratiques superstitieuses par le Pere le Brun , pag. 353. 356. , tom. 4. , à Paris 1751. Avec approbation & privilège.

(1) Laudatus verò Auctor in citato suo opere ulterius verò progreditur , & Magiæ diabolicæ possibilitatem etiam impugnat 1.º quia pactum Magi cum dæmone est impossibile. Schram Theolog. , tom. 1. , pag. 355. , Schol. 2.

da Magia diabolica , por julgar impossivel o pacto entre o Magico , e o demonio.

(1) Impugna tambem Constantino Francisco de Cauz , com argumentos philosophicos , a opiniaõ do pacto entre o diabo , e o Magico ; e nega a sua possibilidade por naõ poder o pacto obrigar a ambos os contratantes , e por naõ ser licito pactear de cousa alheia.

Do referido facilmente se infere ,
d ii con-

(1) Jam auctor argumentis philosophicis impugnatur opinionem de pactis magorum cum diabolo eorumque possibilitatem negat propterea 1.^o quoniam vis obligandi in utramque partem locum habere non possit , nec cuiquam liceat de re aliena pacisci. Unde facile intelligitur nec hominem , nec diabolum fidem habere tali pacto posse. Deinde cum pactum intelligi nisi inter praesentes non possit facile apparet , praesentiam diaboli necessariam esse ad tale pactum ineundum. Quis autem , nisi cui deest mens sana in corpore , sano putet diabolum invitatum ab aliquo homine , aut citatum isti voluntati tam comiter obediturum , & repente appariturum. Denique haec opinio tota obest Religioni Christianae , cujus Auctor nos specialia de diabolis ignorare justis de causis voluit , impedit tranquillitatem animi , atque Christianam fiduciam in Deum , & opplet mentes superstitioso malorum geniorum metu , qui est magnum pietatis impedimentum. Acta Erud. Lipsiae , pag. 66. , 1771.

continua Cauz, que o homem, e o diabo não podem fer fieis ao pacto. Além disto como se não pode entender pacto sem fer entre presentes, fica claro o ser necessaria a presença do diabo. Ora quem se persuadirá a não fer louco, que o demonio apenas he chamado promptamente vem, e obedece civilmente ! Finalmente esta opiniaõ da existencia do pacto diabolico, oppõe-se á Religiaõ Christãa, cujo divino Author quiz por justos motivos, que não foubessemos muitas particularidades do diabo : impede esta opiniaõ a tranquillidade do animo, a Christãa confiança em Deos, e enche os entendimentos de hum supersticioso medo dos espiritos máos, o que he hum grande obstaculo para a verdadeira piedade.

(1) Ainda não houve quem en-

(1) Possè evocari Sanctos, & Angelos bonos cum iis tractari commercia & pacta celebrari id nemini hactenus in mentem venit ; Possè ista omnia cum diabolo fieri, id pertinaciter, & quasi de Religione ageretur,

entendesse , diz Riegger , e assentasse que podia fazer apparecer os Santos , e os Anjos bons , trata-los , e com elles celebrar pactos : mas pertinazmente se defende que tudo isto se possa fazer com o diabo , e defende-se , como se fosse hum ponto de Religiaõ. O que a sã , e boa razã ensina , que só pode acontecer por especial , e extraordinaria ordem de Deos , sem escrupulo , e temerariamente se attribue a proprio , e ordinario poder do demonio. Ora daqui podem todos entender , o que devemos dizer sobre os *pactos* , ou sejaõ *tacitos* , ou *expressos*. A sua existencia repugna , e até (como se diz nas es-cólas) implica em termos.

Pro-

defendunt etiam , & quod non nisi per speciale , & extraordinarium Dei jussu , & ordinationem fieri posse sana ratio dicat , id absque scrupulo propriæ & ordinariæ dæmonis potestati temerariè attribuunt. Quid jam de *pactis* cum diabolo *expressis* aut *tacitis* sit dicendum omnes intelligunt. Ea sanè in terminis , ut aiunt , repugnant. Riegger , Inst. Jurisp. Eccles. , pars. 4. , §. CDXV. CDXVI.

Provámos que bons, e Catholicos Authores negáraõ a possibilidade, e realidade dos pactos. Resta mostrar que Authores da mesma qualidade, e reputação negáraõ tambem o poder, que no maligno espirito se suppõe pelos defensores, para satisfazer os desejos, e votos dos Feiticeiros, e fazer obrar as magicas maravilhas, que se lhes attribuem.

„ (1) Tres foraõ os caminhos, ef-

(1) Tre furono le vie, e furono i modi, co' quali gli infernali spiriti esercitarono sopra dell'uomo la lor malignità, ed il lor potere: cioè con tentare ed indurre al male; con invadere, e tenere ossessi i corpi; e con secondare le magiche fatucherie, facendo talvolta vedere meraviglie, per rapire il culto dovuto a Dio. Ora di queste tre potenze il demonio per la venuta del Salvatore non perdé certamente la prima, poichè sappiamo con quanta forza abbia continuato, e continui tuttavia a mettere in opera le sue tentazione verso di noi. Ma ne pur la seconda, perchè indemoniati pur si trovano ancora, né si può negare, ch' anco ne' tempi alla Redenzione posteriori, ciò permettendo, di tale ammonizione, e castigo non abbia più volte fatto uso il Signore. Resta dunque, che della terza solamente sia rimasto affatto privo il demonio, e che di questa intenda S. Paolo quando dice, che il Salvatore *evacuó*, cioè *rese vuoto*, *annichiló il potere d'ordine de demoni*. Arte Mag. Dileg. del signor Marchese Maffei, pag. 29., in Verona 1774.

„ escreve Maffeo na fua epiftola ao
 „ Padre Anfaldi, e tres os modos por
 „ onde os infernaes espiritos exercitá-
 „ raõ a fua malignidade, e poder fobre
 „ os homens; tentando-os, e induzin-
 „ do-os ao mal: invadindo os corpos,
 „ e tendo-os obfleftos; e obrando al-
 „ guns magicos encantos para roubar
 „ a Deos o devido culto. Ora não
 „ perdeu o demonio deftes tres meios
 „ o primeiro depois da vinda do Sal-
 „ vador, pois fabemos com que es-
 „ forço continúa a pôr em execuçaõ
 „ as fua tentações para com noſco.
 „ Não perdeu o ſegundo, porque ain-
 „ da ha (1) energumenos, nem ſe
 „ póde negar, que o Senhor uſe def-
 „ tas admoeftações, e caſtigos preſen-
 „ temente. Segue-fe que do terceiro
 mo-

(1) Ha certamente endemoninhados, mas ſão tão
 raros, que Muratori diz: Aonde não ha Exorcifta de
 nome, não ſe conhecem eſpiritados. La ſperienza fa ve-
 dere che dove Eſorcifta non é conoſciuto, ivi ne pur
 ſi conoſcono ſpiritati. Della forza della Fantazia, cap.
 X., pag. 83., in Parma 1770.

„ modo , e poder he que o demonio
 „ ficou privado , e assim se entende
 „ S. Paulo , quando diz : *O Salvador*
 „ *destruio , e anniquilou o poder dos*
 „ *demonios.* „

(1) De tres modos , diz o famoso Riegger , exerce o diabo o seu poder sobre os homens : primeiro , por tentações ; segundo , cercando-os por todos os lados , e estes são os que chamaõ obssessos ; terceiro , pela obediencia aos Magicos , e Feiticeiras.

Baf-

(1) Triplici modo , aiunt , diabolum potestatem suam in homines exercere. 1. per *tentationes* , 2. per *obsessiones* , 3. per *obedientiam* Magis & sagis præstitam. Primam cur admittamus , adest ratio sufficiens 1. S. Petri , c. 5. , v. 8. Ad Ephes. , c. VI. , v. 12. Quod ad obsessiones dæmonicas attinet , statuendum est , quod spiritus reprobis non ex generali divina , quæ ordini naturæ se accommodat , sed ex prorsus *speciali & nunquam præsumenda permissione* Dei , & voluntatis divinæ *concurso* demum possint humanum pectus inhabitare , sicuti dum adparuit , quum fides Christiana in origine sua miraculis firmanda fuit. Matth. VIII. , v. 28. , Marc. V. , v. 2. , Potestas autem ad desideria & conjurationes Magorum *vi obligationis* alicujus per pactum quoddam contractæ mirabilia quæcunque efficiendi in diabolo nunquam fecit , nec esse potuit. Riegger Inst. Jurisprud. Eccles. , pars 4. , §. CDXIV. , pag. 293. Vindobonæ , 1777.

Bastante razão ha para admittirmos o primeiro modo. S. Pedro na Epistola primeira, cap. V., v. 8. diz: *O diabo vosso adversario vos cerca como leão que ruge buscando a quem tragar.* Em quanto aos energumenos deve-se assentar que os espiritos reprobos não obraõ por virtude de divina, e geral lei, que tenha connexão com a ordem da natureza; mas sim, por especial permissão de Deos, e por concurso da divina vontade, he que se apoderaõ dos corpos; assim como aconteceu, quando a fé Christãa foi na sua origem confirmada por milagres. Lemos em S. Marcos, c. V., v. 2.: *E ainda Jesus não tinha desembarcado, quando logo se lhe poz diante hum homem possello do espirito immundo.*

No que respeita pois ao diabo poder obrar maravilhas para satisfazer os desejos, e esconjuros dos Magicos por obrigação de pacto, nunca
e este

este miseravel espirito tal poder teve ,
nem o podia ter (1).

(2) Dou-vos a certeza , dizia
o Erudito Lami , Medico da Facul-
dade de Pariz , de que o diabo não
tem parte em tudo isto , porque es-
tes effeitos dependem do movimento
local , e hum corpo não póde natu-
ralmente ser movido fenaõ por outro
corpo , como mostrarei.

(3) O maligno espirito por ser
ef-

(1) Affirmaõ huns que existira a Magia antes da
vinda de Christo , outros porém negaõ que a houvesse
em tempo algum. Et quidem eorum aliqui Magiam us-
que ad Christum extitisse fatentur post autem prorsus abo-
litam fuisse contendunt. Alii verò Magiam nullo un-
quam tempore verè exercitam fuisse statuunt. Theolog.
Dogm. in Syst. Red. , pars prior a Fr. Petr. Mar. Gaz-
zanica , pag. 412. , Venetiis 1780.

(2) Je vous assure , Monsieur , que le diable n'a point
de part a tout ceci. Car tous ces effets dependent du
mouvement local , aucun Corps ne peut être remué na-
turellement , que par une autre Corps , comme je vais
vous le demontrer. Lettres de Mr. de Santo André ,
pag. 364.

(3) Il suffit que je sache , & je crois le savoir que
par ses propres forces , par son activité naturelle , un
esprit crée , parcequ' il est crée , ne peut pas plus produ-
ire , contre les regles constantes & generales , le mou-
vement d'un atôme. Lettres Anonymes apud Hook Re-
ligionis Naturalis Principia. , tom. I. , pag. 729.

espirito creado não póde mudar, nem alterar as constantes Leis da Natureza, e por boa, e legitima consequencia não póde dar movimento a hum só átomo.

(1) No Livro de Job, temos clara, e decisiva prova de não ter o tentador hum poder ordinario, e livre sobre as cousas naturaes; porque nada fez, ou obrou contra o pacientissimo Varaõ, sem antes obter de Deos especial licença (2). Isto mesmo es-

e ii cre-

(1) Ex nulla Scripturæ Sacræ parte meliùs intelligimus, quam ex libro Job nullam esse dæmoni concessam in res naturales potestatem ordinariam: nihil in Sanctissimum virum agere potuit, nisi prius impetrata speciali Dei venia; neque quicquam factum ab eo est ad erroris alicujus confirmationem: ipse Job calamitates suas acceptas refert Deo: *Manus Domini tetigit me*: Hook Relig. Nat., & Revel. Princip., tom. I., pag. 724. Parisiis 1774.

(2) Causou o demonio a Job afflicções, e desgraças, mas do Cap. 2., v. 3., consta claramente que a mão de Deos fora quem o affligira: *Tu autem commovisti me adversus eum, ut affligerem eum frustra*. Lettera del fig. Gian. Rinaldo Carli. §. 14. Nota Saci, que não fora o diabo, mas Deos quem affligira a Job, e que os Santos nas suas dores justamente entendêraõ, que Deos os affligira pelo ministerio dos homens, ou dos demonios. On peut remarquer encore, que Dieu ne dit pas que

creve Carli , e o douto Benedictino Scholliner. Muitos Philosophos , e Theologos , diz Bailly , affirmão , que só Deos póde obrar verdadeiros milagres , e que os demonios o que podem

le demon s'est élevé , mais qu' il la porté lui même à s'élever contre Job pour l'affliger : ce qui nous fait voir combien tous les saints qui ont été affligés , ont eu raison de regarder Dieu , comme celui qui les affligioit par le ministère des hommes , ou des demons. , in 8.^o , a Paris 1713. , pag. 36.

Non habere dæmones potestatem , vel auctoritatem propriam in homines , ac res creatas hominum usibus destinatas , ut pro libitu nocere possint , satis puto ex S. Scriptura constare maximè ex libro Jobi , quem cum affligere , tentare & modis omnibus percutere Satanas vellet , non nisi accepta a Deo permissione ac potestate in eum sævire potuit : quod argumento est , eum sine voluntate , ac permissione Dei , Jobo , & famiæ ejus , nihil mali infligere potuisse. P. Herman. Scholliner S. Theologiæ Doct. Prælectiones Theologicæ de Deo , tom. 2. , pag. 351. , Aug. Vindel.

Plures Philosophi , & Theologi contendunt solum Deum posse efficere miracula propriè dicta , dæmones non posse efficere nisi præstigias , atque homines decipere. Bailly de Vera Religione , tom. I. , pag. 271. Divione 1772.

Dieu lui même seroit complice de notre erreur , s'il avoit permis que des êtres créés tels que les Dieux du Paganisme , que S. Paul nous dit être des démon , en imposassent tellement aux hommes par leurs prestiges , qu'ils usurpassent la gloire , qui n'appartient qu' a Dieu seul. De la Religion par un homme du Monde , quairteme partie , pag. 193. , a Paris 1779.

dem he fazer prestigios , e enganar os homens.

Parece ser bastante , quanto temos dito para bom entendimento da questão sobre que versa o Livro , que traduzimos. Falta porém darmos huma breve noticia da fortuna , que em diversos , mas Catholicos paizes , correo , e experimentou a controvertida questão de ser , ou não ser real a existencia da Magia diabolica.

(1) Questionou-se novamente em França ácerca da Magia por occasião das cartas que Monsieur de Santo André , erudito Medico Francez, imprimio no anno de 1725 , com licenças , e Real Privilegio : Refuta-se nesta Obra a crença , que dá por certo a existencia das Feiticeiras , dos Magicos , e do pacto. Sim se publicáraõ no anno de 1735 outras cartas em

con-

(1) Ripulluló la questione in Francia pochissimi anni sono & seqq. Del Congresso Notturmo , Introduzione , pag. XXVIII.

contrario , mas grande parte da Nação seguiu sempre as doutrinas de Monsieur de Santo André , porque dando á luz o laborioso Calmet as suas Dissertações sobre os vampiros , se lhe ajuntou , e (1) talvez por correctivo em bom Francez a *Arte Magica Dileguata* do Marquez Maffeo , havendo licenças , approvação de Monsieur Geinoz , e Privilegio Real , como se vê no 2.^o tomo das ditas Dissert. , Edição de Pariz de 1751 , a pag. 470.

He tambem clara prova do que os Francezes pensão sobre a Magia *le Ventriloque* de Monsieur l'Abbé de la Chapelle (2) , Censor Real. Neste Livro que publicou , examinado , e approvado pela Academia das Sciencias

(1) Che non si restampasse poi tal Trattato senza mettervi nel fine quasi per correttivo l'Arte Magica Dileguata , tradotta in buon Franceze. Arte Mag. Annichilata , pag. 6.

(2) Les trois Siècles de notre litterature , tom. I. , pag. 288. , à Paris 1774.

cias de Pariz , estranha , e lamenta
(1) o erro , com que muitos julgaõ
que os Magicos , e Feiticeiras não
podem executar as suas destrezas sem
pacto com o demonio tacito , ou ex-
presso.

Ha na França muitos impugna-
dores da Arte Magica ; delles citarei
os que temos , ou de memoria , ou
á vista.

(2) „ Supponha-se , mas sem
„ exame , que havia huma Arte Ma-
„ gica , e regras certas para descu-
„ brir certos segredos , ou causar da-
„ mno por meio dos demonios , como
„ se Deos não fosse o Senhor de o
„ permittir , ou impedir , ou sempre
ra-

(1) De Haen de Magia , lib. 2. edit. , pag. 63. 64.

(2) On supposoit sans l'examiner , qu'il y avoit un
Art Magique , & des regles sûres pour decouvrir certains
secrets , ou faire certains maux par le moien des dé-
mons , comme si Dieu n'eût pas toujours été le maitre
de le permettre , ou les empecher , ou s'il eût ratifié les
pactes faits avec les esprits malins. Fleury , Hist. Eccl. ,
t. 19. , pag. 288. , à Paris 1726. , in 4.º Racine Hist.
Eccles. , in 4.º , tom. 6. , pag. 258. , à Cologne 1765.

„ ratificasse os pactos , que se fazem
 „ com os espiritos malignos.

(1) „ O Santo Officio não con-
 „ demnou os homens , sobre que Vos-
 „ sa Eminencia me falla por terem
 „ verdadeiro , e real commercio com
 „ o demonio ; mas sim , por abusarem
 „ das mais santas palavras da Missa ,
 „ e dos Psalmos para as suas extra-
 „ vagantes loucuras. Os Feiticeiros
 „ deste tempo não são agentes sobre-
 „ naturaes , e ainda que o demonio
 „ seja como mostra a Escriptura , hum
 „ entemuito real , he a Magia hum
 „ effeito da superstição , ou produc-
 „ ção

(1) Le Sant Office n'a point condamné les hommes dont font Eminence me parle , comme ayant réellement commerce avec le démon , mais como abusant des paroles les plus saintes de la Messe , & des Pseaumes , pour faire leurs extravagantes opérations. On sçait que les forciers d'apresent ne sont pas des agens surnaturels & que , la Démonomanie , quoique selon l'Ecriture , le démon soit un être tres réel , est un effet de la superstition , ou l'ouvrage d'un cerveau troublé. Lettres du Pape Clement XIV. , tom. premier , lettre 22. , pag. 59. à Paris , & se vend à Liege 1777. Avec approbation & Privilege du Roi.

„ ção de hum juizo alienado (1). Nos
 „ paizes em que se sabe pensar , exami-
 „ nar , e duvidar faz o demonio mui-
 „ pequena figura , e a Magia diabo-
 „ lica não tem estimação, nem credito. „

(2) Que medos , e sustos se
 não padecêraõ no decimosexto Secu-
 lo , por causa do terror panico , que
 sobre os homens diffundíraõ os Male-
 ficios , os Vampiros , e os Feiticeiros
 cuja existencia se provava , e multi-
 plicava por duras , e crueis execuções ?

(3) Montesquieu não tinha ain-
 f da

(1) Dans les pays où l'on fait penser , réfléchir , & douter le demon fait un petit role , & la Magie diabolique reste sans estime , & credit. Encyclopedie , Magie. Tel est le systéme de la divination , des astrologues , des *magiciens* , des interpretes de songes , des augures &c. Si l'on pouvoit suivre tous ceux qui ont écrit pour établir ces extravagances , on les verroit tous partir du même point. Traité des systêmes par Condillac , pag. 59. 60. , à Paris 1778.

(2) Combien le seisieme siècle n'at-il pas été vexé par les terreurs paniques , que jettoient dans les esprits les Malefices , les vampires , & les forciers dont on certifioit l'existence , & qu'on multiplioit par des cruelles executions ? Theorie de l'Interet de l'argent. Prefac. , pag. X. , à Paris 1780.

(3) Montesquieu n'avoit fait que la moitié du chemin quand il disoit , qu'il falloit être très circumspect dans la poursuite du crime de Magie. Le crime est une chy-

da avançado meio caminho , quando disse : que era necessario fer mui circumspecto na indagação do crime de Magia. Este crime he huma chimera : os mui crédulos são os que delle se persuadem , e culpados os que fazem queimar os Feiticeiros.

Além da nova , e grande revolução , que na Alemanha fizeram os escriptos do Padre Spée , e do Jurisconsulto Christiano Thomasio , são dignos de attenção , e mui notaveis os debates , que procedêrao da Oração , que em treze de Outubro recitou o Padre Dom Fernando Sterzinger , Clerigo Regular Theatino , e Socio da Academia das Sciencias de Baviera. Discorreo com muita solidez , e erudição sobre a preocupação , com que alguns se persuadem da existencia da Magia , e seus effeitos. Imprimio-se
em

mere , les imbecilles sont ceux qui y croient , les criminels sont ceux , qui font bruler les forciers de Warville , tom. 2. , pag. 12.

em Monacho esta Oração , e apenas se vio começou logo huma diuturna contenda litteraria , mas depois de viva , e aturada altercação , em que entráraõ pios , e graves Authores , perdeu a Magia o credito , e triumphou a boa causa : *Tam scitè acta est fabula Magiæ ut fidem omnem perdiderit. Triumphavit tandem bona causa* : Assim se explicaõ os Eruditos de Lipsia nas suas novas Actas do mez de Julho , anno de 1761. , pag. 330. , & seguintes , onde o Leitor instruido póde ver , e notar esta acerrima disputa : quem quizer profundar a questãõ da Magia , lêa (1) o Aureo livro : *De cultibus*
 f ii *Ma-*

(1) Nostra verò ætate omnibus , qui de Magia scripserunt, palmam præripuit vir clarissimus Franciscus Constantius a Cauz in opere præstantissimo : *De cultibus Magicis eorumque perpetuo ad Ecclesiam & Republicam habitu* ; quod anno 1768 , prima vice hîc Viennæ edidit , denuoque auctius , & emendatius typis Trattnerianis , an. 1771. , in 4.º , recudi curavit. Riegger , Inst. Jurisprud. Eccles. , pars. 4. , §. CDXXXV. , pag. 309. Vindobonæ 1777.

Nec parum horum numerum augere videtur innocenter illa ex imputato crimine Magiæ combusta hominum multitudo. Percurramus vel fugitivo saltem oculo scripto-

Magicis eorumque perpetuo ad Ecclesiam & Rempublicam habitu, por Constantino Francisco de Cauz, impresso já duas vezes em Vienna de Austria.

Vio tambem a Italia os Defensores, e Impugnadores da Magia em (1) renhida, e erudita contenda, principalmente depois que se imprimio o Livro intitulado: *Del Congresso Notturmo delle lamie*: composto por Jeronymo Tartarotti. Moveo-se (2) a este trabalho, segundo elle mesmo escreve, por amor do proximo (3),

res processuum de sagis conscriptorum, non sine animi horrore mirabimur ex leviusculis indiciis executionem factam fuisse. Justus Hennigius Boehmerus, tom. 6., Dissert. 101., de poena sine crimine.

(1) Della controversia, a questi tempi assai dibattuta, sopra l'esistenza della *Arte Magica*. Supplemento alla Storia Letter. d'Italia 185., in Luca 1753.

(2) L'amore del prossimo, e la premura di sventare le opinioni popolari, si alla Religione, che alla vita civile pregiudiziali, e dannose, sono stati i motivi che a sfenderlo m'hanno animato, e non già il prurito, o di novità, o di lacerare la condotta, e la fama altrui, pag. 307. 308.

(3) O louvavel desejo de tirar erros do povo fez escrever ao Padre le Brun, apontando a decisaõ de Monsieur de Sainte Beuve; que o ferro em braza com que

e para tirar erros populares , nocivos á Religião , e á vida Civil , e não por ardente desejo de novidade , nem por querer deteriorar os estudos , e a reputação de pessoa alguma.

(1) Não havendo porém diffe-

os rececos de estarem mordidos de cão damnado , se deixo queimar , ou como vulgarmente se diz ferrar , he huma frioleira , e superstiçaõ : he tentar a Deos o fazer uso do que exige de Deos hum milagre. C'est tenter Dieu que de se faire une pratique qui exige que Dieu fasse un miracle. Histoire critique des pratiques superstitieuses par le Pere le Brun , tom. I. , pag. 428. , 1750. Avec approbation , & privilege du Roi.

A Dissertação que vem no tomo 4.^o desta Obra , e no tom. 2.^o , parte 1. da Collecção das Dissert. sobre visões , e aparições par Monsieur l'Abbé Lenglet du Fresnoy he de Monsieur Poupart Chanoine de Sante Maur. Ha neste escripto cousas bem notaveis sobre a apparição dos mortos. ,, Os que quizerão sustentar este erro popular , ,, fizeram esforços para o apoiar sobre varios lugares de ,, Santo Agostinho , de São Jeronymo , e de São Tho- ,, más , mas he constante que todos estes Padres só fal- ,, larão da apparição das almas bemaventuradas para ma- ,, nifestarem a gloria de Deos. Santo Agostinho diz , que ,, se possivel fosse apparecerem as almas dos mortos , não ,, passaria dia em que não fosse visitado de sua Mãe San- ,, ta Monica. Et que S. Augustin dit précisément que ,, s'il étoit possible que les ames des morts apparussent ,, aux hommes , il n'y auroit point de jour , qu'il ne ,, fût visite de sa mere S. Monique. ,, Le Brun , pag. 361. , Lenglet du Fresnoy , pag. 93.

(1) M. les Magiciens & les forciers sont ils en quel- que chose differens ?

ferença entre Magico , e Feiticeira , e sendo ambas as cousas na realidade o mesmo , como se prova no segundo Capitulo do primeiro Livro desta nossa Traducção , sim negou Tartarotti (1) o Sabbat , e o haver Feiticeiras , mas seguiu , e defendeo a existencia da Arte Magica. Não agradeo semelhante distincção ao Conde Gian Rinaldo Carli , Público Professor da Universidade de Padua , a quem Tartarotti em 1745 mandou esta sua Obra , para que a visse (2) , e examinasse. Approvou o Conde negar-se a existencia do Congresso , e das Feiticeiras , mas judiciosamente impugnou

a

D. Les termes de Magiciens & de forciers ne signifient qu'une seule & même chose. Theologie Morale (de Juenim) tom. 5. , pag. 299. , à Paris 1761.

(1) Veja-se o Cap. XIII. do *Congresso*.

Multa vulgò circumferuntur de Jo. Fausto e. g. sagis & earum conventibus : quæ docti inter fabulas referunt. Gerbert , pag. 348. Principia Theologiæ Moralis. Aug. Vindel. & Friburgi Brisg. 1758.

(2) E vi scrivo il mio parere da buon amico per non abusarmi dello scongiuro con cui m'obligate a farlo. Lettera del Signor Conte Carli , pag. 319.

a Arte Magica em huma bem escripta Epistola (1) que juntamente com o *Congresso* se deo á luz em Rovereto , anno de 1749 , em 4.º , e se acha a pag. 317.

Os Authores das Noticias Literarias de Florença , quando tratáraõ deste Livro de Tartarotti , disseraõ : (2) para bem entender o systema desta Obra , he necessario observar que o nosso Author não intentou *impugnar* geralmente todo o genero de *Feitiçaria* , e de *Magia* como *igualmente podia*.

Louváraõ muito os Sabios Italianos a erudição de Tartarotti , e os argumentos , com que patenteou a credu-

(1) Ora non si può dire si non che questa Lettera é molto ingenhosa , e che il Signor Conte Carli ha grande ragione di consolarsi per aver ritrovato nell'aurea penna del Signor Marchese un illustre difensore.

(2) Per ben comprendere il sistema di questa opera bisogna osservare , che il nostro Autore non ha preso a *impugnare* generalmente ogni genere di *stregoneria* , e di *Magia* , como *poteva* egualmente fare. Nouvelle litterarie publicate in Firenze 1750. , tom. XI. , 270.

dulidade do vulgo sobre as Feiticeiras. O bem conhecido Muratori lhe escreveu por esta causa huma carta em que o elogia; della extrahimos o seguinte (1). „ Foi grande a sua fortuna-

(1) Gran fortuna e stato la sua nell'aver avuto alla mano tanti autori de' quali fé poi si utilmente servita; e vo ben credendo, che non se vedra alcun Del Riista (a) che osi entrare in campo contra di lei, perche l'argomento é posto in lume tale che si farebbe deridere, chi tuttavia volesse sostenere il volgar sentimento. *Novelle letterarie* publicate in Firenze l'anno 1750. pag. 271.

(a) Foi o Padre Martinho Del Rio (1) mui versado nas Boas Letras, na Jurisprudencia, e Theologia. Chamava-lhe Justo Lipsio o milagre da sua idade: compoz *Disquisitiones Magicarum Questionum &c.*, e nesta Obra ajuntou, (sobre Feiticerias) quanto se encontra de mais futil, e extravagante pelos Authores crédulos, e sem criterio (2). Da falta de Crítica vem as questões que

(1) Egli era versato non solo negli studi ameni delle belle lettere, ma ancora ne' gravi della Giureprudenza, Filosofia, e Teologia, talchè Giusto Lipsio, ebbe a chiamarlo un miracolo dell' età sua. Grabriel Naudé, Lodovico Moreri, Giacopo Pignatelli, il Girolamo Feijoó, il P. Spe, ed altri lo tacciano di troppo credulo. Veja o Leitor no *Congresso* de Tartarotti o cap. 6. do Livro 3.º aonde achará hum bom juizo sobre Del Rio, e a sua Obra *Disquisitiones Magice*, &c.

(2) La *stregheria* altro in sostanza non é, che un immaginazione, come moltissimi anche Cattolici, hanno preteso, ed é stato ultimamente ad evidenza prova-

„ tuna em ter á mão tantos Autho-
 „ res de que utilmente se servio , e
 „ creio que não haverá seguidor de
 „ Del Rio , que ouse apparecer em
 „ campo contra este seu escripto , por-
 „ que poz em taes luzes o argumen-
 „ to , que se faria escarnecer quem qui-
 „ zesse sustentar o sentimento vulgar. „

g

O

que ha em muitos Livros ácerca dos demonios (1) Incubos , e Succubos ; e sobre qual dos sexos deve prevalecer nos Hermaphroditas (2).

to. Ragionamento del Padre Gaar tradotto dal Tedesco , pag. 118. , not. 2. , in Venezia 1751.

(1) São os Incubos , e Succubos meros contos de velhas. Itaque sunt fabellæ aniles quæcunque de Incubis , & Succubis narrantur. Genensis *Elementa Theologiae* lib. tertius cap. V. Muratori , *Della Forza della Fantazia* , cap. X. , o P. Calmet *Traité sur les Apparitions* , liv. 1.^o , cap. 38. , à Paris 1751.

(2) Os Hermaphroditos , de que tanto se tem dito , não obstante o não existirem , são unicamente mulheres. Les hermaphrodites , dont on a tant parlé , quoiqu'il n'en ait jamais existé dans l'espèce humaine n'étoient que des femmes. Anatomie Histor. & Pratiq. par Mr. Lieutaud augmentée de diverses rémarques par Mr. Portal , tom. 2. , pag. 295. , not. 1. , à Paris 1777. , in 4.^o. Veja o Leitor na Hist. da Academia Real das Sciencias , anno de 1767. , em Paris 1770. , e em 4.^o a memoria de Mr. Ferrin ; e Recherches Philosophiques sur les Americains , tom. 2. , Section 3. des Hermaphrodites de la Floride.

O juizo que o illustre *Carli* fez do Livro de Tartarotti, fez tambem (1) o douto, e célebre Dominicano o Padre Casto Pio Innocencio Anfaldi : E o desejo, que este Religioso mostrou na sua Carta ao famoso Crítico Maffeo, para saber o que pensava sobre a Magia, foi causa, e origem (2) da Epistola *Arte Magica Dileguata*, que o Marquez imprimio, e lhe dedicou. Louva Maffeo nesta Obra a Tartarotti pela erudição, e por confutar ridiculas opiniões ácerca das Feiticeiras, e de outros

(1) La mia vedrà V. P. M. R. nel decorso, che in sostanza si conforma appunto a quella, che nella benignissima sua mi accena tenerfi anche da Lei. Art. Mag. Dileg., pag. 4., 3. edizione, in Verona 1774.

(2) L'illustre P. Anfaldi aveva veduto, e letto il libro del Signor Tartarotti, e gli era venuto desiderio di sapere il sentimento del famoso Critico Signor Marchese, onde per lettera di ciò lo rechiede. Il Sig. Marchese subito per soddisfare l'erudito Religioso melle mano a questa operetta, nella quale loda il libro del Sig. Tartarotti per la multa lettura chi dimostra del suo Autore e per la sana confutazione di ridicoli opinioni in proposito dell' streghe e di alcuni nocivi abusi. *Novelle letterarie pubblicate in Firenze l'anno 1751.*, tom. XII., pag. 14. 15.

tros abusos nocivos , mas sólidamente o impugna por seguir , e defender a existencia da Arte Magica. Muito bem parecêraõ a doutos seculares , e graves Religiosos , os fundamentos da *Dileguata* (1).

As Noticias Litterarias de Florença trazem da *Dileguata* , e suas doutrinas , o seguinte juizo (2) : „ Encanta o Senhor Maffeo o Leitor „ com a sua escolhida , e nobre erudição , tanto em mostrar o pouco „ credito de que a Magia gozava entre

(1) Má non si credesse però che i laici solamente di maggior dignità , e di miglior senso si ridano dell'Arte Magica , poichè convengano in questo anche i Religiosi più illuminati , e si potrebbero recitar qui i nomi di molti e molti d'ogni ordine Regolare , che alla *Dileguata* hanno con molto piacere applaudito. Annihilata lib. 3.^o , pag. 276. 277.

(2) Incanta il Leggitore colla sua scelta , e nobile erudizione si nel mostrare il poco credito che avea la Magia apresso i saggi anche gentili della antichità , si nello stabilire il suo sentimento colle autorità delle divine Scritture , e de' Santi Padri , ed altri Teologi , talmente che bench' io creda di essere a quest'ora ciurmato , pure mi sento trarre possentemente a seguir le vestigie d'un Signor così dotto. Novelle Letterarie publicate in Firenze l'anno 1751. , pag. 15.

„ tre os Sábios da antiguidade , ainda
„ Gentios , como em fundar a sua
„ Sentença com a authoridade das Di-
„ vinas Escripturas , dos Santos Padres ,
„ e de outros Theologos ; e de tal
„ forte o faz , que não obstante o
„ sentir-me encantado com a sua lei-
„ tura ; esta poderosamente me arras-
„ ta para seguir os vestigios de hum
„ fidalgo tão douto. „

Os judiciosos recebêraõ , e elo-
giáraõ as doutrinas da *Dileguata* , mas
como póde muito nos homens o que
aprendêraõ nos primeiros annos , e he
quasi indizivel a força , que tem as
preoccupações , com que nos creáraõ , te-
nazmente defendêraõ quatorze Autho-
res o envelhecido sentimento , e con-
ceito , sahindo a campo com seus es-
criptos , á maneira de fogosos , e in-
trépidos Cavalleiros , defendendo misera
donzêla. Vio , e pezou (1) o Mar-
quez

(1) Nasceo em 1675 de illustre familia na Cidade
de Verona , o genio era grande , porque logo no Col-

quez Maffeo a summa importancia da
cau-

legio de Parma excedeo , e brilhou. Tinha hum coração naturalmente bom , e sincero , cheio de zelo para com a Religião , e fiel em observar as suas Leis. Amavaõ-no os seus naturaes em tal extremo , que na sua ultima doença lhe fizeraõ preces públicas. Morreo em 1755 , e o Conselho ordenou que houvessem funebres sollemnes honras. Todos sabem a energica inscripção , que este Sabio , quando voltou a Italia , achou por baixo do seu busto collocado na entrada de hum das Salas da Academia : *Ao Marquez Scipião Maffeo ainda vivo.* O Catalogo das suas Obras parece o de hum Bibliotheca. Sabia muito bem a Lingua Grega , e o doutissimo Bayer o numera entre os Varões eximios no conhecimento da Lingua Hebraica. Diz o célebre Voltaire ; que Maffeo publicára na sua Merope hum Tragedia digna dos bons seculos da Grecia.

Deylingius , *Maffei*us . . . viri profectó eximii non jam de numis Affiriaco charactere inscriptis , sed neglectis velitationibus de summa rerum id est de veteri & primæva Hebraeorum Scriptura , de Germana Hebraicæ Linguae phrasi & Grammatica ratione , de vera fidorum numerumque Hebraeo-Samaritanorum lectione , & intrepredatione , deque aliis ad Machabeorum Historiam , & Chronologiam spectantibus magno nisu , atque animi contentione , parique cum utilitate decertarunt. Franc. Perezii Bayerii Archidiaconi Valentini Ser. Hisp. Infantum Caroli 3. Regis Filiorum Institutoris Primarii. De Numis Hebraeo-Samaritanis , pag. 38. , Valentia Edetanorum , 1781.

Vous etes le premier , dis-je , qui avez eu le courage , & le talent de donner une Tragedie sans galanterie , une Tragedie digne des beaux jours d'Athenes dans laquelle l'amour d'une mère fait toute l'intrigue & où le plus tendre intérêt naît de la vertu la plus pure. La posterité apprendra avec émulation , que votre patrie vous a rendu les honneurs les plus rares , & que Verone vous

causa ; e movido do grande zelo , com que sempre servira a Religiaõ , e pugnára pela verdade , estudou , revolueo , e juntou por fim quanto pôde ministrar huma recondita , e vasta erudiçaõ , alcançada com aturados estudos , crítica , e viagens. Com o titulo de *Arte Magica Annichilada* , deo á luz esta sua Obra , querendo de huma vez responder a todas as dúvidas , lançar por terra , e anniquilar os argumentos dos Defensores da Magia. Publicou-se em Verona no anno de 1754 com licenças , e Privilegio de dez annos , pelo Excellentissimo Senado. Completou o Marquez Maffeo aos oitenta annos da sua idade taõ fazonado fructo , que offerecemos

aos

a elevè une statue , avec certe inscription : Au Marquis Scipion Maffei , vivant : inscription aussi belle , en son genre , que celle qu'on lit à Montpellier : A Louis XIV. après sa mort. Lettre à Monsieur le Marquis Scipion Maffei , pag. 7. 8. , e 23. Theatre complet de Monsieur de Voltaire , tom. 3. , à Amsterdam 1777. Vejaõ-se os Diccionnarios Historicos , e o Doutor Lami nas Vidas dos Eruditos Italianos deste Seculo , tomo I.

aos nossos compatriotas , não por interesse , mas por servir a Patria com este nosso tenue , e insignificante trabalho.

A Historia Litteraria de Italia depois de chamar a Maffeo *célebre* , e *incomparavel* , diz o seguinte (1): „ He cousa engraçada ver como o „ Padre Mamachi no seu 3.^o tomo „ das Origens , e Antiguidades Chris- „ tãas faça todos os esforços para re- „ futar o Livro de Maffeo , e con- „ fesse depois , que senão capacita de „ que haja quem se persuada da exis- „ tencia da Arte , ou Sciencia Ma- „ gica , porque se alguem assim o en-
ten-

(1) Leggiadra cosa è vedere come il P. Mamachi nel terzo tomo delle sue Origine e antichità cristiane ogni sforzo faccia per abbattere il libro del Maffei , e poi al tempo stesso confesse che darli Arte , o Scienza Magica non crede si pensi da veruno , e che seppur se pensasse farebè quegli in grandissimo errore. Il nostro Autore dunque coll'autorità de' Padri , e de' monumenti ecclesiastici fa vedere , che Cristo ha distrutta , ed annihidata la Magia. Storia letteraria d'Italia sotto la protezione del Serenissimo Francesco III. Duca di Modena , vol. X. , pag. 464. 465.

„ tendesse estaria em grande erro. O
 „ nosso Author com a authoridade
 „ dos Padres , e documentos Eccle-
 „ siasticos mostra , que Jesus Christo
 „ destruíra , e anniquilára a Magia. „

As Noticias da Republica Litte-
 raria concluem sobre a *Annihilata* da
 maneira que se segue : „ Nós que
 „ sempre nestas materias preferimos
 „ os ditos dos Santos Padres , ou
 „ da Igreja a qualquer outro escri-
 „ pto de Author particular , julgá-
 „ mos necessario que se leão com at-
 „ tenção os dous ultimos Capítulos
 „ do primeiro Livro. „

Claro , e provado fica do que
 acabamos de referir o bem mereci-
 do conceito , que os doutos da Italia
 fizeram das doutrinas da *Arte Magi-
 ca Annichilada*. Mostraremos agora ,
 mas sem amontoar , que os Críticos
 Italianos ainda approvaõ , e elogiaõ
 as opiniões do Livro que traduzimos.
 O author do Elogio Historico de An-
 to-

tonio Genovesi , Philosopho bem conhecido , querendo mostrar a utilidade da boa philosophia para a Jurisprudencia , e provar que sem ella de pouco vale a erudição , diz o que se segue , explicando ao mesmo tempo o seu juizo sobre a Magia (1). „
 „ Ainda todos os dias ouvimos altamente recomendar o merecimento
 „ de muitos Magistrados dos precedentes tempos , mais reputados certamente por credito , do que por
 „ boa Litteratura. Eraõ na verdade
 „ mui consummados em disputar sobre
 h ques-

(1) Sentiamo ancora tutto 'l giorno altamente commendare il valore di molti Magistrati de' tempi precedenti , più reputati forse per credito che per dottrina eminente. Eran eglino in verità assai consummati nelle ricerche delle legali questioni , ma poco , o nulla versati nella Philosophia civile , per difetto di gusto , e di cognizioni. Il Foro com tutti quei luminari , i quali ci hanno lasciato delle opere assai oscure , era nella rozzezza , e nelle barbarie. Le malie , i folletti eran talvolta giudicati nelle forme : il par col diavolo , e tutto ciò , che va congiunto a cotesta bella teoria , si tirava dietro delle conseguenze funeste. Elogio storico del Sig. Abate Antonio Genovesi , pag. 18. , Venezia 1774. Con licenza de' Superiori , e privilegio.

„ questões legaes , mas pouco , ou
 „ nada versados na philosophia Civil
 „ por falta de gosto , e de conheci-
 „ mentos. O foro com todos esses lu-
 „ minosos astros , que nos deixáraõ
 „ obras assaz escuras , era rude , e
 „ barbaro. Os *Feitiços* , e os *Duen-*
 „ *des* até foraõ algumas vezes julga-
 „ dos em juizo : o *fallar com o dia-*
 „ *bo* , e tudo o que acompanha taõ
 „ extravagante theoria , dava de si fu-
 „ nestas consequencias. „ Imprimio o
 Senhor Antonio de Haen em 1774
De Magia liber , e neste Livro , pos-
 to que moderadamente , segue , e de-
 fende a Arte Magica. As Noticias
 Litterarias de Piza , publicáraõ em 1776
 hum extracto , e juizo desta Obra ,
 e d'elle transcreveremos o que mais
 faz ao nosso ponto.

(1) „ Tudo quanto ha neste
 Li-

(1) Diremo soltanto che nulla vi è in tutto questo li-
 bro che non sia già stato replicato più volte degli Apo-
 logisti della Magie , ed esaminato insieme diligentemente

„ Livro foi já muitas vezes dito , e
 „ repetido pelos Apologistas da exis-
 „ tencia da Magia , e juntamente
 „ examinado com diligencia pelos im-
 „ pugnadores , principalmente por al-
 „ guns Italianos fábios , e com es-
 „ pecial criterio , e erudição pelo Se-
 „ nhor Marquez Maffeo. Cita o Se-
 „ nhor de Haen as Obras deste cé-
 „ lebre Cavalheiro ; mas pelo que
 „ pudémos alcançar não as lêo , por-
 h ii que

dai loro contraddittori , principalmente da alcuni valenti Italiani , e fra questi con speciale criteria e dottrina dal Marchese Maffei. Il Sig. de Haen cita le opere di questo celebre Cavaliere ; ma per quanto noi abbiamo potuto conoscere , non le ha lette , mentre non avrebbe dissimulato le molte grave eccezione , che egli da ai fondamenti , su quali s'appoggia per dimostrare anche a tempi nostri l'esistenza della Magia ; eccezione che sembrano atterrarli e distruggerli intieramente. Una cosa particolare però contiene questo libro del Sig. de Haen , la quale naturalmente dovea attender-si da un Medico sostenitore della Magia , e si è la maniera di conoscere le malattie Magiche , ed il methodo da tenersi con quegli infelici , che le soffrono. Noi però ci dispenseremo dal riferire le sue ricerche , ed i suoi metodi , giacché per grazia di Dio queste malattie non infestano più le nostre contrade o almeno non sono credute da quegli accorti Medici , che in esse fioriscono. Giornale de' letterati , tom. 21. , in Pisa 1776. Novelle letterarie , pag. 288. , & seqq.

„ que se as lesse , não passaria em si-
 „ lencio as mui graves objecções , que
 „ parece arruinaõ , e inteiramente des-
 „ fazem os contrarios fundamentos.
 „ Huma particularidade , porém , ha
 „ neste Livro, que naturalmente se de-
 „ via esperar de hum Medico Defensor
 „ da Magia , e he a maneira de conhe-
 „ cer as doenças de maleficio , e o
 „ como se devem tratar os infelices
 „ que as padecem. Deixamos de re-
 „ ferir estas suas indagações , e me-
 „ thodo curativo , pois por mercê ,
 „ e graça de Deos , ou semelhantes
 „ molestias não inficionaõ já estas nos-
 „ sas regiões , ou os Medicos ajui-
 „ zados , que por cá florecem , lhes
 „ não daõ credito. „



LIVRO PRIMEIRO.

CAPITULO I.

Sem razão, e injustamente, pretendem que estejamos obrigados a crer que ha Arte Magica. Toca-se hum argumento, pelo qual seguramente se mostra que esta Arte não existe.



CONVÉM, antes de tudo, desterrar hum grande, e patente erro dos Adversarios, com o qual, e sem outro algum auxilio, daõ a causa por vencida; e he bem verdade, que admittido elle não seria licito allegar huma só palavra em contrario. Pretendem que seja de Fé a existencia da Arte Magica. Não se atrevem muitos a declarar-se por estas palavras, mas dizem-no por equivalentes. O clarissimo Auctor das *Observações* protesta no fim desta sua obra, Obs.
p. 99.

A que

que não escrevera *para fazer serviço ao demonio, mas para corroborar o sentimento commum, e incontrastavel da Igreja Catholica.* O Padre Calmet, não sem ser estranhado pelos prudentes, publicando haverá tres annos em París hum terceira edição do seu Tratado sobre *as apparições dos espiritos, e dos Vampiros*, revista, e emendada, affirma no primeiro tomo, que o pretender que não possam os *Magicos, e Feiticeiros usar de sortilegios, e encantos para causar aos homens, e aos animaes, enfermidades mortaes, e até a mesma morte, he atacar directamente a Fé da Igreja.* De París se escreveu, dando a noticia de que esta proposição fora causa, para que depois se não reimprimisse esta obra sem se lhe ajuntar no fim, como por correctivo, *a Arte Magica abatida, e dissipada*, traduzida em bom Francez; a qual traducção se acha, com effeito, no fim do segundo volume. Escreve o Senhor Tartarotti em muitos lugares, que se dão maleficios, *nos quaes entra effectivamente o demonio, e que estes produzem doenças, e mortes; o que não podemos negar se os Padres, os Theologos, e a mesma Igreja não padecem erro.* He verdade que deve ser emendado o lugar em que sabiamente se queixa, por se lhe haver nelle imputado attribuir *a opiniaõ propria de Hereses, e publicamente punida*, o negar a Magia. Mas em quanto ao mais, não sei como se resolveo a dizer, *que na pagina citada, e em todo o livro se não acha*

se-

Tom.

I. pag.
322.

Apol.

p. 153.

P. 63.

semelhante proposição , nem ainda cousa de que se possa inferir , mas sim tudo ao contrario. Quando repetidas vezes escreve , que fora publicamente queimado o livro que negou a Magia, e que em Treveris, e Bruxellas se prendia a quem seguia esta opinião ; quando affirma , que as contrarias sentenças são apoiadas por todos os Santos Padres , prescri- P.163
ptas pelos sagrados Canones, ensinadas pelos Summos Pontifices, e fundadas na sagrada Escriptura ; e quando finalmente protesta , que o defender o contrario he deixar o universal sentimento dos Padres, P.144
e da Igreja ; não vem nisto mesmo a definir , que he de Hereges a opinião opposta ?

Naõ diz ainda alguma cousa mais , affirmando , que admittida esta , *que doutrina não* P.162.
digo eu dos Theologos , e dos Padres , mas da mesma Igreja Catholica estará segura ? Da mesma maneira explica o seu parecer quando assim insta :
De que serve ter a Escriptura , a Tradição , os Pa- P.208.
dres , os Theologos , os Canones , e a Igreja por fundamento da propria sentença ? Agora se descobrio o segredo de lançar por terra todos os Dogmas.
 Deixamos á consideração do Senhor Abbade se se deve queixar do sobredito , depois de escrever o referido. Vivamente insiste ainda sobre o seu mesmo parecer , e não sem estranheza de quem o lê ; e de P. 64.
 maneira o faz , que entendem todos que muitas vezes quer dizer ser fonte de heresias o negar a Arte

P. Pre-
ati p.
36.

Magica; e desta forte pouco teria dito quem escrevesse que o nega-la he *querer seguir a opiniaõ de Luthero, e Melancthaõ*, como entre outros aquelle bom Religioso, que se capacitou haver dado a *Arte Magica demonstrada*.

Para fazer conhecer por huma vez quaõ pouco valham todos os louvores, e arbitrarias asserções, basta advertir, que por muito tempo se publicaram, e ainda hoje se pregoam, as mesmas expressões horriveis contra quem negava o nocturno tripudio das Feiticeiras em Benevento; o que naõ obstante, se mostrou pelo mesmo Adversario, ser cousa imaginaria, e fabulosa, e he presentemente motivo de riso, e escarneo. *Se estas diabolicas transposições fossem sempre imaginarias*, (escreve o mesmo Padre Angel, que tomou o nome de Bartholomeo) poder-se-hia dizer tambem, *que tudo quanto differam, e escreveram os Summos Pontifices, os Padres, e os Theologos, fora phantastico, e fallaz*. Está taõ preocupado, que assegura *haverem muitos, que naõ eram Magicos, nem Feiticeiros, experimentado*, que observando curiosamente *que os que se untavam eram immediatamente levados pelos ares, desejaram fazer o mesmo, e feita a unção, instantaneamente foram arrebatados a lugares remotos, em que se celebravam os ajuntamentos dos Feiticeiros, e Feiticeiras, donde, acabado o engraçado espectaculo, foram reconduzidos a suas casas pelo mesmo que*

os levará. Quantos fatuos, lendo isto em hum livro estampado, e approvedo, senão untariam, e cobririam com hum tal unguento? Affirma, além disto, que muitas vezes se viram pelos ares dragões, vi- P. 93.
tellas, e bois volantes. Assevera, que esta Arte, que por toda a parte se pratica, obra cousas maravilhosas, e insolitas, e que della se instituem publicos Professores, e se abrem escolas públicas. Diz, em fim, que as vespas, os caracões, os ratos, e os P. 23.
sapos, posto que ordinariamente procedam da corrupção da materia, são muitas vezes produzidos por obra dos maos espiritos.

Podemos juntar ao sobredito o Padre Staidel, o qual põe a exclusão da Magia juntamente com o regeitar que fazem os Hereges *sacrum Chrisma* (não P. 5.
Chrisma): não declara, porém, em que consista tal uniformidade, e tão estranha comparação. Crê, que se benzem os manjares nas mesas dos meninos, para que as Feiticeiras os não maculem. Entende, que o P. 25.
 estar o demonio ligado *por mil annos*, signifique te- P. 8.
 rem cessado desde o terceiro seculo as perseguições contra os Christãos. Diz, que zombar Horacio da Magia de nada serve, porque morrera *antes de Christo*: usam desta admiravel razão dous mais dos Adversarios. Refere, que estando hum Prégador no pulpito, e faltando-lhe a voz, fizera hum voto, e achara no pulpito *capillos inter se ligatos, & similia*; as quaes cousas sendo queimadas prégará logo sem im-

- pedimento. Relata, que he necessario tirar das cam-
P. 45. mas, ossos, e pennas enoveladas, & *quasi infinita alia quæ in lectis inveniuntur a dæmone deportata*. Continuamente se serve do sophisma de que o verem-se nos tempos antigos fatuos, e impostores, que usavam de superstições, prova que se vi-ram os seus effeitos, ou conseguiram o que desejavam, e promettiam. A Simão Mago, segundo este
P. 18. Auctor, não só huma estatua, mas *plures Romæ extitisse constat*. Não nos diz, porém, donde tirara esta noticia. Dissemos na *Arte Magica destruida, e dissipada*, que Origenes escreveu, que Simão Mago enganara muitos no seu tempo, isto he, em quanto
P. 33. vivera, mas que depois, de tal maneira lhe faltara o credito, que *da sua seita se não encontrariam por todo o Mundo trinta*. Não entendendo o Padre o lugar, affirma que o Auctor nisto *permiscet turpiter tempora*. Houve mão desconhecida, que escreveu nesta pagina do livrinho a seguinte nota: *Imo tu turpissime blateras*; porém nós não queremos usar de estylo semelhante. Podéramos agramente fallar de certa *Réplica* sem nome; mas não nos deteremos, porque quem offende mascarado, affaz se defacredita a si mesmo.

Hum dos Auctores que julgam não ser catho-
The- lico o negar a Magia, he o Padre Concina, o qual,
olog. citando a Martineto, e fallando das transposições
tom. Magicas, diz: *Oppositam sententiam propugnant*
3. pag. 85.

*Lutherus, Melancthon, plurimique istius furfuris
sectarii.* Affirma o extravagante Padre Del-Rio dos <sup>Lib. 1.
sect.</sup>
que negaram o congresso das Feiticeiras, *quod cau-* 16.
*sa negandi sit Atheismus, & quod non credant
esse daemones.* Notou o Senhor Tartarotti, que os
Defensores do congresso se vangloriavam de ter em Cong.
seu favor *todas as Leis Divinas, e Humanas, Ca-* ^{P. 157.}
nonicas, e Civis; e que particularmente se desva-
neciam de muitas Bullas dos Summos Pontifices.
Ora eis-aqui o que o Senhor Abbade presentemen-
te pratica a respeito da Magia. Tambem observou, ^{P. 335.}
*que em outros tempos passou por delicto o negar a
Feitiçaria, e bem o experimentaram os que in-*
felizmente se atreveram a tanto. Não se deve
estranhar que o mesmo geralmente succeda com a
Arte Magica; mas he preciso inferir que tanto va-
ham, e tanta verdade contenham as empoladas af-
ferções que hoje se allegam contra os incredulos da
Magia, quanto valeram as que se oppunham contra
os que negavam as nocturnas folias das Feiticeiras.

Mostrarei pelo decurso desta obra quanto re-
pugne á verdade o vão estrondo com que pretendem
persuadir que a sua opiniaõ he a dos Padres, dos Ca-
nones, e da Igreja; e que a opposta se oppõe á
Escriptura, á Tradição, e á mesma Igreja Catholi-
ca: veremos antes pelo contrario, que a negativa se
funda nos Padres, nos Canones, e na Escriptura.
Observemos por agora sómente o gravissimo erro

de pretenderem formar nesta materia hum novo Dogma, introduzindo tambem hum inaudito Artigo de Fé, o que a mesma Igreja atégora não fez. Houve, e haverá sempre a prática de explicar o que he escuro na sagrada Escriptura, e de condemnar as opiniões oppostas á doutrina Orthodoxa, recorrendo para isso aos Concilios, e á Cadeira Romana; mas nunca aconteceo, nem jámais acontecerá, que se proponham novos pontos de Fé. Quanto seja erronea esta pretensão, se póde colligir, observando, que em nenhum Mandamento de Deos, ou da Igreja, se faça menção da Arte Magica; nem em nenhum Decreto dos Concilios, ou dos Papas, se ache definida tal questão; nem tampouco se encontre palavra, contra os que negaram a Arte Magica, em algum daquelles Padres, ou antigos Escriptores, que das herefias, e opiniões desapprovadas, deram noticia, ou fizeram collecção. Não são muitos os lugares dos Padres, nos quaes se faz hũa quasi recopilação dos Dogmas? Assim o pratica S. Agostinho no principio do *Genesis ad litteram: ante tractationem hujus libri Catholica Fides breviter explicanda est*, mas em nenhum destes lugares se encontrou atégora que se devia crer a existencia da Magia. Com que auctoridade nos pretendem persuadir, e obrigar a crer, que se dá Arte Magica, e que esta produz effeitos sobrenaturaes? Não he indecente, e muito improprio, querer que se tenha por verdade segura, e quasi de Fé,

Fé, huma opiniaõ que tantos bons Catholicos impugnaram, e ainda hoje impugnam? Huma opiniaõ, que he recebida, pelas pessoas do mundo as mais acreditadas, com riso, e avaliada por materia de desprezo, e de zombaria? Daqui nos provém a compaixãõ que temos do Adversario, quando affirma, que o negar a Magia *parece ser hoje moda*: em seu lugar veremos, que até dos Padres antigos foram reputadas as imposturas, e as opiniões dos Magicos por *artificios, e fallacias*. Confessa o Senhor Tartarotti, que *he proprio da Arte Magica o termo ludere*, e sendo assim, como não ^{P. 73.} feraõ *ludi*, mas factos verdadeiros os enganos dos Magicos, os quaes pelos Canonistas, bons Theologos, e pela mesma Igreja Catholica, se creram muito admiraveis? Em fim, devemos accrescentar, que he infinitamente indecente fazer tanta honra a huma Arte sonhada, e que hoje certamente não existe. Que não haja esta Arte se demonstra em poucas palavras neste principio:

Não he o ponto da questãõ se houve nos tempos passados, e nos antigos seculos, Arte Magica; a questãõ he se ao presente existe. Affirmam os Adversarios, que se dá de facto, e que *muitissimos são os malvados que o demonio traz, com effeito, neste engano, e faz seus por este caminho*. Parece-lhes <sup>Offer-
vat. P.
74.</sup> cousa muito estranha haver *quem julgue, e crea* <sup>Apol.
P. 193.</sup> *que não seja cousa verdadeira, e capaz de obrar*
mar-

maravilhas a Magia diabolica. Respondem , e
P. 202. *instam , que esta Arte se conserva continuamente.*
Ora perguntamos : esta Arte maravilhosa , como di-
zeis que he ? Aonde está ? Aonde reside ? Em que
parte florece ? Aonde se ensina ? Como se aprende ?
Quem a exercita ? Quem a possui ? Fazei-nos ver
por huma vez hum Magico , hum Nigromante ;
mas sempre se suppõe fóra da scena. Fazei-nos ver
huma só pessoa que a estudasse , e obre effeitos estu-
pendos. Quem assevera a existencia de qualquer cou-
sa he obrigado a dizer em que lugar esteja , e em
quanto o não faz , poderão julgar os outros que he
creatura que não existe em parte alguma. Já passou
o tempo em que de huma , e outra parte se disputa-
va acerrimamente nas escolas sobre a creatura *nul-*
libisata. Dir-nos-hão que está occulta porque he
prohibida : como se sabem então tantas particulari-
dades ? He prohibido o exercita-la , e não he prohi-
bido aprender-se ? Nas *Observações* se diz, *que mi-*
Off. p. 91. *seravelmente se applicam muitos a esta Arte.* Chama-
lhe o Senhor Tartarotti escondida , e *mysteriosa sci-*
encia, e faz no mesmo lugar memoria dos *Professores*
Apol. p. 178. *desta Arte no tempo presente.* Ora porque não mo-
stra algum , ou ao menos nos diz o lugar onde ha-
bita ? Affirma em outra parte , que até *se dá a*
Magia na gente da plebe , e nos idiotas , porque o
P. 17. *demonio não sómente arma ciladas aos Litteratos ,*
mas tambem aos ignorantes , e geralmente a to-
dos :

dos: visto isso ha de ser grande o numero dos Magicos; e entãõ porque se nos não concede ver hum fô, e gozarmos alguma das suas maravilhas? Repetem, que contém esta Arte *longos, e escondidos mysterios*: e sendo assim, como se nos não aponta em taõ immenso numero de doutos, e applicados, algum que se deleite com ella, e a possua? Florecem hoje as mais subtís, e profundas Faculdades: são infinitos os que se applicam a toda a forte de estudos: mostrai-nos, pois, hum de tantos Mestres em toda a materia, que se applique a esta. Apontai-nos entre tantas Academias, e Universidades da Italia, e da Europa, quem della faça estimaçaõ. Houve já quem para provar a sua existencia escreveo a varias partes: as respostas ridiculizaram a pergunta. Aonde estaõ os livros que fallam desta Sciencia diabolica, e de seus *escondidos mysterios*? Não faltam paizes, em que tudo se imprime livremente: seriam innumeraveis os livros; mas com tudo apenas se vem gyrrar plebêos, e ridiculos desvarios, como a *clavicula de Salomaõ*, e outros semelhantes despropósitos. Dos insignes, e famosos Auctores de taõ varias Nações, e que tantas obras tem dado ao público, qual he o que escreveo desta escondida Sciencia?

Poderãõ responder ao argumento, de não ser possivel mostrar-se em parte alguma da terra hum Nigromante verdadeiro que obre prodigios; que
ahi

ahi estaõ as Feiticeiras : logo faõ estas sómente os reputados Maleficos que se vem em carne , e offo , e feriam a unica prova dos Adversarios , se em seus suppostos maleficios se encontrasse cousa que naõ fosse falsa , vãa , e imaginaçaõ ridicula. Saõ ellas mulheres da plebe , infelices , que movidas ordinariamente da miseria , ou de outra qualquer paixãõ , e inflammadas do que ouviram , ou leram , se querem fazer Feiticeiras , e imaginam que o faõ ; mas tudo debalde. Naõ pôde o Senhor Tartarotti acometer com estas armas , depois de haver provado com longo , e douto volume , ser tudo sonho , e segundo os bons Theologos peccado o dar-lhe credito. Fallando dos duendes , a quem chama das Magicas maravilhas a mais notoria , e commum , (de maneira , que affirma *naõ haver Cidade, por naõ dizer Aldeia , que naõ possa ministrar muitos exemplos*) honradamente confessa , que nunca vira hum só ; naõ obstante o desvelo que *sempre teve em naõ perder occasiaõ*. Isto mesmo confessam dos duendes , e mais portentos Magicos , todos os prudentes , e sabios , quando respondem , naõ do que tem ouvido , mas do que elles mesmos viram. Affirmam tambem o mesmo os Senhores Inquisidores , por cujas mãos tem passado tantas fabulas destas. Ora á vista de tanta evidencia , como pôde caber na imaginaçaõ a Arte Magica , e haver quem se persuada que he Artigo de Fé a sua existencia , e efficacia ?

Cong.
p. 28.
29.

P. 360.

Faz grande pezo a muitas pessoas o saberem que a opiniaõ da Magia prevalecera em todos os tempos , e em todas as Nações. Dadoque assim fosse , por muito que se espalhasse , e diffundisse , occupou ella talvez mais paizes que a Idolatria ? Naõ he o erro da Idolatria anterior ao da Magia ? Naõ inficionou todo o Mundo ? He esta razaõ bastante para naõ fer a Idolatria erro , e miseravel cegueira do genero humano ? Nunca houve Povo aonde fosse Lei a opiniaõ da Magia ; nunca foi ordenada pelo Governo , nem geral em Reino algum. Geral , e ordenada em algumas Nações foi a superstição da Idolatria , e o he presentemente ; e deixam por isso todos de ver quaõ falsa , e quaõ nescia temeridade seja ?

C A P I T U L O II.

Quem nega as Feiticeiras , naõ póde , nem deve admittir os Magicos , porque tudo he substancialmente o mesmo.

TEndo conhecido o Senhor Tartarotti com o seu perspicaz engenho , quaõ falsas , e dignas de riso sejam as fabulas que vulgarmente correm ácerca das Feiticeiras ; e julgando por outra parte , arrastado talvez de muitas autoridades exaggeradas , que se naõ deve negar a Magia , cuidou em separar as Feiticeiras dos

Ma-

Magicos, e asseverou que eram Profissões differen-
 Apol. tes, assim como *hum genero de cousas differe de*
 P. 3. *outro diverso*. Diz, que a Feitiçaria he cousa fo-
 nhada, e phantastica, sendo a Magia verdadeira, e
 capaz de produzir effeito. Diz mais, que *sempre in-*
 Cong. *tervem na Magia realmente o demonio, e ha ver-*
 p. 161. *dadeiros pactos expressos, e tacitos, quando na*
Feitiçaria he ideal o commercio, e são vãos, e
imaginarios os pactos. Já João Vier, Medico Luthe-
 rano, usou da mesma distincção, mas não teve quem
 o seguisse; e supposto ennobrecer, e dilatar o Se-
 nhor Tartarotti esta sentença com maior constancia,
 coherencia, e doutrina, não tenho atégora noticia
 de que houvesse quem a abraçasse; pelo que se deve
 Apol. ser considerado o haver grande numero de fautores,
 p. 161. e crentes, assim como nos quer persuadir, defenden-
 do, e sustentando a Magia, cahe por terra esta sua di-
 stincção. Os muitos Auctores destes ultimos seculos,
 de quem nos affirma o uso da distincção entre a Feiti-
 çaria, e a Magia, nunca tal sonharam. Quando jul-
 garam falsos, e impossiveis os nocturnos congres-
 sos, julgaram, e creram tambem da mesma maneï-
 ra, toda a pretendida maravilha Magica. Reduz to-
 da a questão, dizendo, que Feitiçaria he quando de
 facto nada se effectúa; e Magia quando se consegue
 o fim desejado; mas quem entende, e se persuade
 que nada se alcança por obra do demonio, trata do
 mesmo modo os dous casos, e põe em igual paral-
 lelo

lelo os que fazem taes tentativas , aindaque seja homem, ou seja mulher. Aponta mais outra differença, e he, que a Magia he das pessoas de conta, e dos *cultivadores das sciencias* , e a Feitiçaria da gente vil, *e plebea* : diz , porém , no mesmo tempo que a Magia he huma ignorancia, ou impostura. Ora porque razão se não põe á parte os plebeos, e as mulheres ? Não he como os do Povo o Professor de sciencias , quando he ignorante , e impostor ? Mostrem-me ao menos por hũa só vez algum estudioso , e cultivador de Sciencias, que se applique á Magia. Define a Magia diabolica *conhecimento de cousas supersticiosas, como palavras, versos, caracteres, imagens, signaes, e outras ceremonias, por meio das quaes alcança o Magico o seu intento.* Que outra coufa crem, ou vulgarmente se crê das Feiticeiras ? Em quanto a conseguirem o intento, he igualmente chiméra em ambas as especies. Não he preciso julgar que he sómente Feiticeira a que se persuade ir de noite a Benevento. Nem tampouco se verifica que daqui *nascem todas as accusações das Feiticeiras.* Tem havido muitas, que feitos os perfumes, e as figurinhas, invocaram o diabo para gozarem do amante, ou matarem quem aborreciam , sem fazerem profissão , e sem crerem que andariam de noite pelos ares.

Não nega o Adversario que ha grande affinidade entre a Feitiçaria, e a Magia, porque *em ambas intervem o demonio, e ha prodigios.* Ora se em ambas

Cong.
p.429.

Cong.
p.160.

P.436.

P.161.

bas intervem o demonio , e ha prodigios , que importante differença tem entre si ? Defende-se em outro lugar , dizendo, que os prodigios da Magia *succedem por obra do demonio* , e os da Feitiçaria *por obra da esquentada phantasia das Feiticeiras*. Que a phantasia destas seja por si mesma capaz de obrar prodigios, he cousa estranha, e nunca ouvida. Quaes são os termos que elle reprova , por se lhe terem trocado ? Era necessario mostra-los. Accrescenta, que *são em substancia muito diversas , porque o effeito bom , ou mau do Magico , produzido por obra do demonio, he verdadeiro, e real, e que a todos se mostra;* (quem o vio !) *porém o da Feiticeira he sómente phantastico, imaginario, e occulto*. Se duas pessoas invocam o demonio , e a elle se entregam com impias blasfemias , aindaque huma só alcance o que deseje , e a outra não , não he o peccado , e o delicto de ambas o mesmo ? Como são , pois , cousas differentes ? Nota-se pouco depois sobre as Feiticeiras , que supposto sejam pessoas *rusticas , e idiotas, e que não poderam aprender os verdadeiros mysterios da Arte Magica* , com tudo *certas observações supersticiosas , figuras , esconjuros , e encantos , de que tiveram noticia estas miseraveis, obram effectivamente em virtude da tacita approvação do demonio*. E se as Feiticeiras obram , e conseguem o desejado , da mesma forte que os Magicos , que differença lhes resta ? Affirma-se, que *o cultivar o*

de-

demonio com expressa familiaridade, ou com a prática das cousas por elle ensinadas, e prescriptas, he absolutamente necessario na Arte Magica. Ora porque não feraõ igualmente aptos os chamados Magicos, e os chamados Feiticeiros, se huns, e outros da mesma maneira se dirigem ao diabo? Assevera, que elle quiz fazer a Magia mais preciosa, dando-lhe muitas *regras, e preceitos, e amontoando ceremonias longas, e ritos estudados*; e que esta se póde chamar a *Magia das pessoas estudiosas*. Quem ha que dellas conhecesse ao menos huma? Accrescenta, que os idiotas são aptos para esta, os quaes, postoque não *cheguem a obrar as maravilhas dos Magicos scientificos*, com tudo, sem tantas applicações, e mysterios, só com signaes, e com Feitiçarias, *que são pasto, e alimento de gente vil, e das mulherinhas*, (eis-aqui temos as Feiticeiras) *produzem, com auxilio do demonio, verdadeiros effeitos*. Logo são os effeitos os mesmos, que he o ponto principal. *Esta*, continúa o Adversario, *póde ser chamada huma segunda Magia da plebe, e dos idiotas*, e por esta causa lhes chama Magicos *putativos*; mas declara, que *não são putativos os effeitos* que se lhes seguem; pelo que podem estes tambem ser *condemnados com toda a justiça*, até na *pena de morte*. Está assim tirada toda a sombra de differença.

Apol.
p. 16.

Ibid.

Ibid.

Confessa com effeito sinceramente o Senhor

B

Tar-

Tartarotti , que quem invoca , e adora o demonio ,
 P. 100. he *formal , e verdadeiro Magico*. Isto mefmo , fem
 dúvida , tem feito muitas das accusadas Feiticeiras.
 Logo eram ellas tambem Magicas. Confessa , que
 Ibid. *as observações supersticiosas , até das mulherinhas*
ignorantes , quando nellas intervem affenso no au-
xilio de Satanás , são práticas diabolicas , e verda-
deiras acções Magicas. Ora quem negará que re-
 corram á protecção , e adjutorio de Satanás , aquel-
 las loucas , e enfurecidas mulheres ? He bem verda-
 de que são sonhos o que as Feiticeiras nos contam
 de terem estado nos bailes , e convites nocturnos ;
 mas he manifestamente falso que seja sonho o invo-
 carem o demonio , e fazerem aquelles actos que
 lhes ensinara outra louca , ou aprenderam em algum
 escripto supersticioso , e ignorante. Não nega o
 Cong. Adversario que *as Feiticeiras quebraram a Fé pa-*
 p. 266 *ra com Deos* , e não o fizeram certamente de outra
 sorte , senão porque invocaram , e adoraram o de-
 monio na sua mente. Não nega *que possa huma*
 Apol. *Feiticeira fazer isto* , diz sómente , que *em tal caso*
 p. 93. *passaria esta* do phantastico ao real , e não seria pura
Feiticeira , mas Feiticeira , e Magica juntamente.
 Huma coufa , segundo o seu mefmo parecer , não
 exclue a outra , antes lhe faz caminho , e não são *de*
genero diverso , mas proximas , e comprehendidas
 na mefma cathegoria. Affirma , em outro lugar ,
 Cong. destas duas profissões , *que huma , e outra tem por*
 p. 434. *fim*

fim o demonio , e que são duas differentes escolas ; mas que o mestre he o mesmo em substancia. Segue-se por boa consequencia , que o estudo he o mesmo, e que ainda que hum conseguisse aprender , e o outro não , o intento , e fim de hum , e outro , foi o mesmo. Repete neste lugar , que a Magia , e Feitiçaria se encontram ás vezes unidas na mesma pessoa.

Quando se diz que o demonio ensina aos Magicos que usem , e se valham de pedras , hervas , e figuras ; e quando se escreve que *pregos , agulhas , ossos , carvões , alguns cabellos juntos , e alguns trapos*, tem semelhança com os *sacramentos* dos verdadeiros Magicos, de quem se entende que se aprenderam estes segredos, e prática das Feiticeiras, senão dos Autos , e Processos, que se lhes fizeram ? Igualmente se attribue aos reputados Magicos, quanto se sabe das Feiticeiras. No mesmo volume está escripto, que as *Feiticeiras renunciam o Baptismo , e a Fé*, P. 57. e que póde o demonio *ser causa de todo o seu fanatismo*. No mesmo se diz , que a Feitiçaria *existio sempre* ; pelo que não he menos antiga que a Magia. Concede-se, *que attenta a affinidade, e semelhança, que tem estas duas Artes em certos pontos , a impossibilidade de huma não tem grande força para fazer incrivel a existencia da outra*. Diz-se em muitos lugares , que a Feiticeira não he Malefica , mas maleficiada. Que quer dizer isto ? Quer dizer,

Cong.
p.186.

P.128.

P.167.

P.210.

por ventura, que ella mesma seja enfeitçada? Igualmente se diz muitas vezes, que *todas as Leis Divinas, e Humanas*, condemnaram sempre á morte *os Magicos, e jámais as Feiticeiras*; mas este supposto he gratuito, e extravagante, originado da separação, e distincção, que o Adversario imaginou. Na sagrada Escriptura, e em varias Leis, se comminam grandes penas contra todas as especies de maleficios, e de superstições: desejava o Adversario que fosse exceptuada a Feitçaria. Se confessou que huma, e outra tem o demonio por fim, e por mestre, que dúvida nos póde ficar de que as penas não sejam para huma, e para outra? Sempre se julgou que merecia castigo o voltar a Deos as costas, e recorrer ao demonio, pedindo-lhe graças; ou se fizesse com doutrina, ou sem ella. Havemos de crer, que lendo-se em Micheas: *Auferam maleficia de manu tua*, se deva entender este texto sómente dos maleficios dos doutos, e não dos da plebe? Poderemos crer, tratando hum, e outro Codice de *Maleficis, & Mathematicis, & cæteris similibus*, que naquelles termos, ou *em outros semelbantes*, igualmente reprovados pelas Leis, não estejam comprehendidas todas as classes de sortilegios, e superstições? Sabiamente se disse na erudita *Dissertação Epistolar*, que, *no entender dos antigos Legisladores, Magicos, e Feiticeiras são synonymos*. Da mesma maneira se vê em huma das eruditas Cartas

annexas ao *Congresso*, na qual se mostra, que *Feiticeiras, e Magicos* foram sempre julgados por todos *Cong.*
os Antigos huma mesma cousa, obrando os *Magi-* *P. 321.*
cos o que agora se costuma attribuir ás *Feiticeiras*.

Affirma o Senhor Tartarotti nas *Annotações* *Ann.*
Críticas ao Padre Gaar, que a *chiméra* dos *con-* *P. 18.*
gressos do demonio com as *Feiticeiras*, fizera deli-
rar por tres, ou quatro seculos, quasi todos os *Tri-*
bunaes da *Europa*. Ninguem atégóra fez differen-
 ça entre *Feiticeiras*, e *Magicos*; e parece que nem
 elle mesmo a faz, quando escreve, que não he mara- *Apol.*
 vilha que em tantos erros, e vãs observações do *P. 62.*
vulgo, e de mulberinhas, se entremeta o demonio
 algumas vezes, e produza o desejado effeito; e o
 mesmo parece confessar, dizendo, que nem os *Ma-* *Apol.*
gicos, nem as *Feiticeiras*, quando magicamente *P. 96.*
obram, se fiam em pactos imaginados. Não he de
 obrigação crermos que todas as condemnadas *Feiti-*
ceiras, e principalmente as de fóra de Italia, o fo-
 ram por se gabarem de terem ido de noite a Noce
 di Benevento, ou a outros infernaes entretenimen-
 tos. Muitos são os *Processos* em que de tal se não
 fallou. He escusado imputar ao Auctor da *Arte*
Magica abatida, e dissipada, que desta maneira ve-
 nha a dizer que as *Feiticeiras* sejam, com razão, *Apol.*
degoladas, e queimadas. Procurou este Auctor co- *P. 207.*
 hibir a grande facilidade com que se condemnava;
 os *Processos* illegaes, e irregulares; o credito que

Art.
M. D.
p. 26.

Cong.
p. 70.

Tom.
4.

se dava ás confissões de factos impossiveis ; e o fundarem-se no falso supposto do congresso nocturno. Diz tambem , que sendo presas algumas suppostas Feiticeiras , pede a caridade *que antes de tudo se instruem, e allumiem estas nescias, e rudes mulheres, que possuidas de falsas imaginações, e de perversos desejos, nascidos do que ouviram ler, ou narrar, se enchem, e carregam de falsos delictos.* Ninguem se deve adiantar , affirmando , que foram injustas todas as sentenças condemnatorias dos Tribunaes. Muitas vezes se ajuntam aos imaginados maleficios verdadeiras , e crueis maldades. Quem poderá determinar sem exacta informação dos factos , e das suas circumstancias , o castigo que lhes convinha ? Não se reprova *ser justo o patrocínio com aquellas desgraçadas ;* mas deve ser até certo limite , porque algumas vezes commettem iniquidades , e abusos horriveis , e até desprezam , e ultrajam as cousas sacrosantas. Ha hum Sermaõ de São Bernardino de Senna sobre aquelles *qui capiunt oleum sanctum, & Corpus Christi sacratum, & exercent illa in operibus diaboli.* De nada serve o responderem , que a Feitiçaria não he cousa real , porém *imaginaria.* Vemos as Feiticeiras , e sabemos as acções perversas , e sacrilegios de algumas. Concluamos , que quem exclue as Feiticeiras , exclue a Arte Magica , porque outras pessoas se não vem , nem encontram , que a professem ; e quem

hum

humas destas Artes regeita, e tem por inutil, invalida, e falsa, não póde crer a outra verdadeira, e capaz de obrar; porque he hum ramo da mesma arvore, e hum estudo da mesma escola. Pretende o Senhor Tartarotti, que os Antigos *per Saga* entendem *Magica*, e não *Feiticeira*, e que mal se traduzia confundindo humas com a outra; mas esta separação he nova, e inaudita. Chamou Petronio *Strigæ*, ou *Striges* (que assim se deve ler) áquellas mulheres, que *puerum involaverant*, e praticavam feras Magias. Faz neste lugar a seguinte nota o erudito Burmanno: *Has autem Strigas putabant esse mulieres Sags*. Diz o mesmo Petronio em outro lugar: *Quæ Striges comederunt nervos tuos?*

Apol.
p. 67.Cap.
63.Cap.
134.

CAPITULO III.

Erradamente fundam os Adversarios a sua sentença sobre os suppostos pactos com o demonio.

Afirmam os Adversarios, que sobre os pactos se funda toda a Arte Magica. Dizem, que *suppõe sempre pacto com o demonio a verdadeira operação Magica*. Pactear he celebrar contracto. Sem que as partes fallem, e ajustem entre si, não ha contracto. Por tanto, todo o que exercita a Magia vio o diabo, e fallou com elle. Faz o Senhor Tartarotti menção dos *Magicos* que pessoalmente trataram com o demonio. Não haverá peque-

Off.p.
75.Cong.
p. 186.Apol.
p. 175.

Off. p.
76.

no número destes , pois nos disse já que o demonio por esta via armava ciladas a todos ; e nas *Observações* está escripto , que não sómente os doutos , mas até *as vis mulherinhas , os homens vulgares , e ignorantes , podem hoje ter lugar , e exercitarem-se em tal profissão ; e tendo até esses mesmos poder para pactear , e fazer alliança com o diabo*. Segundo a doutrina dos Adversarios se encontram muitos que *peffoalmente* viram o demonio , e que tiveram, ou tem com elle *mutua familiaridade, e correspondencia*. Seja-me licito perguntar , se se póde ouvir isto sem riso. He por ventura bastante, que homens grandes cressem em outros tempos algúas falsas proposições , para que sendo estas com o tempo mais bem examinadas , não provoquem hoje a riso , merecendo-o ? Haveria no mundo quem podesse ver o demonio sem tremer de medo , e sem se encher de horror , e espanto ? Quem póde ver o demonio sem se horrorizar ? Por ventura, em qualquer fórma que se apresente , tantos , e tantos , se encontram , que sabendo ser o demonio , tenham animo , e coragem de o conversar ; e contractar com elle *alliança, e familiaridade* ? O erudito Auçtor da carta , que se imprimio , e lê no *Congresso* , prova *innegavelmente*

P. 545.

te com a Escriptura , que jámais houve commercio algum entre os homens , e o demonio , sem que dependesse , e succedesse por divino milagre. Nas sagradas Letras , aonde tantas , e tantas vezes se falla
dos

dos demonios , e das tentações com que perseguem os homens , e os acometem , até que fiquem obseffos , huma só palavra se não acha sobre pacto , contracto , ou convenção. Encontram-se na Biblia Anjos bons , mandados do Senhor em figura de homens , os quaes fallaram, e obraram em favor deste, ou daquelle ; mas não se acha em o Velho , ou Novo Testamento , que Anjo mau viesse por ser chamado, e estipulasse pactos , em virtude dos quaes alcançassem os homens seus desejos. Lê-se em Daniel, que os Magicos , e Adivinhos de Nabucodonosor confessaram não haver commercio entre os homens , e os diabos : *Exceptis diis , quorum non est cum hominibus conversatio* ; sentimento bem diverso do que mostra o Adversario , o qual acha muitas cousas *que comprovam a amizade dos homens com os demonios.*

Dan.
2. 11.

Cong.
p. 361.

Nas *Observações* se attribue a pactos , até os casos que na Escriptura se lem ; mas só por auctoridade propria , e sem que o texto dê o menor indicio. Nas mesmas *Observações* se diz , que o demonio *obrou por via de hum pacto tacito , ou expresso* com os Magicos de Pharaó ; e que *convém suppôr* *interviessem pactos tacitos , ou expressos , nas suas portentosas obras.* Igualmente se diz , que a Pytho-
nissa , *que revocou a alma de Samuel , o não poderia ter feito , sem haver primeiro pacteado com o demonio.* Até os Magicos de Pharaó , sendo Gen-
tios,

Cong.
p. 369.

Off. p.
77.

tios , invocaram os diabos , pactearam com elles , e conversando-os , lhes deram as suas almas, para conseguirem seus intentos ? Donde lhes veio a idéa , e noção de os invocarem , e pactearem com elles ? Não lhes bastavam as fabulas de Plutaõ , e do Cerbero ; era-lhes necessario luz da criação , do seu peccado , e da sua condemnação , e tambem desejo de salvar as suas almas. Pouco faltou para que se lhes não concedesse noticia , até das sagradas Letras, que ainda não existiam. Havia já pactos tacitos nos tempos de Pharaó ? Sim podiam encommendar-se os Gentios ao deos do mal , por elles sonhado ; mas não contractar, e estipular pactos com elle. O mesmo se póde dizer á proporção da Pythonissa , e de Baalam , em cujos tempos estava ainda por nascer a idéa dos pactos.

Observaria o Leitor sagaz as contradicções do antecedente capitulo , de que os Adversarios se não podem defatar : vejamos agora outras contrariedades , nas quaes he preciso que caiam por necessidade da materia , e das opiniões. Principia-se , estabelecendo, que *o effeito da Magia diabolica he obra do demonio , e virtude de pacto expresso , ou tacito.* Affirma-se pelo contrario em outro lugar , que *a Magia não suppõe necessariamente estes pactos , e que muito bem se podem negar , sem que por isso se negue a substancia de tal Arte.* Não se podem verificar estas duas sentenças. Concede-se , que cir-

Cong.
p.160.

Apol.
p.7.

culos , triangulos , e nomes barbaros , não tem proporção alguma com os espiritos infernaes ; mas pretende-se , que quando entre estes , e os homens intervem pacto , e convenção de fazer tal signal , e pronunciar tal palavra , produzirão então este , e aquelle effeito. Bem depressa adquiriram relação.

P. 18.

He grande insipidez julgar que as hervas , as pedras , e os caracteres possam ser meio natural para se fazer obedecer dos demonios. Affirmam, porém, que não he assim quando se entende que as hervas , e as pedras possam ser meio moral para se alcançar , até a obediencia dos demonios ; e julgam que são então hum signal do pacto. Temos visto , que nem os Magicos , nem as Feiticeiras , quando magicamente obram , confiam em pactos imaginarios , mas em pactos verdadeiros , e reaes ; tacitos , ou expressos ; pois sem estes se não póde dar Magia.

P. 19.

P. 96.

Sustenta-se depois pelo contrario , que os Magicos não cuidam em fazer pactos , nem em subscrever aos que outros fizeram ; e accrescenta-se , que verdadeiramente se não possa dizer , que façam pactos , ou convenções. Eis-aqui as manifestas antilogias em que se precipitam os Defensores da Arte Magica.

Sábiamente observa o Adversario , que de pactos com o demonio se não acha hum só palavra nos antigos Escriptores , e primeiros Padres da Igreja. Muito bem podia conhecer daqui , ser de moderno pensamento esta doutrina. Sustenta , que

Apol.

P. 177.

po-

- poderia , ou poderá haver taes contractos innominados entre o demonio , e o Magico ; porém não se persuade que estes tivessem , ou venham a ter seus effeitos , porque já se affirmou que *o effeito da Magia fosse produzido por virtude* , e actividade das cousas applicadas , e não pelo demonio ; ou se nelles tivessem parte os demonios, fossem os reputados *benignos , e amorosos*. Affirma-se nas *Observações*,
 P.178. *que posta a intelligencia , e alliança entre os Magicos , e os demonios , não deve causar admiracão o fazerem-se estes obedecer das substancias invisiveis , e desconhecidas , por meio de hervas , pedras , ou signaes , e caracteres feitos pelos homens*. Não se devem refundir naquellas cousas os effeitos sobrenaturaes pelo que ellas são por si mesmas , mas sim pela actividade , e qualidade extrinseca que o demonio lhes communica , e infunde. Destes bellos pensamentos escolha o Leitor o que mais lhe agradar. Accrescenta a *Apologia* , que esta he a verdadeira , e justa idéa da *Arte Magica antiga* , a qual em nada reputa differente da moderna ; e por esta causa entende , que se os Professores de hoje a consideram cousa natural , *buscam nos corpos o que os corpos não tem , e não pacteam com o demonio* : se se persuadem que *do demonio procede o effeito* , a
 Apol. p.178. *muito se atrevem prestando consentimento a obra de hum tal auctor*. Que vestigio de pacto se descobre nesta acção ? Ora como concorda tudo isto com
- P.179.

as citações, pouco antes, e com muita jaſtancia allegadas, em prova dos pactos ? Como concorda, pois, com a objecção de que diſſentem *de todas as eſcolas Chriſtãas*, e da *infallivel ſapiencia Eccleſiaſtica*, os que não admittem pactos tacitos ? Póde-ſe fazer aqui eſta reflexão : Se confeſſa que não procedem os eſſeitos magicos, nem da virtude das couſas applicadas, nem do pacto com o demonio, não val o meſmo que dizer-nos, que de nenhuma forte ſe ſeguem eſſeitos, e que não he nada a Arte Magica ? De outra origem a não podem deduzir. P. 176.

Eſpecialmente regeita os pactos tacitos o Auctor da *Arte Magica abatida, e diſſipada*. Muito os defende o Senhor Tartarotti, e lhe parecem bem fundados em o *commum conſenſo dos Theologos*, P. 175. *dos ſagrados Canones*, e dos *Summos Pontifices*. Nada cita; e funda toda a ſua defeza em ſe darem de duas eſpecies; e affirmar que de propoſito ſe eſcolhera *a mais debil* para ſer confutada. Foi o P. 61. intento do citado Auctor regeitar igualmente ambos os pactos, proteſtando, que não admittia, nem ſe davam peſſoaes diſcurſos, propoſtas, e reſpoſtas entre os homens, e o diabo, como he neceſſario para contractar, e aprender huma Arte *ignorada, e myſterioſa*, ſegundo elle meſmo pretende. Regeitou-os tambem Muratori: *Nescio quis primus ex ingenio tantum ſuo opinionem invexerit de pactis tacite ab aliquo ſingulari homine cum diabolo initis.* De nævis &c. p. 125.

No-

Nomeam-se os tacitos , porque se faz assim conhecer melhor a falsidade , e extravagancia de tal supposto. Pertendeo o Adversario , que feito o pacto, subitamente se executa *tres mil milhas em distancia*; e que tal virtude , e efficacia , vai em hum instante por todo o mundo , e dura sempre ; o que na verdade não he pouco estranho ; e para complemento dos pactos tacitos , era conveniente que assim fosse. Defende ainda a sua opiniaõ, dizendo : *As substancias*

P.181. *espirituaes estão aonde querem; nem a distancia dos sitios póde fazer que o demonio que agora está aqui, deixe de estar em hum momento na China.* Seguio

P. 1. diversa opiniaõ S. Thomás, quando ensinou, que os qu. 53. movimentos com que os Anjos se mudam de hum art. 3. para outro lugar, se não fazem *in instanti*. Ingenuamente confessamos , que se fôllemos perguntado pelo poder do demonio , e pela sua extensaõ , responderiamos confessando a propria ignorancia. Seja-nos licita a reflexaõ , de que fica desta maneira inválido o argumento, de que tantas vezes usa contra o imaginado nocturno congresso , consistindo a força em não ser possivel andarem as Feiticeiras tanto espaço, porque faltando-lhe a respiraçaõ seriam *suffocadas*.

Con- gr. p. 76. Se se concede fazerem todos os seus caminhos *em*

Apol. p.102. *hum momento* , está desvanecida toda a difficuldade.

Defende o Adversario a força , e virtude dos pactos tacitos, dizendo, que se daõ, e existem , quando alguem sabe que saõ de Magia aquellas palavras,

ou aquelles actos , e que houve quem pacteasse com o demonio para produzirem hum certo effeito. Diz, que vem estes *em consequencia dos expressos* ; e as-^{Apol. p. 61.}severa , que ha *factos muito verdadeiros* que se attribuem a esta especie de pactos , e prova-o , citando quem já affirmou , que em virtude de tal *verbis, & herbis* abri-*ra serras fortissimas*. Examine elle mesmo se são estas razões capazes de o salvarem das difficuldades que tem contra si a questão da realidade dos pactos tacitos. Accrescenta , que ainda que não seja admittida aquella especie de pacto , com o qual se obra ignorando , nem por isso *padecerá de-*^{P. 61.}*trimento a Magia diabolica: porque,* (continúa o Adversario) *quantos são os preceitos ridiculos, as opiniões injustas , e principios falsos , que nas Artes , e Sciencias , se suppõe , e admittem pelos que dellas escrevem ? Isto he falso a respeito das mais celebres , e dos bons Auctores.*

Ha na *Arte Magica abatida , e dissipada* esta pergunta : *Que succederá , se por certas palavras , ou figuras , tiver algum pacteado com hum espirito que haja bom tempo , e outro com outro para que haja tempestade ?* Responde-se , *que acontecerá o*^{P. 183.}*que Deos quizer.* He muito verdadeira esta resposta , mas não dissolve a difficuldade. Quem affirma , e defende , que feito qualquer pacto se diffunde logo por todo o Mundo a sua noticia , e virtude , e que dura sempre esta lei ; não considera o embaraço,

e confusão que haveria em todo o Universo, originada por tão diversos, e contrarios pactos. Não o considerou o Adversario quando escreveo não ser maravilha que hum demonio o communique logo aos outros *por todo o Mundo*, e que por este motivo

Apol. p. 182. *favoreçam com effeito as pravas intenções daquelles que a elles recorrem, durando-lhes sempre esta sua*

Pub. Fel. c. 11. *assistencia.* Bem disse Muratori, que os pactos tacitos, em ordem á saúde, são *mais difficeis de entender do que as mesmas curas.* He do mesmo teor

Off. p. 75. *affirmar-se nas Observações, que o demonio se empenha em concorrer promptamente, obrando portentos, e maravilhas; e que até os do vulgo tem poder, e faculdade, como outro qualquer, para pactearem, e fazerem alliança com o diabo.* Se tão faceis, e effectivos fossem semelhantes pactos, quantos recorreriam a este malvado refugio, para possuirem riquezas, para satisfazerem as ardentes paixões, e faciarem seus animos vingativos. He claro, que sempre taes prodigios, cuja crença se vê derramada pelo vulgo, se vem a manifestar por tempo serem illusões, e chiméras. Pergunte-se aos Senhores Inquisidores, como tantas vezes o temos feito. Sahe agora á luz a douta obra do Senhor Inquisidor Maccarinelli sobre os casos reservados, e diz, tratando desta materia: *Expertus sum pro munere quo a multis jam annis fungor, sortilegia, maleficia, incantationes semper optato caruisse effectu.* Te-
nho

Exercit. p. 320.

nho experimentado , por causa do emprego que exercito ha muitos annos , carecerem sempre os sortilegios , os encantamentos , e os maleficios , do desejado effeito. Cremos , sem receio de temeridade , que ha quem diga , não terem as desejadas consequencias as superstições , e as feitiçarias , *por faltar a fé no demonio.* Que diremos das fabulas a que o povo dá credito , affirmando , que se fazem escripturas com o diabo , assignadas com o proprio sangue ; e que depois se disputa sobre a obrigação de as recuperar ; e entregar ao diabo o que elle lhes deo ? Poderia quem malignamente buscasse ridiculizar a existencia dos demonios, imaginar, e inventar mais ?

Apol.
p. 171.

Não he do nosso intento dizer, que he licito negar as appareções do demonio, o qual não só appareceo a tantos Santos , conforme se lê nas suas vidas, mas até ao mesmo Salvador. Hũa cousa he que permita Deos que appareça em alguma fórma ás almas santas, para as tentar , e levar ao seu triumpho ; outra o apparecer aos infelices ; e isto por ser invocado. No Testamento Velho , e Novo se não lê , nem tampouco nas exactas Historias Ecclesiasticas , que apparecesse o demonio aos homens malvados, e com elles longamente praticasse , como era preciso, para os instruir em huma Sciencia escura , e mysteriosa , qual affirmam que he a Arte Magica. Era impossivel aprendê-la sem tempo , e diligencia , pois não ha livros que a ensinem. Não serve para prova da pre-

sente controversia o ter algum Santo Padre feito menção de pactos em outro sentido, sem tratar esta questão, e sem bem examinar hum tal ponto; serve, porém, de prova o ver, que muitos Padres, que fizeram memoria da Magia, não fallassem huma só vez de pactos que com o diabo se estipulassem, como observou o Adversario. Diz na verdade huma só vez, que S. Agostinho *claramente reconheceu os pactos tacitos*; mas bem depressa emenda, afirmando, que os Antigos julgaram, que se não faziam *pactos, nem convenções*; e notou, que tendo dito S. Agostinho duas vezes *quasi pacta*, declarara assim, *que não havia pactos verdadeiros*.

Apol. p. 27.
Ibid.
P. 179.

C A P I T U L O IV.

Nunca disse o Auêtor da Arte Magica abatida, e dissipada, que houvera Arte Magica antes da vinda do Salvador.

Art. M. D. P. 5. **N** Aquelle Opusculo se lem estas palavras: *Não nos assombremos com a verdade, e realidade das obras magicas que achamos no*

P. 27. *Testamento Velho*. Encontra-se em outra parte: *Por verem em muitos lugares do Velho Testamento, que houve nesse tempo Magia, argumentam que ainda agora existe*. Prosegue dizendo, que então fazia o demonio ver algumas vezes maravilhas. Vem todos muito bem, que a Magia se não

nomêa aqui por Arte, e que de taes palavras se não póde deduzir ter sido naquelles tempos frequente, e usual a sua prática, gozando reputação, e dominio. Não obstante haver quem diversamente explique o facto dos Magicos de Pharaó, e exclua a verdadeira Magia, o Auctor mostrando-se antes do commum sentimento, absolutamente affirma, que são *verdadeiras, e certas* aquellas operações magicas; mas que não he justo, e preciso hallucinar-se com huma tal *realidade, e certeza*, e inferir da verdade huma mentira. Que razão ha para que os Adversarios entendam tão sinistramente estas palavras, que pretendem estar nellas concedido, que a Magia verdadeiramente existira antes da vinda do Salvador, e que era então válida, e poderosa, *dominando, e florecendo*?

Explica-se assim a *Apologia: Segundo o Au-* P. 46.
65.83.
191.
tor gozavam naquelle tempo as operações magi-
cas o credito de verdadeiras, e certas. Quanto he
differente o sentido! Lê-se na mesma pagina *reina-*
va naquella idade a Magia diabolica, e gozava a
opinião de verdadeira, e segura. Como está falsifi-
cada a intelligencia! Duas vezes mais se argumenta
com *a verdade, e segurança*, accrescentando-se, que,
segundo o Auctor da *Arte Magica abatida, e dis-*
sipada, florescia em tempo de Seneca a Magia. P. 65.
Quando sonhou elle tal? O haver dito, que he ver-
dade, e seguro quanto na Escriptura se narra, he

por ventura conceder que era entaõ a Magia huma Arte que reinava , e florescia ? Semelhante discurfo tem poucos mais quilates daquelle que se lê nas *Observações* , no qual se affirma , que o mostrar-se *na* Off.p. *Dissipada* ter Plinio zombado da Magia *he negar a* 9. *verdade , e segurança dos antigos encantos magicos* , em outra parte affirmados ; isto he , dos encantos que temos no Testamento Velho.

A primeira heresia , e o mais antigo erro que deo causa a mil embarços , e defordens no Universo , foi a crença de dous principios ; hum do bem , e outro do mal. Naõ podiam comprehender como houvesse tanto mal no Mundo , sendo motivo de tudo o mesmo Deos ; aquelle Senhor que he summo Bem, e de quem procedem todos os bens. Ignoravam que sabe Deos até do mal tirar o bem , e que o mal particular concorre , e contribue para a ordem do Orbe , e perfeiçaõ do todo. Naõ podiam entender ser impossivel haver hum primeiro principio do mal , assim como ha hum primeiro , e universal principio do bem ; porque procedendo todos os entes daquelle , naõ poderia existir hum contrario de quem procedesse o mal. Em quanto ao que he sómente verdadeiro mal , isto he , o peccado , naõ conheciam a differença que se dá entre o produzi-lo , e permiti-lo, ignorando que ha em todo o peccado acçaõ , e defeito ; e que sendo Deos causa da acçaõ , como Auctor de todo o movimento , o naõ he

he do defeito , que provém do arbitrio. Ninguem coxêa sem ter a força necessaria para o movimento ; mas nem por isso se imputa o coxear á força , mas á perna que falta , e coxêa. Faltando antes de Manes , e Marcion estas considerações , se espalharam tantos erros por toda a parte. Aos Manicheos , que abraçaram com esta outras mais loucuras , dizia S. Agostinho : *Duos enim deos , unum bonum , alterum malum esse perhibetis*. Nasceo de tão estranho supposto haver nos primeiros seculos quem em vez de recorrer ao verdadeiro Deos invocava o imaginado. Querendo o supremo Senhor por seus altos fins , respectivos áquellas gentes , permittir , mas mui raras vezes , que o demonio satisfizesse aos desejos de quem não o conhecendo o implorava , se chamou a hum tal recurso Magia. Com que fundamento , e auctoridade , pois , diz o Apologista , alludindo ao poder que o demonio tinha naquelle tempo , *quanto não obrava ? que estupendos effeitos , que prodigios , e que maravilhas não produzia ?*

De
mor.
Ecc.
Cath.
l. 1. n.
16.

Apol.
P. 62.

Que razão ha para se dever crer que he tal Magia huma Arte ? Ha para isto algum indicio , ou vestigio na sagrada Escriptura ? Affirma-se , por ventura , ser preciso estudo para a saber ? Observem-se os factos que ahi se referem. Em que lugar se encontra que se usasse dos gestos , dos circulos , dos triangulos , das hervas , pedras , caracteres , e ce-

Nat.
Deor.
l. 1. n.
31.

remonias ? Ora se de nenhuma cousa semelhante a estas se faz menção , com que auctoridade se nos persuade , e vende , que a Magia era huma Arte , e Arte longa , e profunda , e que por sua efficacia se obravam admiraveis , e portentosos effeitos ? O infeliz que se arrojava a tanto excessso , voltava as costas ao Deos verdadeiro , e dirigia o seu coração ao auctor do mal , pedindo-lhe o que desejava. Aqui começava , e acabava a Arte ; pelo que era cousa muito breve a Magia. Estes eram os encantos Egyptios , e os arcanos nomeados no Exodo. Principalmente no Egypto , primeiro talvez do que em outra parte , tomou forças , e se divulgou esta demencia ; que demencia lhe chamaram até os mais sabios Gentios. Ouça-se a Cicero : *Cum Poetarum errore conjungere licet portenta Magorum Ægyptiorumque in eodem genere dementiam.* Como se pôde dizer que reinasse , e floreceffe então a Magia ? Lem-se no espaço de tres , ou quatro mil annos , dous , ou tres factos portentosos. Podemos dizer por isto , que estivesse a Magia em uso ? que tivesse credito , e ordinaria frequencia ? Pelo contrario se deve deduzir , que não era Arte , porque se o houvera sido , muitos a poderiam ter aprendido , e transmittido de mão em mão : seriam frequentissimas as suas maravilhas , e os seus casos : como muito frequentes , tem sido julgados pelos que modernamente suppõe a existencia da Arte Magica. Nas *Observações* se crê ha-

ver-

ver-se reduzido o Adversario a hum extremo absurdo, dizendo: *Logo nunca realmente houve Arte Magica, nem ainda antes de Christo.* Off.p. 57. Aqui verá o clarissimo Auctor das *Observações*, que nunca existio; e juntamente verá quaõ apartada he do bom discurso a consequencia que improvifamente tirou: *Logo as magicas obras do Testamento Velho foram imaginárias, e suppostas*; como se fosse impossivel invocar o demonio sem huma Arte, e o demonio não podésse executar o que Deos lhe permittia, sem antes o ter pacteado. A Arte tem preceitos certos, e regras seguras, as quaes postas em prática se consegue o fim. Como he possivel que tenha a Magia estas regras? Poderia Deos permittir algumas vezes ao demonio que fatisfizesse, e pagasse as solícitas preces de algum malvado. Bastaria isto para daqui nascer huma Arte? Corresponderia só por isto o demonio á virtude, e por efficacia de huma Arte? Houve Gentios impostores que pelo decurso dos tempos pretenderam que a Magia fosse Arte. Foi cabeça destes Porphyrio, segundo refere Eusebio na *Preparaçã Evangelica*. L.5. c. 7. Inventou que os deoses, isto he, os demonios, ensinaram *quibus ipsi rebus aut delectentur, aut vinciantur, imo quibus etiam cogantur: quibus item hostiis rem sacram fieri, quas dies caveri, quam in formam, aut speciem simulachra configurari oporteat.* Bem se vê que tudo eram ficções, e falsidades, para dourar as impetu-
sturas

sturas daquelle tempo ; mas já se desvaneceram taes idéas , e de todos he sabido que não tem escolas o demonio , e que he espirito , não tendo para com os corpos naturaes averção , ou sympathya.

Não he alheio de toda a razão imaginar, que o dirigir a mente ao demonio seja huma Arte difficil , sublime , e cheia de occultos mysterios , assim como a crem , e inculcam os Adversarios ? Suppostos os seus mefimos pensamentos , que outra cousa era , ou he a Magia , senão fazer hum certo atado , mover huma alfaia , manozear aquella herva , mostrar certa figura , e dizer aquellas duas , ou tres palavras , tudo segundo o que o demonio estipulou no pacto. Ha de esta execucao constituir huma Arte , ou Sciencia ? Não havia , nem ha já necessidade de saber a propriedade dos corpos naturaes para delles escolher o que mais pareça agradar ao demonio : segundo os contrarios , tem o demonio assaz ensinado quando contrahe o pacto : tu farás isto , e eu farei estoutro. Que cousa mais facil , e breve ? Em que mais consistirá esta Arte escondida, e seus mysterios ? Em que livro estão *as regras , os preceitos , as longas ceremonias , e os estudados ritos* , pelos quaes se veja *esta Profissão* reduzida a *principios* , como se fosse *Arte verdadeira , ou Sciencia* , segundo a defende o Adversario ? Humildemente supplico aos eruditos Adversarios , que lançando de si a quasi ingenua prevencao , usem de seu bom entendimento , e isto

e isto só lhes bastará. Se fosse verdade o que imaginam, seria necessario que o diabo apparecesse, não só huma vez, mas que tivesse repetidas, e familiares conversações com o Magico, para o instruir, como he necessario quando se aprende huma ampla, e implicada Sciencia. Das Feiticeiras escrevem os Adversarios, *que se determinam a abjurar a Fé*, ^{Apol. p.107.} *e prestar vassallagem a Satanás, porque estão instruídas, que de outra maneira se não póde alcançar o intento.* Não se podem dar semelhantes instrucções, nem se podem comprehender em hum momento; nem em hum momento póde o demonio *communicar aos Nigromantes o segredo da Arte* ^{Off. p. 80.} *Magica.* Seja-me permittido perguntar: He possivel que fallando assim, se faça sériamente? Póde o sentido commum abraçar taes pensamentos?

C A P I T U L O V.

Inválida, e de nenbuma subsistencia he a razão sobre que principalmente se funda quem defende o poder, e efficacia da Arte Magica.

PArece aos Adversarios, que he argumento insuperavel comminarem as Leis pena de morte contra os que professam a Magia, o que affirmam se não faria se a Magia fosse tentativa inválida, malicia inefficaz, e delicto sem effeito. Usa muito deste argumento o Senhor Tartarotti: *Todas*
as

Cong. *as Leis Divinas , e Humanas , Civis , e Ecclesia-*
 P. 357 *sticas , condemnaram sempre os Magicos a pena de*
morte : como he crível que se procedesse a tanto,
senaõ tivesse a Magia produzido algum effeito real ?
 Se os Legisladores *soubessem por experiencia que os*
 Cong. *Magicos promettem muito , e nada fazem ; que se*
 p. 423 *vangloriam de hum grande poder , mas que tudo*
 Apol. *saõ palavras sem effeito ; tenha-se por certo que*
 p. 85 *naõ promulgariam Leis penaes contra os seus ga-*
bos, e vãas jaçtancias, ou ao menos naõ seria a pe-
na capital. Tem alguma apparencia de verdade este
 argumento para quem mais naõ adianta o seu co-
 nhecimento. Servem-se delle repetidas vezes os
 Adversarios , mas certamente com grande , e mani-
 festo engano.

Exod. Começemos pelas Leis Divinas : *Maleficos*
 22.18. *non patieris vivere. Naõ consentireis que os Ma-*
leficos vivam. Quem fazia esta profissãõ renunciava
 ao Deos verdadeiro , e vivo , e rendia culto áquelle
 que imaginava fer-lhe contrario ; ou ao menos pro-
 curava fazê-lo imaginar , e crer aos outros, desvian-
 do-os assim da sãa Religiaõ , e tornando-os peores
 que os Idolatras. Ora naõ era este crime de lesa Ma-
 gestade Divina, e naõ era digno de morte quem o cõ-
 mettia , ainda sem lhe ajuntar outra alguma malda-
 de ? Encontra-se presentemente quem se persuada
 que as magicas tentativas tem exito , e conseguem
 o desejado effeito , porque he a sua prática em mui-
 tas

tas Dioceses (e talvez que em todas) caso reservado. Sem recorrer a outras reflexões , basta sómente o cõmetterem a indignidade de invocarem frequentemente o diabo , e o fazerem abuso , e vilipendio das coufas sagradas. Não he isto assaz para o constituir hum dos peccados mais execrandos ? Se por exemplo houvesse alguém que com intenção de matar ajuntasse ás mais ceremonias huma Particula confagrada , não faria hum peccado horrivel , ainda que a morte se não seguisse ? Desta natureza são ordinariamente os argumentos de que se valem em favor da Arte Magica.

Vamos ás Leis Civís. Diz assim a *Arte Magica abatida , e dissipada* : *Não tenho memoria* ^{P. 19.} *que nas Leis Gregas , que nos Historiadores tanto se encontram , menção se faça deste delicto.* Admira-se o Senhor Tartarotti de escapar aos olhos do Auctor hũa Constituição de Leão o Sapiente. Muito tempo ha que o Auctor trabalha , e já tem feito não pequena collecção para accrescentar , e ampliar com melhor ordem as doudas fadigas de Meurfio , e de Petit ; mas nunca lhe veio ao pensamento incorporar nas Leis dos Gregos as Constituições promulgadas em Constantinopla nos seculos Christãos nono , e decimo. Diz Cujacio destas Constituições em as suas Observações : *Tantum abest ut aliqua sit* ^{Obs. I.} *apud nos auctoritas , ut nec ætate ejus unquam ob-* ^{17. c.} *tinuerint.* ^{31.} O que faz, porém, mais ao nosso caso he, que

que em nenhuma das Leis das Republicas Gregas se fez menção de Magia. Nas Leis Romanas a Cornelia dos *Veneficos* deve entender-se propriamente dos que matavam, ou tentavam matar com veneno. O Auctor das *Observações* he tão ávido em se fundamentar nas Leis, que até cita as do *Digesto de Justiniano*. O primeiro Jurisconsulto que fallou em Arte Magica foi Julio Paulo no tempo de Severo Alexandre: *Magicae Artis conscios summo supplicio affici placuit: id est, bestiis objici, aut cruci suffigi: ipsi autem Magi vivi exuruntur*. No mesmo titulo das Sentenças se vê quaes foram os seus delictos: era o celebrarem *sacra impia nocturna*que, e em tal cerimonia *interficere*: segue-se depois, *qui hominem immolaverint, &c.* Estes eram os delictos, esta era a realidade, sendo os seus gabos illusões, e enganoso, como se lê no 1. §. do titulo 21. de *Vaticinatoribus*, &c.: *Vaticinatoribus, qui se Deo plenos assimulant*. Fez Constantino Leis contra os Magicos; mas como havia então quem se jactava de curar, de livrar de tempestades, e obrar outras cousas uteis; enganado por falta de informação, promulgou huma Lei, na qual ordenou, que não fossem reputadas por delicto estas suas obras.

Era bem diversa a prática no tempo de Constancio, no qual se condemnava á morte quem *anile incantamentum ad leniendum adhibuisset dolorem*, como escreve Ammiano. He certo em summa, que mal-

O ff. p.
75.Sent.
l. 5. c.
23.Cod.
Th. l.
9. t. 16.

L. 3.

L. 16.
c. 8.

malvada, e mortalmente nociva ao genero humano se reputou sempre a Profissão da Magia, e por esta causa foi pelos Legisladores condemnada com morte atroz.

Poder-se-hia aqui fazer esta reflexão: Dado que se persuadissem os Auctores de algumas Leis, de que os Magicos conseguiam o de que tanto se vangloriavam, nem por isso adquiria auctoridade humana semelhante crença. Sendo erro commum, que admira se até estes o não conheceram, e suppozeram? He de considerar, além disto, que ordinariamente eram dirigidos estes estratagemas a fins malvados, a enormes assassínios, e a roubar; e muitas vezes para se executarem vinganças: *Ut quisque suos conficiat malis artibus inimicos.* Como se admiram, pois, que se condemnasse ao ultimo supplicio gente tão perniciosa? De nada serve darem duas vezes em resposta, que *cogitationis pœnam nemmo patitur.* São muitos os casos, nos quaes *consilium uniuscujusque non factum puniendum est*; e nesta materia exactamente ordenou a Lei: *In maleficiis voluntas spectatur, non exitus.* He precisa, e clara a Lei; e segue-se depois aquella, pela qual se condemna *qui mala sacrificia fecerit.* Não val aqui a differença que nos mais delictos se faz entre o executar-se, ou não a vontade. Da mesma forte condemna outra Lei doCodigo Theodosiano á morte todo o que, *aut nefarias preces, aut magi-*

Cod.
Th.de
Malef.
l. 5.

Cong.
p. 422.

Apol.
p. 46.

Sent.
lib. 5.
tit. 23.

D. 1.
48. 4.
8. l. 14.

De
Malef.
l. 7.

cos apparatus , aut sacrificia funesta celebrare conetur , sem requerer , nem mais averiguar se tiveram , ou não effeito. Ajuntaremos mais esta reflexão : Quando , segundo a Lei , se crucificavam , ou queimavam os Maleficos , não se punia o desejo , ou pensamento , castigava-se o facto ; isto he , os encantos , e os maleficios , ainda sem haver outros delictos ; pelo que não he a proposito a Lei : *Cogitationis pœnam nemo patitur*.

Outra reflexão devemos fazer , que se os Adversarios a fizessem , não teriam julgado tão forte este argumento. Eram os Professores da Magia gente vil , e malvada , e que não buscavam , e tentavam sómente grandes enormidades , mas as commettiam. Matavam com diversos , e inauditos modos , procurando á força de horribilidades que fossem acreditadas as suas mentiras. Temos em Horacio huma descripção particularizada , com a qual se põe á vista huma das maneiras , e fórmãs praticadas. Trazem as Feiticeiras , ou Magicas , como outros lhe chamam , hum innocente menino preso : rompem-lhe a pretexta , e a insignia de nobre , para delle fazerem sacrificio aos infernos. Juntam muitas cousas estranhas , entre as quaes são as pennas do nocturno passaro , chamado *Strix*. Huma dellas abre a cova , em que metem este infeliz , estendido de forte , que o anterior da cabeça , e corpo lhe fique de fóra. Debilitam-no , e enfraquecem-no por longo tempo , che-

chegando-lhe perto da boca varias fortes de manja-
res ; e quando já está espirando , o abrem , e lhe ti-
ram o figado , e as demais entranhas. Servia tudo
isto para compôr huma medicina amatoria , em or-
dem a que voltasse a Canidia o seu galan que a dei-
xara. Eis-aqui a natureza da Magia ; e eis-aqui por-
que se deve punir com morte atroz , ainda que seja
frustrada a sua diligencia , e não alcance os imagina-
dos , e desejados fins. Desenterravam os cadaveres
dos sepulchros , e serviam-se de seus membros , e
ossos. Além de outras horribilidades foi sempre
particular emprego seu enfurecerem-se contra os
meninos. Lemos em Lampridio , que Heliogabalo,
o qual tinha junto a si todo o genero de Magicos ,
se delectava em observar as entranhas dos meninos
exta puerilia. Temos em o conciso Diaõ , que Di-
dio Juliano *matara muitas crianças* para fazer en-
cantos; e que Avito *juntava por Arte Magica mui-
tos meninos, e delles fazia crueis sacrificios*. Lê-se
em huma Epistola de S. Dionysio, Bispo de Alexan-
dria, referido por Eusebio na sua Historia , que hum
dos primeiros Magicos do Egypto exhortara o Im-
perador Valeriano a emprehender *execrandos en-*
cantos , e que lhe aconselhara *ajuntasse desgra-*
çados meninos , sacrificasse os filbinhos de pais in-
felices , e abrisse as entranhas dos recém-nascidos.
No mesmo Eusebio lemos de Maxencio , que co-
roara as suas maldades com a Magia, ora abrindo

Eu-
feb. l.
7. c.
10.

Cap.

14.

as mulheres pejudas , ora examinando entranhas de crianças , e obrando outros nefandos feitos para invocar os demonios. Sparciano escreve , que tivera Juliano hæc amentia , ut per Magos pleraque faceret. Que isto praticasse se vê na Tripartita de Casiodoro , aonde se lê , que as suas feitiçarias depois da sua morte compertæ sunt. Em hum Templo da

L. 6.
c. 48. Cidade de Carra , no qual secretamente tinha entrando , se achou o cadaver de huma mulher , pendurado pelos cabellos , cujo ventre tinha sido por elle aberto , *ut Persarum victoriam in jecore ejus inspiceret. Acharam-se no seu Palacio de Antiochia muitas caixas cheias de cabeças humanas , & innumera in puteis demersa corpora mortuorum. Este era o procedimento dos Magicos , que o Senhor Tartarotti julga não deviam ser castigados com pena de morte , porque não conseguiam o que tão malvada , e desatinadamente pretendiam. Para prova do que*

Amm.
l. 29.
c. 20. praticavam com os meninos, escreve Ammiano , que no tempo de Valente , confessara Pollenciano Tribuno ter extrahido de mulher viva o feto antes do parto , *infernis manibus excitis. Não estão os modernos tempos inteiramente livres de semelhantes maldades. Referem as Observações o princípio de hum Breve de Leão X. contra os que renunciavam o Sacramento do Baptismo , renegavam do Senhor , e que para obrar huma acção grata ao demonio , in necandis infantibus passim studebant. Eis-aqui*

por-

porque os Magicos foram sempre o horror do genero humano ; e eis-aqui porque eram chamados ^{Cod. Th.de} Maleficos, *ob facinorum magnitudinem*; e appellida- ^{Mal. I.} dos *Forasteiros na humanidade* , não conhecendo os ^{4.} seus primeiros movimentos : *Hos , quoniam naturæ* ^{L. 5.} *peregrini sunt, feralis pestis absumat.* Eis-aqui finalmente porque todos os Magicos, *omnes Magi in quacunque sint parte terrarum, humani generis inimici credendi sunt* ; e esta a causa porque as Artes Magicas eram *etiam Paganis horrendæ* , como ^{Contr. Andr.} escreve Gelasio Papa. Veja-se agora se a pena capital daquelles malvados devia depender de conseguirem , ou não os fins ridiculamente por elles exaggerados. Certamente se não affirma na *Arte Magica Abatida , e Dissipada* , que seja a Magia *humana* ^{Apol. p. 86,} *mentira , e hum chiméra* , como se nos oppõe ; porque era impossivel tratar assim tão horriveis impiedades : póde , porém , ser reputada esta Arte por mais inutil do que a chiméra , e pelo maior dos enganos, attendendo ao que estes falsarios, e velhacos nesciamente procuravam , ou affectavam conseguir.

Naõ deixaremos de fazer memoria de outro argumento ainda mais engraçado, que o referido, e sobre o qual ha quem faça muito fundamento. Alguns dos contrarios argumentam assim : Em muitos livros antigos se faz menção de Magicos , e da Magia , dando-se-lhes varios nomes : logo existia a Arte Magi-

ca, e não he coufa sonhada. Parece-lhes q̃ desta maneira fica evidente a sua sentença : como se o fazer-se menção fosse o mesmo que affirmar a sua validade, e efficacia ! Antes pelo contrario, vendo-se tantas vezes mencionados na Escriptura os Hariolos , os Adivinhos , Pythonissos , Encantadores , Magicos, e Maleficos , sem nunca se encontrar passagem que falle da sua efficacia , e lhes attribua effeitos , ou attributos de poderosos , e capazes de obrar , se conhece , e com segurança , que tudo era vaidade , e mentira , e que nada conseguiam por virtude , e efficacia da Arte. He muito antigo o senhorear a cada hum o desejo de saber , e poder mais que outros ; e muito mais commum o procurar ser assim reputado , e estimado. Nasceo daqui o darem-se muitos , ou affectarem darem-se ao conhecimento das coufas occultas. Houve alguns , que deram credito ao malvado numen que imaginavam, aindaque o imploravam vãa , e baldadamente : mas os demais sómente procuravam fazê-lo crer ; e, enganando o vulgo , se gloriavam de ter commercio com ignotas deidades, fingindo que por ellas sabiam o futuro , e que tinham o poder de revocar os mortos , e matar com modos estranhos , e desconhecidos a quem lhes dava na vontade. Nunca faltou grande copia de loucos , e de malvados , que se apresentavam em figura de Magicos ; porém lendo-se na Escriptura , que em tantos , e tantos seculos ,

ape-

apenas se encontra , segundo huns , hum caso , e segundo outros , dous , ou tres , nos quaes permittio Deos ao demonio obrar prodigios , para favorecer a quem a elle recorria , claramente se conhece que succedera isso por huma insolita , e extraordinaria permissaõ do Senhor , e naõ por effeito de Arte , pela qual se obrigasse ao diabo , e se vissem frequentemente prodigios , e maravilhas. Diverte , e entretem observar a ostentaçaõ que os Adversarios fazem de Concilios , e Leis , que prohibem , e castigam semelhantes maldades , e loucuras ; como se assim mostrassem a sua validade , e o feliz cumprimento de taõ vãas promessas.

Naõ falta quem para asseverar a existencia da Magia se funde muito nos Oraculos , mostrando a grande affinidade que com ella tem. Lêa-se sobre esta materia a Eusebio na *Preparaçaõ Evangelica* , aonde absolutamente mostra , que tudo eram engan- Præp.
l. 4. c.
1. n. 2. nos , e ficções dos Sacerdotes Gentios , como elles mesmos muitas vezes confessaram , sendo conduzidos aos Tribunaes Romanos. Diz S. Clemente Alexandrino , que todas aquellas respostas naõ podiam ser senaõ imposturas. Quem quizer plenamente saber que cousa foram os Oraculos , lêa o Pseudomante de Luciano. Herodoto , cujos escriptos estaõ Her. 1. cheios de Oraculos , põe a sua primeira origem em ^{2.} duas mulheres. No Livro da Sabedoria está escripto , que perguntando o Idolatra ao idolo sobre os

Sap. xiii. 17. & 19. seus bens , e filhos , *non erubescit loqui cum illo ; qui sine anima est* ; e lê-se tambem , que *de omnium rerum eventu petit ab eo qui in omnibus est inutilis*. Se tivesse residido nos idolos o demonio , e por elles respondido , não teriam sido as deprecações , e instancias feitas a coufas inanimadas , e furdas , e não teriam sido os idolos inválidos , e inuteis para tudo. Não he de Fé , como alguns quizeram persuadir , que o demonio respondesse ás perguntas que se lhe faziam. Nisto se accommodaram alguns Santos Padres ao uso commum de fallar , e podendo até com tal supposto mostrar a vaidade , e falsidade da Religião Pagãa , não cuidaram em profundar mais. Todo aquelle , porém , que sériamente considerar neste ponto a auçtoridade , e a razão , claramente verá , que tudo eram enganos dos que disto viviam , e enriqueciam. Quem poderá crer que permittisse Deos por longo curso de seculos ao demonio fazer prodigios , para acreditar , e auçtorizar a idolatria , e que permittisse tambem fallarem as estatuas , ouvindo estas , e respondendo ás perguntas , ainda occultas , e escondidamente propostas ? Teriam escusa os Pagãos , obstinando-se na sua Religião , em favor da qual militavam continuos , e visiveis prodigios. Infinitas vezes se descobrio , e conheceo serem dolos. He noto que na Grecia a maior parte dos Philosophos os escarneciam , e entre outros os Peripateticos. Não houve em Roma Oraculos , e mui-

muito pouco se fallou delles na Italia. Nomêam
 muitos Escriptores quaes fossem os Auctores da-
 quelles informes versos, indignos de Apollo, cheios
 até de erros de Profodia : lêa-se a Diodoro. Apon-
 ta Plinio huma raiz de que usavam, *ad confirman-*
das superstitiones, os que vaticinavam, para se mo- L. 21,
 strarem transportados. Nimiamente crédulo he o c. 31.
 Auctor do *Congresso*, o qual julga que, ainda sem
 o diabo, *certo vapor* pondo em movimento o san- Cong,
 gue, e espiritos da Pythonissa *lhe excitava na men-* p. 128,
te aquella actividade, e furor, que a fazia capaz
de desatar as duvidas, e dar as respostas. Entende
 tambem, que certas circumstancias rendiam as Si-
 byllas *aptas a predizerem as cousas futuras.* Ibid.
 Quem assim pensa, não admira que tambem creia
 na Arte Magica.

Naõ devemos omittir, que ainda que se conce-
 da houvesse antigamente Oraculos, se não póde ne-
 gar ao menos que todos emmudeceram com a vinda
 do Salvador, e de maneira que até cessaram as fic-
 ções. Escreve Plutarco do seu silencio. Testifica Eu- Præp,
 sebio, que no seu tempo os não havia, e que total- l. 5. c.
 mente estavam callados os vaticinios. Que se não 2.
 ouviram depois de Christo, attesta S. Athanasio com
 estas palavras : *Quando se callaram, e desvanece-* De In-
ram os Oraculos dos Gregos, e de todo o Mundo, carn.
senaõ depois que na terra se manifestou o Salvador? c. 1. n.
 Escreve S. Jeronymo sobre Isaias ; *Post adventum* 46.
T. 4. c.
503,

Christi omnia idola conticuerunt. Ubi Apollo Delphicus, & Loxias, Deliusque, & Clarius, & cætera idola futurorum scientiam pollicentia? A razão porque se chamasse a Apollo *Loxio*, isto he, Obliquario, ensina o Etymologico. A voz, e fama, que de tal nos posteriores tempos se ouvio, não foi acceita; e se alguma ficção se ordio, foi desprezada, e escarnecida: estavam já callados os famosos sacrarios. Nomeando S. Gregorio Nazianzeno os mais celebres, se ri do seu silencio. Assim como depois de Christo cahio, e se desvaneceu toda a reputação dos Oraculos, da mesma forte faltou todo o credito da Magia. Pretende o Adversario, que até o antiquissimo, e barbaro uso de se immolarem em alguns paizes humanas victimas, proceda da Arte Magica; e que estes foram sacrificios magicos, os quaes sendo praticados em tão diversos, e distantes paizes, só podiam ser ensinados pelo demonio; o que he igualmente falso. Achilles, que nunca se deleitou com a Magia, sacrificou á alma de Patroclo doze nobres mancebos Troianos, segundo refere Homero. De Saturno escreve S. Jeronymo: *Tantum fuit apud veteres religio, ut ei non solum humanas hostias captivorum, ignobiliumque mortalium, sed & suos liberos immolarent.* Está em Porphyrio, que o uso de sacrificar homens fora recebido em varias partes; e que disto estava cheia a Historia Phenicia de Sanchoniathon, que Philo traduzio

Orat.
4.

Apol.
p. 39.

T. 4. c.
144.

L. 2.

duzio em Grego. No mesmo Porphyrio se vê, que Pallas, que juntou quanto pertencia *aos mysterios de Mitra*, affirmara ter Hadriano abolido, de quasi todo o Imperio, o sacrificio de homens. Pouco veridica he esta sua asserção, porque já tinham sido prohibidos antes; e delles se ouvio fallar alguma cousa depois; mas nem em promovê-los, ou abolir-los, teve a Arte Magica parte alguma.

CAPITULO VI.

O crerem alguns Santos Padres em quem lhes contava as maravilhas da Magia, não nos põe na obrigação de a crermos.

REconhecendo-se os Adversarios talvez destituídos de razão, fazem a guerra com citações; e achando nos Padres alguma auctoridade favoravel, instam, e não cessam de a oppôr, e de ostentar, exaggerando quaõ grande temeridade seja querermos contrastar taõ veneraveis Doutores da Igreja. Não se lembram primeiramente das muitas passagens dos Santos Padres, que na *Magica Dissipada* allegámos em abono da nossa sentença; e não pensam que nos podemos valer destas armas, e que de facto dellas nos valemos. Para ser decisiva a auctoridade dos Padres he necessario o seu consenso, e unanime doutrina. S. Vicente Lirinense, grande Defensor da Tradição, e dos Pa-

D iv

dres,

- Com. c. 4. dres , nos ensina desta maneira : *Quidquid non unus , aut duo tantum , sed omnes pariter uno eodemque consensu apertè frequenter , perseveranter , tenuisse , scripsisse , docuisse cognoverit , id sibi quoque intelligat , absque ulla dubitatione credendum.* Além disto , quem jámais ouvio que devam ser Leis em todo o caso as sentenças , e ditos dos Santos Padres ? Não he bem sabido , que se conformaram , assim como os mais , com muitos erros que eram communs no seu tempo ? Busque-se a Historia Natural , e se acharão exemplos. Ainda nas materias que tem relação com a Religião , não obstante o consenso dos Padres , ensinou o mesmo Lirinese : *Quæ tamen antiqua SS. Patrum consensus non in omnibus divinæ Legis quæstiunculis , sed solum , certè præcipuè , in Fidei regula magno nobis studio , & investiganda est , & sequenda.* Seguiram muitos Padres opiniões , que hoje se não admitem , mas que no seu tempo não estavam ainda declaradas , e condemnadas. Houve Padres Millenarios : alguns creram os corpos dos Anjos compostos de corpo aereo , e subtil : outros julgaram impossiveis os Antipodas. Citou S. Justino Martyr como authenticos os livros das Sibyllas , nos quaes estava claramente
- P. 35. *predito a futura vinda do Salvador , e tudo o que devia obrar.* Nem por isto esculpizou o douto Monge Editor , de lhe pôr esta nota : *Nibil sane suspicatus est Justinus , quamvis omnes horum librorum*

brorum pagine fraudem clamitent. Não só S. Justino, porém outros Padres deram credito áquelles versos. Tiveram S. Jeronymo, e S. Agostinho por legítimas as Epistolas de S. Paulo a Seneca, e de Seneca a S. Paulo. E não poderemos por esta causa dizer que são falsas, e ficticias, como na verdade o são? Não se póde negar, que assim as creram aquelles doutissimos Santos. Por este motivo numerou S. Jeronymo a Seneca entre os Escriptores Christãos: *Quem non ponam in Catalogo Sanctorum, nisi me illæ Epistolæ provocarent, quæ leguntur à plurimis Pauli ad Senecam, & Senecæ ad Paulum.* S. Agostinho as citou tambem: *Seneca, qui temporibus Apostolorum fuit, cujus etiam quedam ad Paulum Apostolum leguntur Epistolæ.*

T. 2.
P. 835.

Epist.
153. n.
14.

Isto supposto, quem dirá, que obste o veneravel nome de tão inclytos Doutores da Igreja, para se desprezar o que se tem conhecido pelo decurso do tempo por fingido, e por apochrypho? Não devemos demorar-nos, fazendo sobre este ponto maior indagação: basta saber que a concorde sentença dos Santos Padres só deve ser recebida, e venerada sem hesitação, quando se trata de Dogma; porque nestas circumstancias são documentos da Tradição. Esta lei não comprehende a Arte Magica, a qual não pertence ao Dogma, supposto o que os mesmos Adversarios escrevem: *Quæstio Fidei non est.* Accrescentemos o que ensinou S. Thomás na sua Summa,

P.
Staid.
P. 24.

na qual diz, que em todas as questões *magis standum*
 2. 2. *est auctoritati Ecclesie, quam auctoritati vel Au-*
 qu. 10.
 art. 12. *gustini, vel Hieronymi, vel cujuscunque Doctoris.*

Será bastante motivo o estarmos persuadidos da grande veneração devida aos Doutores maximos S. Jeronymo, e S. Agostinho, para julgarmos que procuram aproveitar-se da sua profunda doutrina os que devendo observar, e recolher os infinitos documentos que nestes Santos se encontram para explicação do Dogma, dos costumes, e da Disciplina, sómente repetem, e se recordam dos lugares em que estes Padres, seguindo a commúa opiniaõ, fallaram dos Faunos, dos Sylvanos, e dos Hippocentauros? Pretenderão, por ventura, fériamente aprender, empregando-se apenas em citar as partes aonde narram (segundo a voz que entaõ corria) alguns casos da imaginada Feitigaria? Vemos em
 L. 12. Plinio, que antigamente todos criam, que *Sylvanos*,
 c. 1. *Faunosque* pertenciam ás selvas, assim como os *Satyros*, que o mesmo Auctor reputa animaes. Julgou
 Civ. S. Agostinho que se devia dar credito a quem affirmava
 Dei, l. *Sylvanos, & Faunos, quos vulgo Incubos vocant,*
 15. c. *improbos sepe extitisse mulieribus*: da mesma forte
 23. de alguns demonios, *quos Dufios Galli nuncupant.* O mesmo Santo nos advertio: *Noli meis litteris quasi Scripturis Canonicis inservire.* Desta maneira se explica em outro lugar, com santa sinceridade, e humildade: *Negare non possum, nec debeo, mul-*

ta esse in tam multis Opusculis meis , quæ possunt justo judicio , & nulla temeritate culpari.

Antes de tudo, e principalmente, devemos advertir, não ser quanto temos referido necessario ; attendendo o não affirmar o Santo em parte alguma , que vira , ou julgara ; mas só , e simplesmente que dizia o que os outros relatavam. Em quanto a S. Jeronymo , podemos dizer que são aquellas vidas , ao menos em grande parte , como não poucas das suas Obras , Traducções.

Nem nos seus Commentarios á Escriptura , nem nas suas Epistolas , ou Obras mais famosas , mas só nas vidas de tres Santos , escriptas talvez para exercicio de estylo , (*aliud quippe est*, como diz em outra parte , *gymnasticos libros scribere , aliud dogmaticos*) he que inferta entre outros acontecimentos alguns factos de agradavel leitura pelo extraordinario, relatando-os fielmente , segundo as circumstancias com que communmente se recontavam. Acham-se lições varias em muitos lugares dos Mss., e naturalmente nasce a suspeita de se haver antigamente introduzido alguma alteraçãõ , ou addiçãõ. Sabem todos, que até por Auctores antigos se attribuíram já a S. Jeronymo outras muitas vidas. Veja-se a Prefaçãõ do clarissimo Editor o Abbade Valarsi. Só estas tres mereceram ser recebidas pelos melhores Criticos , e certamente que o principal de cada huma he do Santo, e merece toda a honra ; porém

rém se faõ seus aquelles periodos , que os Adversarios de boa vontade abraçam , nos não he prohibido examinar. Se já se fizeram correr vidas inteiras por suas, não era muito mais facil falsificar alguma ? Lê-se na de S. Paulo Eremita , que caminhando S. Antaõ pelo ermo , encontrara hum homem com pontas , e pés caprinos ; o qual sendo perguntado quem era , respondera ser hum daquelles que a cega

Tom.
2. p.7.

Gentilidade *Faunos* , *Satyrosque* , & *Incubos vocans colit*. Accrescenta , que este lhe pedira, em nome do seu rebanho , que orasse por elles *ao Senhor, que viera ao mundo para salvação de todos*. Alegrou-se o Santo , diz a mesma vida , vendo que *bestiae Christum loquuntur* ; depois do que velozmente *animal aufugit*. Achando-se depois S. Antaõ na morte de S. Paulo , e lastimando-se de não haver instrumento com que lhe abrisse a sepultura, appareceram dous leões , que depois de terem chorado *quomodo poterant* , lhe fizeram a cova ; e dahi começando a lamber os pés , e mãos de Antaõ , entendeo daqui, *benedictionem eos a se petere*. Outras cousas semelhantes se lem na vida de S. Hilariaõ ; aonde se conta , que humas chapas , em que estavam abertas varias figuras , e palavras , tinham a virtude de excitar furioso amor : refere-se ahi tambem, que *quotidie* lhe traziam animaes possessos ; e que quando andara pelo Archipelago , sahiam quantidade de demonios das Cidades , dos lugares , e Ilhas , e que

gritando o procuravam pelas praias. São desta qualidade as auctoridades sobre que edifica quem defende a Arte Magica. Seja-me licito expôr aqui hum lugar do douto Adversario o Senhor Tartarotti :

Em que tempo mereceram os Padres da Igreja , Cong. p.285.
ainda os mais conspicuos , que em materias não
pertencentes ao Dogma , nem aos costumes , se lhes
sacrificassem os mais bem fundados argumentos ,
recebendo fabulas , e recorrendo sómente ás pala-
vras , para se não regeitarem as suas auctoridades ?

Em fim , observamos , que em nenhum destes factos empenharam os Santos a propria fé.

Explica-se assim S. Agostinho : *Quoniam creberri-* Civit. Dei l. 15. c. 23.
ma fama est , multique se expertos , vel ab eis qui
experti essent , de quarum fide dubitandum non
est , audisse confirmant Sylvanos , & Faunos , &c.

Eis-aqui expõe o Santo como unico motivo em que estriba a sua fé, as asserções daquelles que o recontavam, e criam, assentando não ser justo duvidar do credito dos que lho haviam referido. Todos vem, que isto não prova senão o animo sincero do Santo , que julgava não poderem mentir os homens sérios , e de auctoridade. Recebendo aquelles periodos de S. Jeronymo como seus , he de advertir , que falla o Santo de coufas anteriores ao seu tempo , sem citar Auctor algum , pelo que he claro , que seguia tambem a fama ; e nem em este lugar , nem em todas as suas Obras , affirma , que visse alguma coufa de tal gene-

ro. Não impugnamos os testemunhos destes dous Santos , mas sómente os vulgares prejuizos , ordinarios no seu tempo. Tanta veneração professamos aos Santos Padres , que de boa vontade faremos cessação da causa , se nos mostrarem hum , que testifique a actividade, e efficacia da Arte Magica , asseverando ter presenciado alguns factos , e offerecendo-se por fiador.

Ainda se póde dizer mais. Os ditos dos Padres , que mostraram suppôr a Arte Magica na fé de outrem , não provam que elles mesmos a crearam , porque não era essa a questão ; nem della menção fizeram nesses lugares , pois se tratava de cousa muito differente. Ora he muito certo , que quando acontece tocar-se em cousa que he fóra da disputa, todos se explicam , segundo o uso commum de fallar. Os mesmos que se persuadem accender-se o raio junto da superficie da terra , e voar depois arrebatadamente ao ar , se explicam , isto não obstante , segundo a phrase popular , *cabio hum raio*. Nós mesmos , que escrevemos contra a Magia , usamos de termos , e expressões commuas , e de maneira, que pareceria a alguns , que admittiamos a sua validade, e existencia. Horacio , que avaliava a Arte Magica por cousa ridicula , e que julgava de necessidade , e decencia ao varaõ honesto , e virtuoso , escarnecê-la, como em seu lugar veremos , disse com tudo , fallando poeticamente de huma famosa Feiticeira :

Quæ

*Quæ Sydera excantata voce Theffala ,
Lunamque Cælo deripit.*

Epod.
5. &c.
17.
&c.
18.

E em outro lugar :

*Per atque libros carminum , valentium
Refixa Cælo devorare Sydera.*

Fez dizer a ella mesma :

*Quæ moveas cereas imagines ,
Ut ipse nosti curiosus , & polo
Deripere Lunam vocibus possum meis.*

O dito do Apostolo , *quis vos fascinavit* , commenta S. Jeronymo desta maneira : *Non quod scierit esse Fascinum , qui vulgò putatur nocere.* Não porque julgasse S. Paulo existir Fascinador, mas porque usou , e se servio da commúa expressão do povo , *Et ut in cæteris , ita & in hoc quoque loco verbum quotidianæ sermocinationis assumpserit.* Fallou S. Paulo , segundo o uso popular , e como se explica o Testamento Velho , aonde se vê o uso de nomes , originados das fabulas dos Gentios. Não se deve dizer que julgaram os fagrados Escriptores verdadeiras as Serêas , e os Onocentauros , por se nomearem em Isaias ; nem que admittissem as fabulas de Arcturo , de Orion , e das Pleiadas, porque em Job se dão estes nomes áquellas Estrellas. Seguiram o uso de fallar corrente , e assim fizeram os Santos Padres , quando lhe acontecia fazerem menção de Magia , ou de cousa que lhe pertencesse.

T. 7.
p. 417.

CAPITULO VII.

*Abusam os Adversarios de alguns monumentos
Ecclesiasticos.*

Apol.
p. 142.

D Evemos dar a mesma soluçãõ ás outras citações juntas pelos Adversarios. Insta muito a Apologia sobre hum Canon , em que se lê , que os Magicos *elementa concutiunt , turbant mentes hominum , ac sine ullo veneni haustu violentia tantum carminis interimunt*. Advertimos , que são aquellas palavras de Isidoro nas Etymologias , que Rabano Mauro copiou , e outro algum ; mas nenhum delles allega por prova , senão o Poeta Lucano : são tambem da mesma qualidade outros mais periodos daquelle capitulo , em que se faz menção de Circe , que transformou em animaes os companheiros de Ulysses , e do sacrificio dos Arcades em o monte Liceo, do qual o que participava, adquiria fórma de animal : ficção Poetica tudo. He do mesmo teor quanto se segue dos Nigromantes , por cujos encantos *videntur resuscitari mortui* , usando nelles do sangue , pois isto quer dizer *ser amado dos demonios* ; e até na Hydromancia o misturam , porque *adhibito sanguine etiam inferos perhibentur suscitare*. He bem manifesto , que referio Isidoro as ridiculas fabulas do vulgo , e que nem huma só vez lhe deo credito. Não obstante ler-

Nec
mirũ
Can.
26. q.
5.

mos

mos no texto , que tanto as fabulas de Circe , como as dos Arcades , eram puras invenções da Magia , e não realidades ; e dizer-nos o mesmo texto nos principios , que adiante ha de fallar de taes erros , e *de eorum proprietate , atque inventoribus juxta traditionem maiorum* , para que *ignorantibus manifesti fiant* ; diz , e assevera a *Apologia* , que *todas aquellas cousas* , isto he , matar só com versos de encanto , e turbar os elementos , se affirmam no Canon *juxta traditionem maiorum* ; porém o Canon exprime o contrario ; e seria isso verdade se se entendesse por tradição dos maiores a tradição dos Poetas. Faça o Leitor mui séria reflexão sobre esta differente accepção , e dolofo equivoco , porque delle se usa bastantemente na presente controversia. Advirta-se, que este capitulo que se allega para prova da realidade da Arte Magica , tem por titulo : *Quæ Magorum præstigiis fiunt, non vera sed phantastica esse probantur* : quer dizer, que não são verdadeiros os seus effeitos , mas sim imaginações , e enganos.

Segue-se outro Canon , no qual se lê , que he *superstiçaõ* tudo quanto diz relação a pactos , e alianças com o demonio , *qualia sunt molimina Magicarum Artium*. São aquellas palavras de S. Agostinho , que desta sorte as continúa : *Quæ quidem commemorare potius , quam docere assolent Poetæ*. Numera depois o Santo as fabulas que da Magia corriam *licentiori vanitate* ; e termina dizendo ,

Illud
quod.
26. q.
2.

E

que

que todas as Artes de tal genero , são , *vel nugatorie , vel noxiæ superstitionis*. Não pôde valer-se do Canon *Si per sortiarias , atque maleficas concubitus non sequitur* , segundo traz o Mestre das sentenças , quem não admitte que haja Feiticeiras, que obrem , e façam prodigios. Além do que , explica-se este Canon , segundo a voz corrente : e supposto hum tal caso , como se provaria que dos maleficios nascera a impotencia ? Chegámos a tempo em que ninguem se demora nisto. Nos casos de nossos dias , que na Italia , ou fóra della se procurou dissolver o Matrimonio por causa de impotencia , jámais se fallou de maleficio ; porque isso , na verdade , motivaria riso , e ninguem receberia semelhante excepção. Veremos em seu lugar , que o Direito Canonico declarou por peccado grave a crença das maravilhas magicas ; e attendendo aos grandes enganos com que os impostores promettiam fazer curas por virtude da sua Arte , inferio na mesma causa 26 este

Dist. 34. Canon magistral : *Admoneant Sacerdotes fideles populos , ut noverint Maleficas Artes , incantationesque , quibuslibet infirmitatibus hominum nihil posse remedii conferre.*

Can. Admoneant q. 7.

Alguns livros Ecclesiasticos se explicam , como se costuma fazer , que he segundo o costume popular. Usa destas expressões o Penitencial , que Halitgario refere no seu livro 6. A este , porém , convém oppôr outros muitos , que não trazem se-

melhante capitulo , e que diversamente se explicam. Em outro lugar fallaremos deste ponto. O mesmo proporcionalmente dizemos das Bullas Pontificias , duas das quaes muito principalmente se repetem pelos Adversarios. Naõ obstante naõ ser de Fé a materia que tratamos , entendemos , que se fosse examinada a existencia , e validade da Arte Magica, e depois se promulgasse huma Bulla , sentencendo a questao , seria desta sorte reputada por escandalosa toda a renitencia. Mas até agora se naõ tem allegado senaõ justas invectivas , e condemnações dos Concilios , e Papas , contra os que commettem peccados de sortilegio, deixando sempre indecisa a questao da existencia , e efficacia dos sortilegios. Saõ as duas Bullas , de Sixto V , e de Gregorio XV , aos quaes sendo representado , que *com a Arte Magica gravissimos excessos se commettiam naquelle tempo* , detestaram semelhantes iniquidades , e ordenaram se fizesse exacta indagação , punindo-se gravemente os delinquentes : he o que resulta das Bullas, e o que se póde legitimamente deduzir. He bem verdade , que referindo quanto se lhes tinha exposto, e iniquamente se praticava , parece se admittem como verdadeiras as coufas que se lhes narraram ; mas nasce isto de se fallar ordinariamente , segundo o uso commum. Além disto, como se naõ tratou entaõ a questao , naõ houve decisaõ alguma : antes pelo contrario , dizendo Sixto V na sua Bulla , que os

Offer-
vat. p.
73.
Apol.
p. 143.
176.

supersticiosos se acham *demonis præstigiis*, *ac dolis illusi*, *ac delusi*, estabelece, que não succedem as magicas maravilhas por Magia; mas que todas são *enganos*, e *illusões* dos que querem illudir os outros, ou talvez a si mesmos. Em quanto á verdade dos successos, não trazem as Bullas alguma auctoridade Pontificia, mas sómente se fundam na dos que expozeram, e representaram. Optimamente responde o Senhor Tartarotti no cap. xii do 2 livro a todas as difficuldades que das Bullas Pontificias, e das Sentenças dos Tribunaes se deduzem, e allegam, refutando nervosamente quanto se tinha exposto em favor do Congresso nocturno, o que tudo muito propriamente deve servir para desfazer os argumentos com que agora querem provar os factos magicos.

Entendem por fim os Adversarios, que oppõe hum grande argumento, tirado das orações, em que se pede a Deos, que alongue de nós o demonio, e que nos não possam fazer mal os immundos espiritos: como se estivessemos obrigados a crer, provir de Arte Magica todo o damno que nos fazem! Desta maneira o sermos tentados ao peccado, que he o mais nocivo dos seus assaltos, seria, conforme os principios dos Adversarios, effeito dos Magicos. Dissemos na *Arte Magica, Abatida, e Dissipada*, que póde Deos servir-se algumas vezes dos malignos espiritos neste mundo, e em mil maneiras,

para

para castigar peccados. Temos, por esta causa, até dos primeiros seculos, muitas orações para lhes resistirmos, e para os affugentarmos; porém nellas se não faz menção alguma da Magia. Isto mesmo observamos em quantas nos allegam os Adversarios, as quaes destroem o mesmo que elles entendem provar. Acham-se algumas palavras no fim do corrente Ritual Romano, com que fazem muito estrondo, parecendo-lhe acabar, e destruir com ellas quanto se póde propôr contra a sua sentença. Ha no Ritual, além das orações para livrar os obsessos, e nos exorcismos, em que consiste a substancia do rito, algumas advertencias; nos fins das quaes se lê o seguinte: *Jubeat demonem dicere an detineatur in illo corpore ob aliquam operam Magicam, aut Malefica signa, vel instrumenta, quæ si obsessus ore sumpserit, evomat.* Está o effencial do Ritual na formula, nos exorcismos, e nas preces: estas são as cousas que se mandam praticar, e sobre que recahem as Pontificias approvações: nellas se fixou o rito, e se obviou o abuso de novos exorcismos, e segundo o capricho de cada hum. As instrucções, e advertencias, que andam juntas, não são parte effencial; e com effeito na edição de Giunti, em Veneza, anno de 1571, e em outra alguma mais, se não acha huma só palavra: a encontrarem-se deviam ser entendidas da mesma forte que são estas *Symbolum S. Athanasii*, as quaes se lem em todas as

edições, sem por isso estarmos obrigados a crer que seja aquelle Symbolo de S. Athanasio. Não se póde deduzir dos exorcismos, nem das orações, o aviso que manda ao Exorcista perguntar ao demónio se está no corpo por obra magica. Ordinariamente o não praticam os Exorcistas; sem haver por esta causa quem affirme, que nisso desobedecem ao Ritual. Precedem taes instrucções, extrahidas *ex probatis Auctoribus, & ex usu*: logo não são preceitos, nem se auctoriza, e ordena a sua prática. Dissemos na *Dissipada*, que *as palavras com que se ordenam* os Exorcistas, os declaram instituidos *ad abjiciendos daemones de corporibus obsessis*. Diz a Apologia com grande erro, e equivoco, que *estas ceremonias, e palavras, ensinam, que o Exorcista jubeat daemonem dicere an detineatur*: como se se não achasse esta admoestação nas advertencias do Ritual, de que fallamos, mas sim nas sagradas palavras, e ceremonias, com que se conferem os graos Ecclesiasticos; nas quaes palavras, e ceremonias se não encontra o que o Adversario nos affirma: fallaremos dellas em outro lugar. Não he menos estranho o que se segue, affirmo.

P.147. mando-se que falla *a Igreja* em taes advertencias.

He, por ventura, crível, que quem anciosamente procura divulgar taes periodos, esteja cheio, e penetrado de hũ verdadeiro affecto aos livros Ecclesiasticos, e devotos? Persuadimo-nos se riscaráo quando hou-

houver tempo , e occasião de se reflexionar sobre elles ; e quando os Superiores , que continuamente vivem opprimidos de maiores cuidados , tiverem oportunidade de voltarem a pôr sobre elles os olhos. Não quereraõ que os simples crêam ser possível fazer possessos , e dar feitiços com manjares ; nem quereraõ tambem se capacitem, que o demonio entra pela boca, e que seja necessario vomitar para os possessos se livrarem , quando ha muitos a quem he naturalmente impossivel o vomito.

O Breviario Romano , igualmente veneravel , foi expurgado de alguns erros historicos nas segundas lições , em o Pontificado de S. Pio V ; o qual com a sua Bulla *Quod a nobis* o deo por emendado; prohibindo *aliquid addendum , vel omnino detrahendum esse* , nos futuros tempos : entende-se nas cousas essenciaes, e no que respeita á auctoridade da Escriptura , e da Igreja, e no que respeita á ordem *orandi , & psallendi* ; mas não no que se lê em as historias particulares dos Santos , e no que pertence mais á erudição, do que á salvação das almas. Esta a causa porque foi expurgado de novo no Pontificado de Clemente VIII , e se examinará mais miudamente : *Cum arduum negotium corrigendi & re-* De
Beatif.
t. 4. p.
660.
edit.
formandi Breviarium Romanum assumetur , escrevia o Santo Padre Benedicto XIV. Expurgar-se-ha então a idolatria do Papa Marcellino Martyr , a 1749,
qual se introduzio em huma lição , segundo o ru-

mor vulgar : hoje , porém , se sabe que he hũa cou-
 fa falsa. Desta mesma forte devemos discorrer sobre
 o Ritual. Este mesmo foi já correcto : riscaram-se-
 lhe *conjuraciones potentissimæ ad expellendas æ-*
reas tempestates, a dæmonibus per se, sive ad nu-
tum cujusvis diabolici ministri excitatas: emen-
 P. 21. daram-lhe *omnes Incantatores. & incantationes*.
 Desde Paulo V até agora se usa o que este Santo Pa-
 dre regulou , e corrigio ; e he o mais correcto de
 todos : não tem no essencial necessidade de refórma;
 porém seria conveniente corrigir-lhe alguma cousa
 nas advertencias adjuntas. Quaesquer outras seme-
 lhantes difficuldades , que se encontram nos livros
 Ecclesiasticos , não prejudicam a sua auctoridade ,
 nem ao credito , no que importa ; porque nellas se
 não questiona sobre Dogma , ou Disciplina ; mas
 sobre factos em que ordinariamente se falla, e escre-
 ve , segundo a crença commua. Destas cousas , em
 taes livros mencionadas, sem primeiro serem exami-
 nadas , e discutidas , se não póde fazer argumento
 contra os milagres referidos nas canonizações ; os
 quaes passaram pelo exame de Processos ; feitos , e
 tratados com toda a diligencia , e rigor. Não só in-
 coherentemente , mas injustamente introduziram os
 Adversarios semelhante argumento , e comparaçãõ.
 Nas citadas advertencias ao Ritual , se ha de tam-
 bem examinar o affirmar-se *a necessidade* de per-
 guntar *o numero, e nome* dos espiritos , assim como
 sobre

sobre o tempo , e a causa ; aindaque dos Exorcistas, que isto communmente não praticam , jámais houve quem affirmasse contravirem ao Ritual. Que diremos da advertencia , que diz , que alguns demonios , sendo exorcizados , declaram se houve feitiçaria , *maleficium* ; e apontam quem a fez ; e até o modo de a vencer ? Encommenda tambem o mesmo paragrapho , que se não recorra *ad Magos, vel ad Sagas* , nem tambem *ad superstitionem* , *aut alio modo illicito utatur*. Persuadem estas expressões , poder-se , até com modos illicitos ; quero dizer magicos , lançar-se fóra o demonio. Houve já, por ventura , Exorcista , que em vez de recorrer aos exorcismos , recorresse aos Magicos , ou ás Feitiçeiras ? Não houve certamente , não obstante explicarem-se assim algúas das advertencias do Ritual. Em o grande número das orações, e benções, que temos nos antigos livros *Sacramentorum* , se não acha memoria alguma da Magia. Faz-se della memoria em o Ritual , na benção da agua : *Sive ex invocatione Magicæ Artis , sive Præcantatorum argumenta , sive demonum , & omnium volucrum , vel viperarum*. Póde provir este periodo do uso commum de fallar ; e he verosimel que fosse intruso. Tem fundamento esta suspeita na extravagancia da expressão , e na uniaõ dos Encantadores com as aves , e destas com as viboras. Até as palavras que pouco depois se seguem , *sive ab hominibus conculcata fue-*

fuertis, não ligam, nem com o restante fazem senti-
 do. Traz Gretser esta benção da agua como verda-
 deiramente de S. Gregorio, talvez porque a acharia em algum Ms. : mas della se não encontra vestigio nos nossos insignes Mss. Capitulares, nem tampouco na edição de S. Gregorio pelos Padres de S. Mauro. Veja o Leitor quaõ differentes são os exorcismos, segundo o mesmo Santo; e saiba que foi posterior, e arbitraria a addição de que agora usam. Quem se persuadirá, que o entrar o demonio em qualquer pessoa, não seja por vontade do Senhor, para castigo, e emenda; mas só permissão sua, á instancia, e por capricho de vilissima canalha, e por efficacia de algumas palavras, ou por virtude de alguns manjares que se deram? Meditem fériamente os Adversarios por algum tempo sobre esta fundamental, e evidente razão.

Para acabar de tirar toda a sombra de dúvida, ácerca da auctoridade das palavras do moderno Ritual Romano, palavras que estão addidas, e insertas fóra do seu corpo, e da sua substancia, faremos ver em seu lugar, que o antigo, e muito celebre Penitencial Romano, taõ longe esteve de approvar as opiniões da Magia, que positivamente ensinou ser peccado o prestar-lhe fé, e condemnou a grave penitencia o crer que podesse alguém, por obra do demonio, chamar, e fazer vir as tempestades, ou gerar, e accender amor, e odio, ou roubar os bens de

de outrem , e fazer-lhe damno ; como tambem o crer que fossem levadas de noite as mulheres pelos ares , por virtude diabolica. Tanto sabemos , e com segurança , pelas optimas Collecções canonicas de Buchard , e de Ivo ; e tanto basta para fazer conhecer se os monumentos Romanos são favoraveis á Arte Magica , e se delles se póde tirar auctoridade para provar a sua validade , e efficacia.

Demonstrada a insubsistencia das auctoridades , e das razões contrarias, concluimos, allegando huma razão , pela qual todo o que quizer usar de prudencia , e do sentido commum , possa seguramente conhecer que não existe , nem se dá esta Arte Nigromantica. Querem persuadir-nos que por sua virtude se obram maravilhas de todo o genero. Ora quem haverá, que sendo dotado de racionavel entendimento , creia , e se capacite , que os Principes , e Reis deixassem de se aproveitar do seu uso , e que não procurassem saber , e participar dos seus mysterios ? Quem ignora, que he vontade dos que reinam , que se applicuem , e sirvam , para seu prazer, e serviço , os maiores segredos da Physica , da Mathematica , e de quantas Artes se tem descoberto ? He crível, que desprezassem alcançar conhecimentos tão proveitosos , e não buscassem fazer trabalhar , em utilidade sua, aquelles homens , que tanto podem , e tanto sabem ? O ver que em hum tempo tão illustrado como o presente , nenhum dos Principes de tantas Nações ,

ções, e tão varias Religiões, se ferve de Magicos, ou delles faz caso, para que valham nas grandes occasiões, e necessidades; he huma prova indubitavel de que a sua Arte consiste só em o nome, e que he mentira, e jactancia vãa, quanto della se conta, e apregoa.

Porque razão até agora não houve hum só Ministro de Estado, hum só Governador de Provincia, ou hum General, e Commandante de exercitos, que della ufasse, e se servisse? Porque causa se não tem valido do seu grande prestimo, nos assedios, nas batalhas, e na defeza das Praças? Escreveo-se na *Apol. p.198. logia*, que o Senhor *annulla nestes casos a força de Satanás, e torna vãs as tentativas dos Magicos*, porque Deos he *o Senhor dos exercitos*. Não he Deos igualmente Senhor de tudo? Quem ouvio, ou soube, que Official algum pozesse em prática as tentativas magicas? Zombam os guerreiros, e riem-se com gosto, apenas ouvem fallar em Magia. Em summa, a tão exaggerada potencia do demonio, e a virtude dos maleficios, se reduz sómente a pequenas, e particulares obras. Mostrem-nos ainda dessas alguma. Apontem-nos hum só infeliz, livre, e salvo das galés por Magia; ou alguma desgraçada, solta por Arte Magica. Os mesmos Adversarios confessam que nunca se vio semelhante caso. Vejamos hum só homem, abundante, e rico por ajuda, e efficacia do demonio. De nada ferye responderem, que se

se o demonio obraſſe eſta maravilha *ſempre , e muitas vezes* ſe preverteria a ordem da Providencia : Apol. P. 55.
moſtrem-nos ao menos hum ; hum ſó que por Arte Magica alcançaſſe dez eſcudos , e faremos ceſſaõ da cauſa. Que Magico haveria taõ louco , e Feiticeira taõ neſcia , que naõ obrigaffe a darem-lhe dinheiro ? ou que ao menos naõ buſcaſſe aprender os numeros, para lucrar , foſſe com que forte foſſe ?

Eis-aqui porque tiveram razaõ os Eſcriptores para chamar ás obras , e effeitos da Magia , zombarias , enganos , bugiarias , illuſões , mentiras , preſtigios , dolos , fabulas , ſonhos , fallacias , e impoſturas. Allegámos diſto muitas paſſagens , e poderiamos allegar muitas mais. Daqui ſe póde ver ſe he verdade que os Antigos creram ter a Magia força , e poder *no bem , e no mal* , e ſe he tambem verdade que fora a ſua perſuaſaõ fundada *sobre a experiencia , e ſobre factos evidentes*. Concede o Adverſario , que *o termo ludere ſeja proprio da Arte Magica* : tanto baſta. Nota, que o Padre Maſſuet, Apol. P. 202. no lugar em que S. Irineo nomêa *os preſtigios magicos*, ſe explica deſta maneira : *Ludendi verbum apprimè quadrat ad Magorum præſtigia*. Gotfredo (nome que baſta por ſi a deſculpar quantos neſta materia erraſſem) diz ſobre huma Lei de Conſtancio : *Ludorum ſanè , & ludendi vox hac in re propria*. Apol. P. 73.
Ora todas as diverſas explicações que o Senhor Cod. Th. de Mal. 1. Tartarotti engenhofamente buſca para interpretar a ſeu

seu modo , e prazer o termo *ludi* , e outros semelhantes , não agradam na verdade. Se pedindo-se ao diabo dinheiro , correspondesse com bons escudos ; se fizesse que este , ou aquelle menino fosse cheio de dores por encantos , e morresse ; e que este , ou aquelle , viesse a acabar por feitiços ; seriam reaes , e verdadeiros os factos , e não se poderiam chamar *enganos* , *illusões* , *fallacias* , e *prestigios*. Escre-

De A- veo Tertulliano : *Quid ergo dicemus Magiam ?*
nim.
c. 57. *Quod omnes pene Fallaciam.* Ex professo tratou

Lactancio *de Fraude , ac Præstigiis Magicæ Artis*. Muitas vezes no discurso desta obra se lerão sentenças , e opiniões semelhantes. He admiravel , e bem digna de nota a perpetua contradicção dos Adversarios , que continuamente affirmam mil effeitos da Magia , e ao mesmo tempo lhe chamam meras illusões , e prestigios. Se os Magicos destroem as terras , fazendo cahir chuvas de pedra ; se tornam impotentes os casados ; se matam com maleficios ; como são illusões , e prestigios os effeitos da Magia ?

FIM DO PRIMEIRO LIVRO.



LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO I.

Pretendem os Adversarios , que esteja toda a Antiguidade a seu favor.



ENTRETEM , e deleita o animo , estar attentamente observando as extravagantes mudanças que fazem de tempos a tempos as opiniões , e doutrinas : aquella que huma vez se estimou , se despreza depois , e a que se desprezou , vem a ser estimada , e louvada. O Auctor que por muitos seculos se considerou como inexhaurivel fonte de sabedoria , cahe nos tempos subseqüentes em abominação , e escarneio : outro , porém , que nunca foi buscado , nem conhecido , repentinamente apparece em público , hon-

honrado de grandes , e summos elogios. Não acontece huma só mudança a cada opinião , e a cada Auctor ; porque muitas vezes volta ás primeiras honras o que as tinha perdido , e se vê precipitado o que estava em grandes estimações. A Arte Magica , que por longo tempo foi reputada por muitos, objecto de patranhas , e de irrisão , se acha hoje de tal maneira illustrada , que se não consente ter padecido dúvida o seu poder sobrenatural ; mas até se quer persuadir que fosse de todas as Nações , e por todo o curso dos seculos , acreditado , e reconhecido. Pretendem, que seja esta Arte parto da mais sublime Philosophia , e que só , e unicamente fora refutada dos Epicureos. Pretendem tambem , que infinitos foram os que antigamente se applicaram á Magia ; porque , além do vulgo , se deram a este estudo , entre os Gentios , todos os Sacerdotes , e todos os Litteratos. Affirmam, que *fora a Magia* *respeitada , e cultivada dos antigos Philosophos :* que até aos dias de Apuleio , Auctor que tanto a

Apol.
P. 94. *escarnece , se zombava da Magia pelo vulgo sup-*
P. 68. *posta , mas não da verdadeira , e real : que o não*
P. 166. *seguir a quem a estima , e celebra , he renunciar*
a fé humana ; que quer dizer , renunciar a vida ci-
vil , e a mesma natureza. Dizem os Adversarios :

Cong.
P. 355. *Lancem-se os olhos pela mais remota Antiguidade , revolva-se a Historia Ecclesiastica , e Profana , examinem-se as opiniões dos mais celebres Philoso-*
phos

phos de todas as Idades, e Nações, e veraõ, que tudo concorre para invencivelmente demonstrar a Arte Magica. Até se pretende, que a Magia Natural dos Antigos; isto he, o estudo physico, fosse de facto Magia diabolica; e querem que se conheça, e veja isto, observando as varias especies da Arte Magica. Dividem-na em Natural, e Ceremonial. P. 398.

Subdivide-se a Ceremonial em Teurgia, e Goezia. Ibid.

A Goezia considera o commercio com os espiritos immundos, e maos: a Teurgia, porém, o culto, e familiaridade com os bons. Adverte-se, que he muito facil a passagem de huma para a outra; e que na prática são huma mesma cousa. Chamam aos Magicos Teurgicos, materialmente diabolicos. Apol. p. 95.

Dizem, que algumas vezes succede combater, e confundir hum demonio superior a hum inferior. Ficou enganado certo Chaldeo de outro Teurgico, porque tinha ligado com mais poderosos meios as Intelligencias. Podem-se imaginar chiméras mais extravagantes? Numeram entre os Auctores da Magia a Pythagoras, Empedocles, Democrito, Plataõ, Aristoteles, Hippocrates, e a outros semelhantes. Se ouvirmos aos contrarios, fizeram as suas frequentes, e dilatadas viagens, para aprender a Arte Magica dos Egypcios, e dos Orientaes. Querem que tivesse grande afinidade a Egypcia, e Chaldaica Sapiencia com a Magia diabolica. Dizem, que naõ haverá hoje quem pondo-se a philosophar com os

P. 70.

P. 20.

Apol. p. 50.

P. 81.

principios da mysteriosa Oriental Sapiencia , não passe da Magia Natural á sobrenatural. Ardentemente se applicaram alguns Modernos á Magia , *cegos do esplendor da decantada Oriental Sapiencia.* Em fim , quem nega a Arte Magica , contrasta
 P. 95. com todo o genero humano. Desta maneira discorre o Senhor Tartarotti , e com elle os parciaes da Magia ; e mudando por encantos toda a Antiguidade , com seu ingenho , e erudição , fazem apparecer a cousa differente do que he ; assim como na Scena se mostram sumptuosos Palacios , magestosas columnas , ricas , e soberbas alfaias , não sendo tudo isto na realidade, mais que toscas madeiras , e grosseiros pannos pintados.

C A P I T U L O II.

Das mais antigas memorias que se acham da Magia nos profanos Escriptores.

NÃO he certamente de pequeno interesse tirar o véo do engano em que o Mundo está , não obstante as grandes luzes que presentemente communicam , e espalham as letras. Se he verdade ser a Magia hum engano ; o mostra-lo , e libertar os entendimentos , importa , e aproveita mais do que vagar pelas famosas , e bellas questões da Metaphysica , Physica , e Mathematica , que já foram tratadas , e discutidas de cem annos a esta
 par-

parte , e com muita gloria , por engenhos excellentes , e famosos. Resta advertir , que supposto abalançarmo-nos a esta empreza , não promettemos mais do que huma simples tentativa , confessando a tenuidade de nossos talentos, e pobreza de erudição, e sciencia. Nem he possível fazer mais em tão breve Tratado : outros viraõ , que douta , e largamente escrevam sobre este assumpto.

Para bem indagar quanto a este proposito crearam os antigos Sabios , he preciso fazer huma breve observação sobre os escriptos que delles nos restam ; e como são de differentes generos , será de muito proveito separa-los, e dividi-los nas suas classes principaes , observando a ordem dos tempos. Temos em primeiro lugar os Poetas , porque não existem profanas obras , anteriores a Homero. Mas como se acham algumas noticias , e algumas citações de Auctores muito mais antigos , necessario parece , que acerca delles nos detenhamos hum pouco. Até setenta numera o incomparavel Alberto Fabricio , que maravilhosamente desenvolveo com trinta e seis longos , e doutos capitulos , os equivocos , e erros , que nisto ha. Sómente faremos menção nesta obra daquelles que se crê trataram da Magia , os quaes são mui poucos. São tão incertas , e obscuras as noticias que nos Antigos , e Modernos se encontram , e tão confusas , por justa necessidade, que dellas apenas podemos concluir alguma cousa com se-

gurança. Lêam os curiosos a Naudé , Stanley , Fabricio , Capassi, e a Brucker, que diffusamente escreveram. Não faltou quem fizesse a Magia anterior ao Diluvio , e ensinada pelos anjos maos. Commummente se attribue a invenção a Zoroastes. Querem huns que elle fosse Cham, outros Nemrod, e outros Assur. Mas quem decidirá se houve hum Zoroastes , ou se existiram até seis , tendo seu Patrono cada huma destas opiniões ? Daqui conclue o doutissimo Huecio , que nunca houvera Zoroastes :

Dem.

Ev. c. *Id colligo , supposititiam esse Zoroasti personam.*

5.

Quem decidirá tambem se foi Persa , ou Chaldeo ; em que tempo viveo ; se professou a Astrologia, ou a Astronomia ; e se abraçou a Magia diabolica , ou a Natural ; porque de tudo se disputa ? Não temos provas de que tivesse parte nos *Oraculos Chaldaicos* , que hoje existem. Julga Fabricio verosimel, vivesse longo tempo depois de Homero , no imperio de Dario Hytaspes; e prova com bons argumentos, que não se applicara á Magia diabolica , e obscena. Com isto se desfazem , e destroem as muitas mentiras que se tem divulgado a respeito da antiga Magia. Nos versos que Francisco Patricio recolheo de varios Auctores , e são já hoje trezentos e vinte e tres , e correm com o titulo de *Oraculos de Zoroastes*, se não faz menção de Magia. Apenas daõ algũa suspeita estes dous ultimos : *Quando vires chegar algum demonio terrestre , sacrifica huma pedra , gritando :*

tando: *Mnizurim*. São estes versos hum additamento de Joaõ le Clerc: enfina Psello, que esta voz *Mnizurim* faz vir hum demonio maior, que affugenta nos sacrificios os menores, e terrestres, que pretendem perturbar. Eis-aqui hũ rasgo da Sapiencia Oriental, Chaldaica, e Magica. Se o termo Grego significasse *põe, ou toma hum pedra*, para lançar fóra a quem se avisinhar, teria ao menos isto assim algum sentido. Daqui parece que tomou occasião o Senhor Tartarotti, para dizer, que nos encantos *algumas* ^{Apol. p. 70.} *vezes arruína o mesmo demonio todas as cousas, como acontece quando hum demonio superior, combate, e confunde hum demonio inferior.*

Refere Plinio, que nascera a Magia de Zoroastres na Persia, e que Eudoxo o fizera seis mil annos anterior a Plataõ, e Hermippo cinco mil annos mais antigo da guerra de Troia. Justino, contrariado por Diodoro nesta opiniaõ, o fez Rei dos Bactrianos, o qual *primus, dicitur, Artes Magicas invenisse*. No livro intitulado *Recognizioni*, se diz ser o mesmo que Mezraim, filho de Cham. Vejam-se a este lugar as eruditas notas de Cotelier. São taõ verdadeiras as noticias historicas, como os milagres que de Zoroastes se publicaram. Assevera Arnobio, seguindo a fama, que nos tempos de Nino, e de Zoroastes, *non tantum ferro dimicatum, & viribus, verum Magicis, & Chaldaeorum reconditis disciplinis*. Plutarco, porém, depois de haver

Plin. l. 30. c. 1.

L. 1. c. 1.

Rec. l. 4. c. 27.

L. 1.

De If. dito muitas cousas , conclue assim : *Desse modo pro-*
e Of. *cede , e continúa o fabular dos Magicos.* Já os
Criticos decidiram que não são de Zoroastes os Ora-
culos que andam com o seu nome. Com o seu no-
me corria huma collecção de ritos Persas , de que
Eusebio cita alguns periodos no fim do livro pri-
meiro da Preparação Evangelica. Nelles se chama a
Deos *o primeiro incorruptivel , ingenito , sempiter-*
no ; mas principia-se , dizendo , que tem cabeça de
Açor, e termina-se, affirmando, que *da sagrada Phy-*
sica he Inventor unico.

Affim como se não apresentam mais que fabu-
las em todas as partes que de Zoroastes se falla , af-
fim tambem se póde asseverar o mesmo , discorren-
do acerca de Orphéo , de Ostanes , de Hyftaspes , e
de Dardano. São estes , d'entre os pretendidos , an-
teriores de Homero , a quem especialmente se attri-
buio a Magia. Os nomes só per si despertam , e
trazem á memoria as fabulas. Delles , e das obras
que se lhes attribuíram , tem dito tanto os Littera-
tos insignes , que he mui difficil descobrir alguma
cousa que se lhes possa accrescentar. Podemos de tu-
do colligir , que estão cheios de erros, e imposturas
os escriptos em que se falla da Magia. Escreve Pli-
nio , que Ostanes fora o primeiro que tratara da
Magia , e que o fizera no tempo de Xerxes ; e Eu-
sebio diz no seu volume , intitulado Ottateuco , que
confirmara o mesmo que Zoroastes ensinara. Parece
do

do Proemio de Laercio , que Oſtanos foram chamados os Magos ; e de lá o tirou Suidas ; mas cremos que ſe não podem bem entender os termos daquelle paſſagem , talvez corrupta. De Hyſtaſpes diz Agathias , que *he incerto quem foſſe*. Querem huns que L. 2. foſſe pai de Dario ; outros , porém , Rei dos Medos. Era tido por Mago , e eſte o motivo porque ſe cria ter feito grandes predicções. S. Juſtino o nomeou juntamente com a Eſcriptura , e Prophetas , por ſerem os ſeus prognosticos favoraveis á Religião Chriſtãa. Imputou-ſe a Dardano , a Orphéo , e a Pythagoras a Magia, mas ſem fundamento ; e não faltou quem patenteaſſe todos eſtes erros , e enganos , de forte que ſe taixaria de demaſiado o que neste ponto quizeſſe perder tempo. He indubitavelmente certo, que nos não reſtam eſcriptos anteriores aos Poemas de Homero ; e devendo-ſe formar juízo dos Eſcriptores , não pelas obras ſonhadas , e nunca viſtas , mas ſim pelas verdadeiras , e exiſtentes , recorreremos ás mais antigas que hoje temos.

C A P I T U L O III.

Foram os Poetas a primeira origem da Magia.

Foram os Poetas , e continuaram a ſer tão favoraveis á Arte Magica , que juſtamente podem ſer chamados as ſuas fontes principaes , e os ſeus mais celebres Auctores. Ninguem

mais do que elles tem contribuído por toda a parte a derramar entre o povo a sua crença , e a dar-lhe vigor , e credito. Já nos tempos de Homero havia muitos seculos que se espalhara a falsa opiniaõ dos dous principios , e se ampliou depois , tomando diferentes nomes. Esta a causa porque lemos em Plutarco , que Empedocles lhes chamara *Amizade* , e *Discordia* ; Parmenides *Luz* , e *Trévas* ; e Zoroastes *Deos* , e *Demonio*. Advertimos no capitulo quarto do livro antecedente , que esta idéa per si excitava os maos a recorrerem ao imaginado , perverso numen ; e advertimos tambem , que della se valeram os impostores para se fazerem crer superiores aos outros em sciencia , e poder ; jaçando-se de terem commercio com os deoses , e Arte para obra-rem sobrenaturaes maravilhas. Muito bem conheceo Homero o grande uso que na Poesia se podia fazer deste popular engano ; e delle se servio , adi-antando-o com as suas bellas , e engenhosas ficções. Podemos aqui fazer a seguinte reflexaõ : Parece que dos seus dous Poemas se encaminha a Iliada a instruir, e tornar melhores os Grandes; porque nella se trata de Reis , de guerras , de politica , e de grandes fortunas. Ora da Magia se não faz menção neste Poema. A Odysséa , pelo contrario , parece que foi trabalhada para utilidade da gente commua , porque he composta de paixões ordinarias ; e de factos particulares , e domesticos , muito mais que de outras cou-
fas.

fas. Vemos nella , por esta causa , hum grande uso de magicas invenções , como mais susceptiveis de crença. Nesta Epopéia se lê , que se faz parar o sangue com palavras , que com bebidas se tornam os homens em bestas , e que voltam por huma vara ao antigo estado , e se trata com os defuntos. O Poeta não chama Maga a Circe, porém Deosa : nem por isso foi sempre o exemplar dos Magos Poeticos. Circe mandou Ulysses a casa de Plutaõ , para consultar Tiresias : desta vez fallou tambem com as outras almas. Com esta invenção formou Virgilio o seu sexto livro , e Dante todo o seu admiravel Poema. Faz nos outros Poetas Medea o mesmo que Circe. Que diremos da Feiticeira de Theocrito , a qual nos descreve os estranhos encantos que obrara para atrahir o seu amante ? Talvez lessemos bellas , e agradaveis novidades deste genero , senão perdeſsemos o corpo dos Poetas Cyclicos , de que falla Horacio , Clemente Alexandrino , e Eusebio na sua Preparação Evangelica , em huma passagem que allega como de Sanchoniathon , em que se diz que elles cantaram *os combates dos Gigantes, e dos Titães*.

Præp.
l. 2.

Imitaram os Poetas Latinos aos Gregos , ornando suas composições de varios encantos magicos , e celebrando como verdadeiras as maravilhas , que o vulgo acreditava. Virgilio :

Carmina vel Cælo possunt deducere Lunam :

Carminibus Circe socios mutavit Ulyssis :

Ecl. 8.

Fri-

Frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.

Leo-
nel da
Costa.

Trazer á terra podem estes versos

Lá desse ultimo Ceo a mesma Lua :

Com taes versos de encanto mudou Circe

Os companheiros do sagaz Ulysses.

A fria cobra nos amenos prados ,

Encantada com versos arrebenta.

Nesta Ecloga se descobrem alguns segredos da Arte , como são fazer tres nós com tres fios de diversa côr , queimar louro com betume , e usar de hervas colhidas no Ponto , por virtude das quaes vio muitas vezes a Feiticeira *chamar as almas dos sepulchros , animas exire sepulchris*. Seguindo o mesmo , põe Ovidio na boca de Medea o seguinte :

——— *Cum volui ripis mirantibus , amnes*

In fontes rediere suos , concussaue sisto ,

Stantia concutio cantu freta : nubila pello,

Nubilaque induco.

Apenas quiz , de pasmo

Assombrando-se as margens deleitosas ,

Os rios fiz voltar ás claras fontes :

Eu os mares focégo :

Eu os mares tranquillos , com meus versos ,

Bravos torno , e medonhos ;

As nuvens affugento , as nuvens chamo.

Naõ bastando o referido , diz :

————— *fubeoque tremiscere montes*

Et mugire solum , manesque exire sepulchris ,

Te

Te quoque Luna traho.

E mando estremecer os duros montes ,
Dar mugidos o chão ; e dos sepulchros
Os manes levantar :

A ti tambem te obrigo , ó branca Lua.

Fallou tambem de hum Maga , da qual diz :

*Hanc ego nocturnas vivam volitare per umbras
Suspicio , & pluma corpus anile tegi.*

Eu suspeito , que viva pelas feias

Nocturnas sombras vóa ,

E que veste de pennas

O enrugado , denegrido corpo.

Ainda diz mais :

Evocat antiquos proavos , atavosque sepulchris.

Os bis-avós , e tres-avós revoca

Lá dos tristes sepulchros.

Quanto agradasse aos Poetas o largo campo que
lhes ministrava a opiniaõ da Arte Magica , para de-
leitarem com invenções celebres , pensamentos ex-
traordinarios , e maravilhas estranhas , mostrou Lu-
cano muito mais do que os outros , enchendo me-
tade de hum livro com a ficção de que Sexto Pom-
peo quizerá saber de hum Magica de Theffalia o
fim que teria aquella guerra , revocando por esta
causa a Feiticeira a alma de hum morto , que muitas
novas coufas referio. Tudo se passou por efficacia
de versos de encanto , e de hervas , affirmando-se ,
que desta maneira se violentam os deoses , e os fa-
dos ,

Amor.
l. 1. E-
leg. 8.

dos , e se póde impedir o movimento dos Ceos , e de tal forte , que Jove algumas vezes *miratur non ire Polos*. Affirma-se tambem , que assim se póde abbreviar , ou alongar a vida dos homens ; e que se a Feiticeira quizesse chamar ao mundo todos os milhões de mortos , *cessissent leges Erebi*. Tardando alguma couza a alma que se queria revocar , fez-se a ameaça de se proferir hum certo nome , que he o ultimo esforço da Arte Magica , ao som do qual se mudaria a face do Erebo , entrando nelle o Sol. Era este nome o do sonhado Demogorgon.

Succederam aos Latinos os Poetas Italianos , que na graça destas ficções excederam os antigos. Fazem com as magicas maravilhas excellentes os seus Poemas , e cheios de varios , e estranhos accidentes : destes abundam as fabulosas historias escriptas em oitava rima ; como tambem o Tasso , e mais que todos o Ariosto , com as suas bellas invenções. Vem da Magia, pela maior parte , as ficções ; e crê-se ser tão proprio dos Poetas fingir , que foi Lucrecio julgado Philosopho , e não Poeta , porque não fingio. He muito favoravel á Arte Magica este genero de Escriptores , e por esta causa huma forte prova de que he ficção. Se os portentos que da Arte Magica tanto se exaggeram , fossem verdadeiros , haviam de ser assumpto da Historia , e não da Poesia ; e se nos Poemas muito deleitam, o fazem como meras invenções do Poeta.

CAPITULO IV.

Naõ acha nos Historiadores Gregos fundamento a opiniaõ da Arte Magica.

NOs Historiadores se deve principalmente buscar quanto os Antigos creram acerca da Magia , porque os seus prodigiosos successos , e que se crê terem sido mui frequentes , naõ feriam deixados em silencio , e desprezados pelos que se applicavam a escrever a Historia , sendo taes casos de importancia , e de interesse aos Estados , e aos Governos. Erra quem julga dever-se procurar primeiramente nos Philosophos a verdade desta opiniaõ , sendo ordinariamente as suas doutrinas , segundo a sua phantasia , conforme os seus systemas , e empenho das suas feitas, e muitas vezes capricho ; tendo de tal forte ensinado , e escripto , que Tulio disse : *Nibil tam absurde dici potest , quod non dicatur ab aliquo Philosophorum.* Logo , mais do^{2.} que nelles , se deve buscar a verdade nos Historiadores , cujo empenho , e obrigaçaõ he transmittir á posteridade as cousas verdadeiramente acontecidas , as opinioes antigas, e os costumes. Comecemos pelo mais antigo Historiador ; isto he , por Herodoto.

De
Div. I.

He muito proprio o indagar neste Auçtor a verdade da existencia dos Magicos , porque elle foi o primeiro que delles fallou ; e largamente escreveu dos paizes , nos quaes alguns julgam que mais flo-
rece-

- recera a Magia. Muitas vezes fez memoria dos Magos , mas nunca disse que obraram prodigios , nem tampouco que se serviram dos demonios. A primeira vez que os nomêa , os nomêa como certo povo , dizendo , que os Medos se dividiam em seis ,
 L.1. c. 101. dos quaes eram os Magos hum delles. Não se sabe hoje quaes fossem os quatro , não fazendo de taes povos menção os Geographos ; porém que eram povos se colhe mui claramente , por serem juntamente numerados com os Paretacenos , de que fazem memoria Ptolemeo , Strabo , e Plinio. Além
 L.6. c. 26. disto , Plinio disse , que os Magicos possuíam o Castello de Passagarda , aonde estava o sepulchro de Cyro ; e Ptolemeo põe no seio Arabico a *Ilha dos Magos*. Do paiz dos Magos , dos montes que nelle havia , e de certos clamores que lá se ouviam, faz memoria Clemente Alexandrino , estribado na fé dos que tinham escripto das cousas da Persia. Commummente se encontram em Herodoto os Magicos como Interpretes de sonhos , e das cousas que extraordinariamente acontecem , e nunca como Professores da Arte Magica. Para lhe interpretar os
 Her. l. 1. cap. 107. seus sonhos os chamou Astyages. Interpretaram hum sonho a Cyro , mas confessando que muitas vezes eram vãos os seus vaticinios ; e sahindo errada a sua predicção , lhes succedeo tão mal , que os mandaram matar. Não eram Sacerdotes , aindaque
 Cap. 120. sem elles se não podia sacrificar no Egypto , devendo
 Cap. 132.

do hum dos Magicos cantar a Theogonia. Além disto, os Sacerdotes só matavam animaes nos sacrificios, mas os Magicos se vangloriavam de dar a morte a todos, e principalmente ás formigas, ás serpentes, e aos animaes volateis. Em sete generos L. 2. c. 163. de pessoas se dividiam os Egypcios: hum era o dos Sacerdotes, outro o dos Interpretes: deve entender-se dos sonhos, e dos prodigios. Em quanto L. 3. c. 161. estava Cambyfes no Egypto, se conjuraram na Persia dous Magos irmãos, e fingindo-se hum delles filho de Cyro, sem Magia tomou o Reino. Algum tanto variá Ctesias, referido por Phocio, este caso; mas consta que foram mortos, e que os Persas mataram depois quantos Magos encontraram, instituindo em memoria, e em odio hũa annual solemnidade, Cap. 70. a que chamaram Magicidio. Estava nesse tempo em uso dizer os futuros. Entre os Scythas o faziam L. 4. c. 67. muitos com varas de falgueiro, e outros por virtude das folhas do til. Mostra-se a fortuna dos vaticinios dos Adivinhos na predicção que fizeram, fundados em hum sonho de Xerxes, promettendo que este Principe conquistaria o Mundo, sendo pouco depois roto, e desfeito o seu grande exercito. L. 7. c. 19. Pedio outra vez este Soberano aos Magos, que lhe explicassem certa obscuração do Sol; e lhe disseram, que era hum prognostico da desventura dos Gregos, succedendo tudo pelo contrario. Está a ultima Cap. 43. memoria dos Magos nos sacrificios que se faziam

ziam em honra dos Heroes. Eis-aqui quanto se acha dos Magos em Herodoto, pelo qual se sabe, e conclue, que são falsas, e seguramente insubsistentes muitas supposições que do Egypto, e dos paizes Orientaes se contam em materia de Magia, e puras chiméras as historias que se lem em alguns Escriptores. Fundamos esta nossa proposição observando não se encontrar em hum Historiador tão exacto, e antigo, memoria de tal Arte, nem palavra sobre alguma obra do demonio, ou alguma maravilha executada pelos Magos, reduzindo sómente este Auctor a sua exaggerada pericia a humas interpretações arbitrarías, nas quaes os mostra inteiramente fallaces. Deve tambem ser considerada nesta materia a auctoridade de Herodoto, conhecendo-se quaõ crédulo foi a respeito dos Spectros, dos Oraculos, e dos prodigios, pela qual razaõ ambiciosamente refereria os portentos magicos, se na verdade tivessem acontecido, ou se ao menos fossem então acceitos, e bem recebidos pelos Sabios.

Apenas achamos em Xenophonte, que tomando Cyro Babylonia, ordenara, que os Magos escolhessem o mais precioso do despojo, para o offererem aos deoses; e que se sacrificara a Vesta, a Jove Rei, *e aos demais deoses, conforme os Magos julgaram.* Tambem se lê, que desejando Cyro mostrar-se depois tão religioso, e pio, *como feliz tinha sido*, mandara, que os Magos, *sempre ao romper*

Xen.
l. 7.

L. 8.

per

per do dia , cantassem hymnos aos deoses , e que todos os dias se lhes sacrificasse o que os Magos dissessem. Executou-se de facto assim , sacrificando-se conforme o seu parecer. Eram , por tanto , huma certa classe de homens applicados á Religiaõ , e deputados para o serviço das falsas divindades ; nem noticia tinham da Magia , nem havia quem por este motivo a elles recorresse. He bem digno de nota naõ se achar em todas as obras de Xenophonte memoria da Magia , a qual frequentemente se veria em taõ diversas relações de costumes , e de acontecimentos , se fosse , como hoje se pretende , taõ universalmente recebida a sua crença pelos Principes , pelos Sacerdotes , e pelas pessoas de letras , e de reputaçãõ. Sim louva encaminhar-se cada hum aos Oraculos , para precaver , e dirigir os negocios que a prudencia humana só per si naõ póde bem governar ; mas nem conheceo , nem aponta como seguro meio o da Arte Magica. Desta mesma sorte naõ faz mençaõ Thucidides , nem dos Magos , nem da Magia , nos seus oito livros. Lemos em Arriano , que até aos tempos de Alexandre foram os Magos guardas do sepulchro de Cyro ; e que achando-se este roubado , os prenderam , e pozeram a tormento ; mas que depois foram absoltos. Empregavam-se sómente os Sapietes na India , segundo Arriano , em sacrificar pela saüde commũa , e só praticavam a prophacia ; porém se tres vezes faltavam nas suas pre-

dicções , lhes não era permittido vaticinar dahi por diante.

Conta Diodoro nos primeiros cinco livros que delle nos restam , e em que trata do tempo incerto , e fabuloso , estranhas maravilhas , e maldades horri-
 veis , e crueis , executadas por Medea. Refere de
 L.4. p. 269. Daphne , filha de Tiresias , que não cedendo ao pai na prophesia , crescera nesta Arte por se deter em Delphos , *e que escrevera artificiosos Oraculos de varia construcção.* Foi chamada Sibylla ; porque sendo muitas vezes possuida do espirito , derramava oraculos , o que em Grego se chama *sibyllare*. Escreveo no livro quinto , que a Ilha de Rhodes fora primeiramente habitada dos Telchinas , os que , *segundo a fabula , eram filhos do mar.* Talvez que tivesse origem esta fabula em ser Rhodes daquellas Ilhas que nasceram do mar , não a havendo antes ; assim como succedeo com Santorini nos tempos de nossos pais : *Insulæ Delos , & Rhodus memorie (lêa-se è mari) produntur ena-*
 Plin. l. 2. cap. 87. *tæ* , diz Plinio : como se resurgisse com os seus habitantes , nascendo elles tambem do mar. Profe-
 Diod. l. 5. p. 327. gue Diodoro , dizendo , que dos Telchinas *se dizia tambem que foram Encantadores* , e que a seu arbitrio appareciam as nuvens , chovia , cahia pedra , e neve , *como se conta que faziam os Magicos.* Nisto mostra o Historiador , que refere a voz do vulgo , e que lhe não dava inteiro credito. Faz o mesmo ,
 pou-

pouco depois , quando falla dos Dattilos do monte Ida ; dos quaes *contavam alguns* , que eram ho- P. 333.
mens que obravam prestigios : e da mesma sorte se explica quando patentêa o erro de attribuir a Hercules , filho de Alcmena , (como se tivesse sido Magico) o que se narrava dos Hercules , que nos seus encantos se serviam de muitas mulheres. He quanto temos dito o que Diodoro conta, em quanto trata das fabulas , e dos tempos fabulosos ; mas quando começa a escrever a Historia verdadeira , de Magia não faz mais memoria alguma. Não se lhe pôde imputar falta de religião , porque della foi sempre louvado. Chama enorme maldade ao roubo do Templo de Delphos, e affirma, que se não punira com o merecido castigo. Não deixa de muitas vezes referir os prodigios que succediam, ou que se cria succederem , como são o verem-se tochas accesas no Ceo, simulachros de defuntos , estatuas suando , e lagos mugindo : faz, com pouca estimação , memoria dos que professavam interpretar. De hum fragmento achado em Roma , e dado á luz por Henrique Stephano , se conhece o que he na verdade a Arte Magica. Lê-se nelle este facto : Havia na Cidade de Enna , em Sicilia , hum fervo chamado Euno , e natural da Syria , o qual se mostrava muito *entregue á* P. 903.
Arte Magica, e prodigiosa. Fingia este, predizer o futuro por ordem dos deoses , tendo-o sabido em sonhos ; e enganava assim muitas gentes por causa

da sua credulidade. Passando daqui , não sómente fingia sonhos , mas começou a persuadir que acordado via os deoses , e delles ouvia o futuro. Verificava o acaso algumas cousas , e crescia por este motivo a sua fama. Achou por fim a arte de lançar chamas pela boca , vaticinando como inspirado , e cheio de fogo pelo mesmo Phebo. Tanto se adiantou em credito, que chegou a fazer-se cabeça dos servos sublevados , a tomar por armas a Cidade , e ser declarado Rei. Em fim , tão grande multidão de gente se lhe ajuntou , que pelejou com os Romanos , e seus Prefeitos , e delles alcançou victorias , tendo hum exercito de duzentos mil homens. Veio por fim a ser vencido de Rutilio , e a acabar miseravelmente. Tudo isto refere tambem Phocio.

Bibl.
pag.

1170.

Naõ faz o excellente Historiador Polybio menção de Magia em todos os seus livros , nem refere magicos successos , nem apresenta multidão de prodigios , antes se póde colher das reflexões derramadas pela sua Historia , que de taes cousas zombava , e escarnecia. Fosse qual fosse o sentimento deste Auctor em materias de religião , louvou , e approvou a opiniaõ dos deoses , e do inferno , introduzida, diz elle, pelos Antigos, porque com isto se reprimiam as paixões , e se conduzia a multidão a hum viver honesto ; e por esta causa se condoia que no seu tempo se regeitasse semelhante crença. Igualmente naõ conheceo a Magia o douto , e religioso

Pa-

Pagão Dionysio de Halicarnasso. Não quiz per si decidir se se devia dar credito ás apparições , e factos , que das falsas deidades se persuadiam ; nem tampouco quiz decidir *se havia huma meia natura* L. 1. *entre os deoses , e os homens , que he a dos demonios , a qual ora se misturasse com os deoses , ora com os homens.* Teve por fabula as leis suggeridas a Numa pela Nympha Egeria , a Minos por Jove, a Lycurgo por Apollo , como tambem a agua que levou Tucia no crivo. Admitte , porém , as maravilhas do Augur Navio , o cortar-se a pedra de amolar com a navalha , o recorrer aos Vates para consultar sobre o futuro , e o sacrificar para affugentar os demonios que perturbam com sonhos. Narra tambem os portentos , e os Spectros , signaes da ira dos deoses , e as suggestões dos Interpretes por causa do delicto commettido por huma Vestal. Não faz menção alguma da Magia em tudo isto , e nada attribue aos Magos , mas sim á Providencia. Julgava que do Ceo provinham os prodigios , e não do inferno. Por muitas vezes relata Appiano varios prodigios , como são , bois que fallavam , estatuas que suavam sangue , e estrepito de armas invisiveis ; mas nada suppõe effeito da Magia , da qual nem memoria faz. Refere a apparição de hum Spectro a Bruto , que era *o seu Genio* mau , do qual se fabulava , Civ. 1, 4. que lhe apparecera o dia antecedente á final batalha ; mas não diz que por Magia succedera,

He Dion hum thesouro de antiguidades Romanas , mas não se póde negar que perde muito da sua reputação com a summa credulidade em materia de prodigios , e de Augures. Não faz delles menção tres , ou quatro vezes, como fizeram os Historiadores que antes viveram , mas certamente os repete , não menos de sessenta. De si mesmo affirmou , que huma *deidade lhe commettera em sonhos escrever a sua historia*. Escreveo , que duvidando , e temendo abalançar-se a semelhante empresa , de novo o animara , promettendo-lhe que duraria sempre esta sua obra , e que ella seria causa de haver delle cuidado. Narra tambem, que em sonhos lhe apparecera o Imperador Severo já morto , ensinando-lhe o como devia escrever de Caracalla. Baste o referido para se lhe conhecer o genio. Segundo este Auctor nada acontece que não fosse antes prognosticado por alguns estranhos acontecimentos. O que muitas vezes expõe como prodigios são cousas naturaes , e commúas , ainda que então exaggeradas com factos impossiveis , nunca succedidos, porém imaginados , ou fingidos ; crendo que deviam ser todos como mysteriosos interpretados. Em quanto á nossa questão basta observar-se que nunca disse succederam semelhantes prodigios por obra de Mago , ou por causa da Magia ; antes , porém , numerando as acções louvaveis de Agrippa , quando fora Edil , aponta o ter *lançado fóra de Roma*

L. 49.
P. 417.

os *Astrologos*, e *Nigromantes*. Tudo attribue ao poder dos deoses, e á sua vontade; e vivendo taõ persuadido de todas as maravilhas, era impossivel que algumas vezes naõ referisse as vozes do vulgo em materia de Arte Magica. Conta de Tiberio, L. 57.
p. 612, que sendo-lhe ordenado em hum sonho que pagasse certo dinheiro a hum que talvez era seu crédor, imaginando o Imperador que Trasyllo, que elle julgava Mago, tinha sido auctor deste successo, o mandara matar; e desterrara de seus Estados a todos aquelles que professavam alguma Arte adivinhadora. Tendo Hosidius Geta, General dos Romanos, em tempo de Claudio, o seu exercito reduzido a miseravel estado por causa da falta de agua, lhe aconselhou hum Africano que usasse de encantos, por L. 60.
p. 671, que logo a alcançaria em abundancia. Choveo depois deste conselho, mas naõ diz o Historiador que praticasse certamente Hosidius encanto algũ, ainda que assim o diga a traducçaõ Latina. Conta, porém, nos seus livros perdidos, seguindo a fama, que a chuva alcançada pelas orações da Legião Christãa na guerra contra os Quados, imperando Marco Antonino, L. 71.
p. 805, fora obra de hum certo Mago Egypcio, por nome Arnusi, o qual constrangera os demonios, e especialmente *Mercurio aereo*. He Dion criticado agra-mente sobre esta passagem pelo sabio Abbreviador, o qual refere, que por este facto se pozera áquella Legião o sobrenome de Fulminante; e affirma, que

ninguem differa que o Imperador Philosopho *praticara a Magia, ou quizesse amizade com os Magos*. Narra Xiphilino, por necessidade de fallar no que Dion tinha escripto, que Vitellio expulsara de Roma os Astrologos; porém que elles lhe prognosticaram a sua morte imminente; e que Hadriano fora tão curioso, que fizera provas sobre toda a classe de Magia, e com ella farara de huma hydropesia, aindaque logo recahira. Conta tambem, que o infano Caracalla se deleitara muito com Nigromantes, e delles elevara hum que o Senado tinha desterrado em huma Ilha por causa desta Profissão. Muitas vezes se representava áquelle malvado Imperador, que lhe apparecia o pai, e o irmão, ameaçando-o com as armas na mão. Chamou *muitas vezes as*
 L. 77.
 P. 877. *almas dos mortos, e entre estas as do pai, e de Commodo: a de Commodo respondeo, dizendo-lhe: Vem depressa ao supplicio*. Quem não vê que eram vozes do vulgo, e meros sonhos todas estas cousas? Referio-as Dion por contar simplesmente quanto dizia a gente popular de Roma. Já vimos que Herodoto, Xenophonte, Arriano, Diodoro, Polybio, Halicarnasso, ou ignoraram os desvarios da Arte Magica, ou os escarneceram. O mesmo Dion traz hum exemplo dos enganos que se faziam ao povo quando narra, que Augusto, para consolar a plebe, vaticinando huma mulher, que tinha certas letras
 L. 55.
 P. 369. *esculpidas em hum braço, fingira dar-lhe credito*.

CAPITULO V.

Naõ he a Historia Romana menos contraria á opiniaõ da Arte Magica.

PAllemos á circunspecção Romana, e entremos a observar os Historiadores, que juntamente com a religião daquelles tempos tiveram bastantes luzes de prudencia, e solidez no seu pensar. Brilha sobre todos Tito Livio, Auctor louvado em todas as Idades. Refere os prodigios que aconteciam, ou se julgava terem acontecido; e com muita exacção; porque devendo fazer memoria dos usos, e costumes antigos, não devia deixar em silencio as relações que de semelhantes cousas se davam ao público. Conhecia, que muitas destas noticias eram vãs, e mentirosas, e conhecia tambem, que *quo magis credebant simplices, & religiosi homines, eo etiam plura nunciabantur*. Tornavam mais facil a Livio estes prodigios, por ver que tinham servido para applacar os deoses com sacrificios, e actos de religião. Já no seu tempo se não cria que o Ceo significasse o futuro desta maneira, nem os prodigios se annunciavam, nem se escreviam em os Annaes. Este o motivo de escrever, e não de balde: *Mibi vetustas res scribenti, nescio quo pacto antiquus fit animus, & quædam religio tenet, para não deixar de referir tudo quanto aquelles*

L. 24.
p. 198.
ed. fig.

sa-

fabios homens ouviram, e acceitaram. Com todos estes sentimentos de religião, e de respeito para com tudo o que era, ou parecia admiravel, e pasmoso, nunca attribuiu cousa alguma á Magia, nem della se encontra na sua Historia memoria alguma. Disto se vê manifestamente que não creio em tal, nem julgou digno de contar-se o prejuizo popular.

A Cesar se faria mui grande injúria só com duvidar se nos seus *Commentarios* fez memoria da Magia. O mesmo devemos dizer de Aulo Hircio, de Sallustio, de Cornelio Nepote, e de Floro. Parece que deo credito á Astrologia Tacito, quando narra que levando Tiberio a Trasyllum a hum lugar de donde costumava precipitar no mar quem lhe era suspeito, lhe perguntara se sabia qual era o fim que o esperava; e que por virtude da sciencia dos Chaldeos, em hum momento *positus siderum, ac spatia dimensus*, respondera, que então se achava em grande perigo; o que era claro, e mui facil de saber, ainda sem a sciencia dos Chaldeos. Censurou Tacito a Libo, mancebo imprudente, *juvenem improvidum*, por se deixar persuadir a procurar *Chaldeorum promissa, Magorum sacra, somniorum interpretes*, até que huma perquisição, *ut infernas umbras carminibus eliceret*, o accusou. Tudo se tinha ordido para o fazer reo; sendo no governo de Tiberio delicto capital querer saber o futuro, e principalmente no que pertencia ao Principe. Foi

ré deste mesmo crime Lepida , imputando-se-lhe o
 haver feito indagações *per Chaldaeos in domum Cæ-*
saris ; e o foi tambem , imperando Nero , Servilia
 accusada de ter dado dinheiro aos Magos , *faciendis*
Magicis sacris , aindaque protestasse *nullos impios* Ann.
deos haver ella invocado , nem ter feito preces , fe- l. 16.
 naõ pela faüde de Cefar , e dos Senadores. Chama c. 30.
 Plutarco áquelles *deos es impios* , como saõ as Fu- De
 rias , e Marte , *deos es nocivos*. Foi pela mesma ra- plac.
 zaõ desterrado Scriboniano , *como investigador da* Phil.
morte do Principe por meio dos Chaldeos. Eram l. 1. c.
 os Magicos pelas suas maldades aborrecidos , e por 6.
 esta causa se imputavam a Scauro como crime ca- L. 12.
 pital, *Magorum sacra*. Fizeram-se Decretos no Se- c. 52.
 nado *de Mathematicis* , *Magisque Italia pellendis*, L. 6.
 e hum delles foi precipitado do monte Tarpeio. c. 29.
 Descreve Tacito os nescios despropósitos do vulgo
 quando refere os maleficios que se fizeram contra Ann.
 Germanico : *encontraram-se pedaços de humanos* l. 2.
corpos sobre a terra : achou-se o seu nome esculpido
em laminas de chumbo : viram-se cinzas infectas ,
e outros mais maleficios , com que se julgava fica-
rem as almas totalmente entregues aos numens in-
fernaes. Cria nisto o ignorante vulgo , mas os ho-
 mens sabios , e livres de prejuizos , riam-se. *Sunt*
hæ persuasiones à vulgo , diz Lipsio em huma no-
 ta sobre este lugar.

Refere Suetonio entre as loucuras de Nero ,
 que

que *facto per Magos sacro evocare manes & exorare tentavit*; que val o mesmo que dizer, que debalde tentara, e que inuteis foram os seus Magicos. Trata Valerio Maximo, em o livro primeiro, da religião, e casos admiraveis, e tem hum capitulo *sobre milagres*, mas nunca attribuiu á Magia hum só de tantos acontecimentos, nem desta pretendida Arte faz memoria. O mesmo podemos dizer de Julio Obsequente, que de proposito escreveu de prodigios; e se fizesse caso dos enganos, e nescias preocupações do vulgo, de outra nenhuma poderia mais larga, e frequentemente fazer copiosa, e particular menção. De Ammiano se colhe quão detestada, e escarnecida fosse a Magia. Escreve este Auctor, que era delicto grave tudo quanto della parecia participar. Nos tempos de Valentiniano, e Valente, bastava a qualquer trazer algumas palavras ao pescoço, em ordem a livrar-se das quartãs, para ser castigado de morte. Mandou-se matar huma velha simples, *anum quamdam simplicem*, por usar de versos de encanto contra as febres intermitentes; e o mesmo succedeo a hum mancebo por ter praticado varios gestos magicos em o banho, crendo este miseravel que o alliviariam das dores do estomago. Esta era a causa porque os iniquos delatores accusavam os seus inimigos por estarem *artibus interdictis imbutos*; e trabalhavam para que se lhe achassem nas casas *incantamenta quedam anilia*, vel

Amm.
l. 19. c.
12. t.
29. c.
2.

Ibid.

ludibriosa subderent amatoria. Destas palavras se colhe quaõ inuteis, e ridiculas julgava o Historiador, e julgavam os Sabios, as imposturas de semelhante genero. Mandou-se queimar hum Auriga, accusado de Feitiçaria para alcançar victoria; bem que nascera esta suspeita no vulgo, *vulgari levitate*, pela sua leveza: eis-aqui a leveza do vulgo verdadeira origem de taes suspeitas. Como por escarneo refere este Historiador o haver certos loucos que tinham construido huma imagem da cortina Delphica, a qual consultavam *imprecationibus carminum secretorum*. Punham-se em roda vinte e quatro *scriptiles formæ*, e o que desejava fazer a pergunta, *calceatus linteis soccis*, andava por cima com *sciencia ceremonial*, e tinha hum *anell pendurado*, feito de finissimo fio, o qual saltando em torno sobre as letras escriptas, compunha destas heroicos versos, segundo as perguntas, e assim dissolvía as dúvidas: estes eram os venerados Oraculos dos Antigos. Imitam algum tanto taes despropósitos certas ficções que em nossos dias se divulgam acerca da Caballa, por naõ poucos admirada, e crida.

Sparciano, fallando de Didio Juliano, chamou ao credito que se dava á Arte Magica pura demencia: *Fuit præterea in Juliano hæc amentia, ut per Magos pleraque faceret.* Declarou neste lugar, que os Magicos *immolavam victimas injurias*

fas aos Romanos, por sacrificarem crianças. Havia então o uso dos espelhos, nos quaes se cria que os meninos, ainda com os olhos vendados, viam os futuros acontecimentos. Não devemos deixar em esquecimento, pelo que pertence ás noticias Romanas, o incomparavel Plutarco. Escrivendo tantas vidas de illustres Romanos, e Gregos, nellas não lemos que houvesse algum que recorresse á Magia, e que della fizesse estimação, ou gosto. Isto bastava para fazer conhecer com certeza, que semelhantes opiniões do vulgo eram desprezadas, e escarnecidas pelos varões verdadeiramente insignes. Mas era impossivel que entre as pessoas respeitaveis pelo seu nascimento não houvesse alguma preocupada, assim como hoje succede. Faz Plutarco de passagem menção de hum, mas de maneira que bem mostra o nenhum caso que de tal crença faziam os verdadeiros Romanos. Conta este Auctor, que nos tempos de Mario se detivera em Roma Octavio Consul, por credito que dera aos embustes dos Chaldeos, e dos que professavam explicar os livros *das Sibyllas*; e se admira de que hum homem, que sempre se mostrara zeloso *do decoro do Consulado, dos costumes, e Leis Patrias*, *cahisse na fraqueza de conversar mais com os Charlatães, e com os Adivinhos, do que com os homens Politicos, e Militares*. Podemos fazer muitas reflexões sobre este Escriptor, mui sabio, mui pio, e muito crédulo. Pouco menos de

Na vida de Mario
p.430.

cem vezes refere prodigios , e ainda não poucas vezes Oraculos : com tudo isto , jámais faz memoria da Magia em tantas vidas, e em tantas obras de moral , que nos deixou. No fim da vida de Alexandre lemos esta sentença : *He muito detestavel não crer nas cousas divinas , e despreza-las ; e tambem muito detestavel a superstição , a qual enche os animos de absurdas opiniões , e de receios , e temores.* Parece que basta quanto temos dito a respeito dos Historiadores , para se ver que estes fiéis Depositarios da verdade , callando nos costumes , e nos antigos acontecimentos , os factos magicos, ou fallando delles com hum certo emphase , dão claras , e grandes provas de que as pessoas de intelligencia , ou versadas nos grandes negocios , não conheceram a Arte Magica , ou que se a conheceram a desprezaram. Passamos agora a ver o que della sentiram os Philosophos , dos quaes tanto se desvanecem os nossos Adversarios.

C A P I T U L O VI.

Naõ houve Philosopho insigne , ou Cabeça de Escola , que favorecesse , ou ao menos conhecesse a Magia de nossos tempos.

TEmos hum caminho , ainda sem grande leitura, para fazer a collecção das opiniões de todos os Philosophos. Plutarco , de quem
acima

acima fallámos , e hũ dos maiores Homens de toda a Antiguidade, nos deixou hũa obra dividida em cinco livros ; obra que entre todas merece louvor distincto. Nella recolheo a doutrina de todos os Philosophos , e poz por ordem todas as materias sobre que a Philosophia tem extendido a sua jurisdicção desde os tempos mais remotos. Tinha lido os escriptos q̃ nos restam, e além disso muitos daquelles que se perderam. Ha melhor meio de ver quanto em o longo curso dos seculos pensaram os Philosophos de todas as escolas, e feitas ? Ora lendo-se esta bella obra, q̃ ha pouco deo á luz, illustrada com doudas annotações, o Padre Eduardo Corfini , claramente se vê , que nunca se unio a Philosophia com a Magia. Em todo este Tratado, em que se faz expressa , e repetida memoria de todas as partes da Philosophia , e de todas as questões que lhe podem pertencer , nunca se encontra acerca da Magia huma só palavra. Trata Plutarco de setenta Philosophos, e de todas as suas opiniões , indagações , e descobrimentos , mas nunca se lembra de facto algum magico , nem se encontra neste Auctor indicio de que se applicasse á Magia algum Homem grande , ou della fizesse caso. Largamente tratou Sexto Empirico , Auctor de muita estimação , das sentenças , e da doutrina dos Philosophos , sem fazer menção da Magia. Deixou-nos Eunapio as vidas de naõ poucos Philosophos , sem tambem fallar de Magia.

Amplamente, e com maior particularidade, escreveu Laercio a Historia dos Philosophos, e das suas doutrinas. Nenhum omittio dos mais famosos, expendendo longamente os seus systemas, e fazendo miudo catalogo dos escriptos; e com tanta exactidaõ, que a Theophrasto attribuiu mais de duzentos livros: com tudo isto, nunca nos apresentou hum só dos seus oitenta Philosophos, como Mago; nem escreveu que houvesse algum que estimasse a Magia; nem contou tambem facto que della procedesse; e nem hum só livro apontou que desta Arte trattasse. Ha quem pretenda, que em tantos milhares de escriptos se acha hum livro, que he parto de Aristoteles. Naõ o crerá quem tem alguma idéa do cerebro deste Philosopho. Cita Laercio no seu Proemio a Aristoteles *in Magico*; mas he isto hum erro, assim como outros que no mesmo Proemio se encontram; o que se prova, observando, que no lugar em que numera todas as obras do Philosopho, miudamente relatando até o numero dos versos, de livro Magico naõ falla absolutamente. Egidio Menageo na vida de Aristoteles, que inferio em as notas que fez a Laercio, numera este livro; mas entre os Pseudepigraphos, isto he, livros falsamente attribuidos a Aristoteles: he bastante esta prova. Segundo Suídas attribuiam huns aquelle livro a Antisthenes, e outros a Rhodio: poder-se-ha pôr com os que Laercio diz que Aristoteles escrevera sobre as

In Pythag.

favas. Tanto se verifica que tratasse Aristoteles da Magia, como se verifica o que neste lugar se segue, de que elle escrevera na Philosophia serem os Magos mais antigos que os Egypcios, e haver ensinado, que se davam dous principios. Nomeam-se naquelle Proemio alguns Auctores que fallaram de Magicos, mas de nenhum delles escreveo Laercio a vida, pelo que se mostra que os não julgou Philosophos. Convém que antes de passarmos adiante, se explique o equivoco que nasceo deste nome Mago.

Entre nós quando se falla de Magia, communmente se entende da diabolica; isto he, de huma Arte supposta, cujo nome he odioso aos Ceos, e á terra. Mas cousa bem diversa significava muitas vezes para com os Antigos, pela qual razão, citar as suas auctoridades para o nosso caso, he confundir tudo, e fugir do caminho da verdade. Vimos que significa em Herodoto este nome, ora huma certa gente, e povo, ora os interpretes dos sonhos, e dos insolitos acontecimentos. O mesmo se vê em outros Antigos. Mais do que em outras partes se usou deste nome, e se praticou esta Profissão com credito na Persia. Porém que significava? Huma classe de

L. 7. & 8. Alcib. a Xenophonte. Diz Platao, que as pessoas mais fabias que se escolhiam para educar os filhos dos Reis da Persia, lhes ensinavam a Magia, e que *esta era o culto dos deoses*. Escreve Apuleio: *Persarum*
 t. 2. p. 122.
 Apul. Apol. 1.
 lin-

lingua Magus est, qui nostra Sacerdos. Lemos no Proemio de Laercio, que os Magos se occupavam no culto dos deoses, nos sacrificios, e nas preces. Refere Strabo, que na India assistiam os Philosophos aos Reis em tudo o que pertencia ao culto di- L. 15.
vino, assim como os Magos na Persia. Eram guardas do fogo perpetuo, e das cinzas sobre as aras. Não se creia por isto, que se juntasse a honestidade, e a piedade ao culto dos deoses. Veja-se em Sexto Empirico, e no Proemio de Laercio, quaõ horriveis Laert.
nupcias permittiam, e approvavam os Persas, os P. 2.
Egypcios, e os Magos. Julgavam cousa santa o co-
habitar com a mãe, e com a filha. Até se cria que os verdadeiros Magos deviam ser géra-
dos da maneira seguinte. Catullo:

*Nam Magus ex matre, & gnato gignatur oportet,
Si vera est Persarum impia religio.*

Porque de mãe, e filho

Deve nascer o Mago,

Se dos Persas he certa a impia crença.

Esta era a *Sapiencia Oriental*, que os parciaes da Arte Magica tanto encarecem, e tanto louvam.

Entenderam-se tambem algúas vezes por Magos os Adivinhos, ou exercitassem semelhante impostura examinando as entranhas dos animaes, ou observando as estrellas, ou fingindo enthusiasmos, ou fazendo crer que fallavam com os mortos, ou que se valiam de varas, de agua, de espelhos, e de

fumo ; ou compondo Oraculos , e fazendo myfterio da appareçaõ das aves , e dos feus voos. Deram-se differentes nomes a estes diversos enganõs : mas quem ignora que era tudo isto impostura ? Quem não sabe que estão por este motivo cheios os livros gentilicos de falsas historias , e de imaginadas maravilhas ? Advertimos por ultimo , que muitas vezes se entendeo por Magia a litteratura não vulgar , e o melhor estudo da natureza. Vemos em Plataõ , que chamavam Magos *aos que eram mais sabios*. Diz Div. 1. Cicero : *Magos , quod genus Sapientum , & Do-*
 1. *ctorum habebatur in Persis*. Escreveo Eubulo , citado por S. Jeronymo , que se encontram na Persia T. 4. tres generos de Magos , dos quaes os primeiros são P. 344. *doutissimos , e eloquentissimos*. Como era fama de que no Egypto, melhor do que em parte alguma, se cultivava a Philosophia , buscaram anciosamente este paiz os Gregos mais famosos. Ora suppostas as accepções em que os antigos Gentios tomaram o nome de Magia , ha cousa mais fóra de proposito do que o valer-se do que elles disseram , para prova da nossa Magia ? Logo he necessario observar sempre em que sentido usaram deste nome os Auctores.

Tornando aos Philosophos , nenhum dos que tratou de Artes , e Sciencias , numerou entre ellas a Magia , ou della escreveo palavra ; pelo que se vê que era propria , não dos doutos , mas do vulgo. De Democrito se sabe por Laercio , que nume-

rou as suas obras, que nunca desta materia escrevera. Imputam os Adversarios a Laercio o ter omittido o Tratado das Sympathias, fragmento que se acha em Fabricio, e he sem razao, pois naõ he de Democri-
to; e ha disto demonstraçaõ clara nas notas do Editor, nas quaes diz, que esta obra se dedicara a hum Imperador. Observemos as poucas obras dos maiores Philosophos, que superaram a inveja, e furor dos tempos. Sobre todas se nos oppõe as de Plataõ, como protector da nossa Magia, quando pelo contrario delle mesmo sabemos que fora demencia do vulgo, e impostura. No lugar onde prova que os Sophistas enganavam, e illudiam o povo com argumentos falsos, para se fazer entender diz: que era cada hum delles *como hum Magico imitador*; isto he, que *contrafazia as cousas que verdadeiramente existiam*. Logo julgava falso tudo o de que os Magicos se jactavam. Diz mais, que hum destes deve ser chamado *prestigiador*, e que nenhum póde fugir de ser posto *na turba dos que faziam obras pasmosas*. Aprendemos do referido, que o enganar por esta via, contrafazendo, era hum mysterio; e que a estes se chamavam obradores de cousas admiraveis: hoje lhe chamariam *Charlatães*. No mesmo Dialogo se diz o seguinte: *Que o Sophista pertence á Arte dos Falsificadores, e Magicos*. Appellida-os em outro lugar *Professores de encantos*. Em o decimo livro da Republica, para dizer que haverá

T. 4.
P. 333.
Cong.
P. 406.

T. 1.
P. 235.

P. 241.

- P. 598. hum enganado , diz , que *ha de cabir nas mãos de*
 t. 2. *algum Mago , ou prestigiador.* No decimo livro
 trata das Leis , do crime , e das penas daquelles que
 não crendo a existencia dos deoses , e sendo de co-
 stumes iniquos , procuravam enganar as gentes , as
 familias , e as Cidades inteiras , promettendo curar
 com maleficios , e fazendo crer que *fallavam com*
 T. 2.
 p. 909. *os mortos* , e moviam os deoses com seus sacrificios,
e com encantos magicos. Vê-se no mesmo livro ,
 que havia então certos malvados, que se gabavam, e
 faziam crer ao povo poderem *magicamente causar*
 P. 933. *damnos com prestigios, encantos, e maleficios.* Não
era comprehensivel o como isto acontecia; e aindaque
alguem por impossivel o entendesse , não alcançaria
capacitar a outros : de tal sorte , que seria facil aos
que attentamente considerassem este ponto , mostrar
que as imagens de cera de qualquer , postas ás por-
tas, nas encruzilhadas, ou nos sepulchros dos pais,
mereciam desprezo, por se não saber nada ácerca do
effeito de semelhantes cousas. Continúa , exhor-
 tando , que se affastem de todo o maleficio , *sem,*
como meninos , se atemorizarem dos homens , e sem
obrigarem ao Legislador , e aos Juizes a libertar
os homens de taes temores. Póde o referido ser ba-
 stante para fazer conhecer o sentimento de Platóão
 nesta materia , e servir de argumento para provar ,
 que sómente no seu tempo era acceita do vulgo a
 opiniaõ da Magia. Já desde aquelles tempos se fa-
 ziam

ziam bonecas , e se cria que nellas se podia offender , e ferir este , ou aquelle. Davam tambem desde entaõ os idiotas credito á existencia dos anneis magicos , suppondo que eram dotados de virtude extraordinaria.

Teve origem semelhante crença na fabula de De Giges , que Plataõ expende , e ridiculiza. A ella al-^{Rep.}
lude quando ensina que se deve rectamente obrar , ^{l. 2. p.} 359.
e conforme o justo , ou *se possua , ou não , o anel* ^{P. 612.}
de Giges : quer dizer , sejam , ou não , vistas dos
outros as nossas acções. Suppunham-se em taes an-
neis hum dos maiores segredos da Arte. Faz Cle-^{Stro-}
mente Alexandrino memoria de dous *anneis encan-* ^{m. l. 1.}
tados , que tinha o Rei dos Phocenses.

No Dialogo de Luciano , intitulado o *Navio*,
melhor do que em parte algũa, se acham os prodigios
que resultavam dos anneis. Havia quem pretendia
da sua virtude estar sempre são , ser invulneravel ,
adorado do sexo feminino , e superior em forças a
dez mil. De Aristophanes se colhe qual fosse a esti-
ma que o povo commum fazia dos anneis. No seu
Pluto, assim faz que responda quem era escarnecido,
e ameaçado : *Eu não te estimo em hum figo, porque* ^{Aa. 3.}
trago este anel, que comprei por huma drachma a
Eudamo. Se os anneis magicos se vendiam ao povo
por huma drachma , não eram certamente dotados
de virtude mais que natural. Notam os Commenta-
dores , que *Eudamo , vendedor de anneis , era Bo-*

ticario, e Philosopho, e que fazia anneis pbyficos contra o demonio, e contra as serpentes, e outras semelhantes cousas. Daqui se vê, que entrava a Arte Magica nestes casos para escarneo; e que se os Boticarios davam remedios contra os demonios, todo o homem de entendimento são reconhecia que isto era conto de velhas, de que os prudentes se riam.

Devemos finalmente advertir, que admittio Platao na sua Theologia demonios, porém celestes, e benignos, e que nunca admittio os infernaes, e nocivos. Logo segundo hum tal systema não podia haver Magia diabolica. Por este motivo queria que se sacrificasse não sómente aos *deos*, mas depois destes aos demonios, e depois destes tambem aos Heroes. Chama no seu Dialogo Epinomis aos demonios, *que estão na terceira, e média região; progenie aerea, aos quaes he justo honrar com preces, porque servem de interpretes entre os homens, e os numens.* E no intitulado Symposio, faz dizer a Socrates, *que ha alguma cousa entre o mortal, e o immortal; e que esta natureza média serve de interprete entre os homens, e os deos: quer isto dizer, que os demonios levam ao Ceo os nossos sacrificios, e nos trazem as ordens, e remunerações.* Diz que daqui procede a Arte Adivinhadora, a Arte Sacerdotal, e a Magia; e conclue dizendo, *que hum destes demonios he amor, que he* o ob-

De
Leg.

10. p.

707.

P. 984.

T. 3.

P. 203.

o objecto do seu Dialogo. Muito bem se vê desta maneira não se poder unir a Magia malvada, e infauſta com os demonios que elle admitte. Tratando de materia mui differente no Teeteto, e ufando em hum periodo da comparaçã das parteiras, diz que estas *dando os seus remedios, e fazendo os seus encantos*, podem facilitar os partos; mas aqui se explica popularmente, e ſegundo o uſo. Por prova ſuperabundante ſe póde tambem dizer, que Plataõ ironicamente zomba algumas vezes em os ſeus Dialogos: aſſim o devemos crer quando enſina que hum dos ſeus demonios he amor, e que a Socrates aſſiſtia hum eſpirito benigno, e favoravel, ſobre o que ſe tem depois ſériamente dito tantas, e tantas couſas, como ſe na verdade aſſim tiveſſe acontecido. Ha por ventura quem não veja que elle meſmo entendia não ſer materialmente crido quando dizia, *que nelle ſe produzia certa divina, e diabolica voz*, que de algumas couſas o retirava? Quem deixa de conhecer que tambem zomba no Charmides, quando diz, que nada valia hum remedio para moleſtias da cabeça, ſem ſe lhe ajuntar certo encanto, enſinado por hum dos Medicos Thracios, ſeguidores de Zamolſe, dos quaes ſe contava immortalizarem os homens? Explica pouco depois, que ſe devia primeiramente curar o animo com certos encantamentos: mas quaes ſão eſtes? São os diſcurſos ſabios, *dos quaes ſe gera nos animos a temperança*, a qual ſuppoſta,

he

Apol.
Socr.
t. 1. p.

31.

T. 2.
p. 155.

P. 157.

Flor.
l. 2.

he facil tornar são *o animo*, e *o corpo todo*, de tal forte que não haja mais necessidade de Zamolse, nem de encantos do Hyperboreo Abaris. Eis-aqui quaes eram os encantos, e qual era a Magia que Platao ensinava. Da mesma forte se póde arguir o systema de Pythagoras, porque Platao delle compoz grande parte do seu. *Noster Plato nihil ab hac se-cta, vel paululum devius, Pythagorissat*, disse Apuleio. A virtude que se crê attribuída a numeros, era cousa muito diversa da Magia.

Convém depois de Platao indagar os sentimentos do outro polo da Philosophia, que he Aristoteles; mas deste passaremos com brevidade, porque em todas as suas obras não falla de Arte Magica, nem de magicos successos faz memoria algũa. Tinha Platao, porque escrevia Dialogos em que fallavam varias especies de homens, e que ordinariamente se dirigiam ao commum, grande, e conhecida necessidade de fazer algumas vezes menção dos costumes, e dos predominantes, e vulgares prejuizos. Aristoteles, porém, que dictava scientificos Tratados, e que escrevia para os homens de estudo, lhe não era decente recordar os nescios despropósitos do vulgo. Esta a razão porque não disse huma só palavra sobre o que pertence á Magia, tratando de todas as partes da Physica, e tratando não só abundantemente da Moral, porém ainda mais amplamente do que outro qualquer. Assim fizeram os infinitos Peripateticos

cos que se seguíram , e que no desprezar , e reprovar semelhantes enganões inteiramente se conformaram com Plató. Ora digam-me : Não he consciencia infamar a Philosophia , divulgando que ella produzira a Arte Magica , que os Philosophos foram Magos , e que fizeram alta estimação de taes delirios ? Não he consciencia affirmar que a Philosophia dos Antigos *he visinba da Magia diabolica* ? Apol. p. 50. Ha sonho mais extravagante ? Não se attribuiu a Zeno , e aos Stoicos cousa semelhante. Imputou L. 30. Plinio a Magia a Democrito , talvez porque fora c. 1. educado dos Magos , que Xerxes deixou a seu pai quando albergou em sua casa ; porém Laercio conta que estes Magos lhe ensinaram a Theologia, isto he, o culto dos deoses , e a Astrologia , que aqui se deve entender por Astronomia , e nunca por Magia ; e referindo os estudos deste Philosopho , de Magia não diz huma só palavra.

Esta imputação de Plinio deve ser numerada Gell. l. 10. c. 12. *entre as fabulas vãs , e intoleraveis* , que Gellio affirmou escrevera este Auctor acerca de Democrito. Conservou-nos Laercio tres longas Epistolas de Epicuro , das quaes se collige toda a sua doutrina ; mas em nenhuma dellas ha cousa que pertença , e se possa referir á Magia. Que diremos de Epicteto , e de outros celebres , que nem huma só palavra dispenderam sobre tal chiméra ? O mesmo dizemos de Lucrecio , e de Seneca, que entre os Philosophos

Latinos he quem merece a coroa. Declarou no principio da sua obra o Imperador Marco Aurelio, Philosopho excellente, que tinha aprendido de famosos Mestres, *naõ se dever pôr cuidado em cousas vãs, nem dar credito ás falsas maravilhas divulgadas pelos Encantadores, e pelos Magicos.* Esta unica auctoridade poderia bastar. Na lingua Grega o mesmo vocabulo que significa *encanto*, significou tambem *impostura*. Daqui se pôde ver quaõ affastado seja de toda a sombra de verdade o affirmar-se que fora a Magia *venerada, e cultivada* dos antigos Philosophos, e que *invencivelmente* demonstra a existencia da Arte Magica o exame *dos sentimentos dos mais celebres Philosophos de todas as Idades, e Nações.*

Parece querer hallucinar-nos o Adversario apontando muitos nomes, e citando muitas auctoridades, pretendendo assim mostrar que foram infinitos os Magicos, e que foram deste número todos os Philosophos. Affirma que houvera immensos

Apol. P. 30. Tratados de Arte Magica, aindaque apenas hum só pode citar, que he o de Proclo, *De Sacrificio & Magia*; o qual, segundo o mesmo contrario, *se pôde contar por hum verdadeiro Tratado de Magia Ceremonial.* He este *hum prudente argumento* do que eram os que se perderam. He hũ escripto de duas, ou tres folhas, do qual nos diz Pico, o moço, que contém *pura figmenta.* Ha nelle, por exemplo,

P. 32. esta

esta passagem, que *se viram os demonios solares com aspectos de leão, e que postos contra hum gallo, de repente desappareceram.* Quer que se entenda quaõ *rica fora a Antiguidade* de escriptos magicos, pela grande quantidade que em Epheso se levaram a S. Paulo, pelos que *fuerant curiosa secta* Act. XIX. 19. *ti*; os quaes julga terem sido todos magicos; porém S. Agostinho lembrando-se delles quando fallava de hum Astrologo, mostra que estes escriptos eram reputados por escriptos de Astrologia; e chama por esta razã aquelles curiosos *doctrinarum nefariorum sectatores.* Numerava-se a Astrologia entre os condemnados estudos, mas naõ era verdadeiramente Magia, aindaque fizesse algumas vezes com ella sociedade, e fosse considerada como huma das suas especies. Conta tambem o Adversario a mui grandes Homens d'entre os Modernos por Auctores da Arte Magica: deste modo se poderiam meter em número os Casuistas, que fallam da Magia, quando numeram os peccados. Pretende que haja tantos escriptos, que apenas baste *para ler os livros desta Arte a vida do homem.* Houve quem gastando bom humor escreveo q o referido se deve entender do homem sepultado, porque aos que estaõ sobre a terra lhes restará vida para ler depois de todos os livros magicos, muitos dos que o naõ saõ. Insistindo sobre os Antigos, se suppõe com extravagancia, que Pythagoras, e Democrito *tiveram desejos de conhecer* Apol. p. 32.

Cong. p. 395.

os mysterios , e os arcanos da Arte Magica. Diz-se de Democrito , que não era *verdadeiro , e formal* **P.401.** *Mago* , porque não cria *haver commercio com o demonio.* Criam-no por ventura os outros Gentios ? Como podia ser diabolica a Magia daquelles Philosophos, que não conheceram o diabo ? Sabiam elles a quéda de Lucifer , a dos seus companheiros , a sua condemnação , o genio infernal , e inclinação perversa , que lhes ficou contraria ao genero humano ?

C A P I T U L O VII.

Astucias com que alguns Platonicos posteriores radicaram no povo o credito da Magia.

HOuve , correndo os tempos , Philosophos , seguidores de Plató , que ampliaram a vulgar crença da Magia. Ligaram-se a algumas expressões deste Philosopho , havendo nellas muitas sentenças , e certos ditos escuros , os quaes não tendo senão huma significação ideal , e phantastica , eram muito proprios , e utilmente opportunos para os que procuravam a reputação de superiores em engenho , e intelligencia ao commum dos homens. Mas para fazer claro o seu engano , e patentear a sua cabala , basta mostrar os seus fins , e fazer conhecer quaes foram os motivos que os determinaram. Dilatava-se felizmente todos os dias a Religião Christãa, e descobriam-se mais, e mais os do-

dolos dos Pagãos , dando-se claramente a ver a crueldade dos Gentios. Eram fortíffimos motivos das conversões os milagres que o Salvador obrara em vida , e que se referiam concordemente nos quatro Evangelhos ; como tambem os dos Apostolos , e de outros Varões , a quem o Senhor concedia este dom , attendendo ás supplicas dos seus servos. Para contrastar hum taõ manifesto argumento excogitaram os principaes dos Gentios dous arbitrios : era hum o valerem-se dos erros do vulgo acerca da Magia , divulgando que os milagres de Christo , e dos seus , se fizeram por virtude da Arte Magica : foi o outro arbitrio fingirem outros tantos prodigios , publicando tambem maravilhas semelhantes em favor dos seus idolos. Esta a causa porque se começaram a semear infinitas fabulas com a voz , e com a penna. Distinguiram-se entre todos no terceiro seculo do Christianismo Celso , e Philostrato. Vem-se os pensamentos , e argumentos da obra de Celso nos oito livros em que Origenes lhe respondeo.

Orig.
l. 1. p.

Afirmava, que os Christãos lançavam fóra os demónios dos obseffos , porque lhes sabiam os nomes , amansando-os com isto. Afirmava tambem , que o Salvador tinha feito maravilhas á força de encantos, e que da mesma forte os tinham obrado os Apostolos , e os outros Christãos. Dizia , que elle mesmo vira que os nossos Sacerdotes tinham *livros barba-*

324.
356.

L. 6.
p. 662.

feiti-

- feitiçarias*. Fizeram, além disto, grande uso das celebres, e decantadas fabulas de Apollonio Thiano. Passava por Mago, que val o mesmo que impostor. Escreveo Meragenes na sua vida, que o povo o buscava como a *Mago*. Como de Mago fallaram delle Luciano, Apuleio, Lactancio, e outros. Delle, e de outros se contaram taes prodigios, que S. Agostinho escreveo o seguinte: *Quis vel visu dignum non putet, quod Apollonium, Apuleium, ceterosque Magicarum Artium peritissimos conferre Christo, vel etiam præferre conantur*. Faziam estudo em arremedos, fingindo os verdadeiros milagres de Christo, e attribuiam ao impostor quanto dos Christãos se publicava. Com toda esta diligencia *nunca poderam alcançar* que se cresse ser Deos *Apollonio, ou outro algum dos Magos*, segundo nos diz Lactancio, quando mostra quão ridicula he a loucura daquelles que em comparação do Salvador *volunt ostendere, Apollonium vel paria, vel etiam maiora fecisse*. Celebrou-o como hum deos Vopisco, e publicou dever-se venerar como tal; não duvidando affirmar que resuscitara mortos. Achou Philostrato nos desvarios, e imposturas de Apollonio materia para oito livros. Com elles o declarou formal inimigo da Magia, pretendendo que todos cressem terem sido suas maravilhas, e prodigios, effeitos de virtude superior. He digno de nota o que elle põe na boca do mesmo Apol-

L. 6.

Epist.

137. c.

417.

L. 5.

c. 3.

In
Aurel.

Apollonio : *Consiste a força da Arte Magica nos P. 331. enganos , e demencia dos enganados : he Arte na verdade , por se encaminbarem todos os Magicos a ganhar dinheiro , e dirigirem, quanto velhacamente fingem, a lucro, e propria conveniencia.* Daqui se mostra claramente qual he o fim principal com que se finge a Magia. Observa-se, e vê-se tambem, que não falla este Auctor de alguns, mas de todos. Em quanto á sua pessoa ha diversas opiniões, segundo as differentes vozes que delle se espalharam. Unio-se a Apollonio, e a Philostrato , Hierocles, o qual juntou muitas blasphemias, com outros tantos despropósitos , para impugnar os Christãos ; consistindo a parte principal da sua obra em huma comparação de Apollonio com Christo. Veja-se a completa resposta que lhe fez Eusebio ; e nella se verá quantas contradicções , e quantas mentiras misturou , vãamente discorrendo acerca dos Magos , das Phantasmas , e das Lamias. Egregiamente tratou das Lamias Lilio Gregorio Giraldi na sua *Historia Deorum*.

Viveo no terceiro seculo da Igreja Plotino , famoso entre os Platonicos , o qual fez muitas vezes nos seus livros menção da Magia ; mas delles se não póde effectivamente concluir cousa alguma. Basta saber-se , que affirmava ter comfigo hum demonio familiar , não de baixa classe , mas *dos mais divinos*. Escreve S. Agostinho , que dos discipulos de Plotino alguns *Magicarum Artium curiositate deprava-*

Synt.
XV.

Epist.
118.

ti sunt. Foi seu discipulo o celebre Porphyrio : este mais que todos contribuiu para semelhantes erros ; porque foi douto , compoz muito , teve grande fama , e muitas vezes misturou verdadeiros com falsos pensamentos. Na vida que escreveu de Pythagoras se observam as fabulas que tanto credito lhe deram , e pelas quaes pretenderam , não só compara-lo , mas preferi-lo ao nosso Salvador. Algumas vezes falla, nos seus Tratados, contra a Magia ; mas talvez porque desejava que só estivesse em reputação a sua. Affirma Eusebio na sua Preparação Evangelica , que

L.4.c. *tratava com os demonios , a quem elle chamava*
6. *deoses , (fama que nascera de suas jactancias) e que emprendera a defeza da sua causa.* Das suas obras he a mais diffusa aquella que comprehende quinze livros contra os Christãos. Nenhuma composição de Escriptor Gentio foi tão combatida , e detestada. Acham-se della algumas passagens, referidas na *Preparação* de Eusebio , nas quaes se vem erros , e falsas imaginações acerca dos demonios ; o que tambem se encontra nas que se tiram das outras obras suas. Ensinava , *que os mesmos deoses generosos*

L.5.c. *foram os primeiros mestres da malefica Magia. Se-*
10. *não disse-me : (continúa elle) Como poderiam os homens saber as cousas do demonio , e as prisões com que facilmente podiam ser violentados , se elles mesmos o não tivessem declarado ?* Asseverou tambem em outra parte , *que fora concedida pelos*

L.6.c. *deo-*
4.

*deoses a Magia, para nos libertar do fado, e aparta-
lo ; porém quanto diz he tudo malicia , e impostura.
Convém, antes de indagar mais , pôr em claro hum
ponto mui importante. Usam presentemente os De-
fensores da Arte Magica de hum grande equivoco
acerca do termo *Teurgicos* , e sobre a differença da
Teurgia , e *Goezia*. Affirma a Apologia , que a ^{Apol. P. 20.}
Magia Ceremonial era a *Arte de conciliar por via*
de certos ritos os espiritos ; e que passava por huma
cousa mui santa ; com tanto que não tendesse ao
commercio , e familiaridade com os immundos espi-
ritos ; o que era illicito , e se chamava então Goe-
zia , para distincção da Teurgia , que considerava
o commercio com os espiritos puros , e bons. He tu-
do isto ideal , e pagãa doutrina , originada dos Pla-
tonicos. A verdade he , que tanto era mentira , e en-
gano huma como a outra , e que o variar de termos
lhe não mudava a natureza. Diz S. Agostinho , que ^{Civ. D. I. 10. c.}
deste sonho , e das annexas chiméras fora Porphyrio
o Auctor. Promettia este Philosopho, *quandam qua-*
si purgationem animæ per Teurgiam. Lê-se pouco
antes o seguinte : *Magiam , vel detestabiliori no-*
mine Goetiam , vel honorabiliori Teurgiam vocant.
Porém os que se davam tanto a huma como a ou-
tra , eram igualmente *ritibus fallacibus dæmonum*
obstricti. Logo he sonho gentilico o commercio
Teurgico com os espiritos puros , e bons : *ritos*
fallaces , porque delles se não tira effeito algum.*

Falla depois o Santo nas futilidades, e contradicções de Porphyrio, que ora condemnava a Magia, ora lhe chamava util para alimpar a parte espirital da alma, e fazê-la com as Teurgicas ceremonias capaz de receber em si os espiritos, e os Anjos, e ver a Deos. Julgava *ipsos deos per nescio quam Teurgicam disciplinam obstrictos passionibus, & perturbationibus. Nescio quam*, diz o Santo, porque era a sua doutrina imaginada chiméra. As passagens dos Christãos, de que se servia Porphyrio, fizeram que algumas vezes fosse louvado, como tambem o foram alguns Platonicos; mas eram em summa as suas proposições arbitrarios, e inconcludentes enredos, sempre inefficazes, e cheios de idéas gentlicas, e de idolatria.

Pelo que respeita ao nosso intento, e assumpto, devemos asseverar o mesmo dos que seguiram semelhantes pizadas. Jamblyco, celebrado por Proclo, e Eunapio, ensina nos seus escriptos fanatica Philosophia, e superstição. Jacta-se este Auctor, de que *quando fazia oração aos deoses se arrebatava dez covados acima da terra*. Não faltou quem já louvasse as suas obras por causa de certas luzes que parecem descobrir illustração christãa; mas Brucker, pelo contrario, affirma que he pestilencial a sua doutrina, e que directamente se encaminha a enganar os Christãos, *dolis, mendaciis, præstigiis*. Impugnou Jamblyco muitas opiniões de Porphyrio, na sua

sua obra *de Mysteriis*, com que responde á Episto-
 la escripta a Anebon. Sonha tambem este Philoso-
 pho, *que em se commettendo algum erro na Arte*
Teurgica, succedem differentes aparições das que
 se pretendiam. Mas tanto da Teurgia, como da Sect.
 Goezia, entende Galle, Editor desta obra, nas suas 2. c.
 notas, o seguinte: *Est utraque infamis*. Tinha o 10.
 mesmo, já dito pouco antes: *Magorum omnes se-*
ctas, & disputationes omnes constat versatus fu- P. 193.
isse in adstruendis duobus principiis. Muito escre- P. 185.
 veio Proclo sobre a Teurgia. Demasiada seria a per-
 da de tempo se quizessemos averiguar as extrava-
 gantes proposições dos outros Platonicos, cheias de
 pensamentos aereos, e que nunca se põe em practi-
 ca. Psello continuou o mesmo, ainda no undecimo
 seculo. Estes mesmos Platonicos, ora admittiam a
 Magia, ora a regeitavam; concorrendo tudo isto
 para se conhecer que sempre fora inválida, e de ne-
 nhuma efficacia, e poder. Considerando, pois,
 quanto se pôde concluir do que até aqui se tem di-
 to, está claro, e patente, que dos Antigos só os
 Poetas contaram as maravilhas magicas; não se
 achando em Historiador algum, que no seu tempo
 succedessem maravilhas taes por semelhante via, e
 motivo; nem tampouco lemos nos Philosophos,
 que houvesse Escola em que se dêsse credito a esta
 impostura. Clara, e evidentemente se conhece, que
 as fabulas de Philostrato, e Porphyrio, foram inven-

tadas para se contraporem aos milagres do Salvador; e em todos os tempos observaram a sua falsidade os que se não cegaram com o partido dos Pagãos.

Mas aqui devemos fazer huma consideração fundamental nesta materia, e pela qual se podem evitar muitos equivocos, e se podem entender muitas passagens dos Antigos. Não procede da Philosophia a Magia dos Pagãos, nem teve relação alguma com ella: teve sim connexão com a sua Theologia, e foi huma das suas partes. Não se pediam os prodigios, tão exaggerados pelos Magos, a *Lucifer precipitado do Ceo*, porque o não conheciam; sendo por esta razão ridiculo chamar diabolica á sua Magia. Faziam crer que dos deoses vinham as maravilhas; e como se persuadiam que nada lhes era impossivel, se jactavam de que por Magia se podiam revocar as almas do inferno, fazer vir as tempestades, turbar os elementos, e trazer á terra a mesma Lua. Admittido, diz Plinio no lugar em que procura saber, *valeant ne aliquid verba, & incantamenta carminum*, que os deoses ouvem; e attendem as preces, e se movem de palavras; se podem conceder as maravilhas todas. Segundo a sua Theologia qualquer angulo do mundo está cheio da Divindade: esta a causa porque se nomeavam deoses do Ceo, do inferno, dos ares, da agua, do fogo, das alagôas, e até das covas. Dizia-se, que
era

era da Profissão dos Magicos terem imperio, e mandarem sobre todas estas cousas. Esta a causa porque Nero desejou saber da Magia, e por ella *imperare* ^{Plin. l. 30. c. 2.} *diis concupivit*, como escreveo Plinio. Disse Quintiliano: *Horrido murmure, imperiosisque verbis dii superi, manesque torquentur*. Suppunham que havia deoses do primeiro, segundo, e terceiro grao. Contavam assim: deoses, genios; isto he, demonios: Heroes; isto he, semi-deoses; e por este motivo se discorria da mesma maneira acerca dos espiritos: como admittiam deoses que faziam bem, e deoses que faziam mal, chamaram Teurgia o encaminhar-se aos beneficos, e Goezia o dirigir-se aos maleficos; mas tanto huma cousa como a outra foi igualmente sonho dos Gentios. Eis-aqui patente o arcano destes nomes. Daqui se póde, pois, colligir em quantos erros teraõ cahido por esta razaõ os parciaes da Magia. Parecerá estranho ao Senhor Tar- ^{Apol. P. 154.} tarotti que Maffei julgasse simplicidade *o distinguir demonios infernaes, celestes, terrestres, igneos, aereos, e aquosos*, quando procede esta chimérica distincção dos idolatras. E não será simplicidade man- ^{Ibid.} dar ao energumeno, *que se abstenha da tinca, e da enguia*? Falla o Adversario da *Theologia dos Magi-* ^{Apol. P. 13.} *cos*, como se fosse propria destes miseraveis, sendo ella commua dos Gentios; entre os quaes por velharia se fazia algúas vezes da Magia hum particular estudo, aindaque chimérico; como se necessário fosse

faber qual dos deoses se devia invocar segundo os casos, e o tempo, como tambem com que ceremonias, e de que herva, pedra, ou perfume se devia usar.

Julgamos inutil fallar dos talismães, ou dos amuletos, que vemos nas collecções de antiguidades. Eram pedras, ou pedaços de metal, ou pedras preciosas, ou anneis com certas figuras, ou palavras, nelles esculpidas, das quaes principalmente se crialhes proviesse extraordinaria, e muito singular virtude; mas o seu frequente uso, e reputação lhe procedeo dos Gnosticos, e dos Basilidianos, de que abundantemente falla S. Irineo no seu primeiro livro. Attribuíam os Medicos os seus effeitos a virtudes naturaes: outros, porém, os attribuíam a virtude magica. Eram estes effeitos sonhados, e ordinariamente avaliados por imaginações ridiculas, e por imposturas. Contou Joaõ Malela, que Apollonio

L. 10. Thianeo, por via de talismães de chumbo, em que estava a figura de Marte, livrara dos mosquitos para sempre a Cidade de Antiochia. Este effeito attribue o Senhor Tartarotti *a sobrenatural agente*; P. 379. isto he, ao demonio. Poriam outros esta narração de Malela entre as fabulas de si ridiculas. Oppor-seha talvez o seguinte: Logo não devemos dar credito aos livros, nem prestar fé aos Historiadores? Devemos crer, e prestar fé a tudo o que he possivel, e não repugna á razão; mas a nada mais. Temos visto os pensamentos dos Philosophos, e dos Histo-

riadores ; mas para melhor confirmar a nossa opinião faremos huma breve indagação sobre o sentimento dos Escriptores de outro genero , escolhendo sempre os maiores Homens da Antiguidade.

C A P I T U L O VIII.

Riram-se da Magia os mais celebres Auçtores Gregos das outras classes.

S Eriamente fallou da Magia Hippocrates , Auçtor de summo apreço , e de toda a reputação. Chamaram os Gregos á epilepsia enfermidade divina , por causa dos seus singulares , e horriveis effeitos , e pela difficuldade do remedio. Quizeram os antigos Medicos com este nome persuadir que não era culpa sua o não curarem esta molestia , por ser divina , e proceder dos deoses. Della tratou magistralmente Hippocrates , advertindo primeiramente , que este mal não era mais divino do que os outros ; e que inutil , e vãamente procuravam desculpar-se , *ou com ceremonias sacras , ou com encantos.* Aquelles , dizia elle , *que primeiramente o pozeram em o número das cousas divinas , se me representam taes , quaes são agora os Magos , os Expiadores , os Charlatães , e os jaçtanciosos , que affectam ser summamente pios , e saber mais que os outros.* Não se podia explicar melhor o em que consistisse a Arte Magica, do que em dizer q̃ consistia em

De
morb.
sacr.

em enganar os cerebros mais treviaes , e mais simples ; em fingir commercio com os deoses ; e em buscar ser reputado por de maior intelligencia que os demais. Continúa Hippocrates : *Aquelles, cobrindo a sua ignorancia, recorreram ao divino*, e prescreveram huma cura certa , por via de *expições, e de encantos*. Até os affectos hystericos das mulheres se attribuem algumas vezes a Magia : e ao hypericaõ , que he remedio proprio , lhe chamou o povo *herua affugenta diabos*. He sobre tudo mui notavel , que, para destruir a falsa apparencia de piedade de que se valia todo o que dava a entender que farava *com expições, e com Magia*, allegando sempre *a divina, e diabolica virtude*, mostra, e faz ver o mesmo Hippocrates, que antes pelo contrario semeavam impiedades , e persuadiam *que não havia deoses*. Toca nas loucas vaïdades dos Magos , que promet-tiam obscurecer o Sol , e a Lua , fazer vir as tempestades , ou a serenidade ; e prova que com isto vinham a negar a existencia , ou o poder dos numens. Aponta depois os remedios dos Medicos , e termina dizendo , que desta maneira se alcançará o bom fim , *sem expições, sem encantos, e sem todos os outros sordidos artificios de tal genero*. Logo, entre os artificios plebêos , e fordidos , vemos que pozera este grande , e celebre Homem a Magia.

Não se póde desejar mais auçtorizada , mais expressa , e mais precisa declaração. Reconhecendo

o Adversario a força desta auctoridade, buscou o subterfugio de dizer, que já houve quem julgara não ser esta obra de Hippocrates. Mas trazem-na todas as melhores edições, e he de todos recebida por verdadeira. Huma só razão apontaremos, que per si valerá por tudo quanto se possa dizer. Julgou-a ser de Hippocrates o mesmo Galeno. Haverá quem se não renda ao juízo deste grande Homem, que mais do que outro algum revolveo as obras de Hippocrates, e as commentou com summo cuidado? Ora elle quando commentou o livro dos Prognosticos, fallando do mal epileptico, escreveu o seguinte: *Vê-se, que Hippocrates em nenhum dos seus livros attribuiu a causa das doenças aos deuses.* Cita para prova o livro do alimento nas molestias agudas, e o do mal divino; e deste falla assim: *No livro do mal divino; isto he, epilepsia, se allegam muitas cousas que servem para reprehender os que pensam que dos deoses provém as molestias,* que he o que se faz com effeito neste livro. Logo não ha sombra de dúvida de que a declaração do que entendiam os Doutos, e Sabios sobre a Arte Magica não seja de Hippocrates. Não faltou quem attribuisse a Democrito este livro. Não seria de desprezar a sua auctoridade; mas este pensamento he destituído de razão, e não tem fundamento em algum Auctor antigo. O dialecto deste livro he Jonico, como o dos mais livros de Hippocrates; e a dou-

Gal.
tom.8.
p.588.

doutrina , e sentimentos , ou não desdizem , ou são os mesmos. Oppõe o Adversario , que ha quem suppõe Hippocrates Atheista ; mas respondemos que são de maior credito os que o fazem religioso , e pio na Religião Pagãa ; e o que d'elle temos allegado o mostra , e prova. Todas as outras defezas de que se servem sobre esta questão , fazem sómente ver quanto o empenho , e capricho affasta os homens dos caminhos da razão.

Juntaremos á auctoridade de Hippocrates a de Galeno , segundo Principe da Medicina. Nas suas obras se não encontra clara , e precisa sentença sobre este ponto ; mas val sem resposta o complexo de todos os seus escriptos , nos quaes havendo tantos livros, e tantos remedios de toda a especie, nunca de algum magico , ou supersticioso fez memoria. Não teve , por ventura , mil occasiões de suggerir, e fazer memoria das opiniões do vulgo ? Douta , e sabiamente discorreo sempre este grande Auctor , nem deo lugar nas suas obras a semelhantes loucuras, o que se lhe attribuíra a grande erro se dellas se tivesse visto effeito algum. No lugar em que Hippocrates diz que os Medicos differem tanto nas doenças agudas, que fazem *a Arte Medica semelhante á Divinatoria*, na qual nada ha de firme, confirma Galeno o mesmo parecer, e refere a este respeito a discordia dos Augures. Mas o Senhor Tartarotti , pelo contrario, nos dá a Galeno por hum grande approvador da

da Arte Magica , o que nos obriga a fazer patente o seu engano. Nem as palavras , nem os pensamentos são de Galeno. Allegam-se como citas que traz Alexandre Tralliano. Foi Tralliano mui dado a superstição , e muitas vezes se servio de cousas bem ridiculas. Diz-se , que cita huma vez a Galeno por prova , affirmando que este no principio julgava os encantos por conto de velhas ; mas que depois mudara de opiniaõ , vendo que por encantos se cuspiam os ossos pregados na goéla. Ri-se todo aquelle que conhece o estylo , e modo de pensar de Galeno, vendo que se lhe attribue esta retractação tão diametralmente opposta aos seus sentimentos , e á sua doutrina. Seriam os ossos da goéla huma nova molestia. Deixou-se enganar Tralliano de algum escripto supposto , o que se manifesta do confuso contexto daquelle fragmento, que traz a grande edição de Hippocrates , e Galeno no decimo tomo. Consideremos tambem o dizer Tralliano , que tirara aquellas palavras da obra de Galeno sobre a Medicina de Homero : não devemos crer por legitimo este escripto de Galeno , pois nem elle , nem Antigo algum o cita , ou d'elle falla. Dizemos mais , que não sómente não he de Galeno aquelle fragmento , mas que ha tambem muito boa razão para crer que Tralliano o não tenha referido ; porque se tirou da edição Greco-Latina ha pouco nomeada , e se acha na versão Latina , que he a obra intitulada *Medicæ*

Tom.
12. p.
595.

Artis principes ; mas no Grego de Tralliano , que em elegante edição publicou Roberto Stephano no anno 1548 , se não encontra tal passagem , e se não falla do livro nono , do qual se pretende fora extra-hida. Não sei por tanto se o grande Fabricio teve razão para o adoptar por verdadeiro , quando logo no principio se lê em Galeno *incantationes fabulis annumerasse anilibus* ; á qual passagem de si mesmo faz a seguinte nota : *Uti etiam in libro de morbo sacro sapienter facit Hippocrates*. Termina o seu livro nono Tralliano com hum despropósito de tal genero , mas de differente especie ; suggerindo por grande remedio o fazer hum anel de ferro , e esculpir na sua volta octógona certas palavras , e certos signaes. Em summa , he bem provado , e claro , que não deo Galeno ouvidos a ridiculas , e plebêas opiniões.

Refere , em o primeiro livro , Strabaõ , Auçtor de muita estima , *quão grande deleite tenham em si as fabulas* , ornadas de cousas admiraveis , e portentosas ; e diz tambem , que ou se alegram com ellas os meninos , ou se amedrontam : *São das que amedrontam as Lamias , as Gorgonas , as Ephialtes* , e os *Mormoliches*. Ephialte he o *Incubo* dos Latinos. Dos *Mormoliches* procedeo o papaõ. Fallando no mesmo livro do premio , e honra , que se deve a quem descobre cousas uteis , faz memoria de alguns Ministros sagrados que foram feitos Reis ; e dos

L. 1. p.
35.

L. 1. p.
43.

dos Egypcios , Chaldeos, e Magos ; isto he, daquelles que excediam os outros em sabedoria ; os quaes chegaram a governar. Logo não entendia os Magos em o sentido de hoje. Conta de hum Mago, o qual navegando cercou a Africa : certamente que o não fez por encantos. No livro decimo se encontra o seguinte : *Está a Charlatanaria contigua , e perto do estro , da superstição , da adivinhação , e da Magia.* Lê-se no livro decimo quinto , *que os Philosophos ensinavam aos Reis da India o que pertencia ao culto divino , como os Magos o ensinam ao Rei dos Persas.* Confirma pouco depois , que na Persia era o Mago quem sacrificava ; e logo diz , que havia grande multidão na Cappadocia , aonde sacrificavam de hum modo particular : guardavam o fogo perpetuo , e as cinzas que estavam sobre certa ara , e cantavam em cada dia huma hora , tendo hum molho de varas na mão.

Veja-se se tem o referido connexão alguma com a Magia , como tambem o ter sido Cambyfes morto pelos Magos , como se acha no fim do livro. No livro seguinte se lê , que em Babylonia havia habitação , e morada *para os Philosophos chamados Chaldeos , os quaes ordinariamente se applicavam á Astronomia ;* e diz tambem , que alguns delles *arrogavam a si o levantar figura sobre o nascimento ; mas assevera , que o não approvavam os outros.* Depois de ter discorrido largamente acerca de Moyses ,

fés , que elle julgava que fora hum Sacerdote Egiptio, diz, que os Antigos eram mais devotos , e que por esta causa hiam muitos a consultar os Oraculos, sobre a verdade dos quaes não quer disputar ; mas assevera, que sendo reputados por verdadeiros, eram altamente honrados aquelles que explicavam a vontade dos deoses , como os Gymnosophistas na India;

L. 16. *os Magos , e os Adivinhos por via dos mortos , dos*
 pag. *pratos , e da agua na Persia ;* os Chaldeos na Assyria ; e entre os Romanos os Augures Etruscos , ou Haruspices,

Naõ devemos desprezar o testemunho de Luciano , Auçtor engenhoso , sincero , e douto. Poz em ludibrio a Religiaõ dos Gentios, porque na verdade o merecia. Mas desprezou este malvado a Religiaõ Christãa , quando della apenas tinha huma superficial noticia , e mui falsa idéa. Mas não devemos por isto refutar tudo quanto ha de são nos seus pensamentos. Affirma d'elle Daudelot na sua vida , que procedia *cum strenua virtute, cum modesto pudore , cum innocente abstinentia*. Zomba dos Philosophos por se julgarem superiores ás Leis , e enganarem com apparencias. O mesmo fez da Magia , representando com muita verdade os despropósitos de que se capacitava o povo grosseiro , e juntamente as illusões, e velhacarias, que se obravam com semelhante pretexto. Descreve em o seu Dialogo *do falso Propheta* a hum malvado impostor, que illudia

com

com falsos oráculos, e descobre os artificios de que usava; o que era commun pouco mais, ou menos a todos os outros. Mostra no seu *Asino* os desvarios que por conta da Magia se faziam crer ás pessoas vulgares. Finge que fora Lucio a Thessalia, movido do desejo de ver as maravilhas que se recontavam; e que entrando em casa de huma insigne Feiticeira, aonde havia muitos licores, de tal virtude, que huns faziam transformar o homem em huma certa besta, e outros em outra; pelo descuido com que a criada trocara o vidro da bebida, em lugar de passaro sahira burro. Escarnece no seu *Menippo* os Magos, successores de Zoroastes, dos quaes se dizia que abriam as portas do inferno, revocando as almas. Tambem se ri do Chaldeo que o conduzio com tantas ridiculas ceremonias a ver quanto os Poetas contavam dos mortos. Faz na sua *Melissa* zombaria dos barbaros, e correntes vocabulos, que para encantar se proferiam. No *Philopseudes*, mais do que em parte algũa, descreve o que succede; e mostra claramente as inutilidades, e as inepcias de semelhantes opiniões. Começa, admirando-se de que seja o homem tão amigo do falso, e o abraça de tão boa vontade. Faz ver que he preciso não se deixar enganar, só com o fundamento de que grandes pessoas empenham a sua palavra. Não era Luciano certamente do parecer do Senhor Tartarotti, o qual pretende que se deve dar credito a todo o

Apol. que differ que vio , querendo que se lhe *explique*
p.165. *a razao* ; pois he justo, e necessario, diz elle, crer ao
que diz fim , e ao que diz naõ. Refere neste Dia-
logo a prática que houve junto ao leito de hum
gottoso , na qual se apontaram alguns ridiculos fe-
gredos que serviram de cura em humas molestias ,
assim como estranhas , e magicas palavras o foram
em outras. A Tychiades , que naõ lhe deo credito,
P.471. se lhe lançou em rosto que naõ cria na existencia
dos deoses. Respondeo , que *venerava , e cria nos*
deoses , mas que da sua existencia se naõ seguia a
realidade de taes demencias. Contaram outros
grandissimos prodigios , que elles mesmos viram ,
como foi o curar-se em hum momento a mordedu-
ra da vibora ; o mandar vir todas as serpentes de
hum paiz , e abraza-las com hum assopro ; andar
pelos ares , sobre as aguas , e por entre o fogo ; re-
suscitar os mortos já mirrados ; trazer a Lua do
Ceo á terra ; revocar as almas do inferno ; transfor-
mar os homens em bestas ; e desfazer os Spectros.
Ora affirmando pessoas mui graves terem visto , e
presenceado todo o referido , que lhe podemos
responder ? Houve quem desta conversação asseve-
rou que vira curar por dinheiro os possessos já fal-
tos de forças , e responder o diabo ao perguntar-se-
lhe como entrara no corpo ; e que depois disto o ex-
P.478. pulsara o Magico. Attesta o que referia o caso, que
elle mesmo o vira sahir negro , e cheio de fumo.

Affirma

Affirma tambem o mesmo, que de quando em quando via demonios , e maiormente depois que tinha o anel , dadiua de hũ Arabe , e feito do ferro da cruz de hum justificado. Engraçadamente disse Tychiades que se não admirava de taes maravilhas , porque a huns olhos taes até appareciam as idéas de seu *pai Plataõ* , não percebidas pelas pessoas vulgares. Segue-se a narraçãõ de hũa estatua, que em certa casa apparecia de noite a todos, e fazia mil desordens. Falla-se depois em hum Hippocrates de metal , que em se lhe não sacrificando , continuava com os disturbios. Não faltam apparições ao que foi conduzido a ver Plutaõ , e o seu Poetico Reino. Chegou finalmente hum circunspecto , e grave Pythagorico ; e cuidando Tychiades que viria em seu soccorro , affeverou só limitando , que não voltavam outra vez ao mundo as almas dos que tinham morrido de morte violenta. Havendo em Corintho huma casa inhabitada por medo de maligno espirito que a infestava , e que se mostrava a todos apparecendo ora em figura de cam , ora de touro , ora de leaõ , elle mesmo intrépido o lançou fóra , em hum angulo da morada , com terriveis , e medonhos versos de encanto ; e fazendo depois buscar o mesmo fittio , se achou hum cadaver , o qual tanto que se sepultou , nada mais appareceo. Contra todos estes fabulosos contos citou Tychiades a Democrito , que morando longo tempo em hum sepulchro ,

placidamente zombou , e se rio de huns que se fingiram phantasmas para o aterragem. Não deve ter menos pezo a evidencia destas fabulas , por crer impiamente Luciano que acabasse a alma com o corpo. Era muito falsa a razão porque não acreditava estas mentiras , mas não são por esta causa verdades aquelles enganos ; e não devem os homens de juízo só por hum motivo estranho dar credito a tão vergonhosas imposturas.

Com facilidade se engana quem lê. Escreve Pausanias , que se cria não chover em huma pequena Ilha , quando chovia nas vizinhas : diz , porém ,
Lib. 2. que não sabe se na verdade assim acontecia. Assevera que *vira homens que com sacrificios, e encantos affastavam dos campos a chuva de pedra*. Faz grande caso o Senhor Tartarotti de dizer este Auctor que vira ; mas he preciso reparar que elle não diz que vira o facto , nem os sacrificios ; nem que ouviu os versos ; mas sómente affirma que vira as pessoas que de tal se vangloriavam ; e não obriga por esta causa a sua fé : além disto , os sacrificios , e orações feitas aos deoses não contém Arte Magica. Ter-se-hia servido de outro lugar de Pausanias se o tivesse visto ; no qual diz , e affirma , por dito dos Eleos , que lançando hum Mago o hippomanes em hum cavallo de bronze, se enfureciam com cio todos os outros cavallos que succedia tocarem-no. Accrescenta que vira mais outra maravilha em Lydia ; isto he ,

he , que vira em dous lugares sagrados *capellas* com aras , e sobre ellas cinzas diferentes na côr , que costumam ter. Entrando o Mago na capella , punha lenha secca sobre o altar , e a tiara na cabeça , e depois invocando não sei qual dos deoses em lingua barbara , (invocava lendo em hum li- L. 5. in fin. vro) necessariamente se accendia toda a lenha , e della sahia resplandecente flamma. Daqui se vê o uso que havia de chamar Mago a todos aquelles que faziam alguma cousa estranha , e admiravel : não tem isto nada com a Magia , mas sim com os enganos dos Sacerdotes , que illudiam o povo com milagres fingidos , especialmente depois que os Christãos com os verdadeiros tinham conquistado tantos paizes. He bem claro que se fazia com artificio natural , e não era difficil sahir fogo do que estava debaixo das cinzas. O mesmo Pausanias faz em outro lugar L. 5. memoria de hum fogo que procedera das cinzas. Queriam com enganos mostrar que faziam o mesmo que ouviam dos Christãos , e dos Hebreos , acerca do fogo celeste sobre as aras : *Respexit Deus super* Gen. iv. 4. *Abel , & super munera ejus.* Theodosion , louva- Hier. t. 3. p. 310. do por S. Jeronymo nas Questões Hebraicas , interpretou da maneira seguinte : *Et inflammavit Dominus super Abel , & super sacrificium ejus.* Prosegue o Santo : *Ignem autem ad sacrificium devorandum solitum venire de Cælo , & in Dedicatione Templi sub Salomone legimus , & quando He-*

lias in monte Carmelo construxit Altare. Não se esqueceram os Gentios de affectar esta maravilha, e de se jactar da mesma obra prodigiosa. Diz Servio :
 Ad Æn. l. 12. v. 200. *Apud maiores aræ non incendebantur, sed ignem divinum precibus eliciebant, qui incendebat altaria.*

P.792. Advertio Suídas, que os Magos eram homens cheios de falsas imaginações: he, porém, demasia fazer mais particular, e miuda indagação; e póde-se observar por ultimo, que não só os Gregos, mas tambem os Hebreos julgavam cousa vil a Arte Magica. Assim o declarou Philo Judeo, o qual tratando das leis especiaes louva a Magia verdadeira; isto he, o estudo profundo das cousas naturaes; e notou que os Reis dos Persas não entravam a reinar sem terem sido primeiramente instruídos pelos Magos; e prosegue desta sorte: *Ha huma certa corrupção desta, que he huma Arte, propriamente fallando, malefica: professam-na os Charlatães; os enganadores, as mulheres, e os servos vilíssimos, os quaes louca, e nesciamente se jactam de mudar com as suas bebidas, e com os seus encantos, o amor em odio, e o odio em amor, e de fazer outras maravilhas. Não permite o nosso Legislador que se demore o supplicio de tal gente.* Eis-aqui a opiniaõ, que das proposições, e gabos dos Magicos corria entre os Hebreos, no primeiro seculo da Fé Christãa.

CAPITULO IX.

*Tiveram os mais insignes Escriptores Latinos a
Magia por simplicidade popular, e por engano.*

PAssemos aos Romanos, que na verdadeira intelligencia das cousas, no prudente discernimento, e nos raciocinios certos, e ajustados excederam todas as outras Nações. Principiaremos por hum dos seus mais antigos Escriptores; isto he, por Ennio. Eis-aqui temos quanto elle desprezasse, e tivesse por enganadores, e por inuteis os Adivinhos de toda a especie, entre os quaes se numeravam tambem os Magos. Depois de haver nomeado como gente inutil os Haruspices, os Astrologos, os Interpretes dos sonhos, e os favorecidos da deosa Isis, dá esta razão:

*Non enim sunt ii, aut Scientia, aut Arte divini,
Sed superstitiosi Vates, impudentesque Harioli,
Aut inertes, aut insani, aut quibus egestas imperat.*

Porque não são por Arte, ou por Sciencia

Veridicos Prophetas:

São fanaticos Vates,

Hariolos sem pejo, e sem vergonha,

Inerte gente, ou louca;

Ou daquelles a quem sobjuga, e manda

A baixa, e vil pobreza.

Acham-se em o primeiro livro de Cicero *de Divi-*

natione estes versos allegados por Quinto. Vejamos agora o sentimento do mesmo Cicero; isto he, do maior Homem de Roma, e a quem não he facil achar igual em toda a Antiguidade profana. Foram sempre admiradas as suas obras Philosophicas, como hum raro composto de completa honestidade, de segura erudição, e de perfeita sciencia. Ora Cicero no seu primeiro livro *da natureza dos deoses*, em que maravilhosamente junta tudo quanto disseram os Philosophos a respeito de Deos, e aonde põe a Velleio reprovando os Poetas, porque representaram aos deoses contenciosos, fracos, e cheios de vicios, diz o seguinte: *Cum Poetarum autem errore conjungere licet portenta Magorum, Ægyptiorumque in eodem genere dementiam: tum etiam vulgi opiniones, quæ in maxima inconstantia veritatis ignoratione versantur.* Logo as maravilhas magicas, e as opiniões Egypcias de semelhante genero se punham pelos homens sabios, e doutos, juntamente *com os erros dos Poetas*. Era logo avaliada a opiniaõ dos Egypcios, que tanto alçava os portentos magicos, por *demencia*. Logo as decantadas maravilhas dos Magos se metiam com as invenções dos Poetas, e se numeravam entre *as opiniões do vulgo; sempre inconstante, porque sempre procede sem luz da verdade.* São de sufficiente força as referidas reflexões. Não se inste dizendo-nos que falla naquelle lugar hum Epicuro, porque neste

lugar se louva a Epicuro por haver conhecido sómente pelas luzes do geral instincto, que está impresso nos animos humanos, a existencia da Divindade, aindaque elle se explicasse de huma maneira gentilica, affirmando que havia deoses: *Solus enim vidit, primum esse deos, quod in omnium animis eorum notionem impresisset ipsa natura.* Com este sólido, e para Gentio, pio sentimento, ajunta o zombar dos Magos, e de quem lhe dava credito. Não teria Cicero fallado mil vezes da Magia, se julgasse que era digna de ser mencionada em tão graves escriptos? *Da superstição das Feiticeiras* fallou L.1.p. huma vez com desprezo, tratando do meio de se ^{273.} conhecer o futuro; e ahi faz memoria de todos os modos usados por diversas gentes para o descobrir; dos Chaldeos por Astrologia; dos Etruscos por interpretação dos raios, e prodigios; de alguns povos pela apparição, e vôo das aves; e de outros pelo exame das entranhas dos animaes; mas huma só palavra não diz sobre o revocar as almas dos mortos, ou sobre outra alguma especie de magica impostura. Veja-se com especialidade o primeiro livro *de Divinatione.*

Bem merece Horacio que delle se faça memoria depois de Cicero; Horacio que não he menos Philosopho que Poeta. Julgou entre as virtudes necessarias ao homem honesto o rir-se *de toda a sorte de Magia.* Que auctoridade se poderia desejar mais forte

forte, e convincente? Diz ao amigo, que se julgava cheio de virtude por não ser dominado da avareza:

L. 2.
Epist.
2.

Isto não basta.

————— *Cætera jam simul isto
Cum vitio fugere? Caret tibi pectus inani
Ambitione? Caret mortis formidine, & ira?
Somnia, terrores magicos, miracula, Sagas,
Nocturnos Lemures, portentaque Thessala rides?*

Já fugiste com este feio vicio
Juntamente dos outros?
Não tens no coração
A vaidosa ambição,
Nem o temor da morte, nem a raiva?
Escarneces os sonhos,
Da Magia os terrores,
Milagres, Feiticeiras,
Nocturnos Lobis-homens, e portentos
Da famosa Thessalia?

Não he possível mais clara demonstração do parecer dos homens sábios de Roma nesta materia, nem a poderíamos buscar de pessoa mais acreditada. Fugimos o desperdicio de tempo, fallando de quem disse que o Poeta faz estas perguntas, não ao seu amigo, mas *a si mesmo*, e de quem tambem

Off. p. 10. defende que por huma tal passagem *se não refuta, e destroe a Magia, mas antes se admitte*. Póde bastar este pouco para se conhecer quanto val seme-

lhão-

Ihante livro. Procura defender-se o Senhor Tartarotti, dizendo, q̃ se deve entender *naõ dos factos magicos verdadeiros, mas dos fabulosos, e fingidos*. Ora poderia Horacio explicar melhor, e com mais força, e clareza, o seu conceito? Distinctamente nomea *os sonhos, os magicos terrores, os prodigios, as Feiticeiras, as phantasmas nocturnas, e as maravilhas de Thessalia*, ás quaes cousas principalmente se attribue a Magia; e declara, que he necessario ao varaõ honesto, para se chamar dotado de virtude, *rir-se* de tudo isto. Que seria se miuda, e particularmente naõ tivesse explicado todas as especies de semelhante loucura? e se tambem naõ as tivesse comprehendido com os termos universaes de *terrores magicos*, e de *maravilhas* de Thessalia? Certamente que naõ entendia o Poeta fallar de factos magicos verdadeiros; isto he, de prodigios que realmente aconteceram; porque sómente existiram na phantasia de fracos, e crédulos cerebros; e delles zomba Horacio, e quer que zombem todos os homens honestos, e sabios. Allega tambem o Senhor Tartarotti, que fallaria Horacio como Epicureo; mas contém todo aquelle discurso huma Philosophia taõ justa, e taõ louvavel, que se naõ affasta da Christãa, pela qual razaõ o suppô-la de Epicuro he fazer mui digno de elogios o sentimento daquelle Philosopho. Pretende, além disto, q̃ se entenda pelo termo *Sagas* as Magas, e naõ as Feiticeiras. Naõ era

conhecida naquelle tempo esta distincção extravagante ; mas aindaque se deva entender Magas , das Magas se ria tambem Horacio , e não sómente das Feiticeiras. Mostra Horacio quaõ inverosímeis , e ridiculas fossem todas as charlatanarias magicas , no lugar em que prescreve ao Poeta , que não faça tirar do ventre de huma Feiticeira a hum menino vivo , que ella tinha devorado ;

De
Art.
Poet.

Neu pransæ Lamiæ vivum puerum extrahat alvo.

Nem se tire do ventre

De Feiticeira barbara , ainda vivo

O menino que ella antes devorara.

Nat.
Qu. 1.
4. c. 7.

Pedindo a razão que façamos ver o parecer , e sentimentos dos maiores Homens da Antiguidade , seria delicto esquecermo-nos de Seneca , cujos admiraveis escriptos podem ás vezes envergonhar alguns Escriptores Christãos. Além das regras que prescreve para huma pura , incontaminada Moral , muitas vezes egregiamente argumenta a favor da existencia de Deos , e da sua Providencia. Acha-se nas suas Questões Naturaes esta aurea sentença , muito propria ao nosso proposito : *Et apud nos in duodecim Tabulis cavetur , ne quis alienos fructus excantassit. Rudis adhuc antiquitas credebat , & attrahi imbres cantibus , & repelli : quorum nihil posse fieri tam palam est , ut hujus rei causa nullius Philosophi Schola intranda sit.* Destas palavras se colhe visivelmente que huma era a crença dos ho-

mens

mens litteratos , e applicados , e outra a da gente vulgar , e commua. Claramente se vê , que era da gente ignorante , e cega , o crer que se podia com palavras fazer vir o bom , ou mau tempo. Vê-se , que segundo o grande entendimento deste celebre Philosopho , era tão claro o referido , que julgava escusado discorrer sobre este ponto. Vê-se finalmente , que todos os Philosophos , e todas as Escolas , zombavam da opiniaõ da Magia , pois creio inutil , e desnecessario valer-se de alguma dellas , ou allegar em cousa tão manifesta a auctoridade de algum Philosopho. Affirma o Adversario , que o Auctor da *Dissipada arruina com os seus principios a aucto-* Apol. p. 46.
ridade de Seneca , e o desmente. Para que são tantas extravagancias ? Arruinaria por ter dito que são verdadeiros , e seguros os factos que se narram em a sagrada Escriptura ? Passemos a outra cousa. Faz Juvenal mençaõ dos magicos encantamentos , e dos philtros de Thessalia , como de fatuidades plebeas , e ridiculas :

*Hic magicos adfert cantus , hic Thessala vendit
 Philtra.*

Este lhe traz encantamentos magicos ,

Aquelle vende , e dá philtros Thessalicos.

Lembra Columella em as suas sabias advertencias , que se não embaracem com Haruspices , e com Magas , porque *vana superstitione rudes animos ad* L. 1. c. 8.
impensas , & deinde ad flagitia compellunt. De-

clara

Apol.
p. 14.

clara o Adversario, que se não lê nesta advertencia couza alguma *contra a Arte Magica*. Ora não se conhece por ella, que tendia esta Arte, a tirar dinheiro, e a commetter maldades? E não se vê que he impossivel esperar effeito algum desta vãa superstição?

T. 2.
p. 19.

Em nenhum dos Antigos se lê tanto sobre Magia, como em Apuleio. Como se tem feito sobre elle particulares observações, merece tambem particular consideração. Na sua fingida historia, que he a maior das suas obras, teve por fim principal escarnecê-la, em attenção ao bem público, e desacreditar

Afin.
l. 1.

magica deliria, como diz Fabricio. Nella se vê, que os neſcios criam mudarem-se por Magia os homens, e as mulheres em bestas, e que se podia *Manes sublimare, Deos infirmare, Sidera extinguere, Tartarum ipsum illuminare*. Disseram a Apuleio, que muito podia huma Feiticeira, *surculis &*

L. 2.

lapillis; e que por este motivo em Thessalia *Sagæ mulieres ora mortuorum passim demorsicant*. Vejam-se as ceremonias com que Zachlas Egypcio, *primario Propheta*, revoca do inferno a hum defunto ainda moço, e o faz fallar á sua vontade. Vejam-se os muitos prodigios que se seguem *inexpugnabili*

L. 3.

magicæ disciplinæ potestate, & cæca numinum coactorum violentia. Tem graça a narração do que desejando mudar-se em ave, ficou transformado em asno: continuas desventuras o affligem; mas

tende

tende tudo aos seus fins. Tratando do demonio de Socrates, amplia, e varia muito do q̃ Plataõ disse dos demonios. Pretende, que delles esteja o ar cheio, para que *in quacumque parte naturæ propria sint mala*; e quer que delles procedam as propriedades que lhes agradam, mas não as de terem parte nos encantos; pelo que se vê muito bem que não admitia diabolica Magia. He bem digna de se ler a sua Apologia. O mesmo S. Agostinho a louvou. Foi por fins de interesse accusado Apuleio ao Proconsul, do delicto capital de Mago, e de fazer encantamentos. Desfez Apuleio a accusação, e a faz ver mentirosa, e ridicula: *Calumniam Magiæ, quæ facilius infamatur, quam probatur*. Diz, que se resolvia toda a accusação em fabulas: *Per nescio quas aniles fabulas deflagavit*. Mostra o erro de se não distinguirem os differentes sentidos de Mago; porque lendo-se em muitos, que *Persarum lingua Magus est, qui nostra Sacerdos*, que delicto fará o ter noticia dos ritos sagrados, e da Religião? Se o Mago he, como entende o vulgo, aquelle homem que *ad omnia quæ velit incredibilia quadam vi cantaminum polleat*, como se atreverá pessoa alguma a P.228. accusar quem segundo a sua opiniaõ póde tanto? Como poderia escapar da inevitavel ruina, que lhe procederia de força sobrenatural, *todo o que pozesse ao Mago em perigo de ser condemnado á morte?* Logo o não accusa de semelbante crime, aquelle q̃ o julga

julga certo, e verdadeiro Mago. Daqui se infere, q̃ o crer mui poderosos aos Magos, era proprio do vulgo, *more vulgari.* Quizeram provar a accusação que se fez contra Apuleio, com tres argumentos: porque comprara peixe de certa especie: porque na sua presença cahira epileptico hum rapaz, taõ acomettido de semelhante molestia, que chegava a cahir cinco vezes no dia: porque se casara com Pudentilla, depois de viuva cinco annos: como se isto naõ podêsse acontecer sem encantos magicos: *Casu puerili, matrimonio mulieris, & obsonio piscium.* Reprehende-os Apuleio como a ignorantes, pois nem sabiam em que consistia a Magia, ignorando até *as fabulas do vulgo: Tam rudes vos esse omnium litterarum, omnium denique VULGI FABULARUM, ut ne fingere quidem possitis ista verisimiliter.* Logo consistia a Magia em fabulas do vulgo. Diz em outro lugar, que era costume chamar nas ceremonias dos Magos a Mercurio, a Venus, e a Lua. Devemos crer que se possa por estes alcançar muito? Numera os mais famosos Magos, quando diz que se elle tirou lucros do casamento de Pudentilla, venha a ser *Carinondas, vel Damigeron, vel Hismotes, vel Jannes, vel Apollonius, vel ipse Dardanus, vel quicumque alius per Zoroastem, & Hostanem inter Magos celebratus est.* De tudo, pois, quanto deste sabio Auctor temos referido se infere a inteira inutilidade,

de, e desprezo da Magia. Julga por verdade o Senhor Tartarotti, *que fosse Apuleio mui dado á Teurgia; isto he, áquella Arte de conciliar com usados ritos, e ceremonias, os espiritos bons; e que ao menos desta especie de Magia se não fazia mofa.* Pretende com isto mostrar, que para o seu conceito, debalde fizera Apuleio a sua longa, e estudada defeza. Diz tambem, que as reliquias que elle conservava com gentilica devoção depois dos sacrificios, *eram cousas magicas*; e affirma isto, não obstante faltar nos Auctores ainda o mais leve indicio de semelhante coufa.

Se querem que dos Medicos nos valhamos tambem, não faz Celso em todos os seus oito livros memoria da Magia, nem dos remedios magicos, tratando nas suas obras amplamente de toda a Medicina. Quando falla da epilepsia, que se julgava obra do diabo, não dá o menor signal desta nescia opiniaõ; o que he mui digno de nota em Auctor de tanta sciencia, e prudencia. Marcello, pelo contrario, na sua obra *de Medicamentis*, varias vezes en-
fina alguns remedios magicos; mas isto basta para dar a conhecer a qualidade do seu cerebro. En-
fina, por exemplo, que o que tiver dor de garganta, fazendo certos movimentos com as mãos, *carmen præcantet, crisi, crasi, cancrasi*, immediatamente alcançará melhoras. Na obra, *Observações litterarias* se explicaram semelhantes cousas de

Apol.
p. 69.

Cong.
p. 401.

T. 6.
p. 84.

Cataõ , *daries* , *dardaries* , *aslataries* , com as quaes palavras cria o povo se curassem as deslocaduras. Reputava a plebe tambem como Medicos aquelles que curavam as molestias com encantos ; mas Ulpiano ensinou em os Digestos, que qualquer , se *incantavit, si imprecatus est, si ut vulgari verbo impostorum utar, exorcizavit*, não he de tal número; e asseverou, que não *sunt ista Medicinæ genera, tametsi sint, qui hos sibi profuisse, cum prædicatione asferment*. Eis-aqui temos que os que usavam de maleficios eram considerados como *impostores*; e eis-aqui se prova tambem, que houve ignorantes q̃ asseveraram ter por elles alcançado melhoras; mas nunca os homens de entendimento são lhes deram credito.

Quantos prejuizos , e falsas imaginações tivesse a popular crença , se póde muito bem conhecer por hum acto de Religiaõ , que os Gentios praticavam na morte. Faziam , na hora da agonia , tocar junto do leito do moribundo huma corneta de montaria , e huma trombeta , instrumentos de metal , e de som estrepitoso. Não ha muito tempo que sabemos esta singularidade por tres baixos relevos de marmore , publicados , e declarados nas *Observações litterarias* , tomo 1. , e no *Museo Veronense* , pag. 420. , aonde se vem representados os que espiravam. Era sem dúvida o motivo desta estranha cerimonia o julgarem que desta maneira afugentavam as phantasmas , as quaes , segundo elles

enten-

entendiam , ouvindo estrepito de ferro, ou de metal, fogem. Desta opiniaõ do vulgo falla Luciano. Criam <sup>In Philo-
pf.</sup> fer o estrepito hum grande remedio contra os maleficios , e faziam por esta causa grandes estrondos para foccorrer a Lua. Eram as Diras , especie de Furias , mui temidas : suppunha-se , que andavam pelos ares ; e escreve Plinio, que *quoties ipsæ Diræ* <sup>L 28.
c. 2.</sup> *obstreperantes nocuerint* : ordenavam , que defronte dellas se tocasse a trombeta , *tubicinem canere* , para que se não ouvissem as suas imprecações , e não tivessem effeito por esta razaõ. Entendiam , que tornavam com isto , nas ultimas mortaes doenças , vãos , e inuteis os maleficios , *quibus creditur* <sup>Tac.
Ann.
l. 2.</sup> *animas numinibus infernis sacrari* , e pelos quaes era inevitavel , e certa a morte. Lemos em Eusebio, que affugentavam os demonios com o som dos tambores. Vê-se o tambor em hũ dos marmores do *Museo Veronense*. Confirma tudo isto a popular ignorancia , de que nascia tudo quanto tinha apparencia de Magia , e procedia das gentilicas imaginações.

C A P I T U L O X.

Sentimento do celebre Plinio a respeito da Magia.

NAõ deixaremos de considerar attentamente o parecer , e dictames de Plinio, de quem disse o Padre Harduino : *Plinio , vel uni plus* <sup>Num.
pop.
p. 42.</sup> *merito suo tribuimus , quam profanis Scriptoribus*

- fere omnibus.* Não dizemos o mesmo ; mas he indubitavel, que este Auctor he hum dos mais doutos, e dos mais uteis Escriptores daquelles de que muito se desvanece a Antiguidade. Chama-lhe o Adversario *inimigo da Arte Magica*, fazendo-lhe assim, sem querer, os maiores elogios. Tratou Plinio das hervas, e das pedras, a que o povo attribuia virtudes impossiveis, e estranhas, chamando-lhe por isso magicas. Disse da verbena: *Magi utique circa*
 Apol. P. 48. *banc insaniunt.* Entendiam q̃ na verbena havia remedio para todos os males, e creio-se que os Gallos por virtude desta abundavam em oraculos. No lugar em q̃
 L. 25. c. 9. falla de taes hervas, *quas magicas esse dicunt*, cita a
 L. 24. c. 17. Pythagoras, e a Democrito, como seguidores dos sentimentos magicos, e como se entaõ existissem semelhantes obras: eram, porém, estes escriptos suppostos; e nota o mesmo Auctor, que a obra vulgarmente crida de Pythagoras, (que nada escreveo segundo Plutarco, e Josepho) a fama a attribuia a certo Medico. Tambem se vê muito bem, que as opiniões aqui apontadas como se fossem de Democrito, em que se diz que os Magos usavam de certa herba; *cum velint deos evocare*, e que por outra differente prognosticavam, não são proprias de Democrito. Faz Plinio memoria das hervas que Homero
 L. 25. c. 5. exalta; da *nepenthes*, que lança fóra todas as afflicções, e do *belleboro negro*, que torna inuteis, e in-
 L. 25. c. 21. válidas as feitiçarias: a mesma virtude se attribuia
 L. 36. c. 19.

ao amianto. Quando trata *de quibusdam sortilegiis*, L. 28.
 narra mui grandes despropósitos; e diz logo depois: c. 4.
Magorum hæc commenta sunt. Ha no capitulo oit- L. 28.
 tavo outras semelhantes loucuras, e taes quaes eram c. 8.
as vãs promessas dos Magos; mas no mesmo se lê:
Est solers ambagibus vanitas Magorum. Chama á
 vangloria dos Magicos vaidade, que significa enga-
 no, e mentira, maiormente quando elles promet-
 tiam pela virtude de certa gordura o favor dos Reis,
 a graça dos povos, e o poder de resistir por hũa certa
 pedra á bebedice. Chama ao proceder dos Magos L. 37.
 procedimento sem vergonha: *Magorum impudentiæ*, c. 9. &
vel manifestissimum in hoc quoque exemplum est. 10.
 Queriam estes persuadir ás gentes, que por hervas, e
 pedras, *quibusdam additis deprecationibus*, se fazia
 invisivel toda a sorte de pessoas. Em summa, diz que
 era tudo illusão, e occulto engano: *Est Magorum so-
 lertia occultandis fraudibus sagax.* Que mais he
 necessario? Para mostrarmos quaõ miseravelmente
 cego estava o vulgo sobre as magicas loucuras, basta
 lembrarmo-nos de que lhe faziam crer terem feito
 Maga a huma fêra; isto he, a hyena; alimaria pou-
 co conhecida, e de quem Plinio diz, que muitas se L. 8.
 geram na Africa, a qual tambem gera em abundan- c. 30.
 cia asnos montezes: parece que destes principal- L. 28.
 mente falla. Tinham-na posto os Magicos em gran- c. 8.
 de admiração, pela razão de lhe haverem commu-
 cado os encantos, com que attrahia a si os estóli-
 dos,

- L. 8. *dos , e tornava immoveis os animaes, andando tres*
 c. 30. *vezes á roda delles.* Entre as infinitas , e imagina-
 das virtudes da hyena , se lhe attribuiã *o dar auxi-*
lio nos temores nocturnos, e no terror das sombras:
salpicando-se com o seu sangue as umbreiras das
portas, se desordenavam os encantamentos dos Ma-
gicos : impedia-se a vinda dos deoses , e o falla-
rem , ainda sendo provocados com lanternas , com
pratos, com agua, ou com globos. Todos estes gene-
 ros de Magia per si mesmo são ridiculos. Faz em ou-
 tro lugar memoria da que se executava com macha-
 dinhas , *axinomantia.* Attribuiam os Magicos vir-
 tudes tambem á toupeira, o que *he* novo argumen-
 to das suas enormes mentiras. Diz Plinio , referin-
 do estas coufas : *Mira traduntur.* E n'outra parte
 L. 30. *escreve : Mirum esset profecto hucusque provectam*
 c. 3. *credulitatem antiquorum.* Lêa-se o capitulo inti-
 L. 36. *tulado Irrisio Magicæ Artis , aonde escreveo , que*
 c. 19. *eram tantas as mentiras dos Magicos , que pouco*
 L. 26. *lhe faltava para fazerem perder o credito a todas as*
 c. 4. *hervas.* Confessa, que fora sempre questaõ mui gra-
 L. 28. *ve , e ambigua , esta : Valeantne aliquid verba , &*
 c. 2. *incantamenta carminum.* Porém a crença do vulgo
 sobre a sua grande efficacia não he prova concluden-
 te de haver nellas Magia diabolica. Cria-se por hũa
 tradiçaõ popular , que na verdade houvesse grande
 virtude nestas , ou naquellas palavras , e muito prin-
 cipalmente quando eram barbaras , e não entendi-
 das ,

das ; mas não se attribuiã isto a demonio. Além disto ensina Plinio neste lugar, que não tinha acceitação dos homens sabios semelhante credulidade : *Viritim sapientissimi cujusque respuit fides*. Conta muitas maravilhas, q̃ se narravam succedidas por virtude de encantos, e de actos religiosos; como tambem o haver nas doze Taboas estas palavras : *Qui fruges excantasset , e qui malum carmen incantasset ; e o haver sido estagnado o sangue de Ulysses por encantamentos ; mas diz logo depois : Quæ ridicula videri cogit animus ; e termina o capitulo , dizendo , que ha versos de encanto contra a chuva de pedra, e contra os varios generos de doenças ; e afirma , que os não repete por se envergonhar de o fazer : Obstat ingens verecundia.*

Naõ obstante tudo isto , e tudo o que diz Plinio daquelles Escriptores , *que se esforçavam o mais que podiam em desacreditar a Arte Magica* , não deixa o Senhor Tartarotti de o allegar em seu favor, Apol, por se ler nas suas obras , que Pythagoras , Empe- p. 23. docles , Democrito , e Plataõ viajaram por affastados climas , para saber a Magia. Quem ignora , que debaixo deste nome entendeu Plinio as sciencias? Já vimos que neste sentido se tomava aquelle nome. Todos sabem que não foram taes Philosophos Nigromantes : logo não tinham aprendido a Magia. Ensina Diodoro, que tinham ido ao Egypto *ad jura*, L. 1. p. 86. *& disciplinas gentis cognoscendum* , como verteo

o Interprete Latino. Justino escreve , que Pythagoras fora primeiro ao Egypto, e depois a Babylonia, *ad perdiscendos siderum motus* , e não para estudar a Magia diabolica. Cita o Adversario em confirmação a Cicero , o qual pelo contrario escreveo : *Cur Plato Ægyptum peragravit ? Ut à Sacerdotibus barbaris numeros, & cœlestia acciperet.* Vemos em Apuleio , que era fama constante que Pythagoras *sponte eum petiisse Ægypticas disciplinas* , e que lá aprendera dos Sacerdotes *a incrível virtude dos sacros ritos, as admiraveis mudanças dos numeros, e as engenbosas figuras da Geometria.* Suppondo infelizmente o Adversario , que Pythagoras , Democrito, e os outros, tivessem feito tão longas viagens para aprender a Magia diabolica , diz assim : *He creivel , que se a julgassem Arte vãa , ridicula , e sem effeito , quizessem empregar tanto tempo, e tanta fadiga em a aprender, e muito mais em a honrar com os seus escriptos ?* Aonde estão estes escriptos ? Quem poderá mostrar da Magia diabolica hum só Tratado antigo ? Diz Plinio naquelle mesmo capitulo , que era esta Arte *a mais fraudulenta de todas* , e que adquirira mui grande auctoridade por ter em si unido as muito acreditadas tres seguintes : Medicina , Culto de Religião , e Mathematica. Logo entendia por este termo cousa mui differente da nossa Magia. Nota , que procuravam por esta via *summam litterarum claritatem* , e não obrar prodigios. Mostra

aqui

aqui tambem algum conhecimento de Moysés , e da Historia Judaica : mas passemos deste capitulo , no qual se póde suspeitar algum defeito , causado pelos copistas , ao segundo , que he mais decisivo. Allega o Auctor da *Dissipada* , como argumento fortissimo, e insuperavel , as observações deste Auctor ; o qual diz , que os Magos promettiam effeitos divinos por diversas maneiras de sortilegios , com agua , ar , espheras , estrellas , lanternas, conchas, machadinhas, e outras cousas ; e que promettiam tambem *umbrarum inferorumque colloquia* ; mas tudo isto geralmente *omnia etate nostra princeps Nero vana falsaque comperit*. Não falla de factos antigos , que ouvira , ou lera , mas dos que se viram nos seus tempos , e por elle mesmo. Tambem não affirma ter-se achado vãa , e falsa , huma , ou outra especie de Magia , mas igualmente todas. Profegue Plinio , affirmando, que *nunca houvera quem protegesse alguma Arte com maior excessso, do que aquelle com que Nero favoreceo a Magia*. Observa este Auctor, que para tentar este Principe todas as experiencias, *lhe não faltaram nem riquezas , nem forças , nem engenho , nem cousa alguma , porque era senhor do Mundo* : com tudo isto, nunca chegou a ver hum só prodigio ; antes , porém , experimentou serem vãos os gabos , e mentirofas todas as imaginadas maravilhas que se contavam ; e de tal sorte se persuadio , que por fim desamparou semelhante empreza. Sa-

bia-

biamente reflecte sobre isto , e com expressão fortíssima o celebre Plinio , dizendo : *Immensum , & indubitatum exemplum est falsæ Artis , quam dereliquit Nero*. Mostra tambem Plinio, que eram vãos os subterfugios dos Magicos, os quaes affirmavam que muitas vezes se não alcançavam os pretendidos fins , por motivo de defeitos corporaes dos Magos, e porque se não sacrificavam animaes negros. Que loucuras ! Não tinha Nero defeitos no seu corpo, e era-lhe muito facil immolar victimas de côr preta, pois até se deleitava com sacrificar homens. Veio á Corte de Nero, lá do Oriente, o Rei Tyridates, o qual sabemos fora Mago : (devendo ler-se *Magus*, e não *Magnus*) era tão loucamente supersticioso , que julgava sacrilegio cuspir no mar. Trouxe comfigo outros do mesmo gosto , e profissão , e deo a Nero *magicas cæas* , para o iniciar nesta Arte ; mas nem por isso se vio hum só effeito magico ; pelo que conclue Plinio desta maneira : *Proinde ita persuasum sit , intestabilem , irritam , inanem esse*. Não se póde desejar mais solemne , e mais forte decisão , nem tambem hum testemunho mais auctorizado , de ser chimerá a Arte Magica. Cego o Senhor Tartarotti pela sua preocupação , não faz caso algum deste argumento; mas julga-lo-ha de outra sorte se o considerar quando tiver o entendimento tranquillo , e livre de prevenções. Argumenta-nos dizendo, que Plinio era Atheïsta , mas isto nada faz ao nosso caso. He verdade

dade que zombava da Religiaõ dos Gentios , (como L. 1.
succedia ao menos no seu interior a todo o bom en- c. 2.
tendimento) e tinha por Deos a natureza. Mas que L. 27.
faz isto para o nosso facto ? Accusam-no tambem c. 3.
de Epicureo , e de não ter por esta causa admittido
os demonios bons , e maos. Não teve certamente
luz dos Anjos , e dos demonios , porque não foi il-
lustrado da nossa Fé ; mas he necessario advertir ,
que não regeitou a Magia , fundado em philosophi-
cas razões , mas sim porque a conheceo inválida ,
e vãa por experiencia , e porque assim a conheceo
hum Imperador , o qual não perdoou a despesas ,
a estudos , ou a diligencias , para claramente o saber ,
empregando homens de diversas Nações , e feitas ,
por causa deste fim.

C A P I T U L O X I.

*He preciso para defender a Arte Magica , não re-
geitar os pretendidos milagres dos Gentios.*

TRaz o Adversario taes cousas para escurecer
a ponderada evidencia , que nos faz desejar
que hum homem litterato não as tivesse di-
to. *Se Nero achou vãa a Magia , tal a não achou* Apol.
Agrippina. Diz depois : *Não a teve Juliano por* P. 40.
vãa. E logo continúa : *Nem Tiberio por experien-*
cia reconheceo vãa a Magia. E ultimamente as-
severa assim : *Nem finalmente vãa a descobrio*
Vespa-

Vespasiano. Estamos por ventura nós os Christãos obrigados a crer em quantas maravilhas os Auctores Gentios creram, e publicaram? Devemos ter por verdade, que por meio da Astrologia se prognosticou a Nero o Imperio, e homicidio contra sua propria mãe, bastando a prova de o referir Tacito, seguindo a voz que então corria? Havemos de dar credito ás fabulas de Trasyllo, que em poucos momentos *contemplou as estrellas*, e vio nellas que Tiberio o queria precipitar? Não bastariam estes factos para canonizar a Astrologia? Não foi *prognostico* o de Trasyllo: foi conhecer elle mesmo o perigo. E conheceo-o acaço por via das estrellas? Dá o Adversario credito a hum facto tão ridiculo, e chama-lhe ainda huma *prova*, e huma *experiencia* de Tiberio, que mostra não ser vãa, e inutil a Magia. Em outro lugar fallaremos do facto de Juliano Apostata: nelle entra a Religião Christãa. Que mais vemos? Até o Adversario nos dá por verdadeiros os milagres de Vespasiano. Estamos por ventura obrigados para salvar a honra da sonhada Magia, e desta muito vãa imaginação, a favorecer, e admittir as aparições, e os milagres dos idolatras? Allega-se, que se apresentaram a Vespasiano, por *aviso do idolo*, hum cego, e hum estropeado, e que *instantaneamente curara a ambos*; e louva-se a razão que o *avisado Historiador* aponta, de que assim succedia, para prova de todos os feitos do Imperador.

Ann.
l. 14.

L. 16.

Apol.
p. 40.
Hist. l.
4. n.
81.

rador. Tinha já Tacito pouco antes referido, que no Palacio de Vespasiano em Alexandria, *multa miracula evenere*; e accrescenta depois o que o Senhor Tartarotti repete como successo mui verdadeiro, e he, *que apparecera a Vespasiano no Templo de Serapis o Spectro, ou imagem de Basíledes, que estava distante oitenta milhas*. Eis-aqui ao que se reduz quem pretende sustentar a validade da Arte Magica. Até se reduz a crer, que o idolo *dêsse o conselho*, e que o demonio *algumas vezes positivamente serve*. Reduz-se a conformar-se com os Gentios, e a receber como veridica a appareção da Africa a Rufo, *em fórma de mulher*, e a predição de quanto lhe devia acontecer. Em Tacito, e em Plinio o moço, se refere igualmente esta appareção; mas ambos dizem, *audio accidisse*; e não asseveram que elles mesmos viram, nem tampouco se offerem por fiadores. Faz profissão da maior credulidade aquelle que se persuade de tudo, fiado só na imaginada virtude da Arte Magica.

Apol.
p.194.

Plin.l.
7. ep.
7.

Conta Plinio na mesma epistola outro facto, mas diz que o refere assim como o ouvira, *ut accipi*. Havia em Athenas humas grandes casas inhabitadas, porque nellas se ouviam motins, e estrondo de cadêas, apparecendo depois disto a figura de hum velho, de comprida barba, esquallido, e arrastando grilhões. Vindo a Athenas o Philosopho Athenodoro, e escarnecendo de tudo isto, se meteo nas casas,

fas, e se poz á noite a estudar mui tranquillo. Ouvio pouco depois o rumor dos ferros, e avisinhandose-lhe este, vio hum a figura que o chamava. Tomou a luz, e seguio-a; valor na verdade mais que de Philosopho. Chegou, em fim, ao pateo das casas, e desappareceo a phantasma. Deo Athenodoro, no seguinte dia, parte aos Magistrados, que ordenaram se cavasse no sitio onde a figura desapparecera, e nelle se achou hũ esqueleto, carregado de cadêas, o qual foi logo sepultado á custa do público, e dalli em diante ficou livre a casa de toda a má reputação. He isto digno de credito? Affirma o Senhor Tartarotti, *Cong. que he preciso grande animo* para desprezar como *p. 362.* fabula este facto. Ignora o Senhor Tartarotti que estivesse tambem nesse tempo o mundo cheio de fabulas? Antes as havia em abundancia, porque a Religião daquelles tempos dellas era composta, Porque não repara o Adversario, que estes falsos successos concorriam a firmar a opiniaõ gentilica de que não podiam as almas passar a lagõa Estygia, sem estarem seus corpos sepultados? Dizia a Sibylla a Eneas:

Æn. l. 6.
 ———— *Hi, quos vehit unda, sepulti,*
Nec ripas datur horrendas, & rauca fluentia
Transportare prius, quam sedibus ossa quierunt.
 Estes que vão levando as turbas aguas
 São os já sepultados:
 Passar se não consente as margens tristes,
 Nem

Nem as roucas correntes ,

Antes que os ossos em repouso estejam.

Até nos tempos da Iliade dizia Patroclo em sonhos L. 23.
a Achilles : *Dá-me logo sepultura para passar as
portas de Plutaõ.* Referiremos hum terceiro caso.
Dormia hum liberto de Plinio com o irmão mais
moço em o mesmo leito , e parecendo-lhe que
de noite vinha huma pessoa cortar-lhe os cabellos ,
de facto se achou na manhã seguinte tosquiado , e
se viram os cabellos pelo chão. Vio outro meni-
no , que entravam pela janella duas pessoas com tu-
nicas brancas , as quaes lhe cortavam os cabellos , e
na realidade appareceram cortados. Faziam estas
narrações duvidoso a Plinio sobre o negar , ou dar
credito ás phantasmas , e escreveu acerca dellas a
hum amigo sabio , dizendo-lhe, que a nenhuma pre-
stava fé , e isto para o pôr , ao menos , em dúvida :
salva por tanto a sua honra , e credito , não se empe-
nhando a favor dellas, pois diz sómente: *Ita narrant.*
Inteiro credito lhe dá o Padre Calmet em *o Tratado
das Apparições* , concluindo assim a narração que
fez destes casos : *A que se póde attribuir tudo isto,* T. 1.
senão a hum duende? Pede a boa razão que zom- P. 246.
bemos destas bagatellas que se acham nos livros
dos Gentios ; porque o commum dos homens an-
tigos era como o dos modernos ; produzia então a
phantasia os mesmos effeitos que hoje produz ; e
havia nesses tempos quem lhes agradava fingir se-
me-

melhantes cousas , assim como presentemente ha. Estamos por ventura obrigados a crer tudo ; e havemos para favorecer a Magia crer nos prodigios do Templo de Serapis , nas curas instantaneas , nas predicções da deosa Africa , nas almas que pedem se sepultem seus corpos para passar o lago Estygio , e finalmente nos espiritos que vem tosquiar os mancebos ? A que seculo não voltariamos , e qual seria a nossa Religião ?

Apontou a *Dissipada* entre os erros communmente recebidos pelos Gentios o crer , ou fazer crer algumas vezes , *que as estatuas de seus deoses tinham fallado , e mudado de sitio*. Disto se compadece o Adversario , pretendendo que até por boa Philosophia se deva admittir o terem fallado as estatuas ; porque para isto *bastava sómente a efficaz virtude de fazer obrar os fluidos* : logo ignora o Adversario , que *entre os erros communs , que já occuparam o Mundo , fora hum delles a crença de que fallaram as estatuas dos deoses*. Crê tambem , que *esta crença tão commã , não podia provir senão de muitos factos seguidos* ; e argumenta dizendo , que não negando , antes concedendo a *Dissipada* , que o demonio correspondia a quem o invocava antes da vinda do Salvador , *podia ao menos naquelle tempo fazer fallar as estatuas* ; e diz que assim o fizera , *o que attestaram concordemente muitos antigos Auçtores*. Eis-aqui até onde se precipi-
ta

ta quem defende a validade , e existencia da Arte Magica. Parece isto impossivel; e daqui nasce em nós, quando isto lemos , a duvida de estarmos , ou não hallucinados. Que diremos de Apollonio Thyaneo? Confessa o Adversario, que a obra de Philostrato, seu Panegyrista , he hum *fabulosa Novella* ; mas sempre pretende, que fora Apollonio hum *celebre Philosopho* , que estimava , e cultivava a *Theurgia dos Magicos Theurgicos*. Diz em outro lugar, que são *diabolicos* ; mas só *materialmente* ; e que tratam *com os Espiritos bons*. Accrescenta tambem, que Apollonio era *dado a hum genero de Sapiencia* , a qual da Magia , chamada por nós *diabolica* , estava mui pouco distante. Merecia esta por ventura o nome de *Sapiencia*? Em fin, fosse qual fosse a sua Sapiencia , sempre desta sorte admite o Adversario todos os milagres de Apollonio , referidos por Philostrato na sua obra , da qual obra escreveo Eunapio , que justamente lhe competia este titulo : *Vinda de Deos aos homens*. Cita o Senhor Tartarotti a Oleario como Auctor que se persuadio terem existido varios fogeitos insignes , os quaes foram de parecer , que *Satanás para sustentar o Gentilismo* , e para levantar hum grande obstaculo contra o progresso do Evangelho , se valera de Apollonio , inspirando-lhe , e dando-lhe toda a força , e maior actividade que podia , em ordem a imitar as acções mais heroicas , e os mesmos milagres de

Apol.
P. 48.

P. 95.

Christo , e de seus Apostolos. Isto he receber por verdadeiros os milagres de Apollonio , quando elles sómente foram puros sonhos , e grandes mentiras. Não lhe deo Satanás forças , nem actividade para imitar os milagres do Salvador , porque se não extendia a tanto o seu poder. Os fingidos milagres de Apollonio , como são o passar de repente de Roma a Pozzuolo , e o desapparecer da vista de Domiciano, não eram certamente imitações dos verdadeiros milagres do Redemptor. Tratava-se no lugar em que Oleario cita os Auctores celebres, sobre se Apollonio foi reputado Magico , mas não se tratava de lhe ter dado o demonio forças , e actividade para sustentar o Gentilismo. Diz-se , com grandissimo erro , que *todos foram de opiniao* , de que o demonio lhe conferira mui grande poder , quando estes Auctores em tal nunca sonharam. Como era possivel que fosse o erudito Editor inclinado a semelhantes opiniões , escrevendo na seguinte pagina desta maneira : *Cum ex Instituto hoc agat Apollonius , ut deorum sacra ubique restituat , eorumque restituendorum auctoritatem miraculis sibi vendicet ?* Continúa depois assim : *Ipsæ certe Philostrati fabulæ tot indiciis se produnt , ut non rationem dicam , sed sensum omnem amisisse oporteat eum , qui fidem illis habere possit.*

Refuta a *Dissipada* o afirmar-se que póde a Arte Magica fazer invulneraveis , e invisiveis.

De-

Defende o Adversario esta proposição , asseverando, que *de poder fazer a Magia invisiveis , se acham muitos exemplos nas Historias , e alguns indicios nos Santos Padres.* Não ha maravilha , não ha prodigio, que se não dê por ordinario , e familiar na Magia , e se não ache na Historia , e tambem nos Padres. Na verdade parece que magicos encantos mudaram , e desordenaram as phantasias.

C A P I T U L O XII.

Responde-se ás contrarias auetoridades , e ligeiramente se toca quanto se disse neste segundo livro.

VEja agora o não preocupado , e prudente Leitor , quaõ falsas , e extravagantes sejam as asserções dos contrarios , que se allegam no primeiro capitulo deste livro. Veja tambem se justamente podia escrever o Senhor Tartarotti : *Eu Apol. não acho em toda a antiguidade Hebraica , Gre- P. 24. ga , e Latina , quem negasse a Magia diabolica ; quando pelo contrario diffusamente mostrámos que se não encontra em toda a Antiguidade Auctor que della tratasse , que a approvasse , e defendesse. Veja se o negar-lhe a validade , he impugnar o sentimento cõum de todas as idades , tendo nós visto P. 35. que todos os mais famosos profanos Escriptores a negaram , e escarneceram. Logo como podem fa-*

zer os Adversarios tanta ostentação dos Auctores antigos , e de seus nomes hum taõ grande alardo ? Não podemos por necessidade do assumpto deixar de dizer , que tudo são equívocos , e enganos ; e que de tantas citações huma só não ha que sirva ao seu intento. Está o equívoco em o nome de Mago , e de Magia , porque os Antigos não usaram deste termo em o sentido de Magia diabolica , mas por elle entenderam , ou os Sacerdotes , ou os que eram de alguma maneira dedicados ao culto dos deoses , ou os que se applicavam ás Sciencias , e aos estudos , ou os que eram insignes , e verdadeiramente sabios. Logo o citar aquellas passagens para a nossa questão , he como se se quizesse allegar contra os Geometras , e Algebristas os Decretos que Roma fulminou contra os Mathematicos , quando entendia por Mathematicos os Astrologos. Confiste o outro equívoco em se crer demonstrada a validade da Arte Magica , por ter havido quem della fizesse profissão , obrando por este motivo maldades , e rematadas loucuras. Não faltavam nesse tempo impostores , não faltavam malvados , como hoje em dia não faltam algumas vezes ; mas assim como presentemente se não vê effeito algum real , da mesma forte se não viam nesses tempos.

A grandissima impressão que tem feito esta Arte em muitos , he motivo de lhes parecer encontrar provas em varios Auctores , quando elles na verdade

dade fallam de coufa mui differente. Citam a Cice-
 ro no feu quarto livro das Tufculanas , como fe
 elle difleffe que Pythagoras , e outros, tinham viaja-
 do , com o fim de aprender a Magia ; quando ape-
 nas fe acham no lugar citado as fequentes palavras : Apol.
Ultimas terras luftraffe Pythagoram , Democri- P.23.
tum , Platonem accepimus , ubi enim quid effet
quod difci poffet , eo veniendum judicaverunt.
 Citam tambem a Eliano , o qual fómente diz , que
 fora Democrito *aos Chaldeos de Babylonia* , aos Apol.
Magos , e Sophiftas Indianos. Citam a Clemente *ibid.*
 Alexandrino , porque diffe o mefmo ; e a Laercio
 por ter efcripto , que dos Magos , e dos Chaldeos a-
 prendera Democrito ; não obftante dizer Laercio ,
 que o que elle aprendera fora *a Theologia , e Astro-*
logia. Tem as primeiras apparencias de favoravel *Ibid.*
 á fua opiniaõ a Lei com que nos tempos de Con-
 ftancio fe intimou pena de morte aos Magos , que
 para fe vingarem de feus inimigos ufaffem de más Cod.
 artes : principia a Lei dizendo , que *não duvida-* de
vam muitos de turbar os elementos com Artes Ma- *Mal.*
 gicas , e offender a vida dos innocentes , ardendo *l. 6.*
 em defejos *de consultar as almas revocadas.* Quem
 deixará de ver que fe explica esta Lei feundo o
 ufo vulgar , tendo fómente por fim caftigar o de-
 licto , fem fer do feu intento examinar a verdade ,
 ou falſidade da opiniaõ , em que não confiftia o
 crime ? Havia já muito tempo que Ulpiano en-

finara competir a estes o nome de *Impostores*.

Podemos por digressão accrescentar huma reflexão sobre a linguagem dos Antigos, muitas vezes vária, e nesta materia ambigua, e incerta. Está em uso entender por Magia Nigromantica o revocar as almas, chamar as deidades, ou os demônios, e o obrar qualquer prodigio admiravel. Mas os Gentios algumas vezes não a entendiam neste sentido. Houve entre elles quem julgou poder-se sem acções prohibidas, e sómente com actos de Religião, fazer descer do Ceo o mesmo Jove. *Eliciunt Cælo te Jupiter*, disse Ovidio nos Fastos. Este o motivo porque se acha em Plinio, Jove Elicio. Houve quem ensinou, *quibus ad terras modis Jupiter possit sacrificiis elici*. O mesmo disse Arnobio: veja-se a Giraldi. Attribuo Salmasio o seguinte á Magia, mas de outra especie: *Pro-prium est Magorum deos elicere, & evocare; sed in alio genere, quam Necromantiæ*. Fallou Plinio de huma herba, da qual se dizia, *Magos uti, cum velint deos evocare*; mas não se entende este lugar dos deoses celestes. Confundiram algumas vezes com os factos magicos o officio, e poder dos deoses. Diz Prudencio fallando de Mercurio:

*Necnon Thessalicæ doctissimus ille Magiæ
Traditur extinctas sumptæ moderamine virgæ
In lucem revocasse animas.*

Elle

Elle tambem, segundo fama clara,
De Theſſalia inſtruído na Magia,
Com o toque da vara

As almas revocava á luz do dia.

Temos hum illuſtre exemplo das almas revocadas na Tragedia de Eſchylo, intitulada os Perſas. Sabe-fe por eſta paſſagem, que a opiniaõ de ſe poder revocar as almas para as interrogar, opiniaõ que no vulgo dos Hebreos corria, como ſe moſtra pelo recurso de Saul á Pythoniſſa, era muito antiga, até nas outras Nações. Atossa, mãi de Xerxes, depois da derrota dos Perſas na Grecia, para ſaber ſe podia achar remedio a tantos males, ſe resolveo, unida a huma turba de bons velhos, chamar a alma de Dario ſeu marido. Começa fazendo rogativas aos deoſes, e promettendo agradaveis dons á terra, e aos mortos. Traz depois mel, agua da V. 22 fonte, vinho, azeitonas, e flores encurvadas, e prezas; iſto he, como explica o Commentador, coroas. Ordena aos velhos, que acompanhem taes offerτας Ad v. 620. com hymnos, e que chamem pela alma de Dario; em quanto ella, em honra dos deoſes ſubterraneos, derrama tudo pelo chão. Obedecem elles, e rogam á terra, a Mercurio, e ao Rei dos infernos, que mandem á luz do mundo aquella alma; e até invocam o meſmo Dario, que foi ſeu optimo Rei, paraque venha. Appareceo, em fim, a ſombra de Dario, e longamente diſcorre com o Coro, e

com Atoffa. Nada aconteceo no revocar a alma de Dario , que não fosse , segundo a sua religião , honesto , e pio. Serve tudo isto para fazer ver , que em qualquer lugar em que entre Gentios se tratava de portentos , e cousas do outro mundo , era tudo imaginação falsa , e impostura.

Apol.
p. 79.

Devemos observar com grande cuidado o lugar em que o Adversario quer provar com tres lugares de Laercio , que a Philosophia dos Magos confinava com a Magia diabolica. Está toda a equivocação nas diversas significações deste nome. Entende-se pelo termo Mago o homem mais douto , e sabio dos applicados ao culto divino. Nesta significação o tomavam na Persia ; e não tinha nesta accepção relação alguma com o mentiroso engano a que hoje chamam Magia. Entende-se tambem este nome Mago pelos impostores , que persuadiam ao povo terem poder de obrar cousas sobrenaturaes : não tinham estes credito de Philosophos , nem de Theologos. São as auctoridades de Laercio do seu Proemio , donde se podem extrahir tambem algumas contrarias á validade da Magia. Diz na primeira , que *os Magos se applicavam ao culto dos deoses , aos sacrificios , e ás preces ; e que além disto tratavam da natureza dos deoses , e da sua genealogia* : estes eram os Magos da primeira especie. Ora como entra aqui o demonio , e que relação póde ter isto com elle ?

Diz

Diz a segunda , que *practicavam a Arte Divinatoria* , publicamente confessando que os deoses lhe appareciam : estes eram os da outra especie , e desta maneira enganavam os simples. Diz o terceiro lugar , que os Magos entendiam que havia dous principios ; *demonio bom* , e *demonio mau* : isto podia pertencer aos da primeira passagem : era , porém , hum erro geral , e não de alguns ; e he fabula que procedesse da Philosophia de Aristoteles , como se diz neste lugar. Mas nesta mesma parte se affirma , que elles não conheceram a *predicção Goezica* , que he o mesmo que diabolica. Logo Laer. como se nos quer provar com Laercio , que era ^{P. 2.} a sciencia dos Magos diabolica , e que nesse tempo estava *misturada* , e *confundida a Theologia* , Apol. e a *Philosophia* , com a *superstição* , e com a *Ma-* ^{P. 79.} *gia negra* , participando assim da natureza da *Philosophia Oriental* ? Com muita semrazão se allega a favor deste sonho o clarissimo Fabricio , quan- ^{P. 80.} do este pelo contrario escreve , que a *Magia* dos Persas , não era diversa da sua *Phyfica* , e *Theolo-* ^{Bib.} *gia* , para assim fazer conhecer que se applicava o ^{Gr. t.} nome de *Magia* ás sciencias , e não a *Magia dia-* ^{1. p.} *bolica*. Este o motivo , porque continúa dizendo , ^{247.} que nella se comprehendia *o culto dos deoses* , e *o mais intimo da natureza* : desta sorte de *diabolica* , & *obscaena Magia* se demonstra isento , e alheio , até o mesmo Zoroastes.

Apol. Cita pouco depois o Adversario á quatro Au-
 P. 80. cttores , como se elles affirmassem que os Sacerdo-
 tes Gentios eram Magicos diabolicos , quando ne-
 nhum delles fallou em tempo algum de Magicos
 Cong. diabolicos. Já no *Congresso* se tinham citado os
 P. 400. mesmos. De Eusebio , que he o primeiro de que
 se falla , em seu lugar apontaremos bastantes lu-
 gares , inteiramente contrarios a estes. Em Pompo-
 nio Mela se não acha mais que memoria de cer-
 tas Sacerdotizas de huma Ilha , das quaes se jul-
 gava , *putant* , que tornavam bravos os mares com
 versos de encanto , e que se transformavam em o
 animal que queriam ; que todas as molestias cura-
 vam , e que sabiam o futuro ; o que nada faz ao
 nosso caso. Falla este Auctor , no mesmo capitulo,
 de hum povo que tinha pé de cavallo ; e de outro
 que fazia sombra ao corpo , e o cobria com as
 orelhas. He o terceiro Auctor Strabo , o qual pe-
 lo contrario diz , que os Magos eram aquelles ho-
 mens que se avantajavam aos outros em sabedo-
 ria ; e que na Persia huma cousa era Mago , ou-
 tra Adivinho. He o quarto Maximo Tyro em a
 sua dissertação sobre o demonio de Socrates ; mas
 nella se trata argumento mui diverso , como são
 os Oraculos , a natureza dos demonios , e a sua
 assistência aos homens. Com bastante razão se ac-
 crescenta na Apologia , que os impugnadores da
 Arte Magica não comprehendem esta mistura de

Religião , e Philosophia : não a entendem os impugnadores , assim como também nunca comprehendem o que a Apologia diz, que todo aquelle que fundado *sobre os principios da mysteriosa Oriental Sapiencia se pozer a philosophar* , ha de passar da Magia natural á sobrenatural : nunca o comprehenderão na verdade , porque por Magia natural se entende o estudo da Physica , e por Magia sobrenatural a impostura , e a demencia, entre as quaes cousas não ha communicação , e passagem. Não viria desta forte a ser esta *mysteriosa Oriental Sapiencia* chiméra miseravel , e deploravel hallucinação ?

P. 81.

Não se duvida affirmar também que as Leis Gregas , e os Digestos fallaram da Magia. Em quanto ás Leis dos Gregos , nas quaes se não encontra huma só palavra sobre Magia , veja-se o capitulo quinto do livro antecedente ; e em quanto ás Romanas das Pandectas , mostrem os Adversarios aonde se trata deste delicto , e aonde *se lhe impõe a pena* , que he o que na *Arte Magica Abatida , e Dissipada* , se negou. As iniquidades que commettiam os Professores da Magia , explicámos já no primeiro capitulo , e o tinhamos também feito na *Dissipada* : em Roma era delicto público. Ainda que fallam algumas Leis segundo o uso vulgar , quasi suppondo por verdadeiro o que o povo cria , de nada serve isto para provar a real validade da Arte Magica , tantas vezes refutada ,

tada , e escarnecida : não se tratava deste ponto naquellas Leis. A Arte Magica , que se não praticava sem maldades , foi sempre detestada , e feramente punida até pelos Gentios , como todos sabem ; e era justo , que os que bem a consideravam, Apol. a julgassem , *turpem , atque per omnia infamem*
 p. 89. *sectam* ; sendo tambem além disto avaliada por huma Arte enganadora , e na qual tudo quanto se ostenta são dolos , e mentiras. Havendo quem promettia fazer alguns beneficios , e dar saúde por via de superstições , se enganou Constantino com taes promessas , e impedio se castigassem : ninguém comprehenderá o porque se aterrou com esta noticia o systema da *Dissipada* , como publicou Apol. p. 86. *a Apologia*.

He digno de nota o não se achar em todos os livros dos Philosophos , nem em os escriptos de todos os generos de antigos Escriptores que possuímos , hum só Tratado de Arte Magica , o que certamente não aconteceria , se fosse reputada por Arte , ou Sciencia sólida , e produzidora de grandes effeitos ; *venerada , e cultivada dos Philosophos* , como agora se pretende : della teriam escripto muitos , como fizeram de outras materias ; nem se teriam perdido todas as obras de semelhante argumento , escapando tantas outras dos mais assumptos , quando deviam ser estas conservadas por causa da sua singular curiosidade. Diz Cicero , que ha-

havia livros *haruspicini*, *fulgurales*, *tonitruales*, & *augurales*; porém de livros Magicos não faz memoria. Que devemos dizer do silencio de Plutarco, de Empirico, de Laercio, de Eunapio, que das obras dos Philosophos teceram exactos Cathalogos, sem nunca fazerem memoria alguma dos Tratados da Magia? De que serve misturar nesta questaõ estas enigmaticas expressões: *o universal consenso da natureza*; *a alma universal*; *a sociedade harmonica entre a substancia espiritual, e corporea*; *a alternada correspondencia dos espiritos, e dos corpos*? e além destas as seguintes: *a proporção quarta, ou seisquiterça, diffundida por todas as partes do Mundo*, e outras semelhantes palavras que nada significam, ou que se podem explicar a arbitrio, e não tem relação alguma com a presente controversia? Que utilidade resulta de recordar-mo-nos *das graduações da unidade, do binario, e do duodenario orphico*, como tambem de outras muitas insignificantes extravagancias? Sabiam acaço estes segredos Plataõ, Aristoteles, Lucrecio, Seneca, e outros semelhantes; ou não os sabiam? Se os sabiam, porque delles não trataram? Se porém os não sabiam, como podéram os modernos Magicos adiantar tanto a sua penetração? Se por acaço se encontram estes termos em algum Platonico, não he isto prova sufficiente de que delles se serviram, e os applicaram á Arte

Divin.
lib. 1.

Magica , quando pelo contrario estes mesmos a censuraram. Pretende o Adversário que se tenham dado *muitas regras , e preceitos* , e se tenha feito

Apol. *humã Collecção de longas ceremonias , e de estu-*
P. 16. *dados ritos , reduzindo-se a principios de Arte verdadeira , ou de Sciencia.* Ora em que parte estão os livros que contém tudo isto ? Quem os vio

P. 17. já ? Em que Auctor podemos aprender *a obrar as maravilhas dos Magicos scientificos* ? Diz a Apologia , que Reuchlino não referira fabulosa *patra-*

P. 32. *nha , quando affirmou que para ler os livros desta Arte , vix tota hominum ætas suppetit.* He necessario considerar a esta infinidade de livros sepultados , porque se estivessem á vista, se poderiam ler ainda muitos mais : advirta-se que não fallamos de qualquer livro em que se possa achar menção da Magia , mas de livros que tratem desta Arte , e que explicam , e ensinam a Theurgia , e a Sciencia

P. 23. *ceremonial.* Diz-se , que se conhece *qual affinidade haja entre a Theologia dos Magicos* , (como se fosse diversa da commúa dos Pagãos) *e a Theologia diabolica* , pelas predicções , pelos cultos dos deoses , estudo das suas origens , e por dizerem que lhes appareciam. Mas neste lugar , como he costume dos Adversarios , ha maliciosa mistura , e confusão. Os que na Persia se davam ao culto dos deoses , e á sua sacra Historia, não se inculcavam por Adivinhos , nem ostentavam aparições : os

que

que faziam profissão de prognosticarem , e fallarem com os numens , eram impostores , e não se entregavam a doudas , e pias investigações. Parece que Plinio , e Laercio , dão a entender que Zoroastres , Hermippo , e Ostanes , affaz escreveram sobre a Magia ; mas dizem-no fundados em fabulosas tradições, e em alguns escriptos falsamente attribuidos a taes Auctores. Reduzem-se *os outros muitos antigos Magicos* , que se nomêam , e se tem por celebres , a mui poucos ; e he pura imaginação que compuzessem. Observando bem a grande ostentação de citas , e de nomes , se não apontam existentes obras dos Antigos , e apenas nos allegam dous livrinhos de Proclo , e de Psello , producções ridiculas , e miseraveis , que nada fazem ao nosso ponto. Nomêa Suídas algumas obras de dous Julianos Chaldeos ; mas não se acha outra alguma luz acerca disto. Em quanto aos Modernos preoccupados deste erro , do nome dos quaes se jacta tantas vezes o Adversario , não he este o lugar proprio de fallar delles ; pois não servem para estabelecer o fundamento de que tanto se desvanece , que he a auctoridade , e consentimento da Antiguidade.

De donde lhe provém logo o valor de pretender que esteja a Antiguidade a seu favor , e de affirmar que a opiniaõ da Arte Magica fosse de *universal commum consentimento* , e demonstrada
por

por todos os antigos Escriptores? Herodoto, o mais antigo dos Auctores profanos que fallou dos Magicos, nunca sonhou attribuir-lhes Magia diabolica: fim diz, que havia d'entre elles alguns que arrogavam a si interpretar os sonhos, e os insolitos acontecimentos; mas até isto faziam com muita fallencia, e mau successo: nem o demonio em taes coufas tinha parte algũa. Ensina Xenophonte, que era officio dos Magicos cantar hymnos aos deoses, fazer sacrificios, e nada mais. Arriano escreve, que na India presumiam adivinhar os futuros; mas que lhes era prohibido continuar achando-se tres vezes em falta; do que se vê, e colhe, que suppunham a Magia pericia natural, e mui fallaz. Em quanto Diodoro trata do tempo fabuloso, toca, mas com desprezo, os prodigios que outros referem; mas nunca faz memoria de algum, quando escreve como Historiador; antes declara a verdadeira natureza da Arte Magica, quando descreve os embustes de certo Syrio, que lançando fogo pela boca, e usando de outros artificios, se fazia crer Magico, tendo desta forte attrahido a si toda a Sicilia. O não fazerem Polybio, Dionysio de Halicarnasso, Appiano, Tito Livio, Sallustio, e Cornelio Nepote menção das vulgares preocupações, e loucuras, assim como corriam nos tempos de que elles mesmos escreveram, bem mostra quanto as julgavam dignas de desprezo, e quão indecente era aos

Auctores graves , e doutos , attribuir acontecimento algum á Magia. Não faz della menção Valerio Maximo em o seu capitulo *de Miraculis*. Por necessidade referio Tacito alguns destes desvarios, que diziam relação a quem dominava , e com os quaes se tendia a maior fim. Chamou Sparciano *dementia* á fé que Juliano dava á Arte Magica. Teve Ammiano Marcellino , por *superstição de velhas* , digna de *ludibrio* , e por *leviandade do vulgo* , o fazer caso de magicos segredos. Infere-se mui perfeitamente das obras de Plutarco , que dos Gregos , e Romanos , as principaes Personagens , as mais illustres , e os Homens de reputação , nunca fizeram uso da Magia , nem lhe deram ouvidos.

Mais de huma vez propoz Platao , por exemplo da impostura , e da mentira , os encantamentos , e os Magicos. Numerou entre os delictos graves o fazer profissão de curar com maleficios , e o enganar as Cidades inteiras , com a persuasão de que se fallava com os mortos , e que se podia obrar muito por via de encantos. Até Aristophanes escarneceo os anneis magicos. Fazendo Aristoteles completos Tratados de todas as partes da Philosophia , nunca fez menção alguma da Magia. Julgou Marco Antonino , as maravilhas que se criam obradas pelos Magos , e Encantadores , mentiras , e perdas de tempo. Collocou Hippocrates a Ma-

N

gia

gia entre os artificios vís , e plebêos , e aos Encantadores entre os Charlatães , que fingem piedade , e devoção ; e mostrou que eram Atheístas. Inteiramente seguiu Galeno nesta materia as pizadas de Hippocrates. Disse Strabo , que eram os Magicos na Persia differentes dos Adivinhos , que ensinavam ao Rei o culto dos deoses ; e que se chegava muito á charlatanaria a Magia da outra especie. Põe Luciano diante dos olhos , e com muita graça , e energia, os enganos , e despropósitos que naquelle tempo corriam entre o povo ; e mostra que para estar pela Arte Magica , era necessario crer nos mesmos desvarios. Entende Philo Hebreo , que huma cousa he a Magia estudiosa da natureza , e por isso cultivada até dos Reis, e outra a que nasceo de se querer falsificar aquella , a qual falsificação produzio os encantos magicos , de que só fizeram profissão os *Charlatães* , as *mulheres* , e os *servos vis*.

Numerou Cicero aos *portentos magicos* entre as fabulas , e *erros* dos Poetas , e declarou por *demencia* as cousas dos Egypcios , que se aproximavam a estas. Asseverou Horacio , que era necessario ao que desejava estar isento de vicios , e de erros , zombar de todo o magico terror , das Feiticeiras , dos sonhos , e de todos os mentirosos embustes de Theffalia. Ensinou Seneca , que era proprio dos tempos ignorantes , e escuros , o crer
que

que se podiam obrar grandes cousas com encantos ; e que era esta verdade de si taõ clara , que naõ era necessario para a entender recorrer a algum Philosopho. Estes saõ os maiores Homens , que o mundo tem visto. Ora com que rosto se podem contradizer , e contrastar ? Advertio Columella , que era a Magia inutil , e pernicioza superstição. Querendo refutar Apuleio a quem o accusava de Magia , lhe respondeo que naõ sabia da sua existencia ; e explicou-se dizendo , que naõ estava *informado das fabulas do vulgo*. Celso , que era hum Medico sabio , naõ apontou remedio algum magico. Chamou Ulpiano *Impostores* aos que se applicavam aos encantos. Milhares de vezes definiu Plinio a Magia por huma mentira ; e disse , que nenhum Sabio lhe dava credito ; e que até elle mesmo se envergonhava de referir os encantamentos magicos. Para mostrar quaõ cega fosse a opiniaõ do vulgo , basta considerar , que naõ obstante saberem-se as razões claras , e os exactos calculos dos eclipses , continuava sempre *in magna* Plin. l. 25. c. 2. *parte vulgi* a persuasão de serem effeitos da Feitiçaria. Conclue Plinio dizendo , que he esta huma Arte fátua , fraudulenta , inválida , e inutil ; e dá por *muito grande exemplo* da sua falsidade o que succedeo a Nero , o qual com todo o seu poder , e grandes experiencias que fez , nunca chegou a ver effeito algum. Que juizo fará agora o Leitor ? Cre-

rá que se possa , sem extraordinaria ruína da clara , e patente verdade , e dos factos , affirmar que em toda a Antiguidade se não acha quem negasse a

Apol. Arte Magica ? e que em todos os tempos , em
P. 43. todos os povos , e em todos os Escriptores , (como nos querem dizer) se desse por estabelecida a Magia? Vemos pelo contrario, que se não encontram Sabios , e Doutos , que a julgassem válida , e efficaç ; sendo sómente seguida , e defendida esta preocupação , pelo engano do vulgo , e pelos rudes , e populares cerebros. Nos tempos de Menandro se introduzia nas Comedias a Magia ; e sabemos de Plinio , que intitulara aquelle grande Comico

L. 30. *Theſſalica* huma *Fabula* ; isto he , huma Comedia ;
c. 1. na qual appareciam varias mulheres , que trabalhavam , e se esforçavam em fazer vir á terra a Lua. Zombou da Magia Plauto quando fez dizer á Periplectomenes , descrevendo o que he ordinariamente a mulher , que além de outras impertinencias até pede ao marido para dar *á que faz encantos* , *á Interprete dos sonhos* , *á Hariola* , e *á Haruspice*. Confessa Philostrato , que os Magicos

Mil. *todos* tendiam a tirar velhacamente dinheiro. São
gl. A. tambem pela maior parte as citações que se allegam
3. sc. dos Escriptores Gentios , a este proposito , equivocas ; porque entre elles se cria ordinariamente a
1. v. virtude magica nas hervas , nas plantas , nas pedras , nas bebidas , em algumas partes dos animaes ,

maes , e em certas palavras ; como se póde muito bem observar em Plinio , e em muitos outros : *Habeo quod carmine sanet , & herbis.* Veja-se de Ovid. ^{Met.} I. 10. quantas coufas naturaes usa em Lucano a mulher de Theffalia. Logo muito bem se infere , que não entendiam por Magia , a Magia de hoje , de que não tinham idéa : nem idéa podiam ter dos pactos com o demonio , sem os quaes , se diz , que não subsiste a Arte Magica. Como querem , pois , que fossem Magicos verdadeiros , e que usassem , e puzessem em obra a que nem ainda conheciam ? He , por ventura , conveniente que a pezar de tudo isto , e das luzes que entre nós derramam as letras , e da sãa piedade que tanto floresce , haja Auctores pios , e eruditos , que sem pejo , e francamente affirmem , que póde a Magia fazer as pessoas invisiveis , e invulneraveis ; e que foram reaes , e verdadeiras as apparições que os Gentios recontaram ? He licito que estes asseverem , que por Magia se predisse a Agrippina o futuro ; que por via de estrellas conheceo Trasyllo a intenção de Tiberio ; que fez Vespasiano curas instantaneas ; e que no Templo de Serapis lhe apparecera quem estava distante cem milhas ? Devemos crer nos dias de hoje , que *revocara* Caracalla *a muitos do inferno* ; e isto porque o refere Diaó ? que se confagrara a Plutaó a alma de Germanico ; porque assim se lê em Tacito ? Não bastam estas monstruosas fabulas ,

bulas , em que necessariamente se precipita todo o que defende a validade da Arte Magica , para fazer conhecer a sua insubsistencia , o seu engano , a sua mentira , e a sua impostura ?

FIM DO SEGUNDO LIVRO.





LIVRO TERCEIRO.

CAPITULO I.

Mostra-se por muitos lugares da Escriptura , que a Magia he huma impostura , sempre vãa, e sem effeito.



LONGA, e miudamente mostrámos, com o favor, e auxilio do Senhor, que nunca houvera entre Gentios, nem tampouco em alguma antiga Nação, homem dotado de bom sentido cômum, e de estudos, que se persuadisse da validade, e efficacia da Arte Magica, ainda não obstante ter este prejuizo, desde os antigos tempos, e em quasi todo o Universo, hum grande imperio sobre o povo, e sobre os entendimentos ordinarios. Implorando presentemente a mesma assistencia, passamos a provar que os documentos

Christãos , como são a Escriptura , e a Tradição , uniformemente excluem , e desprezam esta Arte , ordenando que se não dê credito ao seu exaggerado poder. Se o alcançarmos , esta nossa fadiga , e trabalho , não será certamente de pouco proveito , e utilidade para a sãa doutrina , e verdadeira piedade ; porque he inexplicavel quanto do seu instituto se apartam aquelles bons Religiosos , que entendem contribuir muito para a devoção verdadeira , defendendo a existencia , e validade da Magia , e publicando, *que a incredulidade dos Atheos , mui fortemente se convence , vendo elles mesmos os estranhissimos efeitos da Arte Magica.* Se Deos nos conceder findarmos este livro , claramente se verá os damnos que semelhantes opiniões fazem na Religião , concorrendo , para se augmentar o numero dos incrédulos , a publicação destas fatuidades , e o empenho de que todos crêam por verdadeiros os seus *estranhissimos efeitos.* Depois do

P.Pre-
ati p.
91. *Apologista haver assentado , que já comprehendera de que maneira , e porque motivo tenham as puras palavras , e os encantos , efficacia para obrar , pergunta porque razão se empenharia o seu Adversario em escurecer com as trévas da Gentilidade as luzes da Theologia Christãa. Mas que Theologia he esta ? He a que ha muitos seculos se ensina em quatro annos por tantos Professores , e comprehende todos os pontos Theologicos ? Esta*

nem

nem falla de femelhante materia. Não ha hum só artigo sobre a Magia, em toda a Summa de S. Thomás. O mesmo podemos chronologicamente dizer de infinitos Theologos; dos quaes nunca o Auctor da *Dissipada* affirmou, como fez o seu Apol. Adversario, que *estão cheios os seus argumentos de fallacia, e que tropeçam em muitos absurdos, e falsas opiniões*. Desapprovou tambem o Senhor Tartarotti, quando falla dos pactos, a vulgar linguagem *que se introduzio, e dura entre os* P.180 *Doutores Escholasticos, Moralistas, e Jesuistas*.

Principiemos pela origem, e fundamento dos nossos Dogmas, que he a sagrada Escriptura. Nos livros do Velho, e Novo Testamento, se nomêa a Arte Magica, mas com irrisão. Com este desprezo he tratada no livro da Sabedoria, pela terem reduzido a huma especie de Arte, por meio de ceremonias, e invenções inuteis, os Gentios; os quaes invocavam nos encantos, conforme a sua Religião, a Jove, Hecate, e Plutaõ, e de nenhuma forte a Lucifer. Logo era aquella Magia mui differente da que entre os Fiéis se chama Magia, e de quanto por Magia se considera nos factos da sagrada Escriptura. Devemos tirar do lugar da Sabedoria por documento, que fora a Arte Magica escarnecida, e que presentemente o deve ser: *Et Magicæ Artis apppositi erant derisus*. He portanto digna de se reputar ridicula esta Arte, porque

que o Divino Mestre ensina , que mereceram escarneo os impostores que a professaram.

Estava a terra de Canaan , em que Deos introduzio o povo Hebreo , cheia de Magicos , e Adivinhos. Tinha dominado naquelle paiz , mais do que em algum outro , a ambição de ser reputado Propheta , e o demasiado desejo de parecer superior em poder , e sciencia. Ordenou a Divina Lei aos Hebreos , que não recorressem aos Magos , que os não imitassem , nem lhes prestassem fé : *Non declinetis ad Magos , nec ab Hariolis aliquid sciscitemini.* Comminou pena de morte contra o que transgredisse este preceito. Referem-se no Deuteronomio todas as varias especies de fortilegios , e superstições , que se practicavam : *Quando entrardes na terra que o Senhor vosso Deos vos der , guardai-vos de querer imitar as abominações daquellas gentes. Não haja entre vós quem purifique o filho , ou filha , fazendo-os passar pelo fogo : não haja quem consulte os Adivinhos , observe os sonhos , e os agouros : não haja entre vós Malefico , e Encantador ; nem quem consulte os Pythonissos , e os Adivinhadores ; nem quem procure saber pelos mortos a verdade. Todas estas cousas são abominaveis na presença do Senhor , e por taes maldades ha de destruir esses povos ao entrardes na sua terra. Sede perfeitos , e sem mácula , para com o Senhor vosso Deos.*

Levit.
xix.
31.
xx.6.

Deut.
xviii.
9.

Deos. As Nações de que haveis possuir a terra, daõ ouvidos aos Augures, e Adivinhadores; mas vós fostes de diversa maneira instruidos pelo Senhor vosso Deos. Não se affirma em todo o referido, nem d'elle se póde entender, que de semelhantes loucuras se seguisse effeito algum. Chegáõ talvez a quarenta as vezes que na sagrada Escripura se faz dellas mençaõ, sem ao menos se encontrar indicio, de que por estas producções da Idolatria, e falsa Religiaõ, se tenha conseguido o que se pretendia. Antes se póde inferir de muitos lugares, que taes maldades, pelo que respeita ao promettido effeito, saõ ridiculas, e inefficazes.

Huma das principaes virtudes de que os Encantadores muito se desvaneciam, era a de mandar, e dominar sobre as serpentes; mas do que diz o Ecclesiastico: *Quis miserebitur Incantatori à serpente percusso*, se prova, que nada alcançavam; sendo enganoso, e imposturas as suas jactancias; porque as serpentes os mordiam todas as vezes que podiam. Vemos o mesmo no Psalmo, aonde se faz memoria do aspide: *Non exaudiet voces Incantantium.* Vemos tambem o mesmo em Jeremias: *Mittam vobis serpentes regulos, quibus non est incantatio*, (allude á persuasão do vulgo) & *mordebunt vos.* Usa a Vulgata do termo *regulos*, como tambem Aquila, segundo sabemos por São Jeronymo. Esta voz desu-

Ecclesi.
xii. 13.

Psal.
lvii.
6.

Jer.
viii.
17.

defusada entre os Latinos neste sentido, significa *basiliscos*, que são serpentes, entre os Gregos avaliadas por mortíferas. Estas também mordiam a pesar dos encantos: desta maneira, e com esta expressão, se falla todas as vezes, que se nomêam as serpentes, e os encantamentos, mostrando-se desta sorte, que são inuteis, e invalidos.

Isai. viii. 19. Escarnecem-se em Isaias os que aconselhavam que se consultassem os Pythonissos, e os Adivinhos; e escarnecem-se também os que nos seus encantos usavam de certo murmúrio: *Quærite à Pythonibus, & à divinis, qui strident in incantationibus suis*. Ha outro lugar em que se declara, que Deos tornava inuteis os portentosos signaes dos Adivinhadores, *irrita faciens*, mudando em fatuidade a sua sciencia: *Scientiam eorum stultam faciens*. Logo huma tal Profissão era na verdade inutil, e embusteira. Lemos que fora causa dos males, que vieram sobre Babylonia, a confiança que tiveram nos encantamentos, e nos Encantadores; e que por este motivo se diz: *Stacum Incantatoribus tuis, & cum multitudine maleficiorum tuorum*; ajuntando-se-lhe por escarneo, *si forte quid profit tibi*. Logo se escarnecia, e com muita razão, a fé que se tinha nos feitiços, e nos encantos, e não produziam effeito algum.

Disse Jeremias; *Não queirais ouvir os vasos*

fos Prophetas , os Adivinhos , os Augures , e os Jer. xxvii. 9.
Maleficos : não queirais , porque vos prophetizam
embustes. Logo por elles se não conseguia saber
 o futuro. Notou sobre este lugar São Jeronymo ,
 que não faltavam Prophetas em as Nações , *qui si-*
mulent se divino spiritu futura prædicere ; e que
 não faltavam Interpretes de sonhos , e Augures ; co-
 mo também *dæmonum phantasmatis servien-*
tes : mas todos estes vos enganam , *omnes isti de-*
ciunt vos , atque supplantant. Era logo tudo
 mentira , e illusão , e não se alcançava por elles
 o desejado effeito. Como podia por mero acaso
 verificar-se alguma predicção , e cumprir-se o dito
 de alguém , advertio o Deuteronomio , que por
 este motivo se não dessem ouvidos a Propheta fal-
 so , ou Interprete dos sonhos : *Non audies verba* Deut. xiii. 1.
Prophetæ illius , aut Somniatoris ; porque são en-
 ganos os seus prodigios , e as suas predicções.
 Ninguém se funde no preceito que manda apedre-
 jar os homens , e as mulheres , *in quibus Pytho-*
nicus , vel Divinationis , fuerit spiritus , como se
 se devesse entender haver nelles espirito adivinho ;
 significando sómente aquella phrase, que faziam pro-
 fissão de Adivinhadores ; assim como *spiritu furo-*
ris , spiritu prudentiæ no Exodo , e *spiritu zeloty-*
piæ nos Numeros , não significa espirito diaboli-
 co , nem Angelico , mas só furor , prudencia , e
 ciúme. Explicou Santo Agostinho as palavras do

De *Apostolo spiritu mentis*, assim : *Quod autem ait*
 Trin. *spiritu mentis vestrae, non ibi duas res intelligi*
 l. 14. *voluit, quasi aliud sit mens, aliud spiritus mentis.*
 c. 16.

Póde-se inferir tambem da Escripura, quan-
 do diz, que tudo o que o Rei Josias destruiu era
 4. Reg *immundicia, e abominação*, que os Pythonissos,
 xxiii. e os Hariolos, outra Arte não tiveram, senão a
 24. de enganar com fingimentos, sem nunca produzi-
 rem effeito algum. Lemos, por ventura, que o Rei
 xxi. 6. Manassés, que mandou passar pelo fogo a seu fi-
 lho, que se servio dos Adivinhadores, que ob-
 servou os Augures, multiplicou os Pythonissos,
 e Aruspices, e (conforme se diz no Paralipome-
 2. Par. non) *habebat secum Magos, & Incantatores,*
 xxxiii. descobrisse, ou alcançasse por esta via cousa algu-
 6. ma, e conseguisse o fim de seus desejos? Vê-se
 pelo mesmo facto, e pelo seu contexto, que de-
 balde trabalhara, e que nunca vira hum só effei-
 to. Apontam-se nos Proverbios, por exemplo dos
 que fallam sem saber de que, aos Hariolos, e a
 seus semelhantes. Assim se explica a Vulgata : *In*
 Prov. *similitudinem Harioli, & Conjectoris, aestimat quod*
 xxiii. *ignorat.* Em fim, por estes lugares da Escripura
 7. se mostra, que era a Magia hum puro engano, e
 que não obrava cousa alguma. O alvo commum
 destas mentiras, e dolos, era a ganancia. Clara-
 Mich. mente ensina Michéas esta verdade : *Prophetæ ejus*
 iii. 11. *in pecunia divinabant.*

CAPITULO II.

*De nada serve o facto dos Magos de Pharaó ,
para prova da presente controversia.*

Contra os referidos lugares da Escriptura ,
e sua intelligencia , fubitamente voará o pen-
samento do Leitor aos Magos de Pharaó ,
provindo deste facto o erro commum , e a celebre
razaõ , que principalmente induz a julgar canoni-
zada a existencia , e validade da Arte Magica. Con-
fessa o Senhor Tartarotti , que *saõ os Magos de* Cong.
Pharaó o maior fundamento da Magia diabolica. P. 372.
Fazemos a seguinte reflexaõ só por gosto de fallar
em taõ nobre assumpto , e naõ porque a julgue-
mos necessaria para prova da presente questãõ.
Naõ se diz no Exodo , que o demonio tivesse ^{Exod.}
parte em quanto os Magos obraram , nem que ^{vii. 3.}
fossem as suas obras maravilhas. Chama a Escri-
ptura *signa , & portenta* aos prodigios de Moy-
sés , e naõ ás obras dos Magos ; nem se acha indi-
cio , ou signal , de que fossem obras preternatu-
raes , ou prodigios do demonio. Que obsta , pois,
para se naõ crer que foram prestigios , artificios ,
e illusões ? Haverá quem naõ saiba os engan-
os com que os destros hallucinam , ainda quem bem
os observa ? De sorte o fazem , que a pezar dos
olhos , e da mais vigilante attençaõ , escondem , e
mu-

mudam de sorte as coufas , que os espectadores se affombram , e pasmam. Prova-se , que os Magos costumavam enganar a Pharaó , do que o Senhor

vii. 9. disse a Moyfés : *Cum dixerit Pharaó ostendite nobis signa.* Logo costumava Pharaó pedir obras prodigiosas em confirmação do que se lhe propunha. Os Magos , quando Moyfés , e Araó converteram as varas em serpentes , não estavam presentes. Mandou-os depois chamar Pharaó : *Vocavit autem Pharaó Sapientes , & Maleficos.* Dá São Paulo na sua segunda Epistola a Timotheo , aos dous principaes , os nomes de *Jannes , & Mambres* , o que saberia por tradição. Numenio , Philosopho douto , e muitas vezes citado por Origines , e Eusebio , diz que foram escolhidos aquelles dous Magos dos Egypcios , para disputarem com Moyfés : acha-se esta noticia na Prepara-

Præp. l. 9. c. 8. ção. Logo chegaram os Magos á presença do Rei , informados do estrondoso facto , e do que delles se pretendia. Isto supposto, he por ventura impossivel , que não levassem consigo as cobras , e com ellas atirassem ao mesmo passo que lançavam as varas ? Este seria talvez o motivo , porque não as podéram tornar a converter em varas , e o porque foram devoradas pelas cobras de Moyfés. Sim diz o Texto , *projecerunt singuli virgas suas ,*

T. 4. *que versæ sunt in dracones* ; mas São Jeronymo

pag. 1040. ensina , que *multa in Scripturis Sanctis dicuntur juxta*

juxta opinionem illius temporis , quo gesta referuntur ; & non juxta quod rei veritas continebat : explica-se o Texto , segundo o que a todos parecia acontecer. Dos prodigios que Moysés obrou depois , só dous podêram imitar os Magos , *fecerunt similiter* ; mas na verdade não pozeram em practica tudo quanto obraram os dous servos de Deos , e só mostraram executa-lo em alguns lugares , o que se prova por estarem já todas as aguas convertidas em sangue , como tambem por se ver que para as restituïrem ao antigo estado , a Moysés , e a Araõ se recorreo , quando se os Magos tivessem obrado semelhantes calamidades a elles recorreriam os Egypcios.

Obraram os Magos por *incantationes Ægyptiacas , & arcana quedam*. A voz Hebraica de que usa Moysés , significa *encobrir , esconder , e involver*. Serve-se a Vulgata neste capitulo dos termos *incantationibus suis* , porque fazer encantos he confundir , esconder , e enganar ; e de tal sorte , que o espectador imagine ver , o que na verdade não vê. Logo tambem se podia traduzir do Hebreo assim : *Com astucias Egypcias*. Accrescenta a Vulgata para maior explicaçãõ , *e com certos segredos*. Logo não obravam por Arte Magica. Da voz *Incantator* , que traz a versãõ de Theodosion , e allega São Jeronymo , se usou em sentido mui differente de Prestigiador diabolico. Constantino Grimaldi ,

Ex.
viii.7.
18.

In II.
t. 4.
p. 52.

maldi , de cuja obra muito se desvanecem os Defensores da Arte Magica , cita , e faz uso deste mesmo termo : *Pelo que pertence aos prodigios que obraram os Magicos de Pharaó , não diz a Escriptura , que elles os fizessem por ministerio do demonio , mas por encantos de que os Egypcios usavam , e por particulares segredos : que he o mesmo que dizer por engano , e velhacaria. He tambem o Senhor Conde Carli de parecer , que não interviera o diabo nestes prodigios.*

Grim. p. 17.

Cong. p. 240.

Ainda admittida a opiniaõ commua de que os Magos por virtude diabolica obraram os seus prodigios, com mui grande sophisma se quer delles formar prova para a decisaõ da presente controversia ; porque se não disputa actualmente sobre o que succedeo , ou podia acontecer ha tres , ou quatro mil annos , mas sómente acerca do que succede em nossos dias. Se a questãõ fosse sobre o não ter havido Magia , era facil provar a affirmativa , mostrando a sua existencia nos tempos de Pharaó ; mas discutindo-se sobre o existir presentemente , e affirmando os Adversarios , que hoje se vem prodigios magicos , de nada serve o allegar factos dos antigos tempos : he necessario mostrar que acontecem nestes nossos. Dir-nos-haõ : Foi possivel a Magia ; logo presentemente o he. Assim seria , se Deos quizesse permittir hoje ao demonio o que entãõ lhe permittio. Muitas cousas succe-

succederam naquelles tempos, que se não viram depois; porque o grande fim de libertar Deos o seu Povo da escravidão; de lhe dar Leis, e de lhe fazer conquistar a Terra promettida, foi causa das maravilhas de que se não acham iguaes exemplos. Obrou o Todopoderoso huma grande continuação de prodigios nas dez pragas do Egypto, na passagem dos Hebreos a pé enxuto pelo mar Vermelho, no que lhes aconteceu pelo deserto, na appareição do Senhor entre trovões, relampagos, e fogos sobre o monte Sinai, e em fallar tantas vezes, face a face com Moysés, *ore enim ad os loquor ei*; mas não foi servido obrar em outro tempo semelhantes milagres. Logo não he bom argumento inferir da permissão que o demonio teve para obrar em favor dos Magos de Pharaó, que o Senhor continúa a mesma permissão, e que existe a Magia, e se alcançam por ella grandes cousas. Temos na Escriptura sonhos interpretados, e verificados; e devemos por isso dar agora credito aos sonhos? Explicou Joseph alguns divinamente; e devemos por esta causa buscar quem interprete os nossos?

Ha outro erro neste facto, com que se nos argumenta. He a questão presente se se dá, ou não *Arte Magica*. Logo de que serve o lembrar-nos do que os Magos de Pharaó alcançaram do demonio? Alcançaram-no acaço por virtude, e

efficacia de huma Arte ? Temos indicio no fagra-
do Texto de que os Magos usaram de circulos ,
ou de triangulos ? Proferiram nomes estranhos ,
palavras , ou versos de encanto ? Usaram de de-
terminadas acções , e movimentos ? Serviram-se de
caracteres , de imagens , de signaes , e de outras
ceremonias ? De tudo isto , nem sombra vemos.
Logo não constrangeram o demonio a obedecer-
lhes por virtude, e efficacia de Arte, ou de Sciencia;
nem por possuirem *os seus mysterios , e arcanos* ;
mas sómente , porque segundo a falsa , e malva-
da opiniaõ dos dous principios, dirigiram o seu co-
raçaõ ao deos mau ; e o Senhor permittio que fos-
sem satisfeitos os seus desejos. Logo consistia to-
do o mysterio em hum malvado pensamento , e
não em huma Arte estudada , e profunda : póde
chamar-se Magia , por ter sido obra do demonio ,
e por ter sido hum recurso ao maligno espirito.
Se tivesse existido huma Arte , pela qual se conse-
guisse do demonio o que cada hum desejava , hum
só prodigio se não teria visto , mas muitos , e mui-
tos aconteceriam ; e seriam tantos , quantos os
Defensores da validade , e existencia da Arte Ma-
gica , crem , e se persuadem que succederam , e
actualmente acontecem em muitas , e varias par-
tes.

CAPITULO III.

De nada igualmente serve á sentença dos contrarios o facto da Pythonissa.

PAssemos a observar o outro facto da Escrip-
tura , com que os Defensores da Magia
pretendem provada a sua validade , e effi-
cacia. Consiste este em se revocar a alma de Sa-
muel , por obra da Pythonissa. Sendo atéqui mui
varias , e differentes as opiniões sobre a verdadei-
ra intelligencia deste facto , será prohibido dizer ,
que fora talvez tudo engano ; que não apparece-
ra a alma de Samuel ; mas que esta mulher o
inventara , só a fim de se conservar no credito , e
reputação de Pythonissa ? Desde os fabulosos tem-
pos em que se disse que Apollo matara a ser-
pente Python , passou em tradição este nome pa-
ra todos os que faziam profissão de adivinhar , e
responder por virtude de espirito que dentro em
si tinham : chamaram-lhe por esta causa em Latim
Ventriloqui. He provavel que para esta impostura
muito contribuiu o artificio dos que faziam ou-
vir sons varios , e palavras , não formadas na bo-
ca , mas na garganta , e quasi no estomago , de
que temos portentosos exemplos em alguns Char-
latães de nossos dias. Esta voz fraca , e obscura ,
parecia vir do centro da terra , e por este moti-

- 1c.xxix vo disse Isaias : *Erit , quasi Pythonis de terra vox*
 4. *tua.* Voltemos á Pythonissa : a opiniaõ , e pre-
 occupaçaõ , que naquelles tempos corria entre o
 1.Reg povo , foi causa de que Saul , naõ obstante haver
 xxviii. antes desterrado os Magicos , e Hariolos por inu-
 3. teis , e por vãos , como se via por seus peccados
 desamparado de Deos , naõ se dignando este Se-
 nhor responder-lhe de maneira alguma , recorresse
 xxiii. a huma mulher de semelhante Profissaõ : *Quæ-*
 7. *rite mihi mulierem habentem Pythonem.* Logo só
 as mulheres eram as que faziam profissaõ de hum
 tal poder : naõ era por tanto sciencia , mas enga-
 no. Buscou Saul esta mulher , e disse-lhe : *Divina*
mihi in Pythone , & suscita mihi quem dixerò
tibi. Basta para suspeitar que tudo fora engano , o
 observar , que a Pythonissa começara por huma
 manifesta mentira , fingindo naõ conhecer o Rei ,
 quando era muitas vezes visto por todos , e de-
 via tambem por boa consequencia ser della visto ,
 e conhecido ; porque a mudança do trajo lhe naõ
 escondia o rosto. Diferençava-se além disto dos
 mais homens por hum famoso distinctivo , porque
 era conhecido , ainda dos que nunca o tinham visto ;
 ix. 2. pois *ab humero , & sursum eminebat super omnem*
populum : logo naõ havia *similis illi , in omni*
 3. 24. *populo.* Mostrou depois conhecê-lo apenas Sa-
 muel appareceo , ainda sem dizer Saul couza al-
 guma.

Perguntou-lhe a Pythonissa com mui grande franqueza : *Quem suscitabo tibi ?* Jactava-se desta maneira de ter poder sobre os justos , e injustos , e de dominar sobre os mortos. E de facto , tanto que Saul pedio que lhe revocasse Samuel , immediatamente sem proferir palavra , ou mostrar sombra de encantamento , lhe affirmou que estava Samuel presente. Note-se a este respeito que o Texto diz , que Saul nada vira , mas que sómente crera na fé da Pythonissa , que lhe assegurara estar vendo. Fez-lhe ouvir huma voz , como a de Samuel , o que não era difficil de fingir. Vio por ventura Saul , como Samuel appareceo ? He crível que Saul julgasse na Pythonissa poder capaz de revocar a alma de Samuel do outro mundo , e de a inquietar ? Fez-lhe dizer : *Quare inquietasti me , ut suscitarer.* Fez-lhe dizer , que o Senhor se afastara de Saul para o seu émulo , e fez-lhe tambem dizer , *scindet Regnum de manu tua , & dabit illud proximo tuo.* Mas era noto a todos , que sendo vivo Samuel lhe dissera muitas vezes : *Scidit Dominus Regnum Israel à te , & tradidit illud proximo tuo.* Fez-lhe predizer a sua derrota , e a sua morte , o que todos lhe podiam prognosticar , considerando as circumstancias em que as cousas estavam. O que o Santo Propheta lhe disse depois , *cras autem tu , & filii tui mecum eritis* , não se póde entender , e verificar de Saul impeni-

tente, e que se matou a si mesmo. Logo supposto o caso ainda da forte que se pretende, os efeitos que se vem da Magia são enganoso, e fingimentos, e não faltam Santos Padres, que sustentam, e defendem esta opinião. Delles citamos a São Jeronymo, que sobre Isaías não diz, que Saul resuscitara a Samuel, mas que *Samuelem per*

T. 4. *incantationes, & artes magicas visus est susci-*
P. 106. *tasse.* Diz sobre Ezechiel, fallando dos que professavam a Arte Nigromantica, *qualis fuit illa,*

T. 5. *quæ visa est suscitare animam Samuelis.* E diz
P. 130. sobre São Mattheus, *in Samuelis phantasmate*

T. 7. *Pythouissa loquitur ad Saulem.* Logo foi a Py-
P. 38. thonissa quem fallou, e não Samuel, nem tam-

Orig. pouco spectro algum. Diz Isidoro: *Si tamen ani-*
l. 8. c. *mam Prophetæ fuisse credamus, & non aliquam*
9. *phantasmaticam illusionem.* Disse Rabano Mau-

De ro: *Indignum omnino facinus esse, si secundum*
Mag. *verba historiæ commodetur assensus.* Referem-se
præf. estas palavras no Direito Canonico: são tiradas

Causa das questões *Veteris, & Novi Testamenti*, que
26. q. se acham entre as obras de Santo Agostinho.
5. c.

14. Com tudo isto, he hoje a sentença mais

bem recebida que Samuel na verdade apparecera,

por se ler no Ecclesiastico, que Samuel, depois

de morto, predissera a Saul qual feria o fim da

sua vida, e que levantando-se do seio da terra

alçara a voz. Nem em Hebreo, nem em Grego

temos este livro ; e sabemos por Santo Thomás , ^{P. 1. qu. 89. art. 8.} que houve até o seu tempo quem duvidou se era Canonico ; mas foi depois reconhecido , e declarado por tal. Não só a auctoridade de não poucos Padres ; mas até muitas , e varias razões , persuadem que Samuel fallara. Parece inverosimel que tivesse a Maga a confiança , e ardimento de affrontar a Saul , e de lhe intimar cousas tão desagradaveis , e funestas ; nem poderia saber que estava proxima a morte de Saul, e a de seus filhos. Ora não se creia que estabeleça , e siga sempre a Arte Magica da Pythonissa , quem defende a Magia ; porque os Adversarios manifestamente declaram que não apparecera Samuel por virtude de Arte Magica. Lêa-se a Dissertação do Padre Calmet a este proposito : *Sustentam que não acontecera por effeito da Magia , e que não apparecera por magico chamamento , mas por permissão de Deos ; que sem attender á vontade da Maga , nem ás obras do diabo , permittio que Saul ouvisse , antes de morrer , por boca do Propheta a dura qualidade do seu castigo.* Termina desta maneira a Dissertação : *He necessario saber , e confessar , que nem o demonio , nem a Feiticeira tiveram nisso parte alguma.* Eis-aqui os motivos porque se não póde tirar daquelle facto argumento algum em favor da Arte Magica.

Não se póde pretender que houvesse Magia

no caso de Balaam. Sim era reputado por Adivinho ; mas respondeo sempre aos mensageiros de Balac , e ao proprio Balac , que só diria o que Deos lhe ordenasse dizer , e isto executou. Fallou a asna , mas não por Magia : *Aperuit Dominus os asinae , & locuta est.* A' benção do Povo de Israel accrescentou a santa prophesia , *orietur Stella ex Jacob.* Mas isto não obstante errou , e peccou , como se vê nas Epistolas de São Pedro , e de São Judas ; mas qual fosse o seu peccado se não declara em os Numeros : póde-se crer que fosse de avareza , e de ambição , mas não de Magia ; porque louvou o Povo escolhido , por isento de semelhante crime : *Non est augurium in Jacob , nec divinatio in Israel.*

Num.
xxii.8.

xxiii.
23.

Até se pretende provar a validade da Arte Magica pelo livro de Tobias , que nos tempos de São Jeronymo não estava no Canon dos Hebreos ; e isto por Deos permittir que o demonio fizesse morrer , os que sem o fim da prole , e da honra de Deos , queriam á maneira de animaes , gozar do matrimonio de Sara. Mas não houve neste caso Magia , assim como a não ha quando o demonio tenta os homens , e busca induzi-los ao peccado. Diz o Padre Calmet na sua Dissertação sobre o demonio Asmodeo : *Certo constat nihil in historiis Tobiae , & demonis magicæ superstitionis intercessisse.* Expulsou , e desterrou

o Anjo aquelle demonio , que até pretendia prejudicar a Tobias , fazendo-lhe crer para se occultar , que provinha tal virtude do figado do peixe. Escreveo Lyra sobre este lugar : *Iunus iste non expulit dæmonem, sed figuravit ejus expulsionem.* Conta Josepho Hebreo , seguindo as opiniões vulgares , que para affugentar os demonios , e curar as molestias , havia Salomaõ composto *versos* , Ant.I. *encantos* , e *esconjuros* , por virtude dos quaes 8. c.2. nunca mais tornavam ; e conta que elle mesmo vira curar os endemoninhados com hum talismam ; mas não se acha indicio de tal nos livros de Salomaõ : deve por tanto ser numerado este successo com o que Josepho refere da vaca , que no meio do Templo parira hum cordeiro. Em fim , não se De pôde tirar de todo o Velho Testamento auctori- Bell. l. 2. c. 12. dade alguma que prove a Arte Magica ; e se Deos , quando libertou o seu Povo , permittio que o demonio alguma vez fatisfizesse a quem o invocava , não se pôde por isto provar , que lhe continuasse sempre esta permissaõ , nem tampouco que destes singulares acontecimentos se formasse huma Arte ; quando de tal Arte se não acha indicio na Escriptura , e se vê , que os que affectavam fazer della profissaõ , eram nesses tempos desprezados , e escarnecidos : *Et Magicæ Artis apppositi erant derisus.*

CAPITULO IV.

Não temos em todo o Testamento Novo prova alguma da existencia, e valor da Arte Magica.

DE Magicos, e de Magia não ha memoria nos Evangelhos, e nas Epistolas dos Apostolos. He isto hum grande argumento para se conhecer por elle, que semelhante Arte não estava em uso, e que os suppostos Encantadores eram Charlatães, dignos de ludibrio, e de escarneo até per si mesmos. Deixaria São Paulo, que censura, e increpa todos os vicios, e iniquidades, de clamar contra a Magia, se ella per si mesmo não fosse mal avaliada, e objecto de desprezo, e de irrisão? He ridiculo o haver quem pretenda, que São Paulo quando agramente reprehendeo os maos costumes, e fallou dos tempos do Anti-Christo, tinha no pensamento a Simão Mago, e aos Simonianos. Sim ha nos Actos dos Apostolos memoria de dous Magicos, mas não se encontra que obrassem maravilhas, antes delles se falla de forte que se conhece terem sido enganos, e mentiras os seus prodigios. Vio São Paulo em Philippos huma mulher moça espiritada, cujo mao espirito era reputado Pythonisso; isto he Adivinhador: lucrava assim muito para seus senhores.

Deo

Deo este espirito graves testemunhos em abono do Apóstolo, e seus companheiros; mas o Santo a livrou, lançando-lhe fóra o demonio, e mandando *que sabisse em nome de Jesu Christo*. Queria o Senhor Tartarotti, que fosse esta mulher huma Maga, e não huma possessa; mas desta forte veriam a fer os endemoninhados huma nova especie de Magicos. Affirma, que neste caso se dá *verdadeira, e innegavel Magia diabolica*, porque *voluntariamente era possessa*. Que nos quer dizer com isto? Quer por ventura dizer-nos, que por sua livre vontade entrara nella o demonio? Como póde sabê-lo? Como se póde ser possesso, tôdas as vezes que se quer? Que razão nos persuade, e nos convence, que não fora a ignorante popular crença quem lhe conciliou semelhante credito, quando desta persuasão foi talvez origem algum puro casual successo, que na apparencia (ainda que injustamente) lhe servio de prova, e de confirmação, assim como póde presentemente acontecer com os falsos mysterios da chimerica Arte Cabalistica.

Encontraram os Apóstolos São Barnabé, e São Paulo em Paphos *quendam virum Magum*. São Lucas, ajuntando ao termo de Magico o adjetivo *Pseudoprophetam*, explica o que he Magico. Logo queria dizer, que o Magico era hum homem mentiroso, hum falsario, que se fingia Profeta,

pheta , e que affectava obrar prodigios. Este Magico era Judeo de Naçaõ , chamava-se *Barjesu* , mas era appellidado , e ordinariamente conhecido pelo nome de *Elymas* , nome que na lingua Arabe significa Magico. Foi taõ grande a fama da sua Magia , que tinha o sobrenome de Magico : talvez que elle fosse a origem de certa especie de Magia. Senaõ digam-me , se se póde descobrir outra causa da Magia de *Chypre* , de que

L. 30. Plinio fallou , e disse que naõ era muito antiga ?
c. 1. Viviam em Chypre com o Proconsul Sergio Paulo , que desejava ver os Apostolos , e os vio. Oppoz-se o Magico a esta vista , e procurou desviar o Proconsul da conversãõ da Fé , mas fõ alcançou em suas diligencias o ser tratado de Saõ Paulo como bem merecia , lançando-lhe o Santo em rosto , que era *hum homem cheio de todas as fallacias , e de todos os dolos : Plene omni dolo , & omni fallacia*. Eis-aqui no que consistia a Magia. Além desta reprehensãõ foi castigado com repentina cegueira , e o Proconsul converteo-se , e abraçou a Fé.

O outro Magico he Simaõ Mago , de quem tanto se tem escripto , e fabulado. Lemos nos Actos dos Apostolos , que este *fuerat in Civitate*
viii.9. *Magus , seducens gentem Samariæ , dicens se esse aliquem magnum*. Isto basta para fazer ver que elle naõ era huma cousa grande , mas que por tal

fõ

sómente se inculcava, e que era hum impostor, que não podia cousa alguma, e que illudia com embustes. Dava-lhe o povo inteiro credito, e julgava-o *cheio de mui grande virtude divina*; mas do Texto sagrado se colhe a causa: *Propter quod multo tempore Magiis suis demen-*
tasset eos. Ora destas expressões se entende que nada obrava na verdade, mas que só enganava, e *ballucinava*. Que importa o dizerem, *como poderia ter adquirido semelhantes titulos, e honras, sem ter feito cousas prodigiosas, e dignas de pasmo?* Ha cousa mais facil do que enganar o povo, e fazer-se admirar? He este o primeiro, ou derradeiro exemplo? Receberam o Baptismo os seguidores de Simão, e pedio-o elle tambem; ou com bom coração, ou com muito mau, como he mui provavel; mas tanto que vio os milagres de Philippe, que era hum dos Diaconos de pouco eleito, ardeo em desejos de obrar o mesmo, e de poder dar o Espirito Santo, pelo que impia-mente offereceo dinheiro. Do referido se infere que nunca Simão alcançara do demonio fazer prodigios, porque apenas vio os do Diacono, pasmou, e anciosamente appetecio fazer outro tanto. Vendo-se reprehendido, e ameaçado por São Pedro, recômendou-se nas suas orações, e nas dos outros Apostolos, para que Deos o não castigasse; e não se encontra outra alguma cousa em todos os Actos

ácerca de Simão. He o referido quanto temos de seguro, e de authentico a respeito de Simão Mago.

C A P I T U L O V.

Introduziram-se pelo decurso dos tempos muitas, e falsas historias ácerca de Simão Mago.

EM os tempos proximos aos Apostolos, os inventores das obras apocryphas, e das fingidas historias, ávidamente lançaram mão da profissão de Magico; e como a Magia lhes era muito propria, fazendo gostosas as narrações, attribuíram a Simão prodigios sem conto, e com elles encheram o mundo todo. Com muita especial particularidade contaram que fora a Roma, que disputara com São Pedro, que voara pelos ares, e que o Santo com suas orações o precipitara em terra. Differam que os Romanos lhe levantaram estatua. A estas vozes, que se transmittiam de boca em boca, deram credito alguns Escriptores Christãos; e injustamente se valem os Adversarios destes testemunhos para auctorizarem tão estranhos successos, porque os mesmos Santos Padres podiam ser enganados em materia de facto, como o tem sido muitas vezes, por algumas relações falsas. Enganou-se São Justino, e comfigo levou os outros: mas devemos advertir, que nunca fez o Santo menção da disputa que Simão teve com São Pedro, e do seu

vôo pelos ares ; e desta maneira indevidamente citam a este Padre para prova de tal vôo : he este silencio hum argumento de que nos tempos do Santo , ainda estava por nascer fabula taõ celebre : começou-se a espalhar no quarto seculo. Escreveo tambem , que os de Samaria o tiveram por Divindade , e que como tal fora respeitado até em Roma, aonde como a Deos o honraram com estatua. Mas Pagi nota , que fora São Justino , *aut no-* Apol.
minum vicinitate , aut falsâ relatione deceptus. ^{1. n.}
Repetio Eusebio as palavras de São Justino , sem ^{26. ad}
tambem fazer menção alguma do vôo ; quando he ^{42.}
crível que não deixaria em silencio hum facto taõ insigne , e que tanto fazia ao seu proposito. Não fallaram Santo Ireneo , Origenes , e Tertulliano de semelhante facto , não obstante recolherem quanto de Simão Mago se dizia. He de Valesio a seguinte nota : *Jamdudum viri docti observarunt* ^{Hist.1. 2.c.13}
imperitia Linguae Latinae lapsum esse Justinum. Assim o julgou tambem Rigault sobre Tertulliano : e Petavio diz nas suas notas a Santo Epiphanio : *Quæ mihi conjectura satis probabilis visa est ; isto he , que São Justino Simonem* ^{Ad hæ. 21.}
pro Semone accepisse : quer dizer , que entenda Simão em lugar de Semaõ. Como verdadeiros , e muito antigos , citou tambem este Santo Martyr os versos das Sibyllas. Advirta-se , que no lugar em que falla de Simão , diz , que Simão ,

e hum certo Menandro seu discipulo, *tinham enganado*; e em outra parte assevera, *que elles enganavam*: logo julgava o Santo illusões os seus factos. Taciano, discipulo de São Justino, foi com seu Mestre a Roma; mas nem de Simão Mago, nem das suas honras, e prodigios fez memoria algũa. Está escripto em o optimo livro *De mortibus persecutorum*, que justamente se attribue a Lactancio o seguinte: *Cumque jam Nero imperaret, Petrus Romam advenit, & editis quibusdam miraculis*. Não diz este Auctor, que fora São Pedro a Roma por causa de Simão Mago, nem que lá tornara outra vez: vejam-se as annotações do Editor Balusio. He crível, pois, que não fizesse Lactancio memoria do vôo magico, e do milagre de São Pedro, executado á vista do Povo Romano?

Em quanto á estatua, e ás inscripções, claramente se vê que são puras equivocacões, e enganos. Quando se trata de inscripções existentes, não são necessarias *attestações dos Auctores* que as referem. Já se tinha publicado, e com fidelidade, esta inscripção de Grutero, por Orfino na sua obra *De Familiis Romanorum*, pag. 290. Conserva-se em Roma no jardim dos Padres Franciscanos de São Bartholomeo: he pedra de altura de dous pés e meio, e tem todos os signaes de antiga. Crem muitos que he esta a mesma que

São

São Justino vio , por se ter achado na *Ilha Tiberina*. Foi consagrada a *Semoni Sanco* (e não *Simoni*) *Deo Fidio* ; pelo que se vê , que não fora certamente consagrada a *Simaõ Mago* , a *Simaõ Santo* : enganou-se São Justino , ou o Grego , que lhe referio *Simoni Deo Sancto*. De melhor vontade se allega a inscripção 96., 6. de Grutero. He esta pedra pequena , e delgada , e conserva-se dentro de hum armario em o Palacio Farnese , juntamente com outras pequenas taboas de semelhante fórma : não ficamos por fiador da antiguidade desta : nella se lê *Sanco Sancto* (não *Sancto Sanco* , como transpostamente traz Grutero) *Semoni Deo Fidio* : deste lugar se mostra que não entrava aqui *Simaõ Mago*. O Deos *Fidio* , que nos Fastos se nomêa , era Hercules. *Semones* eram os deoses menores. Disse Papias no seu Dictionario : *Semones quasi homines semidei*. Já Fulgencio o tinha assim dito muito antes. Era *Sanco* , outro nome de Hercules , tirado da Lingua dos Sabinos. Diz Festo Pompeo : *Herculi , aut San-* Fest,
co , qui scilicet , idem est Deus. Explica-se Varⁱⁿ
raõ desta maneira sobre o Deos *Fidio* : *Hunc esse* Pro-
Sanctum (L. *Sancum*) *ab Sabina Lingua , &* ^{pter}
Herculem ab Græca. Diz Livio no oitavo livro : ^{viam,}
Bona Semoni Sango , (L. *Sanco*) *consueverunt con-* Varr.
secranda. Logo nada se póde deduzir das sobre-
ditas inscripções a favor , e em prova da esta-
tua

tua de Simão Mago ; antes pelo contrario apparece mui claramente o engano pela differença que ha entre *Semoni* , e *Simoni* , e entre *Sanco* , e *Santo*. São desculpaveis os enganões que acerca disto receberam os doutos Escriptores Baronio , Tillemont , e o Editor de São Justino. Tratou dou-tamente Ciaconio , nos seus Opusculos , destas inscripções : o mesmo fez Fabricio , Reinesio , Salmasio , Ittigio , e Van-Dale. Injustamente se allega São Justino *como testemunha ocular* ; porque o Santo nunca disse que vira a estatua , e as inscripções ; mas reporta-se a quem lho referio. Quem se persuade que os Romanos adoraram a hum Judeo como Deos , tem mui pouca noticia dos seus sentimentos , e dos seus costumes.

As obras apocryphas , e injustamente attribuidas a São Clemente , são a maior , e principal origem das fabulas de Simão Mago. Refundiram-se , e intitularam-se estas obras de diversas maneiras : *Recognitiones S. Clementis* : *Constitutiones Apostolicæ* : *Clementina* ; e fahiram á luz ainda com outros titulos , com diversa ordem , e ora accrescentadas , ora diminutas , e variadas. Na obra intitulada *Recognitiones* , diz de Simão , que elle podia fazer-se invisivel , lançar sobre aquelles que o prendessem as mesmas prizoões , dar alma ás estatuas , arrojar-se ao fogo sem arder , tornar-se cabra , ou ovelha ,

e voar pelos ares. *Apocryphorum deliramenta* In If.
conticeant, diria neste lugar São Jeronymo. Ti-^{t. 4. p.}
 nha Simão tirado de huma casa de alcouce a hũa
 meretriz, e trazendo-a comfigo publicava, que el-
 la fora *de superioribus Cælis deducta*. Vejam quaõ ^{Rec.}
 facil era o mundo de enganar. Diz-se nas *Reco-*^{l. 2. n.}
gnitiones, que esta se chamava Lua; mas no *Epi-*^{12.}
tome Clementino, e em outra alguma parte mais,
 se lhe chama Helena; e de Helena pouco a pouco ^{N. 27.}
 se mudou em Lua. Nesta obra muito antiga, e ^{Homi.}
 que Rufino traduzio, se diz, que a disputa de São ^{2. n.}
 Pedro com Simão fora em Cesaréa: naõ se falla ^{25.}
 nella do vôo, nem da sua jornada a Roma. Mas
 nas *Constituições* se adianta mais o successo, porque
 se faz dizer a São Pedro, que Simão entrara em Ro-
 ma no Theatro ao meio dia, e promettera ao Povo
 voar: *Arrebatado, por tanto, dos demonios, al-* ^{Const.}
tamente voava pelos ares, dizendo que subiria ao ^{l. 6. c.}
Ceo. Fazendo S. Pedro as suas orações, e olhando ^{9.}
 depois para Simão, lhe fallou sobre o naõ voar,
 dizendo-lhe, que viesse para onde elle estava: isto
 findo cahio o Mago em terra. Ainda he mais ri-
 dicula a narraçaõ do falso Marcello, segundo se
 acha no Martyrologio, publicado pelos Florenti-
 nos. Nella se diz, que acabado o galante Dialo-
 go de Nero, e Simão com São Pedro, e São
 Paulo, pedira Simão que se lhe levantasse huma
 alta torre de pao no campo Marcio, e que pro-

mettera subir a ella , e mandar do alto aos Anjos que o levassem ao Ceo. Foi Nero no dia seguinte affittir com o Senado , com a Ordem equestre , e com o Povo. Subio Simaõ , depois de hum breve discurso , á torre , e coroado de louro *cæpit volare*. Discorreram , em quanto voava , por algum tempo , Nero , e os Apostolos , e exorcizando finalmente Saõ Pedro os diabos , o precipitou dos altos ares , de forte que foi cahir na estrada , chamada a Via Sacra. Quem escreveo estas loucas ridicularias , não se recordou de que estando Nero muito desejofo de ver algum effeito magico , e não perdoando a despezas , nem a experiencia alguma , nunca pôde alcançar o ver huma só maravilha. He possivel que se esquecessem de fazer memoria de hum taõ estranho , e publico acontecimento , Diaõ , Suetonio , e os outros Escriptores ? Não teriam os Auctores Gregos , ou Latinos , dito ao menos huma palavra acerca deste homem prodigioso ? He extravagante o pensamento de quem se persuadio que Suetonio fallara delle , quando refere que na representaçaõ da fabula de Icaro , cahira este ao primeiro empenho , e esforço de querer voar junto ao alto , e distincto lugar do Imperador : cousa na verdade mui differente do facto de Saõ Pedro , e de Simaõ Mago , e de que se não pôde inferir *nem pouco , nem muito*. Vejam os Leitores que futeis , e miseraveis pro-

N. c.
12.

Cong.

P. 356.

to.

pro-

provas se procuram. Narram-se na *Historia Apostolica* do falso Abdias os mesmos impertinentes despropósitos; parte tirados de Marcello, e parte dos escriptos muito mal attribuidos a São Clemente.

Naõ he de admirar que dessem alguns Santos Padres credito, e fizessem memoria da estatua que em Roma se levantara a Simaõ Mago; porque nunca tiveram necessidade de indagar mais particularmente este facto. Parece que naõ tem pouca força, por causa do tempo, a auctoridade de Tertulliano, na qual entre as cousas que aos Gentios lança em rosto, se acha o seguinte: *Cum Simonem Magum statua, & in-* Apol. c. 13.
scriptione Sancti Dei inauguratis. Mas deve entender-se isto da sobredita inscripção, e de tomar pelo nome de Simaõ as palavras *Deos Sanco*, como se nellas se lhe chamasse *Deos Santo*. Tambem parece claro, e patente, que recebera as sobreditas palavras de São Justino, sem maior cuidado, e consideração. Sobre esta auctoridade fez Rigault a seguinte nota: *Hoc habet Tertullianus ex Apologetico II. Justinus Martyris, qui in literis Romanis, tam facile decipi potuit, quam in Græcis Virgilius.* He manifesto que referio Tertulliano aquella passagem sem particular consideração, e que naõ quiz de sorte alguma approvar quanto se dizia de Simaõ Mago; porque se póde

De *Præsc.*
 c. 46. muito bem allegar este mesmo Auctor por grande prova da falsidade de semelhantes rumores. Fallou muitas vezes de Simaõ, mas nunca deo indicio de que tinha ido a Roma. Disse, que *nos Actos dos Apostolos merecera de São Pedro digna, e justa sentença*: he possível que se não lembrasse neste lugar de o haver o Santo confundido em Roma, e de o ter precipitado? Escreveo, que Simaõ, ainda depois do Baptismo, conservava alguma cousa de Charlatam: *Aliquid adhuc de Circulatoria secta cogitabat*. Fallou dos Magos, unindo-os juntamente com os Charlatães: *Cum Magis quam pluribus, cum Circulatoribus*. Referio em o seu livro da Alma as acções deste, depois da sua condemnação, *como em vingança*; mas não fez menção de maravilha alguma por elle obra-da; do que indubitavelmente se colhe, que não fizera milagres em Roma. Fallou de Helena, que o malvado tirara *de loco libidinis publicæ*, e comfigo trazia como divina sapiencia, que dos Ceos lhe viera. Com ella trabalhava *ad præstigias*; isto he, procurava enganar *com prestigios*: quer isto dizer, com illusões. Eis-aqui vemos a Tertulliano muito alheio de crer que obras-se Simaõ prodigio algum, e voasse á vista do Povo Romano. Nas Epistolas dos Pontifices, que doutamente compilou o Padre Coustant, se não acha memoria de tal, nem de cousa semelhante. Lemos em São

Gregorio, que muito imitara Simão a soberba do Anti-Christo, *miraculorum potentiam appetendo*: logo desejou alcançar este poder de fazer milagres, mas não o conseguiu.

Mor.

l. 29.

n. 15.

Qual fosse a opiniaõ que havia no terceiro seculo acerca de Simão Mago, claramente se vê, e observa em Origenes, que juntamente o nomeou com Theodas, Judas Galileo, e Dositheo, ridiculos impostores, e dos quaes nunca se vio prodigio algum. Affirma Origenes, que Simão *qui zera enganar com a sua Magia, e que de facto enganara quando vivera; mas que estava taõ desacreditado, que lhe parecia não haver presentemente no mundo trinta Simonianos*. Parece ao Senhor Tartarotti, que fosse muito haver ainda nos tempos de Origenes *trinta sequazes de Simão Mago*, e daqui infere que não era hum Charlatam: *Como he possivel que tivesse hum Charlatam taõ grande sequito?* Não se viram já malvados, astutos, e ardilosos, seguidos de número muito maior? Theodas, que se inculcava por algũa cousa maravilhosa, foi seguido de hum número *virorum circiter quadringentorum*. Vimos no livro antecedente, que Euno de condicaõ servil, por se fingir Magico, tivera o sequito de *duzentos mil*. Ainda Macometto alcançou maior sequito com as suas imposturas. Devemos patentear outro erro que aqui se occulta, e he, que esses poucos seguidores

Con.

Celf.

l. 1. n.

57.

Apol.

p. 127.

Aa. v.

36.

dores de Simão , não defendiam a sua Magia , nem os seus vãos : seguiam , e sustentavam que se podiam comprar por dinheiro as rendas , e dignidades Ecclesiasticas. Esta era a iniquidade a que Simão deo nome , e na qual não faltou quem o seguisse. Attribuo-lhe tambem Santo Epiphanio o erro , de que sendo Deos inacessivel , só aos Anjos se deviam encaminhar as rogativas. Observe-se affirmar Origenes , que fóra da Palestina , *nas mais partes do mundo não havia hum só lugar , aonde estivesse o seu nome em grande fama ; e que se era conhecido o seu nome , o era pelos Actos dos Apostolos.* Logo nunca foi a Roma , e he muito falso que nesta Cidade obrasse maravilhas , e se levantasse estatua , e gravasse inscripção. Quem se arrojaría a gravar inscripção , e levantar estatua em Roma a hum Judeo ? Os Genios certamente não ; ainda menos os Christãos ; os Judeos , esses não tinham em Roma tanto poder. Concluamos , pois , assim como concluiu Origenes : *A evidencia he hum grande testemunho , de que não houve nada de divino ; isto he de admiravel , em Simão.* Largamente fallou d'elle , e das suas loucas imposturas, Santo Epiphanio; mas nunca disse palayra sobre algum facto maravilhoso que elle obrasse. Allegam-se muitos nomes de Padres nas

Off. p. *Observações* , como se todos attestassem que ti-
 12. *vesse Simão feito maravilhas por Arte diabolica :*

quando em todas as allegadas auctoridades se não nomêa hum só facto maravilhoso, nem outro algum.

Moveo ao Auctor da *Dissipada* esta grande evidencia a *duvidar* sobre a verdade de tres palavras que se acham em São Jeronymo, e a suspeitar que tivessem passado de alguma nota marginal para o texto. Entendeo que o Santo teria escripto de São Pedro desta maneira: *Secundo Claudii Imp. anno, Romam pergit*, e não como hoje se lê: *Secundo Claudii Imp. anno, ad expugnandum Simonem Magum, Romam pergit*. De São Pedro, que foi plantar a fé na Metropole do Mundo, e fundar a primeira Cadeira, poderia escrever São Jeronymo, que fora a Roma disputar com Simão Mago? He crível que o Santo usasse neste lugar do verbo *expugnare*? Não defendia Simão a Religião dos Gentios: tinha recebido o Baptismo, e queria gozar, com malvadas ficções, das primeiras prerogativas dos Christãos. Logo que necessidade tinha o Santo de ir a Roma disputar com elle, e convencê-lo? Affirma o Senhor Tartarotti, que *tirara* São Jeronymo *esta noticia* de Eusebio: he por tanto mui pouco auctorizada por ser de Escrip-
 Off. p. 38.
 Apol. p. 123.
 tor bastantemente posterior em tempo. Além disto, Eusebio nunca disse que fora S. Pedro a Roma com o fim de convencer a Simão Mago; antes pelo contrario escreveu na sua Chronica, como
 fe

se vê em Syncello , que *depois de São Pedro fundar a Igreja de Antiochia , fora á Roma pregar o Evangelho ; e São Jeronymo diz : Cum primum Antiochenam Ecclesiam fundasset , Romam proficiscitur , ubi Evangelium prædicans , &c.* Além de tudo isto , de nada serve a projectada emenda , e accrescentamento , e não merecia as patheticas expressões do Senhor Tartarotti ; porque não fundámos a verdade deste facto nos Auctores do quarto seculo , pois valem muito mais do que estes os testemunhos de São Justino, e de Santo Ireneo, os quaes nunca fallaram da disputa de São Pedro com Simaõ : *Certissimo argumento , disse o Cave , nondum natam esse banc fabulam , cujus primus , quod sciam , ineunte seculo IV. meminit Arnobius.* Tem o Senhor Tartarotti por hum grande delicto o haver-se *suspeitado* da verdade daquellas tres palavras ; mas he porque não cuidou , como devia, em salvar desta sorte o decóro , e honra deste Padre , de huma taõ grande impropriedade, e erro ; nem se lembrou das infinitas passagens dos Santos Padres , que por infidelidade das copias tem sido correctas com summo applauso. He possivel que São Jeronymo dêsse credito ás narrações do prodigioso vôo do Mago , da sua estatua em Roma , e do publico milagre de São Pedro , sem dellas fazer memoria em algum lugar das suas obras , nas quaes teve mil occasiões de o fa-

In S.
Petr.
n. 8.

fazer , e huma quasi necessidade , por haver fallado tantas vezes dos factos de Saõ Pedro , e naõ poucas das falsidades de Simaõ ? Delle disse sobre Saõ Mattheus : *Qui se magnam dicebat esse Dei virtutem.* E ajuntou os outros seus gabos : *Ego sum sermo Dei , ego , &c.* Escrevendo contra os Luciferianos disse outra vez : *Qui se magnam dicebat esse Dei virtutem.* Só do fim , e morte de Simaõ , taõ singular , e estrepitosa , naõ havia dizer em alguma parte huma só palavra ?

C A P I T U L O VI.

Enfina a Tradição , que o demonio depois da Redempção do genero humano , naõ tem poder de corresponder aos desejos de quem o invoca.

NA *Arte Magica Abatida , e Dissipada* , se fez desaparecer , com hum só assopro , o infinito número de portentos magicos , acontecidos , segundo se refere , e exaggera , depois da Redempção de Jesu Christo , e depois de introduzida , e propagada , por summa clemencia do Senhor , a santa Fé Christãa. Concedemos que antes de Jesu Christo permittio Deos alguma vez ao demonio que attendesse , e pagasse as rogativas dos que o invocavam ; mas negamos que lho permittisse depois que por virtude do Sangue que derramou na Cruz se prendeo este infernal dragaõ com

Apoc. com mui grande cadêa *por mil annos* : isto nos
 xx. 1. ensinam os Santos Padres. Mas ainda que por ex-
 traordinario caso , e para castigo de algum malva-
 do , o Senhor permittisse ao demonio que satisfi-
 zesse aos desejos dos que o invocavam , (ao que
 se chama Magia) nunca isto aconteceria por virtu-
 de de Arte , ou de Sciencia. Provou o Auctor da
Dissipada , com a clara tradição dos Padres , que
 o demonio não tem absolutamente depois da Re-
 dempção poder para obrar prodigios em favor
 dos seus devotos. Deleita o observar como os Ad-
 versarios pretendem defender-se desta prova.

Vejamos primeiramente o que diz a sagrada
 Escriptura. No lugar em que Michéas prophetiza
 a vinda do Salvador , diz o mesmo Senhor , que
 Mich. a Magia será então destruída : *Auferam Male-*
 v. 11. *ficia de manu tua , & Divinationes non erunt*
 T. 6. *in te*. Continúa São Jeronymo : *Quibus ipse de-*
 P. 497. *cepiebaris ab aliis , vel deceptus alios decipiebas.*
 Eis-aqui se nos ensina claramente , que na vinda do
 Salvador se devia arruinar a Magia , e que esta
 he pura velhacaria , e engano , e incapaz de obrar
 prodigios. Do *Senhor , e Redemptor nosso* , se lê
 em Isaías , que he *irrita faciens signa Divino-*
 II. *rum , & Hariolos in furorem vertens*. Diz Ter-
 xlv. *tulliano : Quis alius disjiciet signa ventriloquo-*
 25. *rum ?* Logo a Jesu Christo se attribuia com singu-
 Adv. *laridade o ficar a Magia inválida , e sem poder.*
 Marc. *l. 4. c.*
 25.

Ufa-

Usaram muito os Catholicos Escriptores , e os Santos Padres , dos termos *ludere* , e *ludi* , para com elles significarem a Magia. Dos mesmos lugares , que nesta obra se allegam , se vê o abundante uso de taes palavras. Quem deixará de inferir disto que se reputava a Magia por artificio da mentira , e por engano dos Charlatães ? Confirmam inteiramente a verdade desta reflexão as muitas respostas que se procuram , e as diversas razões que se excogitam para que se usasse de semelhantes vozes. O nome que os Antigos mais frequentemente deram aos encantos , e seus effectos , foi o de *prestigios* , que quer dizer , falsas apparencias , enganos , e illusões. Se na verdade se conseguissem os desejados effectos ; se de facto se mataste a criança , ou o inimigo ; se se soubesse muito antes o futuro successo ; se por Magia se venceste a donzella pudica ; certamente se não chamaria a estas obras jogos , e prestigios , porque repugnava a isto a verdade , e a importancia dos factos.

Santo Ignacio Martyr , coetaneo dos Apostolos , e que familiarmente os tratou , escreveu , que depois da vinda do Salvador *desapparecera toda a Magia* : quer dizer , que *ficara inutil*. Respondem os Adversarios , que sómente dizem aquellas palavras , que na vinda de Christo *se destruiu toda a idolatria , e se desfizera todo o encanto*

Ad Eph. n. 19.

Off. P. 24.

magico que tendia a promovê-la. Não se destruiu a idolatria , como todos sabem ; e o affirmar-se que inutil ficara *toda a Magia* , não quer dizer que se destruiu sómente aquella Magia que se encaminhava a promover a idolatria. Veja-se o como entendo esta passagem o doutissimo Editor

- P. 16. Cotelier : *Nec minus cognita est dissolutio Magicarum præstigiæ per illud tempus.* Affirmamos os Adversarios , que *bem se vê desta expressão* , que *em o nascimento de Christo se destruiu a idolatria.* Parece impossivel que isto se affirme ; mas quem quizer certificar-se veja nas *Observações* o c. 24. Cita Cotelier , para prova de se ter arruinado toda a Magia , *testes illustres* , como são Tertulliano , Origenes , Basilio , Gregorio Nazianzeno , Theophilo , Jeronymo , Agostinho , Cesario , e Ifidoro. Logo está bem claro que não he só o Marquez Maffei quem se persuade , e afirma , que os Padres seguiram esta sentença. Todas as allegadas auctoridades pelo Editor , fallam da Magia , e não da idolatria. Entende por tanto Santo Ignacio este termo Magia , da Magia , e não da idolatria. Nesta mesma Epistola , aonde ha varias alterações , se lê , que na vinda do Salvador *se tornou* *nara bagatella a Feitiçaria ; e a Magia objecto de irrisão.* Esta passagem , ainda que despegada , he muito antiga , e em nada discorda dos sentimentos deste Padre.

No seu primeiro livro falla Santo Ireneo de hum certo Marco, que se jactava de ser Magico; e diz o douto Editor, *que esta era a pra-* P. 1.
etica dos Gnosticos, os quaes receberam aquelle
escuro genero de sciencia dos Platonicos seus Me-
stres: foi este Marco hum dos mais celebres Ma-
gicos. Adverte o Padre Massuet, que S. Jerony-
mo o confundira com outro Marco, vel memo- P. 51.
ria lapsus, vel homonymia deceptus. Ora Santo
 Ireneo, diz delle o seguinte: *Attrahia a si com*
enganos homens, e mulheres; e fazia crer este
miseravel, que elle era o Corrector dos passados
impostores. Como era mui perito nas astucias ma-
gicas, (diz a antiga versao, magicæ imposturæ
peritissimus) seguiam-no os enganados homens, e
as mulheres, como se fosse hum homem doutissi- L. 1.
mo, e que além da sciencia recebia virtude C. 13.
grandissima dos invisiveis, e innominados deo-
ses. Entendia-se, que dos demonios recebia aquel-
la virtude, porque segundo a linguagem dos Pla-
tonicos, saõ estes muitas vezes chamados deoses.

Fica manifesto por este lugar, que o Santo julgava ser a Magia engano, e impostura. Continúa: este *misturando as astucias de Annassilao, com*
as velbacarias dos chamados Magicos, fingindo,
e magicando, tornava estupidos os que o admi-
ravam, e lhe davam credito: parecia a estes
enganados, quando reparavam em suas astucias,

Q

que

que das mãos lhe viam sabir maravilhas : perdendo desta sorte o juizo , não advertiam que elles mesmos approvavam , sem o saber , os astuciosos enganos da Magia. He verdade , que tanto a antiga , como a moderna verfaõ , são muito mais escuras que o proprio texto , que nellas se acha mutilado. Mas póde-se emendar , e restituir com Santo Epiphanio , que fielmente transcreve a Santo Ireneo. Confirma este Santo , que neste Mago tudo era engano , e astucia ; e conta , que até persuadia as mulheres , de que mudava dentro dos vidros a agua em vinho , *enganando* com esta impostura *a muitos* : falla tambem de outros dolos , que elle , e os seus practicavam com as mulheres , das quaes houve quem conhecendo os enganos não quiz *prophetizar* o que se lhe suggeria , e se affastou deste *bebado*.

Santo Ireneo , depois de haver longamente tratado de Marco , falla de Simão Mago ; mas do seu vôo , da disputa com São Pedro , e da ida a Roma não diz huma só palavra : logo he injustamente citado para prova destes factos. Sim escreveo , que pelo Imperador Claudio *statua honoratus esse dicitur propter Magiam* ; mas não o affirma , antes deixa o caso em dúvida ; e faz ver , que era voz que se espalhara por alguns ; porém quaõ falsa fosse esta voz , se mostra por se affirmar que o Imperador o mandara , e por causa da Magia :

gia : circumstancias per si mesmo improprias , e incriveis. Não falla da inscripção : diz que os Simonianos ufavam de esconjuros , de encantos , de philtros , e de quantas especies ha de Feitiçaria ; mas não affirma que alcançassem effeito algum real. As feitas que se seguiram foram da mesma especie. Nota com especialidade os sequazes de Carpocrates por praticarem a Arte Magica , e encantos de varios generos. Ora he possivel , que nunca este Santo déssê hum só signal da virtude desta Arte , e da sua efficacia , nem deixasse memoria de hum só facto ?

São Clemente Alexandrino , que com a sua erudição comprehendendo as cousas mais particulares , e tratou no primeiro livro de todas as Artes , e seus Inventores , huma só palavra não diz acerca das magicas maravilhas ; antes se vê a sua opiniaõ na *Exhortação aos Gentios* , aonde logo no principio , de huma só vez declara , que todos os Oraculos , todos os Falladores , Haruspices , segredos Egypcios , e Etruscos Nigromantes , *são na verdade insanas illusões de gente sem religião , e sem fé*. Provieram dos infiéis todas estas cousas , segundo a commúa sentença dos doutos. Na mesma obra zomba São Clemente *dos que dão credito aos Magos , e recebem como salutiferos , os amuletos , e os feitiços*.

Citou Cotelier o capitulo de Tertulliano ,

De
Idol.
c. 9.

aonde se lê o seguinte : *Scimus Magiæ , & Astrologiæ inter se societatem*. No mesmo capitulo está , que a Astrologia , *usque ad Evangelium , fuit concessa* : deve entender-se esta concessão de algumas Leis sómente ; mas a outra especie de Magia , que obra maravilhas , e prodigios , e que emulou os de Moysés , não a supportou Deos senão até á promulgação do Evangelho : *Alia illa species , quæ miraculis operatur etiam adversus Moysen æmulata , patientiam Dei traxit ad Evangelium usque*. Logo segundo Tertulliano , apenas permittio Deos a Magia , que se atreveo a contrastar com Moysés , até os tempos do Evangelho. Julguem os desapaixonados se este Padre podia explicar-se com maior exactidão , e clareza. Não tem por conseguinte os Adversarios a ventura de que nestas palavras , se veja mais claro do que o Sol , que Tertulliano sómente differa que a *Arte Magica se castigava depois do Evangelho*. O haver dito Tertulliano , que depois do Evangelho se não acha lugar em que não fossem punidos os Chaldeos , Encantadores , e Magicos , querem os Adversarios , que isto significa , que a Magia depois do Evangelho teve existencia ; era válida , e se praticava com efficacia. Ainda ha mais. Fazendo este Auctor menção da demencia dos Magicos , que todas as almas *avocaturam se ab inferum incolatu pollicetur* , continúa

Off.p.
26.

Apol.
p. 130

nua

nua dizendo: *Quid ergo dicemus Magiam? Quod De omnes pene, fallaciam.* Aqui vemos que não só ^{Anim. c. 57.} Tertulliano, mas *quasi todos*, tinham a Magia por *fallacia*; isto he, por engano, e por impostura. Quem o ha de crer? Citam os Adversarios este ^{Apol. p. 72.} lugar a seu favor, quando sobre a significação do termo *fallacia*, se não póde questionar, pois se applica neste lugar á Magia, por motivo de prometter revocar as almas dos mortos, o que era indubitavelmente impostura, e engano. Allegam-se algumas regras daquelle capitulo, para explicação das quaes, muito seria necessario dizer; mas pelo que faz ao nosso proposito, basta ver-se, que em todas ellas não ha cousa opposta ao que se affirmou na primeira sentença, ficando esta sempre em seu vigor. Antes novamente se encontra o seguinte: *Sic & in illa alia specie Magie, quæ jam quiescentes animas evellere ab inferis creditur, & conspectui exhibere, non alia fallacie vis est operatior.* He mais activa naquella especie de Magia a força da impostura. Com estas auctoridades he que nos provam que Tertulliano não negara á Magia diabolica, depois da Redempção, o poder, e efficacia? Prova-se com ellas, de hum modo mais claro do que o Sol, que se ^{Off. p. 26.} não exclue a Magia depois de Christo, antes se admite? Entra, quem isto lê, em dúvida se os Adversarios zombam, ou fallam sério. No lugar

Apol. em que se nomeam os mortos *por obra dos demonios*, de nenhuma sorte diz, que entra nisto a virtude magica, nem tampouco que por ella se faça couza alguma. Devemos acaſo entender que Tertulliano não exclua a efficacia da Magia diabolica, nos lugares em que numéra os Magicos juntamente com os Charlatães? *Cum Magis, quam pluribus, cum Circulatoribus, cum Astrologis?* e quando affirma, que os Magicos *multa miracula Circulatoribus præſtigiis ludunt?* e quando pouco depois diz, *Magia, aut alia ejusmodi fallacia?* Ha de julgar o commum dos homens por taes palavras, que os milagres da Magia foram por eſte Auctor reputados *enganos, e illuſões de Charlatam*, e que por eſta unica auctoridade aſſaz ſe deſcobre, e moſtra o ſeu ſentimento. Falla-ſe naquelle meſmo capitulo, entre os ridiculos prodigios magicos, dos Oraculos, que *das cabras, e das meſas* ſe receberam. Semearam os primeiros hereges Baſilides, Valente, Menandro, Carpocrates, e os Gnoſticos, ridiculas jaſtancias, e mentiras, ſeguindo todos a affectação de Magicos.

Allegam com vaídade, em favor da Magia, o dito de Minucio Felix, o qual diſſe, que os demonios *ſub ſtatuſ, & imaginibus conſecrati deliteſcunt*; e que eſtes, *com as ſuas inſpirações, adquirem auctoridade de deidades preſentes,*
em

em quanto assistem os Vates , moram nos Templos , animam as fibras das entranhas , dirigem o voo das aves , regem a sorte , e formam os Oraculos. Mas he necessario advertir , que aquella obra he em Dialogo , e que nella falla assim Octavio para escarnecer as opinões de Cecilio , que fazia a parte dos Gentios. Tinha dito pouco antes , que eos spiritus daemonas esse , Poetæ sciunt ; e que os Magos , quidquid miraculi ludunt , per daemonas faciunt ; pelo que præstigias edunt. Continúa o Auctor fazendo memoria de algumas extravagancias dos Philosophos acerca dos espiritos ; mas refere as opinões agora allegadas , e outras que accrescenta , como couza dos Magicos , dos Philosophos , e de Plataõ. O que P. 73. a Apologia queira dizer , attribuindo a isto improvisa metbammorphose , não haverá quem o possa perceber.

Chamou Saõ Cypriano ás obras magicas *Charlatanaria* , e julgou-as ficção poetica : *Hos & Poetæ daemonas norunt.* Fallando dos agouros , e dos presagios , os reputa *præstigios que induzem o crédulo , e ignorante vulgo.* Eis-aqui as suas palavras : *Horum autem omnium ratio (s. Divinatio) est illa , quæ fallit , & decipit , & præstigiis coecantibus veritatem stultum , & credulum vulgus inducit.* Seguem-se os pensamentos , e periodos , que referimos de Minucio Felix.

De
Idol.
vanit.

Estes pensamentos de Minucio copiou-os São Cypriano : só se podem allegar no sentido de tal Auctor. Mas este escripto , como he reputado de alguns Criticos por hum fragmento , póde ser que esteja viciado , pois parece que não copiaria São Cypriano tão mal aquelle lugar. Observe-se por esta causa aonde diz , *Magis inde est ad perniciosam , vel ad ludricam potentatus*. Citam os Adversarios a *confissão* de hum certo Cypriano , que tambem se acha na Lingua Grega , obra de que fazem grande caso. Em quanto a este Cypriano , primeiramente Mago , e depois Bispo de Antiochia , sem se saber de qual dellas , tudo he controverso , porque muitos doutos até julgam supposta semelhante pessoa. De nada serve a auctoridade de São Gregorio Nazianzeno , o qual como todos sabem , confundio este com São Cypriano Carthaginez ; e disse que presidira na Igreja de Carthago , e não em Antiochia. Em fim , não he daquelle tempo a *confissão* que hoje temos ; e seja-me licito affirmar , que não merece a estimação que della se faz. Lê-se neste escripto , que antes da conversão vira Cypriano no Egypto as almas dos Gigantes , a communicação dos demonios com as serpes , e os vicios todos em figura corporea. Diz , que vira na Chaldea o mesmo diabo , que o abraçara , e discorrera com elle : que se transformara em mulher , que fora ave ,

e que se mudara em pardal. He mui proprio que os Defensores da Arte Magica se entrettenham, e deleitem com taõ bella, e recondita erudição. Muitas vezes na Apologia se cita a referida *confissão*, fazendo-se sobre ella grande fundamento, e allegando-se como obra verdadeira de São Cypriano. Apol. P. 53. P. 55.

Explicou Arnobio qual fosse o primeiro fim dos Haruspices, Interpretes, Hariolos, Adivinhos, e dos sempre vãos fanaticos, que era sustentar aquellas Artes, para que não acabassem, *ac ne stipes exiguas consultoribus excutiant jam raris.* Aos que attribuiam Arte Magica ao Salvador, responde: *Logo as cousas admiraveis, e que na verdade se obraram, demonum fuere præsugia, & Magicarum Artium ludi? Podeis vós mostrarnos de quantos Magicos o mundo tem visto, hum só que obrasse cousas semelhantes, ou ao menos a millesima parte? Logo não cria Arnobio que os Magicos obravam maravilhas.*

Vem-se em Lactancio pensamentos, e palavras de Minucio Felix, no lugar aonde diz, que a Arte dos Magicos *aspirationibus constat* daquelles espiritos, que *visus hominum præsigiis obcæcantibus fallunt.* De taes demonios escreveo pouco antes, que tinham nascido de Anjos, e mulheres; porque os Anjos foram *mulierum congressibus inquinati.* Os demonios que nasceram,

vaga-

- vagaram por toda a parte , trabalhando pela perdição dos homens : inventaram a Haruspicina , os Oraculos , e a Nigromancia ; recorra a estes quem quizer aprender a Arte Magica. Deo tambem Lactancio grande credito ás Sibyllas , e a Trimegisto ; mas explicou o seu verdadeiro sentimento sobre Magia por duas vezes : a primeira quando
- L. 5. disse : *In superiore libro de fraudibus, ac præstigiis*
 c. 3. *Artis Magicæ dixi* ; e a segunda quando escreveu *præstigiis magicis , quæ nihil veri , ac solidi*
 L. 4. *ostendant.*
 c. 15.

Parece que em Origenes se acham lugares pro , e contra , como acontece em outros muitos assumptos : mas em Theophilo Alexandrino , e em São Jeronymo , que traduzio a Epistola de Hier. Theophilo , se encontra que Origenes , *in tractatibus suis , bis locutus est verbis : Ars Magica non mihi videtur alicujus rei subsistentis vocabulum* : isto basta. Entende Theophilo , que favoreça Origenes a Magia naquelle lugar , porque nelle accrescenta , *& si sit , non est operis mali* ; e asperamente o censura por esta causa ; mas deve advertir-se , que não fallava então Origenes dos Magicos de Pharaó. Allega-se na *Dissipada* o lugar aonde Origenes affirma , que nascendo Jesu Christo ficaram os demonios sem forças , incapazes de obrar , inuteis os encantos , e arruinado o seu poder , e efficacia. Confessa o clarissimo Auctor

ctor das Observações, que os lugares de Origenes, acerca da Magia, affirmam que *se desfizera, e annullara a sua efficacia*. Ora depois de dizer o referido, para que accrescenta immediatamente, que da Magia sómente *se desordenara, e debilitara a efficacia*? Mudaram de significação os mesmos vocabulos? Responde hum dos seus apaixonados, que o ter sido *desfeita, e annullada a virtude da Magia, se deva entender pelo que respeita aos effeitos, e ás obras*. He isso indubitavel. Senão diga-me de que se poderia entender? Não he da sua efficacia que se trata? Julgou o pobre homem que desfez com esta interpretação a auctoridade de Origenes. Não faz assim o Senhor Tartarotti, porque busca com a sua erudição os lugares em que Origenes falla de forte que pareça ter sido de opiniaõ contraria. Mas com toda essa investigação, que prova pôde tirar a favor dos contrarios, por haver dito, e affirmado Origenes, quando trata da supposta virtude dos nomes Egypcios, Persianos, e Indios, que a *chamada Magia* não era cousa inteiramente futil, como sustentavam os sequazes de Aristoteles, e de Epicuro, mas fundamental, como pretendiam os seus Professores? Que argumento faz o ajuntar nesse mesmo lugar, que os nomes Egypcios, bem pronunciados, tinham virtude efficaz sobre alguns demonios, e alguns nomes Persia-

Off.

P. 31.

Re-

plic.

P. 32.

nos sobre alguns outros espiritos ? Origenes nestes lugares refere , e não affirma ; e isto basta para se ver a conta , e juízo que se deve fazer de outro qualquer dito feu. Ora que Origenes tivesse a Magia por fabula , muito bem se vê , considerando attentamente o lugar em que expressamente diz , que nada póde sobre os Philosophos , e sobre os bons Christãos. Cinco vezes se chama *Arte* á Magia no breve paragrapho da versão Latina , mas no original Grego tal se não encontra. Façamos outra observação. Escreve Origenes , que

L. 6. *quasi todos os que se davam á Magia , e aos*
 n. 41. *encantos* , uniam com os nomes dos seus deoses , o do Deos de Abraham , de Isaac , e de Jacob ; e que nos seus escriptos havia muitas vezes a mistura da invocação do verdadeiro Deos. Em muitos outros Escriptores se lê o mesmo. Escreve

Corn. Cels. l. 4. n. 33. Santo Agostinho em o Tratado septimo sobre São

N. 6. João : *Illi ipsi , qui seducunt per ligaturas , per præcantationes , per machinamenta inimici , miscunt præcantationibus suis nomen Christi*. Não prova bem o referido que eram estes Magicos huns ignorantes , e fátuos , e que nem huma , nem outra Lei sabiam ? Os lugares allegados pelo Senhor Tartarotti , como os mais concludentes para se provar por elles que Origenes estava pela existencia , e validade da Arte Magica , não tem certamente força alguma. He o primeiro

ro do livro segundo contra Celso ; mas não diz o Apol. Auctor neste lugar , que *Magorum Artes aliquid* ^{P. 132.}
efficiunt : diz , *se alguma vez admittirmos o dar-* ^{L. 2.}
se Magia , e Feitiçaria , &c. Logo fórma o seu ^{n. 51.}
argumento fundado em hum tal supposto , que
elle não segue : está nesta parte a versão Latina
com mui pouca clareza. Allega-se em segundo lu-
gar a parte em que o Auctor ensina , que *naõ he* ^{L. 7.}
necessario que renda culto ao demonio quem ve- ^{n. 69.}
nera o verdadeiro Deos ; mas que se vê o culto
para com o demonio naquelles que o chamam pa-
ra que cause com bebidas amor , ou odio , ou en-
fermidades ; como tambem se vê nos que o invo-
cam para outras mil cousas , pelos que o sabem
chamar com encantos , e feitiçarias , e provoca-lo
a fazer o que elles desejam. Daqui se vê clara-
mente que os seus devotos o invocam ; mas não
se lê que venha em seu auxilio. Vê-se tambem
que estes miseraveis o procuram com fé ; mas não
lemos que alcancem , e consigam. Allega-se em
terceiro lugar hum paragrapho da versão que fez
Rufino do livro *de Principiis*. He necessario ad- ^{L. 3.}
vertir , que não sabemos se as opiniões desta obra ^{P. 244.}
são verdadeiramente de Origenes , porque lemos
em São Jeronymo , que o Traductor *sublesta fi-* ^{Hier.}
de reddiderat ; e póde-se duvidar se são , ou não ^{t. 1.}
catholicos taes sentimentos , e dignos de appro- ^{p. 190.}
vação , por conterem *sentenças impias* , e que
se

se podem considerar *ut hæretica*. Não parece provavel que Origenes , o qual como dissemos declarou não crer na existencia da Arte Magica , e asseverou que o nome de Jesus destruiu a efficacia dos encantos , affirmasse depois que os diabos , sendo invocados pelos Magicos , inspiravam aos meninos poemas admiraveis em verso , e asseverasse que assim como pela religiosa piedade *se participa da divindade , e se merecem os dons de prophecia* , e outros semelhantes ; da mesma forte se deva crer , que os que se dedicam aos demonios *recipere eorum inspirationem , & sapientiæ eorum , ac doctrinæ participes effici*. Estas são as sentenças de que muito convém que façam ostentação os Defensores da Magia. Servem estas mesmas reflexões de resposta ao que se acha na versão das Homilias : o que se lê na decimaterceira sobre os Numeros , deve ser referido ao Testamento Velho.

C A P I T U L O VII.

Continua-se o mesmo argumento.

HE muito notavel o que Eusebio diz no primeiro , e segundo capitulo da *Preparação* , nos quaes capitulos elle mesmo falla , e não Auctor algum dos que costuma referir. Reprova nestes lugares todo o genero de Theologia

logia Gentilica , e especialmente a popular , em que se suppunha *occultarem-se nos idolos , e simula-* Præp. l. 4.
cbros , divinas virtudes , e espiritos. Enfina , que todo o que bem examinar , achará que *eram engan-*
ganos , artificio , e astucias dos que faziam pro-
fissão da Magia , e que não só não provinham de Deos as maravilhas que se recontavam , mas nem do demonio : vendiam-se ao vulgo por prodigios os *effeitos das causas naturaes.* Refere os velha-
cos enganos com que os fingidos Magos illudiam *a plebe estólida ;* e diz , que estes muitas vezes confessaram , perante os Tribunaes , *ser a* Cap. 2.
Magia dolo , e consistir em fingimentos. Não he isto bastante ? No livro terceiro chama á Theologia dos Egypcios *delirios , e estólido montão de* L. 3. c. 13.
despropósitos : eis-aqui a famosa *Oriental Sapien-*
cia. Nota em o quinto , que o mesmo Porphyrio , L. 5. c. 1.
grande advogado dos demonios , asseverara que depois de Christo não tinha *o demonio poder algum :* deve entender-se isto com muita prudencia. Refere nos ultimos livros as opiniões , a religião , e a doutrina de varios Philosophos , porém da Arte Magica não faz memoria. Demonstrando na *Demonstração Evangelica* quão grande loucura era attribuir Arte Magica ao Salvador , diz que eram todos os Magicos , e Encantadores , de deploraveis costumes , *e que tudo faziam por sórdido ,* L. 3.
e vergonhoso interesse. Diz em outra parte , que
obra-

obravam com o fim de enganar as *mulherinhas*; e *attrabi-las a si*. Póde-se mais claramente descortinar este arcano? Na sua Historia faz menção de Simão Mago; e fundado em São Justino refere a falsa inscripção *Simoni Deo Sancto*. Diz que a Providencia fizera vir São Pedro a Roma, e que lhe destruíra as suas maquinas; mas não falla da disputa, nem do vôo. Fez Valesio a seguinte nota: *Icarius ille Simonis interitus quomodo consentire possit cum statua illa Simonis Sancti Dei, equidem non video.*

L. 2. c. 14. Escreveo Santo Athanasio no livro da Incarnação, que a *Magia antes da vinda de Christo valia, e obrava muito nos Egypcios, Chaldeos, e Indios, e que admirava os seus espectadores; mas que ficou inteiramente inutil, e abatida, desde que appareceo a verdade, e desde que veio ao mundo o Verbo*. Se não bastam estas palavras para mostrar, que segundo Santo Athanasio, depois da vinda do Salvador, a Magia; isto he o recurso ao demonio, perdera a virtude, e ficara inutil, e inefficaz; com que outras se poderia fazer entender esta sua clara affirmacão? Se quem defende a presente sentença tivesse poder de fazer fallar este Santo Padre segundo o seu intento, e coracão, poderia desejar mais, do que asseverar o Santo que a Magia era efficaz antes da vinda do Salvador, mas que depois se desvanecera, e ficara vãa, e sem

sem poder obrar coufa alguma? Allegam aos Adversarios algumas palavras da traducção Latina, como são, *plane obliteratedam esse*, e *profus destructa est*; mas respondem, que o Santo negara com estas palavras, que *pudesse a Arte Magica no seu tempo, e depois, gloriar-se do sequito, e credito que antigamente gozara*. Respondem tambem, que se não diz com taes palavras que se extinguisse a Magia; mas que sómente se affirma *naõ ter já o credito, e poder que antes tinha*. Outro remedio não tem o Marquez Maffei senão appellar para o Calepino, e para todos os mais Dictionarios. Quem póde disputar com Adversarios, que pretendem, que *plane obliteratedam esse* significa ter a Magia menos credito; e que *profus destructa* significa que está *debilitada* a sua efficacia? Como estará hoje debil, e fraco o poder da Magia, se os Adversarios apenas pretendem que tenham acontecido antes de Christo Salvador dous, ou tres casos, e querem que depois succedessem infinitos, e que ainda os haja? Ha quem já visse conclusão de discurso como esta? Não falta quem sobre esta questão allegue dous lugares de Santo Athanasio, e julgue que alcança nelles victoria: mas nada se encontra nestes lugares, que desfaga a auctoridade referida; antes por elles se confirma, que quando o Senhor se manifestou pela Incarnação, não só diminuíram os Oraculos; mas na Grécia,

Off.
p. 29,
Apol.
p. 132.

Off. e em toda a parte , inteiramente cessaram , & in
 P. 29. *nihilum sunt redacta* : igualmente se reduzio a
 nada , segundo Santo Athanasio , a Magia , que era
 válida , e que obrava prodigios. Repete o Santo
 nesta parte o número de todos os famosos Ora-
 culos , e as *imposturas* , que tanto se admiraram
 nos tempos passados , quando agora *hum só Adi-
 vinbador não ha*. Tambem diz , que toda a *Ma-
 gia* , e *todos os preceitos começaram a ser vili-
 pendidos* , quando na terra se mostrou a *Sapien-
 cia de Deos* : que ao signal da Cruz fogem os de-
 monios , e que a Magia se tornara vãa com o
 nome de Christo. Conclue finalmente com este ar-
 gumento : *Como podia o Redemptor ser Mago ,
 se por elle se não estabelece a Magia , mas se
 destroe*? Não só venceo alguns Magicos , mas a
*sua Cruz conseguiu geral victoria de toda a Ma-
 gia , e de seu nome*. Lê-se pouco depois : *He ne-
 cessario confessar que he verdadeiro Filho de Deos ,
 porque escureceo , e destruiu com a sua Divindade
 os deoses da Poesia , a appareção dos demonios ,
 e a sabedoria dos Gentios*. Já no mesmo livro ti-
 nha dito , que antes de Christo *se estudava a Ma-
 gia , e enganavam os prognosticos*. Advirta-se ,
 que o Santo não quer dizer , que propagada a
 Fé Christãa , jámais haveria Charlatães , e mal-
 vados , que buscassem fazer papel de Magicos ;
 porque nunca faltaram semelhantes personagens.

Ensina tambem , e repetidas vezes affirma o Santo , que depois de Christo ficaram inuteis , e vãs todas as tentativas desta pretendida Arte. O Padre Bento Pereira , aindaque muito crédulo em materias de Magia , escreveu o seguinte : *Simul enim Fides Christi prædicata , & recepta Mundo defuit , omnis Magicarum Artium , Oraculorum , Vaticinationum , cæterarumque diabolicarum fraudum vis concidit , defecit , evanuit.* De que serve tudo isto ? Diraõ os Adversarios , que toda a força desta auctoridade significa , que a Magia ficara menos poderosa , e enfraquecera.

Theophilo Alexandrino, na sua Epistola traduzida por Saõ Jeronymo , diz assim : *Christus Magorum præstigias suo delevit adventu.* Naõ querem estes Senhores , que o verbo *delere* signifie destruir ; mas sim enfraquecer : Deve entender-se da debilidade da Magia diabolica , e naõ da sua total extinçaõ : reportamo-nos á commũa accepçaõ. Confessa o mesmo Auctor das Observações , que o *Redemptor dissipara a Magia , e os encantamentos ; e confessa , que os tornou inuteis , e sem força alguma.* Nada mais disse , nem pretendeo o Auctor da *Dissipada* : logo estamos da mesma opiniaõ. Confessa tambem na mesma pagina , que *fora por Christo destruido todo o poder da Magia* : nada mais se pretende na *Dissipada*. Affirma-se , que fora abolido pelo Redemptor todo

Mag.
l. 1. c.
13.

Hier.
t. 1. p.
570.

Apol.
p. 138.

Off.
p. 31.

o poder da Magia ; mas não se pretende que toda a diligencia de parecer Magico , e todas as loucuras deste genero se extinguissem. Como Theophilo vio em alguns paizes a idolatria destruída , disse que nisto se indicava *parentem suam Artem Magicam secum pariter dissolutam*.

São Jeronymo , commentando Isaias , em o lugar onde o Propheta narra que os primeiros de Tanis , e de Memphis enganaram o Egypto , e o involveram em muitos erros , claramente ensina , que *omnia Magorum consilia , & eorum qui futurorum scientiam promittebant , stultitiæ coarguantur , & in adventu Christi cuncta redigantur in nihilum*. Não diz , que tem a Magia depois da vinda de Christo menor credito ; mas diz , que he tida por huma loucura ; e que *cuncta redigantur in nihilum*. Fallando assim , não se póde crer , que desejasse ser entendido pelo contrario. O reter ainda Memphis , mui dada á Magia , *vestigios do primeiro erro* , quer dizer , que ainda havia nesta Cidade quem conservava affecto a semelhantes loucuras ; e não significa que dellas se tirasse o desejado effeito. Tinha São Jeronymo pouco antes dito , que quando se falla dos effeitos da vinda do Senhor , *se ha de entender tudo figuradamente* ; e que por este motivo *a deformem das correntes do Egypto , e o seccarem-se , e sumirem-se aquellas aguas* , se deve entender de inte-

inteiramente faltarem as Artes Maleficas , com que n'outro tempo os povos se illudiam : *Artes Maleficæ , quibus subjectis populis illudebatur , Christi siccentur adventu.* Não diz esta auctoridade que se diminuíram ; mas que se seccaram. Fallando em outro lugar dos Magos que foram a Bethlehem, diz, que elles entenderam ter nascido o Filho de Deos , *qui omnem Artis eorum destrueret* P.290, *poteſtatem* : não desfez , e destruiu todo o uſo ; mas todo o poder. Não merece attenção , que alguns impostores , que se jactavam de Magicos , fizessem crer que havia diabos com *nomes barba-* Apol. *ros* , e persuadissem ao povo outras taes novida- P.136. des , que *memorantur* , e *perhibentur*. Não faz para o nosso caso o erro dos que negavam ao demonio *o poder de nos incitar ao peccado*. Em quanto ao mancebo de que se faz memoria na vida de Santo Hilario , o qual , segundo as vozes que delle corriam , tinha alcançado *ab Æſculapii Vatribus* algumas palavras , e figuras prodigiosas , para vencer huma honesta donzella , veja-se a parte em que amplamente disto fallamos ; e considere-se se por huma tal narração se offusca a doutrina do Santo , quando elle ensina , que pela vinda do Senhor todos os avisos dos Magicos se reduziram a nada , *in nihilum* ; e quando explicando São Paulo , diz , que o Fascinador he cousa nenhuma , T. 7. ainda que *vulgo putatur nocere.* P.417

Em muitas das suas obras faz São João Chrysostomo menção de Feitiçarias. Eram então em Constantinopla de grande uso os segredos magicos, e havia nelles grande fé. O Santo, não só publicou muitas vezes a gravidade deste peccado; mas tambem a sua vaidade, e inutilidade, pois se não conseguia por elle effeito algum: *Aquelles*, diz elle, *naõ he verdade que façam curas: longe de nós tal pensamento.* Os seus remedios *naõ aproveitam: são enganos, illusões, e contos de velbas.* Quem nas molestias se val dos encantos, e dos prestigios, *naõ procura curar-se, mas perder-se.* Diziam muitos, que se ouviam vozes, que saham dos sepulchros, e que appareciam Spectros; porém o Santo mostra que era tudo mentira: *Se os demonios puderam alguma vez, fazendo ver Phantasmas, enganar, foi quando a Origem das luzes ainda se não tinha mostrado a todos; mas não depois da illustração dos tempos.* Havia quem matava crianças para fazer encantos, gloriando-se de ter depois aquellas almas em seu serviço: era tudo isto *dolo, e diabolica falsidade*: em summa eram loucuras *de velbas bebadas, e malignas, e espantalho para meninos; porque não podem as almas, depois de separadas dos corpos, andar por cá vagando.* Quem se persuade dos demonios incubos, e succubos, lêa o lugar em que falla dos Anjos, no qual diz, que he blasphemia

phemia sustentar que houvera alguns espiritos que tiveram commercio com mulheres, *naõ sendo* **T. 42**
do possivel que padeça a natureza incorporea **P. 95.**
semelhante concupiscencia.

Fez Saõ Basilio menção das *ridiculas fabu-* **In E-**
las que publicavam as velhas, segundo as quaes, **xaem.**
até por encantos se fazia com que a Lua descesse **Hom.**
á terra: seu irmão Saõ Gregorio Nazianze- **6.**
no muitas vezes tocou nesta questão. Fallando na
sua vigesimaterceira oração das primeiras heresias;
isto he, de Simaõ, de Marcion, de Valentiniano,
e de outros, chamou á *Magia ninbaria*, e *im-*
postura; isto he, cousa inutil, fingidos, e fal-
sos prodigios. Ter-lhe-hia chamado iniquidade,
e naõ falsidade, nem bagatella, ou prestigios, se
com effeito se seguissem os promettidos maravi-
lhosos, e fataes effeitos. Na oração quadregesima,
fazendo memoria dos encantos, e amuletos, diz,
que por elles se insinuava o demonio nos animos
mais ligeiros: que he o mesmo que dizer, que naõ
attendiam a semelhantes imposturas os prudentes.
Diz na quadregesimaterceira, que *nada aprovei-*
tam os Encantadores, porque saõ inuteis. Na quar-
ta, que he huma invecção contra Juliano, refere
a sentença, entaõ commua, que *Phebo naõ vati-*
cinava sem dinheiro. Relata nesta mesma oração
o que por fama se contava, que achando-se Ju-
liano com hum Mago em certo horrendo subter-
R iv ranco

ranco lugar, lhe fizera este apparecer medonhos Spectros, e que de tal forte se aterrara, que se benzera, ao que logo os demonios *cessaram*. Não aponta o Santo auctoridade alguma em prova deste facto, nem a parte de donde o recebera: logo manifestamente se vê que lhe proviera de popular rumor. Não funda sobre isto o Santo os seus discursos, nem as suas censuras, e accusações contra Juliano Apostata, como nos quer persuadir o Senhor Tartarotti; antes quando faz semelhante narração lhes chama *ninbarias*, e *delirios*. Taes se conhecem na verdade ser, reflectindo, que os demonios vinham, e hiam, segundo a ventade do Mago; e no muito que obrava fô com o signal da Cruz o malvado Juliano, que nesse mesmo tempo perseguia os Christãos, enchia as covas, e os poços, de miseros meninos defangrados, e mortos, e de donzellas despadaçadas, por causa da sua louca, e furiosa Magia, de que faz menção São Gregorio nessa mesma oração.

Os Escriptores da Historia Ecclesiastica Socrates, Sozomeno, Theodoreto, e Evagrio, fazem memoria de certo oraculo, que Apollo de Daphne, suburbio de Antiochia, deo a Juliano Apostata, dizendo-lhe, que mais não responderia, por causa de estar alli perto o corpo de São Babilas Martyr. Estes Auctores referem, como faz

São

São João Chrysostomo, o que vulgarmente se dizia; não obstante affirmarem outros de boa nota, e até dos mesmos Gentios, que os Oraculos estavam mudos depois de muitos seculos. Sim escreveu Ammiano, que mandara Juliano transferir para este sitio todos os corpos que estavam já sepultados; porém não faz menção de Apollo, nem do oraculo, nem do Santo Martyr. Em fim, fosse como fosse o caso referido, nelle não entra Magia. Faz grande caso de hum acontecimento, que referem Sozomeno, e Theodoreto, o Senhor Tartarotti: he este, que em tempo de Valente, querendo alguns Philosophos (como impropriamente lhes chama Sozomeno) saber quem seria o successor no Imperio, tentaram todas as classes de vaticinios, e determinaram finalmente *fazer hum tripode de pao de loureiro; e o consagra-* L. 6.
ram com invocações: estava feito com tal artifi- c. 35.
cio magico, que gyrando hum raio pelas letras do Alphabeto, que estavam em roda, mostrava o nome do incognito successor. Em Ammiano se lê a descripção de semelhante loucura, e della fallamos em seu lugar. Como era crime capital procurar saber qualquer cousa que dissesse respeito á vida do Principe, foi causa este tripode de se tirar a vida a muitos; e diz Sozomeno, ridiculizando este facto por meio da exaggeração, que morreram quasi todos os Philosophos. Deste facto

Apol.
p. 22.

cto infere o Adversario , que a Magia era propria dos Philosophos , e que não cahia huma tal suspeita *sobre as pessoas idiotas , e vulgares* ; e affirma , que basta *este só facto* para mostrar que os Magicos não eram pessoas *ignorantes , e illiteratas* , como as julga o Marquez Maffei ; mas homens *doutos , e de letras*. A diversidade destas opiniões nasce da diversa intelligencia ; porque o Senhor Tartarotti reputa por Philosophos , e Sabios , os que faziam tripodes de loureiro , e criam que o raio que gyrava em torno devia parar sobre as letras que compunham o nome do ignoto successor do Imperio , quando o Marquez Maffei os tem por gente ignorante , e sem letras. Julguem os prudentes Leitores quem melhor o entende.

In
Luc. 1.
2. c. 2.

Allega-se na *Dissipada* que Santo Ambrosio escrevera , que apenas nascera o Salvador , os tres Magos conheceram , que *tinham cessado as suas Artes* : o Santo disse que cessaram as Artes , e não disse que se debilitaram , e enfraqueceram. Re-

Apol.
p. 156.

sponde o Adversario , que isto se entende sómente daquelles tres , e não dos outros. Onde provém semelhante differença ? He bem claro , que dizendo o texto *Magus intelligit* , se não deve entender só dos tres ; mas por mui sabida , e usual figura de qualquer Mago. Escreveo São Pedro Chrysologo : *Ubi vidit Magus suas defecisse Artes* ;

com

com estas palavras *non est firmatus error magicus, sed solutus*. Accrescenta o Adversario, que o Santo affirma no seu Tratado das Mansões, que por unanime consentimento he julgada a maior parte das tentações por illusões diabolicas, por prestigios dos Magos, e dos Pythonissos. Estas palavras favorecem a quem inteiramente se persuade que só procedem da Magia as illusões, e prestigios; isto he, as fabulas, e os enganos; mas aquelle Tratado não he de Santo Ambrosio, porque nelle se falla de pessoas que viveram muito depois; e na edição de São Mauro está no principio das obras apocryphas. Não podia Santo Ambrosio affirmar cousa mais falsa, do que dizer que pela Magia nos vinham as tentações do diabo: disto se podia inferir, que *senaõ houvesse Magia não teriamos segundo o parecer de todos huma tão grande tentação*. Refere o Adversario o lugar deste Santo Doutor, aonde se lê, que em virtude de Jesu Christo, a Igreja *Magorum incantantium carmina, & serpentum venena evacuavit*; de forte que á maneira da serpente arvorada devorou as serpentes dos Egypcios. Pretendem em virtude desta allusão, e desta comparação, inferir, que quando os Santos Padres dizem que a Arte Magica nada póde, que está destruida, e anniquilada, se não deve entender absolutamente; mas sómente em comparação do que

Serm.
156.Ex-
aem. l.
4. c. 8.Apol.
P. 139.

foi,

foi, e he depois do Evangelho. Se os Adversarios inteiramente mudam, e trocam o significado das palavras, que Dogma, e que Tradição estará segura? Acceitamos de boa vontade a confissão dos Adversarios: asseveram, que *os Padres dizem que a Arte Magica nada póde, que está destruida, e anniquilada*: assim he na verdade, e isso seguimos. Naquelle mesmo capitulo de Santo Ambrosio lemos o seguinte: *Quam ridiculum autem, quod te (falla com a Lua) plerumque credunt homines Magicis carminibus posse deduci: aniles iste fabulae, ac vulgi opiniones.*

Hæ. 21. Faz Santo Epiphanio no seu Prologo memoria dos *Prestigiadores*, que *baviam enganado o Mundo inteiro com as suas invenções, e fallacias*. Diz o mesmo Santo, pondo os Simonianos pelos primeiros Hereges d'entre os Christãos, que o seu Auctor fizera *sonbar os Samaritanos, enganando-os com Magia*; e que *o animo deste obstinado no erro perverso da Magia, estivera sempre prompto a dar provas das operações barbaras, e diabolicas*; mas *por virtude de seus velhacos embustes*. Segue-se pouco depois hum periodo, que parece corrupto; e do contexto se prova que o Santo seguira opiniaõ contraria ao vôo, e queda de Simaõ: deixemos esta digressão como impropria. Fez em muitos lugares menção de encantos que se practicaram; porém diz que foram

todos sempre sem effeito. Refere-se a Santo Ireneo, no lugar em que chamou aos encantos imposturas. Por imposturas, e falsidades mui proprias de quem tem opiniões *contra a Igreja*, reputou São João Damasceno os gabos, e as mentirosas jaçtancias das Feiticeiras. Nas antigas Questões, e Respostas, que andam juntas com as obras T. 1. de São Justino, se ensina na 31., que se não deve crer, que *por virtude de encantamentos caia a chuva, e a saraiva*. Lemos em Lactancio, e em São Zenaão, que os demonios algumas vezes confessaram ter entrado nos possessos; mas não lemos que foram os Magicos a causa de executarem semelhante obra. Cita-se nas *Observações* o P. 52. Tratado 61. de Santo Agostinho, sobre São João, aonde se falla de hum Magico, que apparecera em público arrependido. Este lugar não está em tal Tratado, mas sim no Commentario sobre o Psalmo 61.; e nelle se não faz memoria de Magico, mas de hum Mathematico; isto he, de hum Astrologo, que no Povo semeara mil mentiras, como he obrarmos por necessaria influencia das estrellas; e diz entaõ o Santo: *Deos dedit hominibus potestatem faciendi quod bonum est, & non faciendi quod malum est.*

Basta o referido, e não he necessario mais longa, e miuda indagação, para fazer incontestavelmente conhecer, que a veneravel Tradição dos

San-

Santos Padres , e dos antigos Escriptores Chri-
stãos , ensina , que depois da Redempção , a Magia ,
e a Arte Magica , não he senão huma impostura ,
e hum engano : que se tirou ao demonio o poder
de satisfazer a quem se voltasse , e recorresse a
este espirito mau ; e que dos encantamentos , e
dos feitiços , se não vira effeito algum verdadei-
ro , e real. Pondere o pio Leitor se podiam os
Padres , até agora citados , fallar mais clara , mais
exacta , e concordemente. Tome o trabalho de
confrontar as sentenças allegadas nestes dous capi-
tulos , com as que o Senhor Tartarotti aponta ;
e decida a qual dos dous mais convenha o que
Apol. do seu Adversario disse , que tinha *torcido os Pa-*
P. 140. *dres , e feito dizer os que elles nunca sonbaram ,*
fundando-se em lugares escuros. Reconhecerá en-
tão até onde arrasta a prevenção , e o capricho.
Reconhecerá a incrível extravagancia de imputar a
P. 144. quem não falla senão com as mesmas expressões
dos Padres *paradoxos ignotos a toda a Antigui-*
dade , e inteira separação do universal sentimen-
to dos Padres , e da Igreja. Que seria se o Ad-
versario do Senhor Tartarotti tivesse dito , que
profus destructa não significa *destruida* , e que
anniquilada quer dizer *enfraquecida* ?

CAPITULO VIII.

*Allegam os Adversarios outra classe de
auctoridades.*

Confessou o Adversario, que nos Concilios está a antiga Tradição: faremos por esta causa sobre elles algumas observações. Começou pelo Synodo de Elvira, composto de 19. Bispos, e delle cita o Canon VI.: *Siquis vero maleficio interficiat alterum, eo quod sine idolatria perficere scelus non potuit, nec in fine impertinendam illi esse Communionem.* He ambigua, e incerta de alguns Canones deste Synodo a verdadeira intelligencia. Todos sabem, que ha quem lêa neste Canon, em lugar de *maleficio*, *per malitiam*. Repugna tambem ao espirito da Igreja o negar-se a Communhão ao arrependido, até na hora da morte. Baronio, Melchior Cano, Bellarmino, e outros, regeitaram alguns Canones deste Synodo. Além disto a expressão *maleficio idolatrico* póde tomar-se em sentido diverso de Arte Magica. Allega o Adversario depois deste hum Canon do Concilio de Ancyra, celebrado no anno 314.; mas nelle impõe-se pena aos que seguindo a *prática dos Gentios* attendiam, e prestavam fé C. 24. ás magicas imposturas. Deste passa repentinamente ao Concilio de Moguncia, do anno de 1549.,

e continúia com alguns outros posteriores, dos quaes muito bem se vê, se delles ajuntou, e recolheo a antiga Tradição. Em quanto ao Canon *Nec mirum*, e a outros alguns mais, affaz fallámos no capitulo 7. do primeiro Livro. Sim se condemnou em muitos Concilios da idade média a Superstição, e a Feitiçaria; mas como cousa vãa, e incapaz de produzir effeito. Vejamos por exemplo o como se explicou o chamado Trullano, ou Quino sexto. Impõe no Canon 61. excommunhaõ de seis annos ao que seguir taes fallacias, imposturas, e ridicularias, e ao que se nomear Ent-cantador, Possuidor de amuletos, e Prognostica-
 Conc. t.7. p. 13.75. dor. Citam-se nas *Observações* alguns Concilios, Off.p. 69. em que se reprovaram, e condemnaram *auguriis, vel incantationibus servientes*; como se isto bastasse para provar que com isto produzem effeito semelhantes loucuras. Cita-se depois hum Synodo do anno de 1583., em que se prohibem as *superstições* que tivessem signaes de pacto com o demonio, aindaque ha já quem se persuada que lhe são mui uteis, *quisquam sibi persuaserit*. Allega-se na Apologia o Concilio de Trento; mas deve-se advertir, que o allegado he hum Synodo de 1593. Estaõ as suas palavras no livrinho intitulado *Constitutiones*, do Cardeal Madrucio. Al-
 Apol. p.142. lega-se tambem hum Synodo de Vicencia, em que se diz, que semelhantes superstições *por engana-
 dos*

*dos demonios se cria que produzissem algum effeito: logo não obravam de forte alguma. Note-se bem, que para provar o valor, e poder da Arte Magica se allegou o Canon 42. do terceiro Concilio de Tours, celebrado em tempo de Carlos Magno, no anno de 813. Este Canon, que se refere no corpo do Direito Canonico, falla da maneira seguinte: *Admoneant Sacerdotes fideles populos, ut noverint Magicas Artes, incantationesque, quibuslibet infirmitatibus hominum nihil posse remedii conferre; non animalibus languentibus, claudicantibusque, vel etiam moribundis quidquam mederi, non ligaturas ossium, vel herbarum cuiquam mortalium adhibitas prodesse.* Estejamos por este solemne Decreto, e demos a questão por decidida. Os Prestigiadores sempre se jactaram, e se jactam presentemente, tanto de fazer, e obrar bem, como de obrar mal. E o Canon declara, que tudo são infidias do demonio tentador, para enganar os homens, enchendo-os de pensamentos aereos, e vãos, e de esperanças falsas.*

Em alguns lugares das Leis dos Longobardos se vê a opiniaõ que entre elles havia acerca dos feitiços, e as penas que por esta causa se impunham aos Magicos; mas não se acha entre estas Leis hum só indicio de que se conseguisse por tal via effeito algum. Era mui grave

delicto imputar este crime a qualquer mulher , fosse moça , ou velha : *Siquis fornicariam , aut strigam clamaverit*. Fez Muratori , sobre este lugar , a seguinte nota : Feiticeira he aquella , que o ignorante povo entende que obra por meio de maleficios : *Quæ veneficiis operam dare a stulto popello creditur*. Houve entre elles quem julgou poderem certas hervas dar a victoria nos duellos , e por este motivo se prohibio que os desafiados levassem para o combate outra cousa que não fossem armas. Houve tambem entre elles quem se persuadio , que as Feiticeiras comiam homens , e meninos ; e algumas morreram em castigo deste imaginado crime. Vedou Rotario tão barbara acção , e declarou no mesmo tempo ser impossivel , que *pudesse huma mulher comer a hum homem vivo*. Como havia ainda entre os Longobardos alguns restos da Religião dos Gentios , publicou Luitprando gravissimas penas contra os que buscassem os Hariolos , e Hariolas , e contra quem os não denunciasse , ou nos seus encantamentos adorasse as arvores , e as fontes. Nos Capitulares dos Reis de França se encontram as Leis Anti-Magicas repetidas. Lêa-se na edição de Balusio , pag. 87. , e 251. o capitulo *de Magis , & strigis occisis* , e na pag. 322. aonde diz , que toda a especie de semelhantes erros *ex ritu Gentilium remanserunt*. E ficou dos Gentios por herança aos Chri-

Christãos , huma Arte , pela qual dos demonios alcançamos prodigios mais que naturaes ?

Podiamos fazer memoria de alguns Commentarios , e Glossas dos baixos seculos sobre a Escripura , nas quaes se chamam *præstigia* , *figmenta* , *nugas* a todas as obras da Magia ; mas deixando estes argumentos , vamos a tratar do famoso Canon *Episcopi* , que Reginon primeiramente citou , e depois Buchard , e Ivo. Houve já quem o julgou ser do Concilio Ancyrano ; mas isto pouco importa ao ponto , porque não he de nosso intento expender erudições , mas sim tratar da sua auctoridade. Optimamente mostrou Monsenhor Bartholo , Bispo de Feltre , em as suas Instituições Canonicas , a origem de se attribuir erradamente este Canon a tal Concilio. Em fim , brilha este Canon no corpo do Direito Canonico , e dirige-se a que os Bispos , e os seus Ministros , inteira , e radicalmente extirpem das suas Parochias a Arte Magica , (isto he , o engano , e as loucuras a que dão este nome) *ex Parochiis suis penitus eradicent*. Quando falla da opiniaõ que affirmam irem as Feiticeiras a cavallo de noite , tem estas magistraes palavras : *Innumera multitudo , hac falsa opinione decepta , hæc vera esse credunt , & credendo à recta Fide deviant , & errore Paganorum involvuntur , cum aliquid divinitatis , aut numinis extra unum Deum arbitrantur*. In-

Cap.

35.

Caus.

26. qu.

5. cap.

12.

numeravel multidaõ de gente, enganada desta falsa opiniaõ, julga, e cre, que tudo isto he verdade; e nesta crença se affasta da Fé santa, involvendo-se nos erros dos Pagãos, quando entende que ha alguma cousa de divino além do Deos unico. Que poderáo responder os Adversarios? Diraõ que só se affasta da Fé santa quem dá credito a voarem de noite pelos ares as Feiticeiras? Porque razaõ será maior peccado dar credito a esta mentira, do que prestar fé ás de que os Magos tanto se jactam? Naõ dá lugar o Canon a semelhante resposta, porque declara, que nasce o desvio da verdadeira Fé, de se suppôr, que fóra do Deos unico se possa achar alguma cousa de divino, *aliquid divinitatis extra unum Deum arbitrantur*. Ora quem julga que se podem por Arte Magica chamar dos Ceos as tempestades, envenenar a gente com palavras, e matar pessoas ausentes; crê na verdade cousas que naõ são menos admiraveis, e prodigiosas, nem que menos excedem a industria, e poder dos homens, do que he levarem os demonios por Magia os corpos das Feiticeiras de noite pelos ares. Logo naõ cõmette menor peccado, nem menos renuncia a Fé, quem dá credito áquellas falsidades, do que aquelle que presta fé a estas. Mas temos para tirar toda a dúvida hum facil, e prompto remedio, que he ler-se o Canon inteiro: entaõ verá

o Leitor, que conclue desta sorte: *Por tanto deve-se declarar a todo o que dá credito a estas cousas, e a outras semelhantes a estas, que perde a Fé: Omnibus itaque annuncianum est, quod qui talia, & his similia credit, Fidem perdit.* Não ha desta maneira lugar para sophismas; porque se affirma claramente que perde a verdadeira Fé quem se persuade destas cousas, *talia*; isto he, de andarem pelos ares as Feiticeiras; como tambem quem se persuade de cousas semelhantes, *his similia*. Ora esta expressão cousas semelhantes, quer dizer, cousas igualmente prodigiosas, e sobrenaturaes. Cita, e repete estas palavras do Canon, Santo Antonino na sua Historia. Duas cou- Hist. t.
 sas se aprendem neste Canon: a primeira, que 2. c. 4.
 se une com os Pagãos quem dá credito a maravilhas tão exaggeradas; e a segunda, que taes maravilhas são chiméricas, e falsas: *Multitudo hac falsa opinione decepta*. Segue-se depois disto, que devem os Sacerdotes declarar a todos, *hæc omnino falsa esse, que são falsas todas estas cousas*; e que pelo espirito maligno *talia phantasmata irrogari*.

Conjecturou Balusio nas suas notas a Region, que poderia vir este Canon de hum dos Capitulares dos Reis de França. Os ultimos Editores de Santo Agostinho entenderam que proveio de hum livro que se attribuiu ao Santo. Diz o

Padre Coustant, na sua bella Collecção das Epistolas Pontificias, o seguinte: *Cui adjudicandum sit*, P.609. *non facile definiatur*. Ajuntou o Padre Labbé aos Canones do Concilio de Ancyra dous capitulos, hum dos quaes he o nosso Canon por extenso, que se achára em hum antigo livro. Affirmou Binnio, no fim das suas notas, que este Canon deve ser attribuido ao Papa Damaso; e transcreveo estas palavras de Baronio, no anno 314.: *Perperam adscribuntur huic Synodo, quæ sunt potius Damaso tribuenda*. Refere depois em o anno 382. alguns Decretos do Concilio Romano, celebrado no Pontificado de Damaso, e diz hum delles, que se devem excommungar os Maleficos, e especialmente aquellas mulheres que imaginam que de noite são levadas pelos ares com Erodiade. Eis-aqui o nosso Canon: a elle talvez teria consideração a Faculdade de Theologia de Pariz, na sua determinação, que refere João Gerson, quando trata *de erroribus circa Artem Magicam*, acnde conclue desta sorte: *Qui talibus credunt, sciant se fidem Christianam, & Baptismum prævaricare*. Trazem Burchard, e Ivo, nas suas Collecções, outro Decreto semelhante a este: *Si aliqua* Bur. l. *fœmina sit quæ per quædam maleficia, & incantationes mentis hominum immutare se possedicat, &c. Et si aliqua sit quæ se dicat cum demonum turba, &c. Scopis correctâ ex Parochia* 10. Iv. p. 11. *eji-*

ejiciatur. Eis-aqui vemos huma uniformidade de castigo contra as mulheres que affirmavam voarem de noite com os demonios, e que publicavam outras taes mentirofas jactancias. Note-se, que não diz, *quæ immutet, a qual muda*, nem *quæ equitet, a qual anda a cavallo*; mas sim, *quæ dicat immutare, quæ dicat equitare, a que differ que muda, a que differ que anda a cavallo*. Este he o verdadeiro sentido da Igreja. Repete-se, e confirma-se a sentença do nosso Canon na mesma causa 26. do Canon *Non observetis*, ^{Caus.} porque nomeando-se nelle muitas superstições, e ^{26. qu.} entre ellas até as dos que *per Pythagoricam Ne-* ^{7. cap.} ^{16.} *cromantiam* procuram faber o futuro, ou se applicam aos sonhos, ás sortes, ás palavras, ou *Magicis falsitatibus in grandinariis tempestatibus credunt*; declara, que os que *talibus credunt, sciant se Fidem Christianam, & Baptismum prævaricare*. Eis-aqui amplamente explicado o *his similia* do Canon *Episcopi*: eis-aqui a repetição de que todos os crédulos *à recta Fide deviant*; e eis-aqui se ensina que não são reaes os effeitos da Magia, mas pura *falsidade*: tambem aqui se vê que não só se aparta da verdadeira Fé quem se entrega a semelhantes loucuras, mas quem as crê, e lhes presta fé. Podia-se fallar mais claramente; declarar, e ordenar com maior energia, e força? Não reparam os Defen-

fores da opiniaõ contraria , que nella se impugna , e se despreza o Direito Canonico ?

Fallou Santo Isidoro dos Magicos , e referio a commua opiniaõ quando disse , que *por seus encantamentos parecia que resuscitavam os mortos , e que respondiam prognosticando : Videntur*. Do Santo recebeo muita doutrina Rabano Mauro , e especialmente della se fervio no livro *de Magorum præstigiis* , que termina com huma advertencia sobre a grande vigilancia que deve haver , paraque *per hujuscemodi illusionem , fraus , dolus , & nequitia hostis antiqui* , nos naõ enganemos , e ceguemos. De hum , e outro Escriptor se recebeo no Direito Canonico muita doutrina. Temos de Agobardo , Arcebispo de Leaõ , que pia , e sábiamente escreveo contra as loucas experiencias d'agua , e do ferro quente , esta obra : *Liber contra insulsam vulgi opinionem de grandine*. Havia no vulgo a insulsa opiniaõ de que procediam as tempestades *incantationibus hominum , qui dicuntur Tempestarii*. Faz mençaõ , quasi no fim deste opusculo , da commua crença que poucos annos havia se espalhara , que a mortandade dos bois procedera de certos homens , que o Duque de Benevento havia mandado com pós de encanto ; e conclue desta sorte : *Tanta jam stultitia oppressit mundum , ut nunc tam absurde res credantur à Christianis , quales nunquam antea*

Orig.
l. 8.
c. 9.

Bibl.
PP. t.
14. p.
271.

N. 16.

antea ad credendum poterat quisquam suadere Paganis. Santas, e memoraveis palavras: *Tanta estulticia opprimio já o mundo, que ainda agora se crem pelos Christãos taes absurdos, que ninguem antes os poderia persuadir aos mesmos Gentios.* Não se verifica hoje muito mais esta sentença?

Ha quem, usando dos costumados equivocos, se serve de hum argumento, como indissolúvel, tirado de dous lugares do terceiro tomo de São Bernardo, e com elles pretende provar, que dormem com mulheres casadas os demonios annos inteiros juntamente com seus maridos. Allega-se para prova de semelhante disparate a auctoridade deste Santo, em cujas obras se não encontra palavra sobre esta materia, nem se nomêa huma só vez a Magia, nem se falla de demonios que dormem com os casados, nem de outros factos semelhantes. Acha-se esta extravagante narração em huma das vidas do Santo; mas não a traz o que primeiro a escreveo: o que narra o referido, não diz que elle mesmo lho ouvira; e das suas expressões se colhe, que o tal Auctor vivera depois: *Qui vestris temporibus floruit.* Nenhum destes casos se encontra nas outras vidas. Desta cathegoria são as auctoridades, em que principalmente se fundam os Adversarios.

Servem de coroa ás antigas auctoridades que
alle-

allegamos em grande número, e poderíamos ainda allegar para prova da invalidade, e sonho da Arte Magica, as observações que mostram, não só o sentimento de hum, ou outro Padre, ou de hum, ou outro Escriptor, mas o da mesma Igreja Santa. He o Sacrificio incruento o mysterio mais venerando da Religião: e as orações mais cheias do espirito da Igreja, e que mais exprimem os Dogmas Christãos, são as que na Missa se usam desde os primeiros tempos. Chegam-se a estas as que servem nas outras funções sagradas. Principiaram a compor-se desde os tempos dos Apostolos, e nas primeiras idades da Fé. Signalaram-se na sua composição, e na sua collecção, os Santos Pontifices Leaó, Gelasio, e Gregorio Magno. Conservam-se antigos Codices, que dellas comprehendem copiosas, e preciosas Collecções. Alguns ha entre os Capitulares de Verona, dos quaes escolhemos o mais excellente, e lhe copiámos todas as orações ineditas, que preparamos, haverá trinta annos, para a impressão; mas como fomos obrigados a differir a sua edição, e não estava publicado este nosso trabalho, remettemos a Monsenhor Bianchini, tanto as orações já publicadas, como as ineditas; o que sendo depois achado por seu clarissimo sobrinho, as deo á luz no seu quarto tomo da edição de Anastasio. Vejam-se por esta causa, e vejam-se

tam-

tambem as outras edições , e as doudas fadigas Liturgicas de Pamele , de Roca , de Menardo , do Cardeal Bona , de Muratori , e de outros. Vejam-se os quatro Codices *Sacramentorum* , dados á luz pelo doutissimo , e veneravel Cardeal Tomasi. Observem-se as orações de todo o anno para a Missa. Observem-se as das Ordenações , as das Ceremonias sagradas , as das Preces que a Deos fazemos em todas as nossas necessidades , e perigos. Observem-se as fórmulas das Benções , e dos Exorcismos , e nellas veremos fazer muitas vezes menção da inveterada malicia do diabo , das escuras , e cegas imagens da phantasia , da fuga de todo o espirito immundo por auxilio do Senhor , e dos enganos diabolicos ; mas em nenhuma dellas se vê memoria do poder , e efficacia da Magia. Achar-se-ha nellas o como se li-
vra o possesso , o como se evita ao demonio apoderar-se dos humanos corpos , o como se ore a Deos paraque por virtude do Oleo Santo , e da agua benta se aparte de nós o poder do inimigo ;
mas não se encontra nellas memoria sobre o affugentar , e desfazer encantamentos. Na ordenação do Exorcista se lhe diz , *babeto potestatem imponendi manum super energumenum* , e se roga a Deos que lhe dê poder *ad abjiciendos daemones de corporibus obsessis* ; mas não se lhe diz , que poderá supperar os encantos magicos , nem tam-
pouco

Card.
Tom.
p. 71.
83.

103.
107.
131.

pouco se diz palavra alguma sobre endemoninhado por maleficio. Nas orações contra os tempos maos, não se attribue a causa a alguma Arte, ou humana malicia. Benze-se a agua, implorando o Senhor, paraque por ella se lancem fóra os malignos espiritos, e se affaste dos ares nas tempestades a Satanás; mas não se pede auxilio contra os demonios incitados por Arte Magica. Roga-se a Deos, por occasião dos esponsaes, que *filiorum* *successibus* *fœcundentur*, e que vivam em santa uniaõ, a pezar das infidias do inimigo; mas nestas Preces se não pede a Deos que os guarde de feitiços. Ha Missas para se implorar a fecundidade na esterilidade das mulheres; mas não ha nas orações hum só leve signal de que provenha dos Magicos. Nas Missas *in Cathedra Petri* se numeram os gloriosos milagres de andar sobre as aguas do mar, de o livrar da prisaõ hum Anjo, de haver refuscitado a Tabites, e de haver curado a muitos enfermos; mas hum só termo se não encontra sobre a quêda de Simaõ Mago á vista do povo Romano. Não ha nas Missas da Epiphania indicio da existencia de Artes diabolicas, nem signal de que os tres Magos a ellas se tivessem applicado. Em fim, em todos os livros *Sacramentorum* da Romana Igreja, e da Grega, nunca se falla de Magia. Não he isto hum evidente argumento, e huma prova clara, de que tal Arte, ainda que recebi-

cebida pelo vulgo , e por algum Santo Padre , nunca esteve em consideração , nem lhe deo credito a Igreja Santa , deixando por este motivo de fazer della memoria em seus Altares ? Ha tambem Missas , e orações para as necessidades públicas , e particulares em qualquer occasião , e para qualquer perigo , e *ad expellendas omnes demonum tentationes* : ha contra os inimigos , contra os maos juizes , e contra os murmuradores. Ha-
verá quem se persuada de que havendo tantos milhares de orações não houvesse huma só , em que a Deos se pedisse o livrar-nos de Magicos , e Feiticeiras ? Se os Sabios , e Santos Pastores entendessem que podiam estes espiritos malvados chamar as tempestades , e os raios ; impedir o nupcial ajuntamento , dar maleficios , matar , e fazer entrar ao demonio nos corpos , certamente as haveria. Remettemos ás pessoas racionaveis o avaliar a força deste argumento. No Missal , de que hoje se serve a Igreja , não se faz menção de Arte Magica , nem de Magia. Havendo no fim muitas orações , nas quaes se pede a Deos a graça de nos guardar de tantos males , huma só não ha em que se peça o livrar-nos de feitiços.

Oppõe-nos os Adversarios estas palavras de hum Penitencial , *siquis maleficio aliquem perdidit* , e depois destas as seguintes : *Siquis immissor tempestatum fuerit , septem annos pœniteat.*

teat. Publicou este Penitencial o Padre Menard, nas suas annotações ao livro *Sacramentorum* de São Gregorio. Neste livro de São Gregorio se confirma o que até agora expuzemos, sem nunca se fazer menção de maleficios. Quanto se não lê no *Ordo ad Ecclesiam dedicandam*, e nas Benções que se seguem, para se affugentar o demonio, e enfraquecer o seu poder? Porém nunca se lê huma só palavra contra os maleficios, e contra os que os fazem. Vem-se no Appendix muitas elegantes orações para as Benções das nupcias; mas em nenhuma se falla de maleficios que possam impedir-lhe o fructo. Ora de huma oração em que se pede a Deos conceda ao penitente *dignum pœnitentiæ fructum*, tomou occasião o sabio Editor para publicar o sexto livro de Halitgario, que viveo em o nono seculo, quando Canisio só tinha dado á luz cinco livros deste Auctor. Contém este livro *Pœnitentialem Romanum alterum*; logo era differente do que se usava. Contém, como se diz na Prefação, muitas cousas, *quæ in Canonibus non habentur*. Vê-se por muitos lugares, que he confuso, e que está alterado. O Padre Morino, que o publicou de novo, confessa que ha nelle accrescentamentos, e faltas, e que he necessario corrigir *nonnulla, quæ antiquus exscriptor commisit*. Sim he, em quanto ao todo, verdadeiro, e sincero; mas encontram-se nelle algumas pro-

proposições não Canonicas , e destas he huma a supposição de que tenham efficacia os maleficios , e a outra de que haja quem mova , e chame as tempestades , sendo tudo isto só conforme á fama popular. Ora não seria pensamento caprichoso , e extravagante , chamar *Tradição* , não ao que se a- Apol.
 cha em tantos livros Liturgicos , que sempre esti- P. 144.
 veram em practica desde as primeiras idades Chri-
 stãas , fallando por elles a Igreja ; mas sim ao
 que está escripto em monumento imperfeito , e
 que se recebeo , e deo a luz por hum Auctor do
 nono seculo ?

Como julgamos de muita importancia que o Leitor veja quanto ha de claro , e decisivo no antigo Penitencial Romano , e a respeito da verdadeira doutrina da Igreja , expomos o que Burchard , Bispo de Wormes , transcreveo , e referio na sua grande Collecção de Canones. Falla no livro 19. mui longamente sobre a Magia , e entre as perguntas que lembra ao Sacerdote para saber indagar os peccados do penitente ha as seguintes :

Credidisti unquam , vel particeps fuisti illius perfidie , ut Incantatores , & qui se dicunt tempestatum immissores esse , possint per incantationes dæmonum , aut tempestates commovere , aut mentes hominum mutare ? Si credidisti , aut particeps fuisti , annum unum per legitimas ferias pœniteas.

Cre-

Credidisti, aut particeps fuisti illius credulitatis, ut aliqua fœmina sit, quæ per quædam maleficia, & incantationes mentes hominum permutare possit? idest: aut de odio in amorem, aut de amore in odium, aut bona hominum in fascinationibus suis aut damnare, aut surripere possit? Si credidisti, aut particeps fuisti, unum annum per legitimas ferias pœniteas.

Credidisti, ut aliqua fœmina sit, quæ hoc facere possit, quod quædam à diabolo deceptæ se affirmant, necessario, & ex præcepto facere debere? idest: cum dæmonum turba in similitudinem mulierum transformata, quam vulgaris stultitia holdam vocat, certis noctibus equitare debere super quasdam bestias, & in eorum se consortio annumeratam esse? Si particeps fuisti illius credulitatis, annum unum per legitimas ferias pœnitere debes.

Encontra-se na impressãõ, com manifesto, e mui claro erro, por duas vezes *incredulitatis* por *credulitatis*. Ora eis-aqui o que ensinava, e prescrevia o antigo Penitencial Romano, e eis-aqui como se aprende, e se sabe pelos documentos Romanos, que naõ sómente he falso, e chimérico o poder da Magia, porém que he peccado dar credito aos que defendem que he verdadeiro, e real este poder. Vê-se pelos mesmos documentos que antigamente se punia com pena naõ leve

leve a quem participava de semelhante credulidade, suppondo que havia quem pudesse attrahir as tempestades, ou prejudicar a outrem com encantos, ou excitar paixões com malefícios: castigava-se tambem a quem cria que as Feiticeiras andam de noite a cavallo pelos ares. Considerem no referido os bons Religiosos, que affirmam, como por devoção, que se deve dar credito, e fé ás fabulas que o Penitencial Romano ensinou não se poderem crer sem peccado.

Ivo, Bispo de Chartres, que no undecimo seculo compoz a sua grande Collecção Canonica, confirmou a doutrina do Penitencial. Na parte 6., capitulo 16., explicando em que consistia o officio, e poder dos Exorcistas, se lê o seguinte: *Habe-to potestatem imponendi manus super energumenum, sive baptizatum, sive cathecumenum*. Condemna-se na parte undecima, capitulo 39., em penitencia de dez annos, *qui credit, ut aliqui hominum sint immissores tempestatum, &c.*; e no capitulo 54. se diz, que se alguma mulher se gabar de poder por encantos produzir nos animos amor, ou odio, ou causar damno, ou arrebatar a outrem, *scopis correctâ ex Parochia ejiciatur*. Em o capitulo 72. falla daquelles que enganam com falsas illusões, *rusticos, & imperitos seducetes*.

Temos no Concilio Trullano, que se celebrou

brou nos fins do seculo septimo, imperando Justiniano, outro Canon muito mais antigo. Vejam-se as Pandectas de Beveregio, aonde na pag. 230. do primeiro tomo põe Aristeno o antigo Epitome do Canon 61., e explica depois como o sagrado Concilio impõe nelle dez annos de penitencia contra os que se entregam nas mãos dos Adivinhos, e contra *os que prestam fé aos Encantadores*. Em fim, vemos que a Santa Igreja decidio, que he positivamente peccado o crer que por encantos, e por maleficios, se possa alcançar cousa alguma: *possint per incantationes daemonum, &c.* Burchard não deo lugar a sophismas. Só resta que os bons Christãos se não deixem levar do capricho, e da preocupação; mas que respeitem, e sigam a verdade santa.

C A P I T U L O IX.

Dissolvem-se os argumentos contrarios.

DE quanto até agora temos referido se pôde ver quão fraca, e debil seja a prova que a muitas pessoas faz grande especie: tira-se esta prova das palavras que estão juntas ao Ritual Romano, nas quaes se aconselha ao Exorcista, que *jubeat demonem dicere, an detineatur in illo corpore ob aliquam operam magicam, aut malefica signa, vel instrumenta, quæ si obsessus ore-*
sum-

sumpserit, evomat. Dellas fallámos no ultimo capitulo do livro primeiro, e de maneira, que sendo, o que escrevemos, lido com attenção, não he crível que fique o Leitor com alguma dúvida, e difficuldade. O Ritual he veneravel; mas a sua força toda está nos ritos, nas fórmulas, e nas orações, e de nenhuma sorte nas advertencias adjuntas, que os Exorcistas não põe ordinariamente em practica, sem que por esta causa se lhes impute desobediencia. Evitou-se com o Ritual a liberdade que cada hum tomaria de usar de ritos, e de exorcismos, segundo o proprio arbitrio. Já foi correcto, e expurgado, mas isto não obsta para que deixe de poder ser ainda emendado em outros lugares menos importantes, assim como já se expurgou o Breviario: expurgou-se de maneira que em huma Bulla se prohibio imprimir-se outro que não fosse o correcto: mas com toda esta vigilancia ainda nelle se observam alguns erros historicos, que nos futuros dias se emendarão. Igualmente se emendará no Ritual o dizer-se na advertencia, que se podem comer *malefica signa, vel instrumenta*, e que deve preceder o vomito paraque os posses-fos fiquem livres, e sãos.

Veja-se no capitulo acima citado a resposta que démos aos argumentos fundados nas Bullas Pontificias. Não tinham por fim, nem dellas resultava obrigação de se crer na força, e poder

dos encantos , e maleficios , nem sobre este ponto tinha havido disputa , ou questaõ alguma. Tiveram as Bullas por objecto ensinar quaõ detestavel he semelhante practica , e santamente ordenaram penas contra quem se dá a taes indignidades, e peccados. As circumstancias que foram o motivo das Bullas , dependem da fé da pessoa que as expoz. Usa-se nas Bullas das expressões communs , e proprias da opiniaõ corrente ; mas naõ se disputa sobre ella , porque basta para corrigir os costumes , declarar estas acções peccaminosas , e determinar a pena canonica que lhes compete. Com Bullas Pontificias se quizeram tambem defender os Processos informes , e as Sentenças condemnatorias das Feiticeiras , valendo-se especialmente de huma de Innocencio VIII., e de outras de Hadriano VI., e Clemente VII. Mas o mesmo Senhor Tartarotti fábiamente respondeo ás Bullas da maneira seguinte : *Estes documentos naõ provam o facto ,*

Cong. *mas o suppõe sómente ; e nada concluem que naõ*
P. 158. *seja sobre a supposta hypothese: enganam-se desta sorte os Adversarios com os termos Sensus , & judicium Ecclesiæ. Saõ estes termos mui especiosos , e proprios , para deitar poeira nos olhos de quem naõ sabe discernir se se trata, ou naõ de hum Decreto sobre materia Dogmatica , e de Fé. Se o Senhor Tartarotti nos responde , que as suas allegadas razões só tem lugar para com as Feiticeiras , e*
naõ

naõ para com os Magicos , bem se vê , e mostra , que he esta sua resposta de puro capricho. Largamente mostrámos naõ fazer prova a auctoridade de alguns Santos Padres , que só referiram o que se contava , e affirmava ; devendo considerar-se naõ haver hum só Padre , que assevere ter visto elle mesmo alguma maravilha deste genero , havendo tantos , e tantos , que ensinam claramente naõ ter o Senhor permittido ao demonio , depois da Redempçaõ , favorecer , e satisfazer aos que o invocassem.

Sustenta o Senhor Tartarotti , que he argumento evidente , e incontrastavel a favor da Arte Magica , a compurgaçaõ da agua fria , que n'outro tempo se usou na Alemanha , e França , contra as Feiticeiras. Julga que o seu Adversario naõ Apol. P. 114. poderá desfatar esta difficuldade ; e pretende ter mostrado , que *o demonio se intromette nas acções dos homens , ainda sem ser invocado , e prova-o pela experiencia da agua fria.* P. 117. Além de outros Auctores , falla com extensaõ desta experiencia da agua fria o Padre le Brun , no livro sexto da sua *Historia dos costumes supersticiosos*. Renovou-se este uso supersticioso pelo meio do seculo XVI. , e continuou em algumas partes quasi todo o seculo passado. Os accusados de Feitigaria eram despidos , e atados de maneira , que nem podiam mover os pés , nem os braços : lançavam-nos assim

mesmo na agua : se hiam ao fundo , como naturalmente succede , eram julgados innocentes ; mas se nadavam , como acontece á madeira mais porosa , e leve , reputavam-nos reos , e condemnavam-nos ao fogo , assentando que por Magia , e virtude diabolica , se não submergiam. Tinha-se por certo

Jo. *Lamias maleficii reas aquæ injectas nunquam*
 Wier *submergi , & supernatare.* Não nos admiramos
 de *de* de tanta simplicidade , porque sempre a houve , e
 præst. *l. 6. c.* esteve della o mundo cheio. Póde-se ver no Pa-
 7. dre Raynaud , quando trata dos Monitorios , húa Sentença do anno de 1516., na qual se excommun- ga o pulgaõ que não fugir , e deixar o paiz no termo de seis dias , da publicaçãõ em diante , *infra sex dies à monitione.* Colhe-se de alguns Aucto- res , que frequentemente aconteciam os prodigios de andarem os corpos por cima da agua , sem irem ao fundo , e que muitas foram as Feiticeiras que , por este motivo , se mandaram queimar. Tem o Senhor Tartarotti por maravilha demonstrada , e indubitavel , o boiarem os corpos ; e isto , porque foram testemunhas , além de muitos Es- criptores , toda a França , e Alemanha. Mas hoje os homens de bom sentir , e de estudos , em toda a Alemanha , e França , quando lhe perguntam pela verdade destes factos , daõ em resposta o riso. Em França , depois que os Parlametos não daõ ouvidos ás accusações de Feitiçaria , se não encon-

tram

tram feitiços , e Feiticeiras , nem na agua , nem na terra ; quando nos tempos de Francisco Primeiro , se damos credito a muitos Escriptores , houve *mais de cem mil*. Nota o Duareno , que *Curia Parisiensis , si nihil aliud admiserint eas absolvere , & dimittere meritò consuevit*. Diz o Padre Malebranche : *Sapientissimè igitur multa Parlamenta pœnas non sumunt de Veneficiis*. *Sá-* Ad
l. de
sic &
ven.

De
inq.
ver.
biamente não castigam muitos Parlamientos em França as Feiticeiras. Na experiencia da agua fria, quantas causas naturaes não concorreriam para impedir que se não submergissem os corpos , se acaso assim succedia ? A variedade das relações faz sempre estes factos incertos. Em quanto aos Auctores , que o attestam , são em pequeno número , e fallam segundo a fama popular : além disto não devemos crer tudo quanto está nos livros. Não ha mil factos que são certamente falsos , e se referem por verdadeiros em muitos livros ? He vulgar o proverbio de que hum louco faz cem , e da mesma sorte podemos dizer , que hum Escrip- tor enganado , e que refere factos mentirosos , leva muitos apoz si. Os que se deleitam com antigas inscripções , observem as votivas ; e veraõ nellas , que infinitos Heroes confessam , huns alcançarem a saúde , outros voltarem á patria felizmente , e outras differentes graças de toda a especie , por favor de Minerva , de Mercurio , e de

Juno : como attestam de factos proprios não podiam ser enganados ; isto não obstante , não ha hoje huma só pessoa racionavel , que não saiba que foram estes milagres mentiras , e sonhos. Eis-aqui se vê que muitas vezes deve ser reputada fraca , e debil prova o commum consentimento. He ridiculo o subterfugio em que se querem salvar , affirmando que os prodigios do demonio não são verdadeiros , mas falsos , e apparentes : se aquelles corpos boiavam , e não hiam ao fundo , eram na verdade os prodigios verdadeiros , e não apparentes , nem falsos. Nas partes em que ha Sacerdotes Gregos , quando estes usam da *Catramonacia* , não crê ainda hoje o Povo que tenham maior virtude , e poder , do que os mesmos Magicos ? Não era a experiencia da agua fria huma pura experiencia , da mesma forte que foi a do fogo , a do ferro quente , e a do duéllo ? Ora quem ignora , que todos se persuadiam de que estas cousas obravam , não segundo a sua constituição natural ; mas conforme o pedia a verdade sobre que se altercava ? Quem não sabe que temerariamente se pretendia obrigar desta forte a Providencia a declarar por milagres o ponto da dúvida ? Senão ha em nossos dias quem se persuade que o Senhor por cem annos , e ainda mais , mandava que os corpos , não obstante a sua gravidade , e o estarem presos , e

liga-

ligados , se fôstivessem sobre as aguas , para mostra-
 rem quem era Feiticeira , e quem o não era , he
 porque hoje se não falla de taes portentos ; e
 tambem , porque apenas a verdade illustrou os Tri-
 bunaes , acabaram logo estas falsas maravilhas. Per-
 mitta-me o erudito Adversario fazer-lhe estas per-
 guntas : Porque razão presentemente , para susten-
 tar a sua sentença , se estriba tanto sobre *o juizo da*
agua fria acerca das Feiticeiras , e sobre os pro- Apol.
 digios que nisto aconteciam , quando todo o ob- P.113.
 jecto do seu *Congresso* , e o seu maior empenho ,
 he provar que não ha , nem existem Feiticeiras ,
 que façam maravilhas , e sejam dignas da pena de
 morte ? Paraque pretende , que fora usual este pro-
 digio com as Feiticeiras , e paraque intenta
 provar agora com elle a virtude , e efficacia da
 Arte Magica , se elle mesmo sustenta , e defende ,
 que Feiticeira he huma cousa phantastica , ou hũa
 mulher louca , e que *na Feitiçaria he ideal o con- Cong.*
mercio , e são vãos , e imaginarios os pactos ? P.161.

De nada servem as auctoridades , em que se
 mostra que póde o demonio muito em nosso da-
 mno , e que Deos d'elle se serve para nosso casti-
 go. Concordam tambem os Adversarios , em que
*o fundamento da presente questão he se o demo-
 nio obra , e faz alguns prodigios por virtude da* Off. p.
Arte Magica. Fazem os Adversarios grande osten- 70.
 tação de nomes de Auctores , e confiam muito na

gran-

grande quantidade de pessoas , que pensam como elles sobre a Magia. Mas não se deve fazer muito caso do grande número , em qualquer opiniaõ , porque a julgar desta sorte , seriam as populares , e plebêas opiniões , as mais acertadas , e seguras. He certo , que ha Escriptores modernos , e insignes , que erraram , seguindo a mesma opiniaõ ; mas estes , ou não trataram a materia *ex professo* , cu se lhe podem contrapôr outros de igual reputação , os quaes zombaram da Magia. Seria cousa muito odiosa , e impertinente , o refutar cada contrario por si , quando já o fizemos bastantemente em geral. Não será inutil , pezar , e examinar particularmente , verbi causa , as imaginações de João Pico Mirandolano , tantas vezes lembradas , e citadas na *Apologia* ? Faz por ventura honra ao seu nome , saber-se , que empregou *todo o vigor da sua vasta erudição em averiguar a* Cong. *razaõ* porque o demonio , quando appareceo á P.114. sua Feiticeira , trazia pé de pata ? Era mais util citar a primeira das suas conclusões magicas : *Tota Magia nullam habet firmitatem , nullum fundamentum , nullam veritatem. Não tem toda a Magia firmeza , não tem fundamento , nem verdade.*

De que serviria á nossa questãõ citar d'entre os Modernos ao erudito Padre le Brun , que deo credito a estranhos , e falsos acontecimentos ? De quan-

quantos factos, que elle recebeo por verdadeiros, se poderia dizer o que o ultimo seu Editor asseverou na Prefação, acerca de huma patranha, que acreditara por verdadeira, *naõ se lhe póde escusar* Pag. xviii. *o have-la adoptado?* Quem póde crer, que descu-
bra a varinha Divinatoria os segredos, e os factos, *segundo os desejos, e as intenções* de quem a tem? E quem se persuadirá de que as suas sup- T. 1.
postas maravilhas são argumento de que as obram P. lxi. os malignos espiritos? Quem attribuiria, como este Padre, a maleficio a mortandade dos animaes, e outros successos, de que se naõ sabe dar razão? Com esta doutrina nos diz, que se devem attribuir a pactos com o demonio aquelles effeitos de que se naõ póde achar a causa natural: logo injustamente nos P. 184. impugna o Adversario sobre o que dissemos. Veja-se a este respeito a maior das fabulas no facto de Pedro Hocque, que este Escriptor recebe por verdadeiro, e a *Apologia* acredita, e refere. Quem crerá que a *Steganographia* de Trithemio, que, segundo a significação do mesmo nome, he huma Arte de escrever por cifra, aindaque de huma maneira P. 242. reprovavel, se deva attribuir aos espiritos? Póde jactar-se da maior paciencia o que tiver a constan- P. 244.cia de ler todo aquelle livro. Quem dirá que contrahe *pacto tacito* com o demonio o que valendo-se de algum segredo protesta na sua practica que renuncia a todo o pacto que possa haver?

Em

P.246. Em summa , procurar na obra deste Auctor proposições contrarias ás que citamos , como se fez na *Apol. Apol. p.184. pologia*, de nada serve para persuadir que devemos crer quanto escreveo : logo pretender que falsamente falla a *Dissipada* acerca do que se citou do Padre le Brun , não merece credito. Para formar nesta materia huma justa idéa do Padre Calmet ; pessoa , por outras causas , digna de mui grande estima , basta ver as extravagantes proposições que lhe escaparam , e que no princípio deste nosso trabalho referimos. Mas muito melhor se verá quão cheio está de prejuizos , se se verificar a voz , que hoje corre em França , de que he Auctor das cartas escriptas , e publicadas em Pariz , no anno de 1731. contra *Mr. de Santo André* , nas quaes se defende com toda a força a verdade do nocturno congresso , e o irem as Feiticeiras , e os Magicos ao *Sabat*. Porém como este Auctor , nas suas Dissertações , procurou recolher quanto os outros disseram , ha nesta obra muitos sentimentos differentes , e assaz favoraveis a quem nega á Magia a efficacia , e o poder. Lêa-se o lugar em que falla da Pythonissa : explica-se de maneira , que o Senhor Tartarotti se queixa de que nesta parte pareça *que enfraquece quasi* Cong. P.375. *si todas as provas que da Escriptura se podem tirar a favor da Magia diabolica*. Logo não he verdadeiramente seu , tudo quanto por seu se

publica a favor da Magia.

Ha entre as obras que se julgam favoraveis á Arte Magica , a de Constantino Grimaldi , em que se trata da Magia natural , da artificial , e da diabolica. Tem esta obra por fim , como declara o seu Auçtor , *fazer que os homens se acautelem* P. 133. *sobre o juizo que devem fazer das obras que parecem produzidas por causas sobrenaturaes.* Esta obra he posthuma , e parece que lhe não poz o seu Auçtor a ultima mão. Ha nella sentimentos mui contrarios ; e bem considerada , póde-se duvidar de qual seja o seu objecto. Disse-se deste livro , quando se imprimia , que em Roma lhe meteram as mãos ; mas não se sabe quem. Faz-se no principio , pag. 12. , o elogio de hum livro impresso em Veneza ; mas este livro não podia chegar a Napoles , senão depois de Grimaldi ter passado á outra vida. Chama tambem a Verona *o coração da Italia* , e parece que se admira de que P. 11. *intrépidamente sabisse a campo* o Marquez Maffei *contra a Magia negra , e por consequencia contra os pactos expressos , e tacitos , e contra outras invenções magicas.* Notou , que já João Hoornbeek tinha publicado esta opiniaõ , confirmando-a com huma sentença de Santo Athanasio. Diz , em fim , que dos que negam *a Magia negra* P. 10. *affirmara* o Santo Padre Benedicto XIV. , na sua grande obra *De Servorum Dei Beatificatione* , que
taes

- taes opiniões eram combatidas até pelos Heterodoxos ; mas o veneravel Auctor só trata neste lugar dos que negam darem-se possessos , e especialmente falla de Bekker , que nescia , e temerariamente disse , que os possessos , que o Senhor livrara , padeciam molestias naturaes , *fuisse egrotos morbis naturalibus laborantes*. Ora veja o Leitor que
- L. 4. enganos , e que sophismas são necessarios para de-
P. 2. c. fender a Magia. Confessou que o Marquez Maffei
29. apoiara a sua sentença sobre muitos lugares da
- P. 13. *Escriptura* , e sobre o dito dos Padres da primi-
tiva Igreja. Citou ao Padre Morino no lugar em
que diz, que pretender *que tenham os que praticam*
- P. 14. *os sortilegios hum poder como dispotico , repugna á*
Religiaõ , e ao recto sentir, e no lugar em que affir-
ma, *que não he absolutamente impossivel que Deos*
permitta algumas vezes ao demonio obrar alguns
prodigios : obraram-nos os Magos de Pharaó , e po-
dem alguma vez acontecer ; *mas mui raramente :*
está mui limitado o poder de Satanás depois da
vinda do Senhor : está ligado o Anjo das trevas
por mil annos. Citou depois de tudo isto a hum
- P. 16. Auctor moderno , o qual pretende , *que não dei-*
xara Christo ao demonio senão o poder da sug-
gestão : quer dizer , o poder de tentar. Citou a Mr.
- P. 17. de Santo André , a que chamou *o grande Medico*
d'ElRei de França , dizendo , que elle affirmara ,
que , segundo Jamblico , *tudo o que se attribue á*
Arte

Arte Magica, he pura imaginação : em quanto aos prodigios dos Magicos de Pharaó, segue, que não diz a *Escriptura* que obraram por ministerio do demonio, mas por encantos usuaes, e por *ibid. particulares segredos*. Citou tambem ao Conde Carli, Professor em Padua, que declarou ser a P. 18. *Magia diabolica huma impostura, e huma Arte inventada para enganar o mundo, e por consequencia negou todo o commercio, e todo o paço*. He extravagante a seguinte proposição : diz elle, que os *Auctores Inglezes da Historia Universal*, entendem que he a *Magia huma producção da Politica*. Não devemos deixar de referir o lugar em P. 19. que Grimaldi se explicou da maneira seguinte : *Que devemos dizer dos duendes, de quem P. 55. o vulgo faz tantas vezes menção, e tanto caso? Tiveram a sua origem na phantasia*. Fallando pouco antes dos effeitos electricos, citou ao Marquez Maffei, mas com grande equivocação, porque affirmou que Maffei accendera na agua fria P. 53. vélas, quando o Marquez Maffei só disse que accendera vélas, não em agua fria, mas encostan- P. 11. do-as á agua fria.

Fez memoria o claríssimo Padre Mamachi, no seu terceiro tomo, da obra de Grimaldi, e mostrou deleitar-se com esta digressão, para acerbamente argumentar contra os impugnadores da Magia, *Magiae oppugnatores*. Principiou : *Magos*, P. xix. *qui*

qui nullos vixisse contendunt , nã illi turpissimè
P.128. *labuntur.* Nunca houve quem negasse que existi-
ram pessoas astutas , que fizeram profissão de Ma-
gia. Mas quer este Padre , que na verdade obraf-
sem prodigios , e citou para prova muitos nomes
de Santos Padres , dos quaes , como temos visto , se
tira o contrario. Seguindo o uso dos que querem
que sejam de Fé as suas opiniões , affirma que de-
sta forte não haverá mais *Dogma algum* , que ne-
P.129. gar se não possa com a mesma ousadia. Eis-aqui
temos hum novo Dogma em materia de Magia.
Continúa : *em vãõ se oppõe que tenha Christo ti-*
rado ao demonio o poder de enganar os homens.
Quem usou deste argumento ? Quem fez esta in-
stancia ? Não he o seu tentar , hum acerrimo , e con-
tínuo engano ? Ensina , que Jesu Christo *impedien-*
dum non putavit , quin dæmones interdum expe-
rirentur , si quem usquam illudendo decipere va-
lerent. Fulgou que se não devia impedir que os
demonios algumas vezes experimentassem se po-
diam enganar alguém com illusões. Ora satisfa-
zer o diabo aos desejos dos Magos , fazer mara-
vilhas á sua instancia , como pretendem os Defen-
sores da Magia que elle faça , não he verdadei-
ramente enganar , e illudir ? Affirma , que sem
isto seria huma fabula a moça espiritada , de que
se falla nos Actos dos Apostolos , e da qual se
diz *Oracula fundente.* Não se póde tirar semelhan-
te

te conclusão ; nem nos Actos dos Apostolos se diz , que as predicções daquella mulher , com que se buscavam os interesses , eram *Oraculos*. Infere de terem continuado os *Oraculos post martyria Apostolorum* , que ainda duram aquelles que nasciam *invocatione Magorum*. Mas o supposto de terem durado , e permanecido os *Oraculos* , se destroe pelas absolutas affirmações de gravissimos Auctores , como já dissemos. A algumas razões contra a Arte Magica , allegadas a seu modo , responde , *que julga não haver quem se persuada exista Arte , ou Sciencia Magica ; e que se* P.1312 *houvesse quem assim pensasse , estaria em gravissimo erro*. Parece que este Auctor , nem hum só Tratado leo dos Auctores que defende ; porque todos lhe chamam Arte , ou Sciencia ; e este he o principal ponto da questão. Concedendo que seja isto hum erro gravissimo , não adverte que entrega a victoria nas mãos do Adversario sobre o mais fundamental da disputa. Não segue , com tudo , que *Bibliorum funditus evertit auctoritatem* , aquelle que nega acontecer algumas vezes , *ut mali demones Magis adessent , eorumque conata perficerent*. Ora se os demonios , *Magis aderant , assistiam aos Magicos ; e se eorum conata perficiebant ; se lhe cumpriam os desejos* ; porque chamou sempre a isto *illudere , e decipere , illudir , e enganar* ? Como destroe pelos fundamentos a auctoridade

ridade da Escriptura o que nega a Arte Magica , quando elle mesmo neste lugar affirma , que a Magia não existe ? Diz , que os Padres chamaram aos encantos *ludi* , paraque se entendesse , que não eram os milagres da Magia verdadeiros milagres , e paraque se soubesse que nenhum Orthodoxo julgou as obras do demonio milagres verdadeiros , mas sim cousas apparentes , e prestigios. Ha aqui sophisma sobre o nome. Se por Magia se destroe hum paiz com chuva de pedra , se com palavras de encanto se mata a hum menino , ainda estando distante , como havemos de dizer , que são estas cousas apparentes , e prestigios ?

- P.128. Escreve este Padre nas suas notas , *cum fuissent hoc tempore , houve neste tempo* alguns , que *segundo a Van-Dale* dizem , que *os demonios não tem parte nos encantos*. Não he este o sentir de quem nega a Magia ; e quem a nega não segue a *Vandalenium* , como elle lhe chama ; o qual não escreveo da Magia , mas dos Oraculos , e da Idolatria. Cita a São Cyrillo Jerosolymitano , o qual diz , que o signal da Cruz , *incantationum avertit imposturas* : são na verdade imposturas , mas o signal da Cruz serve , e he util contra todo o mal. Funda hum grande argumento sobre o lugar de Tertulliano , que longamente expende ; mas devia advertir , que nelle se não lê *infamant animas* , mas *inclamant* ; não *pueros* eli-

elidunt, mas *eliciunt*. Neste mesmo lugar se encontra, que os Magicos, *multa miracula circulatoriis præsitiis ludunt*; e que, segundo a sua vontade, *prognosticavam* os espiritos *pelas cabras*, e *pelas mesas*; e que grande damno faziam os Gentios á propria Religião, attribuindo aos demonios as maravilhas que elles mesmos publicavam como obras dos seus deoses. Com as referidas auctoridades, em que se mostra que Tertulliano julgava os prodigios dos Magicos obras, e enganoso de Charlatães, pretende provar o Padre que Tertulliano tivera a Magia por cousa séria, efficaç, e prodigiosa. Faz o mesmo argumento com outro lugar, no qual se diz, que todos affirmavam, *que a Magia he engano; mas que a razão disto só os Christãos a sabiam*. Em quanto á citação de São Cypriano, veja-se o que dissemos em seu lugar. A ultima auctoridade que allegou foi a de Arnobio, o qual censura os que attribuiam os milagres do Salvador a Arte Magica, da maneira seguinte: *Ergo ne illa, quæ gesta sunt, demonum fuere præsitiæ, & Magicarum Ar-* P.132
tium ludi? Logo foram as cousas prodigiosas, que se obraram, prestigios do demonio, e enganoso da Arte Magica? Como nesta auctoridade se falla dos prestigios do demonio, formou o Padre o seguinte argumento: *An non hinc concluditur, Magis interdum demones adstitisse? Não se con-*

*clue deste lugar , que assistiram algumas vezes os demonios aos Magicos ? Nunca se vio conclusaõ que menos concluísse do que esta. Qual seria entaõ a conclusaõ , se Arnobio dislesse , logo foram prodigios dos demonios ? Nada se poderia inferir ainda assim , porque perguntava , e naõ affirmava ; mas Arnobio , depois de haver dito aos Adversarios , *nulla maior est comprobatio , quam gestarum ab eo Fides rerum* , para mostrar que se oppõe directamente a verdade dos factos á falsidade das supposições , põe por exemplo da verdade as obras do Salvador , e por exemplo das falsas supposições os prodigios ; isto he , os enganos , apparencias , e tambem *as illusões da Arte Magica*. Daqui se vê clara , e evidentemente , que julgou Arnobio inuteis , e mentirofas todas as exaggeradas , e falsas noticias , que se derramavam dos prodigios da Magia. E he este o maior argumento que se tira deste Auctor , para provar a validade , e existencia da Arte Magica ? O' raciocinio , aonde estás ? Quanto melhor julgou nesta materia o douto Muratori , quando escreveo : *Nescio quis primus ex ingenio tantum suo opinionem invenerit de pactis tacitis ab aliquo cum diabolo initis : Ignoro quem fuisse o primeiro que exco-**

gitou , por força do seu engenho , a opiniaõ dos pactos tacitos contrahidos com o diabo ? e quando affirmou , que attribuir-se entre os Christãos

De
Nævis
&c. p.
125.

tan-

tanto poder ao diabo , depois que o Divino Sal- Forz. del. Fant. c. 10.
vador subjogou o inferno , he fazer injúria á nossa
Santa Religião? Disse pouco depois , por occasião
 de haver fallado dos espiritos incubos , e súc-
 cubos : *Estão hoje semelhantes opiniões de tal*
sorte desacreditadas , que só a gente plebea ,
e grosseira , facilmente as attende , e cré ; assim
como usa com outras muitas relações , e noticias
vãs , e loucas. Não he necessario para mostrar
 falsa a opiniaõ contraria , citar algum Escriptor de
 muitos volumes , o qual presentemente seja lido. O
 verdadeiro he seguir a opiniaõ commua dos ho-
 mens de bom sentir , e de bom discurso , entre
 os quaes , nem sempre se contam os Auctores de
 muitos volumes. Accrescentou Muratori o seguin-
 te : *Os Theologos , que mais que os outros cabi-*
ram nesta imaginaria supposiçaõ , não servem de
prova alguma neste ponto. Encontrará mais al-
 guns illustres Modernos desta sãa opiniaõ , quem
 os procurar com cuidado , e desvelo. Affirma Val- L. 4.
 lemont , nos seus *Elementos da Historia* , que nun- c. 5.
ca se alcança nas obras da Magia o desejado
exito , e que em todos os factos que se divulgam ,
não ha senão fabulas , e mentiras. Para citarmos
 outros semelhantes lugares não temos á mão o
 Padre Spe , que foi o primeiro que moderou as con-
 demnações das Feiticeiras , nem a Christiano Tho-
 masio , ao Padre Costadau Dominicano , a Francisco

Herodio Jurisconsulto, que da Igreja disse, *non quod eos posse aliquid existimet*, não julga que possam alguma cousa, e a outros muitos. Na Alemanha, aonde costumavam ter universal acceitação as relações dos casos da Magia, se publicou ha poucos annos, em 36. tominhos, huma *Bibliotheca Magica*, em lingua Tedesca, na qual se vê muito alheio, e diverso sentimento. O Author he Lutherano: (não he agora occasião de observarmos os erros em que cahe) promette na Prefação publicar juntamente os escriptos de todo o genero, que fervem a fazer conhecer, *que poder tenha o diabo nas cousas corporeas*. Contém Livros, Extractos de Livros, Autos Judiciaes, Sentenças, Observações, e Experiencias. Juntou Monumentos antigos, e modernos, tanto de Catholicos, como de Protestantes, tudo traduzido em Tedesco. Resulta deste todo de opiniões contrarias a falsidade da Magia. Traz o tominho vigesimo segundo hum Edicto de Luiz XIV., do anno de 1682., no qual renovou os dos seus Predecessores, publicados contra os Adivinhos, Magicos, e Encantadores, em que diz, que por se acharem taes Edictos em desuso, e esquecimento, se tinham introduzido no Reino *muitos destes impostores*; e que attendendo a que as obras da pretendida Magia, e de outras semelhantes illusões, de que se costuma lançar mão, poderiam causar muitos engas-

enganos , e iniquidades , ordena graves penas contra semelhante delicto ; e no quarto artigo tornou a condemnar a *pretendida Magia*. Vê-se bem claramente que se tem a Magia por hum falso supposto , e que se caracteriza neste público Real Edicto , por hum nome vão , e por hum engano , e illusão popular. De todo o referido se mostra , que com graves fundamentos se defendeo , haverá poucas semanas , em públicas Conclusões , na Igreja de Santo Alexandre de Milão , a sentença que temos seguido contra o poder efficaz dos Magicos. Eis-aqui as suas mesmas palavras.

Pag. 64. XIII. *Tum ejusdem Scripturæ , & Sanctorum Patrum auctoritate freti , negamus extitisse eos post Christi adventum.*

XIII. *Fundados na sagrada Escriptura , e na auctoridade dos Santos Padres , negamos que elles existiram depois da vinda de Christo.*

XIV. *Ex tot iis Magicarum Artium prodigiis quæ passim narrari solent , alia mere naturalia esse volumus , alia prosus imaginaria , alia tantum supposita.*

XIV. *De tantos prodigios que da Arte Magica ordinariamente se costumam contar , seguimos que huns são puramente naturaes , outros imaginarios , e outros suppostos.*

XV. *Immeritò autem hacce in re nobis imponunt cum Martino del Rio , alii Magicarum Ar-*

tium assertores, dum integræ antiquitatis consensum nobis contrarium esse objiciunt.

XV. *Sem razão nos enganam nesta materia, juntamente com Martinho del Rio, os outros Defensores da Arte Magica, oppondo-nos toda a Antiguidade contraria a esta nossa sentença.*

O Auctor destas Conclusões, e do erudito Livrinho *De Existentia, & Perfectionibus Dei*, he o Padre Paulo Frisi, Clerigo Regular de São Paulo, celebre, e acreditado Professor das mais sublimes Sciencias.

CAPITULO X., E ULTIMO.

Não só se prova com auctoridades que he a Arte Magica huma chiméra, mas se mostra tambem com a razão.

Quem não desprezou a lição destes tres livros, nem deixou de observar tantas, e tão authenticas auctoridades dos Santos Padres, dos Escriptores Profanos, dos Christãos mais veneraveis, e dos mais famosos Gentios, persuadir-se-ha de que está a auctoridade a favor dos que negam a existencia, e efficacia da Arte Magica. Julgamos que, além do referido, será de grande utilidade mostrar, que se une nesta nossa opiniaõ a auctoridade com a razão. Pa-

rece impossivel , que haja entendimento são , e livre de prejuizos , que se capacite da existencia de huma Arte , com que se obriga o demonio , e por meio da qual possa qualquer pessoa , por vil , e abjecta que seja , alcançar o poder obrar prodigios , e sobrenaturaes maravilhas. He frivolo o dizer-se , que o demonio obedeça pela ambição de ganhar esta , ou aquella alma ; porque nada póde sem a permissão de Deos. Ora quem ha de crer , que a summa , e eterna bondade do Senhor , só para satisfazer os caprichosos desejos de alguma vil mulherinha , ou maligno , e malvado Magico, ha de permittir que se destrua com tempestades hum paiz, se arruïne com mortandade de animaes , e que o diabo possa apoucar , e affligir com duras molestias os humanos , causando-lhes ás vezes a morte com encantamentos ? Ha de ter tanto poder o diabo , e tanta efficacia huma Arte ? De nada serve o dizerem-nos , que se praticaram taes prodigios nos tempos de Pharaó , e que presentemente os póde ainda haver. He muito falso o supposto , porque não aconteceram aquelles factos por virtude magica , nem houve em tempo algum Arte que obrasse impossiveis , e prodigios superiores á humana industria , ou tivesse efficacia para obrigar o diabo a fazê-los. Advirta-se , que se pudesse o Magico constranger o demonio para lhe satisfazer os seus desejos , como o maligno espiri-

to nada obra sem permissão do Senhor , viria o mesmo Magico a obrigar indirectamente o Omnipotente , o que he horrenda , e grosseira blasphemia.

Em vão recorrem os Adversarios , para salvar a sua opiniao , ás difficuldades que resultam de alguns lugares da sagrada Escriptura ; porque deviam advertir , que sim estamos obrigados a crer exacta , e humildemente os seus factos , mas de nenhuma sorte a entendê-los , e a sabê-los inteiramente explicar. Em vão recorrem tambem , porque se não disputa presentemente sobre se existio já a Arte Magica , mas sobre a sua actual existencia ; e os Padres ensinam , que não tem o demonio , depois da Redempção , poder para responder , e satisfazer a quem o invoca , e a elle recorre. Ora segundo o systema dos Adversarios muito se teria augmentado o poder do inimigo espirito ; se , conforme se pretende , verdadeiros fossem os infinitos casos que se diz aconteceram nos primitivos tempos da Christandade , nos proximos , e nos de hoje. Sogeitos graves attestam muitos factos , e os mesmos livros auctorizados os divulgam , e publicam : affirma-se , que se descobriram mais de cem em huma só Cidade , ou districto , e citam-se Auctores que referem terem padecido a pena de fogo mais de trinta mil.

Os factos da sagrada Escriptura não podem servir de prova aos Adversarios na presente controvérsia. Ainda entendidas as antigas auctoridades como elles querem , não tem fundamento nem razão ; porque nunca se poderá inferir de taes factos , que houve huma Arte , ou que existe ; pela qual se configam os fins dos Magicos. Concedido que Deos quizesse , e queira actualmente , permittir por alguma vez ao demonio que satisfaça , e obedeça a quem o invoca ; basta isto , por ventura , para nascer de tão singulares permissoes huma Arte ? E por virtude de se bem practicar , ha-de-se alcançar quanto se pretende ? Arte he a que tem regras seguras , e preceitos certos. Desta sorte fêria infallivel qualquer empreza dos Magicos , e teriam effeito todas as suas rogativas , e instancias a Satanás. E de facto , os impostores deste genero se vangloriavam , desde os tempos de São Clemente Alexandrino , *de haverem feito escravos* Pror. *aos demonios com seus encantos.* Publicou-se , que P. 52. *mediando palavras , caracteres , e signaes , alcança o Magico o seu intento.* Tambem se diz em Cong. *outro lugar , que certas hervas , pedras , e per-* P. 160. *fumes , applicados mais em hum tempo do que em* P. 437. *outro , e mais de hum modo que d'outro , não são cousas arbitrarias , e vãs , mas de prestimo , e serventia , para dispôr a materia.* Daqui nasce dizer-se , que *a ignorancia da Arte Magi-*
ca

ca he huma das razões da miseravel pobreza dos Magicos. Logo o effeito do maleficio, que he algumas vezes a morte de huma criança, ou de hum homem, ha de depender do maior, ou menor rodeio de palavras, ou de algum termo estranho; bem, ou mal pronunciado? He possivel discorrer desta maneira, sem offender, não só a luz da natural razaõ, mas tambem a Divina Providencia?

Cong. Publicam que Pythagoras, e Democrito *ti-*
P. 395. *veram desejos de conhecer os mysterios, e os ar-*
canos da Arte Magica; e que a gente grosseira

P. 164. *naõ póde aprender os seus mysterios verdadeiros:*
dizem que os idiotas naõ podem perfeitamente saber

Apol. *os seus longos, escondidos, e difficeis preceitos.*

P. 178. Devem-se applicar todas as cousas, diz a Apologia,
segundo as justas medidas, e as fórmulas da occulta,
e mysteriosa Sciencia explicadas. Ora nos lugares
da Escriptura, que se applicam á Magia, que indi-
cio, ou que sombra se vê, pela qual se mostre que
se procedeo por via de Arte, ou de Sciencia? Faz-
se, por ventura, menção de determinadas acções, de
versos de encanto, ou de certas ceremonias, nos fa-
ctos dos Magos de Pharaó, e da Pythonissa? Os
Gentios, para melhor enganar o vulgo, inventa-
vam varias fabulas, e as faziam crer huma Arte
particular:

Necte tribus nodis ternos Amarylli colores, &c.

Com

De tres em tres as côres

Enlaça com tres nós , ó Amaryllis.

Acha-se o referido na Pharmaceutria de Virgilio , e de Theocrito ; e da mesma forte outras muitas fabulas em outros. Mas ainda que fosse verdade o ser mui conveniente fazer tres , ou trinta nós , ter hervas colhidas em noite escura , ou hum pedaço de pao de forza , e outros semelhantes despropósitos , seria isto bastante para serem os preceitos desta Arte intrincados , e escuros ? Seria só por isto Sciencia mysteriosa , e escondida ? Daria isto occasião para *fundamentalmente se examinar a Sciencia Magica* ? Que dizem hoje os homens de letras ? Os livros , e os escriptos , que tratam da Magia , que outra cousa contém senão ridiculas puerilidades ? Allegou o Apologista , para prova de que foram *doutos , e sabios* os Magicos , o haver chamado Santo Ireneo a Simão Mago *o pai de todos os Hereges* ; mas isto quer dizer que fora o primeiro que dera o exemplo de offerecer dinheiro pelo poder Ecclesiastico. Allegou com Apollonio Thianeo , mas delle tinha já dito em outra parte , que a Historia que Philostrato escrevera , e com a qual se tem alguns enganado , *he hum fabulosa Novella*. Allegou a *Confissão* de hum Cypriano , na qual se referem extravagantes loucuras , summamente ridiculas , como observámos em seu lugar ; e apontou

Cong.
P. 322.

Apol.
P. 21.

P. 48.

De
Van.
scien.
c. 48.

tou outros exemplos de igual pezo , e a que já respondemos , e satisfizemos. Apenas poderá soffrer a plebe idiota os escriptos que dos Modernos conservamos sobre esta materia. Só nos tres livros *De occulta Philosophia* de Cornelio Agrippa , se vê de mistura muita erudição , e estudo ; mas contém tanta futilidade , e tanto absurdo , que justamente , quando se achou em maior idade , elle mesmo a negou , e desprezou , e se lastimou de haver *gasto antigamente* tanto tempo *nessas mentiras , in his vanitatibus olim contrivi*. Nas mãos dos curiosos destes falsos , e ridiculos estudos , andam hoje as claviculas de Salomaõ , em huma das quaes estaõ *as suas sete alturas* , e os *seus encantamentos* , e na outra *o anel , em que consistia a sua sabedoria*. Que diremos das obras pueris , e ridiculas , attribuidas a Cham , a Zoroastes , a Abraham , e a Josepho , (*Speculum Josephi*) e a outros semelhantes ?

Huma das razões que obriga a escarnecer o imaginado poder , e efficacia da Magia , he a ignorancia dos que escreveram da Arte Magica. E a outra razão que justamente move a arruinar , e dissipar inteiramente tanto embuste , he o beneficio que se faz á sociedade , mostrando-se a falsidade de taõ insubistentes accusações , e pondo-se em salvo a muitas pessoas presas , e processadas , sem delicto algum existente , e real. He extravagante

gante o discurso do Senhor Tartarotti a este respeito; porque diz, que muito aproveita em taes Apol. P. 4. occasiões negar a existencia das Feiticeiras; mas que não só não he util, mas pernicioso o negar a Magia. Como? Não ha de ser util, para extinguir estas falsas accusações, o mostrar-se, que he vão, e chimérico o crime da Magia; e ha de ser util o ter negado o Senhor Tartarotti o nocturno congresso, e o ter affirmado que não merecem pena as Feiticeiras? Não he preciso, segundo o seu systema, fazer a impossivel distincção de Magas a Feiticeiras? Affirma que os Magicos idiotas Apol. P. 17. *produzem ordinariamente as maravilhas dos scientificos*; mas que são causa de funestos effeitos; *pe-lo que merecem algumas vezes com justiça a pena de morte*. Ora podendo entrar neste número as Feiticeiras, não merecem estas a morte, e não he tambem falso por este motivo o seu discurso? Todos vem qual destas duas sentenças he mais favoravel ás pessoas innocentemente accusadas, e qual mais seguramente as absolva. Outra razão ha para conhecer a falsidade de taes suppostos, ministrada pela observação, de que se não acha entre tantas graças milagrosas, que Deos tem concedido por intercessão dos seus Santos, huma só que farsse os maleficios, ou desfizesse os nocturnos ajuntamentos das Feiticeiras. Attestam os que por muitos annos tiveram a cargo examinar, e justificar os milagres, que

que nunca lhe passaram pelas mãos semelhantes casos ; o que he seguro , e claro argumento , de que são todos falsos , e puras imaginações.

Mas a maior razão que deve obrigar-nos para desfazermos , e extinguirmos estas falsas imaginações , he o damno , e prejuizo , que se fazem com ellas á Religião , e á sãa crença de muitos , e muitos. Oh quão grande he o engano daquelles bons Religiosos , que entendem conseguir , e merecer muito , affirmando a existencia da Magia , e defendendo o seu poder , e efficacia ! Deixamos de considerar se nos passados tempos houve quem recolheo grandes vantagens de taes simplicidades , applicando-se por esta causa a confirma-las. Lembremo-nos antes de que Hippocrates , sendo Gentio , mostrou aos Defensores da Magia , que naquelles tempos allegavam em prova a mesma Religião , como pelo contrario lhe causavam damno , fazendo crer , que não havia deoses , pois diziam que se podia alcançar de outra parte , e origem , quanto se desejava , e que outro poder existia que obrava prodigios , e maravilhas. Julgaram os modernos Heresiarchas muito vantajoso a seus pensamentos o exaltar o poder do diabo. Diz Luthero sobre a Epistola aos Galatas : *Sumus autem nos omnes corporibus , & rebus subjecti diabolo.* Affirmou , que estava debaixo do seu imperio o pam , o vinho , os vestidos , o ar , e tudo quan-

to ha. Escreveo Calvino na Prefação das suas *Instituições* : *Et meminisse nos decet sua esse Sathanae miracula*. Sim continúa dizendo , que são por este motivo *prestigios* ; mas logo se declara da maneira seguinte : *Magi , & Incantatores miraculis semper claruerunt : idololatriam stupenda miracula aluerunt : Sempre os Magicos , e Encantadores floreceram em milagres : os milagres estupendos nutriram a idolatria*. Ora tudo isto he falsissimo ; mas entendia este blasphemo , que assim tornava nullos , e vãos os verdadeiros milagres que o Senhor algumas vezes concede pelas orações dos Catholicos , e pela intercessão dos Santos.

De que serve o affirmar-se que devemos defender a existencia da Arte Magica , paraque se creá que ha , e existem demonios ? Não ha entre os bons Christãos quem negue a sua existencia , nem tampouco ha entre todos os que estimam , e crem as sagradas Escripturas , quem a despreze ; e querer provar com factos ridiculos , e com cousas falsas a existencia dos demonios , he dar occasião pelo contrario a que muitos se riam de tudo , e se vejam tentados a ter por fabula o mesmo demonio. Ainda se não destruiu totalmente o falso , e tantàs vezes reprovado principio , de que he licito fingir para bom fim. Sabemos de Tertuliano , e de São Jeronymo , que por bom fim ,

De
Bapt.
c. 17.
De
Vir.
ill. c.
7.

e por amor que tinha a São Paulo , inventara , e fingira aquelle Sacerdote , que era do Santo o livro que elle mesmo compozera , (*Acta Pauli* , falla delle Eusebio) e que por isto fora gravemente castigado : *loco excississe* , diz Tertulliano , e São Jeronymo *loco excidisse*. Além do peccado da falsidade , quem ignora os muitos erros que se seguem de tal princípio ? Póde proceder delle , que haja quem não faça escrupulo de publicar milagres não authenticos , incriveis , e indignos de attenção ; e não se póde explicar quaõ grande damno se faça com este erro á verdadeira devoção , ao credito , e decóro da Fé Catholica. Póde delle proceder , que haja Ecclesiastico , que em vez de allumiar , e corrigir , favoreça , e louve fatuïdades , excessos , e alguns enganos , no uso , e culto das sagradas Imagens , com prejuizo do verdadeiro , e santo Dogma , não bem entendido de todos. Póde delle nascer , que haja quem imagine obrar bem , demasiadamente adiantando o justo culto , e veneração dos Santos , e excedendo neste excesso as intenções , e regras da Igreja. Mas restringindo-nos a quem crê , e pública a efficacia da Arte Magica , considerem estes Defensores da Magia , que fazendo os Fiéis hum artigo de Fé do summo poder do diabo , e dos prodigios que obra em favor de quem o busca , e se lhe entrega , se perde a esperanza de impedir que a elle impiamente recorram não poucos ;

cos ; quando se todos estivessem bem persuadidos da verdade ; isto he , de que por via do diabo se não póde fazer mal a alguem , nem conseguir cousa alguma para utilidade propria , não se veriam tantos loucos , nem haveria tantas indignidades deste genero.

Quem sabe o que he o Mundo , e tem noticia dos paizes , e dos costumes , está certo do grande número que hoje ha de incrédulos que zombam de todas as Religiões. Muitos tem sido creados com esta falsa idéa desde os primeiros annos ; outros estão persuadidos pelas suas paixões , e pelos seus vicios ; e muitos outros estão tambem enganados pela desmedida ambição de quererem ver melhor , e mais com o seu entendimento , do que tem visto , e vem os demais homens. Quão facilmente descobririam estes o seu engano , e a sua cegueira , se fizessem uso daquella penetração , e juízo , que Deos especialmente lhes deo para conhecerem a verdade ! Se se voltassem a considerar , e a ponderar sériamente a admiravel , e sobrenatural ordem com que o Mundo , e as suas partes procedem , e se conservam , conheceriam então que só póde provir esta passmosa harmonia , e regularidade , de causa espiritual. Tudo quanto vemos he materia : a materia não pensa , e não discorre. Não póde por tanto proceder della , nem o ser , e existencia das cousas , nem a sua regra , e lei. Logo ha alguma causa ,

X ii

que

que nós não vemos , que tudo rege , e de quem tudo depende. He o Deos immenso , omnipotente , e immortal. Ora este Senhor , que não póde ter creado tudo senão para sua gloria , dotaria o homem de entendimento capaz de o reconhecer , e adorar , e seria depois indifferente sobre o ser , ou não ser d'elle venerado , e reconhecido ? He isto cousa de que se não poderá em tempo algum capacitar quem tiver alma , e razão. Logo he necessario , que Deos queira que haja huma Religião. Sobre qual dellas he a verdadeira , e mais gloria lhe dá , são taes , e tantas as demonstrações a favor da nossa , que he vergonha hesitar hum só momento. Não poucas difficuldades se apresentam na verdade aos que pensam nestas materias só com as luzes da razão. Em todas as partes da mesma Escriptura se levantam difficuldades. Mas satisfazendo-nos em qualquer Sciencia , e negocio mundano , de hum complexo de razões , que move o homem sabio a dar o seu consentimento , só nestas materias nos havemos conduzir de differente , e diversa maneira ? São da nossa Religião infinitas as notas da verdade ; mas de huma só nos serviremos presentemente , que he a das prophecias. Lemos nos Evangelistas , que huma *Virgem parira : que nascera em Belém o Salvador* , e que por sua virtude *os cegos vem , andam os coxos , saram os leprosos , ouvem os sur-*

surdos , e resurgem os mortos : Cæci vident , claudi ambulant , leprosi mundantur , surdi audiunt , mortui resurgunt. Entrou o nosso Salvador em Jerusaleem , montado ora sobre hum aсна , ora sobre o jumentinho , filho della : *Sedens super asinam , & pullum.* Entregou-o , e vendeo-o traidoramente Judas pelo preço de trinta dinheiros : *Constituerunt ei triginta argenteos.* Açoutaram-no , e crucificaram-no , traspassando-lhe as mãos , e pés com cravos. Dizendo na Cruz que tinha sede , *sitio* , lhe apresentaram vinho com fel , e hum a esponja enfiada em vinagre : *Spongiam plenam aceto.* Dividiram os soldados entre si as vestiduras do Senhor , e lançaram sortes sobre o que cada hum levaria : *Mittentes sortes super eis , quis quid tolleret.* Ora quantos seculos antes disse Isaiâs : *conceberá hum a Virgem , e terá hum Filho : Virgo concipiet , & pariet Filium?* Quantos seculos antes disse Michéas a Belém : *de ti sabirá o que ha de reinar em Israel : Ex te mihi egredietur , qui sit Dominator in Israel?* Quantos seculos antes tinha dito Isaiâs : *abrir-se-hão entãõ os olhos dos cegos , e estaraõ abertos os ouvidos dos surdos : entãõ , &c. Tunc aperientur oculi cæcorum , & aures surdorum patebunt : tunc , &c.?* Quantos seculos antes tinha dito Zacharias : *eis-aqui vem o teu Rei , montado ora sobre hum aсна , ora sobre o jumentinho : Ascendens super asinam , & super pullum;*

Matth.
xi. 5.

xxi. 5.

Is. vii.

14.

Mich.

v. 2.

Is.

xxxv.

5.

Zach.

ix. 9.

como tambem tinha dito : *pezaram trinta dinheiros* , e *deram-mos em paga* : *Appenderunt mercedem meam triginta argenteos* ? Quantos seculos antes tinha já dito David : *traspassaram-me as mãos* , e *os pés* , e *contaram-me todos os meus ossos* : *Foderunt manus meas* , & *pedes meos* , & *dinumeraverunt omnia ossa mea* ; como tambem tinha dito : *deram-me para meu sustento fel* , e *deram-me por bebida na mesma sede vinagre* : *Dederunt in escam meam fel* , & *in siti mea potaverunt me aceto* : *Diviserunt sibi vestimenta mea* , & *super veslem meam miserunt sortem* : *divideram entre si os meus vestidos* , e *lançaram sobre elles sortes* ?

Psal.
xxi.
18.

lxviii.
26.

xxi.
19.

Naõ póde haver incrédulo de juízo , que resista a esta evidencia de provas , se nellas fixar o pensamento : nem he crível o prejuizo que causa o divulgarem-se como pontos de Religiaõ as magicas maravilhas , que motivam riso aos homens de bom entendimento , e experimentados na sciencia do mundo. Todos os que por experiencia particular , ou alheia , como tambem por bom discurso , sabem com certeza que são enganos , e chimeras as obras , e prodigios das Feiticeiras ; por desprezo nem ouvir querem a quem de semelhantes cousas lhes falla. E quando vem que os mesmos Ecclesiasticos se empenham em defender a Magia , esmorecem sobre o acatamento devido

aos

aos Ministros do Senhor. Ninguém se persuada que devem ser avaliados em pouco todos os Seculares , porque os que são escolhidos pelos seus grandes talentos para os governos Civís , e Militares , tem direito de que sejam attendidos , e mui considerados os seus juízos sobre estas materias. Os Estudiosos , que só tratam com os seus livros , esses não podem formar juízo certo , e justo , sobre todas as cousas. Deve-se fazer mui distincta estimação das opiniões que se não aprenderam nas Escólas , mas que são producções de hum entendimento são , de hum justo , e sólido raciocinio , e de huma prudente consideração. Explicam-se as Escólas varias vezes conforme a obrigação em que as põe alguns assumptos ; e querendo ellas explicar o que se não póde explicar ; e dar novos significados a alguns termos ; costumam-se a soffrer , e a admitir proposições , que não poderiam subsistir se as entendessem no seu proprio , e natural sentido. Ora isto não acontece a quem julga livremente , conforme a clara , e ordinaria intelligencia , com precaução , e com as luzes da razão que Deos communica aos homens. Não se entenda , do que tenho dito , que sómente os Seculares de grandes empregos , e de melhor intelligencia , se riem , e zombam da Arte Magica ; porque nisto mesmo convém tambem muitos Religiosos dos mais illu-

minados , dos quaes poderiamos citar os nomes de muitos , e de todas as Ordens Regulares , que com grande prazer tem lido , e louvado a *Arte Magica Abatida , e Dissipada*.

Que diremos dos motivos de que se servem com ambição os incrédulos , para zombarem da Religião , das narrações que se acham em muitos livros , e das vidas dos Santos , escriptas com boa intenção ? Quanto não se deleitam , quando , por exemplo , lem , que dando a hum Rei de Castella sua mulher hum cinto de ouro , ornado de pedras preciosas , havendo-o por astucia ás mãos certo Hebreo , este fizera *com seus encantamentos* , que n'hum dia de solemnidade parecesse *a todos os espectadores* , que *estava o Rei cingido , não com hum cinto ornado de pedraria , mas com horri-vel , e medonha serpente* ? Quanto se não regozijam , lendo que se achara hum valle inteiro *todo cheio de Maleficos , e de Feiticeiras* , que com seus encantos *faziam damno aos meninos , aos homens , e ás bestas , não só com diversas enfermidades , e varios incommodos , mas tambem com a morte , precipitando algumas vezes dos altos montes aos homens , e a rebanhos inteiros* ? Estava infecto destes animos malvados *quasi todo o paiz* ; e havia entre elles hum *Presidente de huma Collegiada* , que se tinha feito *cabeça dos Maleficos , e de pastor se tornara lobo roubador*. Escrevem,

que

Apol.
P. 42.

Off.p.
54.

Ani-
mav.
crit.p.
173.

que havendo quem sobre esta desordem empregara os seus cuidados , *fizera só de huma vez abjurar mais de cento e cincoenta*. São desta qualidade as auctoridades que se allegam. Quanto não gostam os que procuram insultar aos que fielmente crem, quando encontram pelos livros , que na Italia se fizeram queimar quatrocentas Feiticeiras ; em huma só Provincia de França seiscentas ; e muitas mais na Alemanha ? Mas bastou, por ventura, que novas luzes allumiassem os Tribunaes , para logo acabar esta geração abundante , e copiosa ? Quando os Adversarios sériamente fallam dos duendes , que tantas vezes deram motivo para as comedias , e para os jo-viaes entretenimentos , não parece que abrem a porta aos que se alegram com escarnecer o que não devem ? Os que pela longa practica , pelo consentimento , e experiencia dos mais sabios Religiosos , estão mui certos de que he tudo simplicidade , e impostura , poderão passar sem desgosto , vendo entregar nas mãos dos motejadores incrédulos , instrumentos tão proprios para o escarneio ? Oh quantos casos se recontam por pessoas que viram ! Mas quantas testemunhas de vista , sendo reperguntadas com instancia , e cuidado , confessam que fora quanto viram engano , e méra apprehensão ? Façam os Adversarios esta experiencia. Sim se acham alguns destes prodigios nas obras dos Santos Padres ; mas nenhum delles diz que

vira ;

Brun
t. 1. p.
307.

Apol.
p. 165.

vira ; e depende sempre a verdade do facto de quem o referio. Segue o Senhor Tartarotti , fallando dos duendes , que não *ha Cidade* , por não dizer *Aldea* , que não possa subministrar muitos exemplos. Porque não admitte o Senhor Tartarotti as Feiticeiras , que tem com os duendes tão grande parentesco ? Se assim fosse como diz , feriam as testemunhas dos duendes infinitas : mas tendo havido tantos curiosos , que expressamente procuraram ver algum duende , porque não viram hum só ? Honradamente confessa o mesmo Adversario , que os não vira , *ainda que nunca perdesse a occasião em que pudesse diligenciar o vê-los*. Mas não obstante ver frustradas as suas diligencias , não consente que haja quem zombe da opinião de que os duendes se namoram de formosas donzellas , porque (diz elle) quererá o demonio fingir-se namorado de alguma , para *a fazer vãa , e soberba* ; ou para radicar nos animos , com *diabolicas galantarias* , e com *fingido affecto* , o erro de que são corporeos os Anjos ; ou tambem para fazer crer com *risos* , e *carinhos* , de que no inferno *se não está tão mal como ensinam os Dogmas Catholicos*. Eis-aqui até onde se precipitam os mesmos homens de talento , quando abraçam , e se empenham na defensão de huma causa injusta , e má.

Entende acaço o Leitor , que estão acabadas as pretensões sobre o chimérico poder do demonio ?

Pre-

Pretende-se, além do referido, que este espirito infernal se ajunta carnalmente com homens, e mulheres. E não pretendem também que gera filhos? Ora não he isto pôr tudo em ridiculo? Observemos o que escreveo nesta materia hum famoso, e moderno Auctor. Cita, para provar que ensina a Escriptura Conc. t. 3. l. 3. diff. que se dão Feiticeiras, e feitiçarias, dous lugares, nos quaes só se falla de possessos. Divide ^{2.} os feitiços em veneficos, e amatorios; e diz, que para terem seu effeito se lançam certos pós no comer, ou sobre os vestidos: se os pós são vermelhos, ou cinzentos, causam molestia; mas se são negros, a morte. Diz depois, que Lamia he hum animal *que tem rosto de mulher, e que attrabe com a belleza de seu corpo aos homens para os devorar; e diz, que também se deleita muito com o sangue dos meninos.* Citou para prova a Jeremias, que não fallou da maneira dita, nem entendeu Lamia neste sentido, nem tampouco lhe attribuiu o gostar muito do sangue dos meninos. Julgam os que escreveram dos peixes, que Lamia he o cam Carcario; mas o Auctor diz, que se lhe comparam as Feiticeiras, porque *puerorum sanguinem sugunt.* Estas, segundo este Auctor, *noctu potissimum sua arripiunt itinera, e são dæmonum pellices, & concubinæ. Sacram Hostiam diabolo intra vilissima vasa urina persusam sacrificant: necatorum infantium longis à cubus*

cubus transfixa cadavera domos asportant , intra ollas elixant , decoquunt usque ad artuum dissolutionem , & ebullire sinunt , quod concreta fuerint in crassum quemdam humorem : ex hocce humore duplicem secernunt succum , alterum dilutum quem potant , altero pinguiore in vase quodam servato corpora propria obliniunt , quando ad conventicula celebrando cum dæmone accedere statis temporibus debent. E tem valor hum

Religioso , para publicar nos dias de hoje taõ extravagantes proposições , em huma obra de dez volumes ? Aindaque affirme em outros lugares , que isto succede raras vezes , e que he fabula o que muitas vezes se conta , naõ cura isto a chaga. Diz , que o diabo , quando pelos ares leva as Feiticeiras , o faz de duas sortes ; *quandoque modo visibili* , *quandoque invisibili*. Assevera , que quando as leva do leito dos maridos , paraque o naõ fintam , lhes deixa humas bonecas ; isto he , *buns corporos feitos de ar : Corpora ex aere confecta*. Diz , que o lugar dos seus ajuntamentos he *o monte de Venus* , *junto ao lago Orsino* , e o tempo o da Quaresma , e a Semana Santa. Entaõ , *libidini indulgent* , *fædissimè cum dæmonibus se commiscendo : mulieres incubis subjacent , & viri succubis*. Diz depois : *Sunt , qui negent dæmones exercere posse carnales actus cum corpore careant. Verum communis Catholicorum sententia docet ,*

*re ipsa hanc commixtionem dæmonum , mulierum-
que accidere.* Oh Deos Eterno ! E não he inde-
cente que se lêam hoje impressas semelhantes pro-
posições ? E não póde affastar os Hereges da cõ-
munhaõ Romana o desgosto de ver que appro-
vam os Catholicos semelhantes congressos , e que
he *commūa* entre elles huma tal opiniaõ ? Sup-
põe o Padre Concina , que podem os demonios ,
quando querem usar das mulheres sem effeito de
geraçãõ , tomar corpos *feitos de ar , ex aere
compacta* ; mas que *quando coitum aptum ad ge-
nerationem peragere volunt ab hominibus semen* P. 88.
surripiant ; e saõ entaõ as crianças que nascem ,
filhas daquelle homem , de quem o mao espirito
(quem poderá dizer o como ?) tomou o semen ;
mas o pai de nada sabe. Se o tomou de corpo mor-
to , estava já apagada a sua virtude ; e se de corpo
vivo , como poderia extrahi-lo lá de seu interno lu-
gar ? Ora se a criança he filha de tal homem ,
quem deo poder ao demonio para despojar aos
filhos da herança da filiaçaõ ? Não he pasmoso que
em seculo taõ illustrado pelas letras , se publiquem ,
e se imprimam taõ falsas , e extravagantes pro-
posições ? Defende tambem , que retém este semen,
extrahido de seu natural lugar , e depois de o leva-
rem , o seu calor , os seus espiritos , e a virtude de
penetrar per si a parte em que o puzerem. Quem
poderia ter imaginações mais cómicas ? Eis-aqui
até

até onde arrebatava o caprichoso empenho de defender a Magia.

Pede a honestidade que mais não disputemos, e que demos razão ao Senhor Tartarotti. Dissemos na *Dissipada*, que a crença de que vão as Feiticeiras pelos ares aos seus nocturnos congressos, e de que o diabo tem filhos, causou riso na Italia até entre o povo miudo. Contra esta nossa proposição oppõe-nos o Senhor Tartarotti a volumosa obra do Padre Concina, e expende alguns dos referidos lugares, fazendo ver, que não são sómente *do povo miudo* semelhantes opiniões. Tem razão, e não podemos negar o nosso erro; mas nelle cahio também o sabio Muratori, e cahio por ter uso de não communicar senão com os homens de grandes luzes, e por não ler senão livros uteis, e verdadeiramente doutos; como também por não entender que dessem taes fogeitos em semelhantes novidades. O Senhor Tartarotti

Apol. p.172. conhece a falsidade de taes loucuras; mas entende que não basta nega-las, e que he necessario provar a sua impossibilidade com argumentos. Não faltará quem julgue que tudo isto he superfluo, porque os que não vem a verdade com as luzes naturaes, são incapazes de a perceber por argumentos. Causaria maior persuasão, a quem bem entende as cousas, o ver introduzir termos Philosophicos, para, por exemplo, se provar que o demonio,

po-

podendo obrar sobre os fluidos , póde fazer fal- Apol.
 lar as estatuas ; e para se provar que póde mo- P. 33.
 ver os corpos fluidos , mas não os sólidos ; que
 he o mesmo que dizer , que fim póde mudar o
 vinho , mas não o copo. Não he pensamento ex-
 travagante exaggerar o poder do demonio , e af-
 firmar que *póde fazer que o corpo de hum ho-* Cong.
mem pareça o de hum gato , ou rato , e crer , e P. 88.
asseverar logo , que não póde o mesmo demonio P. 391.
 mover hum corpo sólido , nem leva-lo de hum a
 outro lugar ? Em fim , quem conserva no seu co-
 ração amor , e respeito á nossa Santa Religião ,
 não se entristece pouco , ouvindo derramar por to-
 da a parte semelhantes extravagancias , e entre el-
 las as especiaes de que os diabos fazem filhos , e
 de que as mulheres vão com os mesmos diabos , por
 Arte Magica , aos seus festejos. O não ter sido esta
 questão prudentemente examinada nos tempos passa-
 dos , e o ter havido Santo Padre que seguisse as
 opiniões do vulgo , não deve impedir que hoje
 nos não valhamos das luzes presentes , e da au-
 thoridade de outros muitos Padres da Igreja. Af-
 firma além disto , juntamente com outros , o Padre
 Concina , que em tanta impiedade *plures prola-* T. 3.
buntur , muitos se precipitaõ , e que até celebram P. 84.
 pactos com o diabo , de que fazem escriptura.
 Quanto não zombam os incrédulos , e quanto se
 não valem de taes extravagancias , para augmenta-

rem o seu número? Diz, que estes taes, *proprio sanguine obfirmant*, firmam com o proprio sangue aquellas escripturas, e que depois as entregam ao mesmo diabo, *para que as guarde*. Questiona-se depois sobre se o Feiticeiro arrependido deve fazer restituir a escriptura, e queimar o signal à *dæmone sibi datum*. Oh verdades purissimas! Oh santos preceitos Christãos! Quanto vos não assombram tão estranhas imaginações? Questiona-se se o Mago se possa valer do dinheiro, *dæmonis arte comparatis*: caso he este que nunca succedeo.

T. 3. Segue tambem o mesmo Auctor, que os thesou-
 p. 51. ros, e os cadaveres escondidos, se não podem conhecer sem pacto com o demonio: *Absque dæmonis pacto cognosci nequiunt*. Em quanto aos thesouros, tem este Auctor por si a muitas mulheres, e tambem ao vulgo idiota, que entende tomara delles posse o diabo. Que diremos dos Faunos, dos Satyros, e dos Sylvanos? Estamos obrigados a dar-lhe credito em obsequio da Arte Magica; mas se os não cremos, estamos obrigados a provar pela Philosophia que não existem. E não se saberá sem o provarmos que são fabulas Gentilicas? Que diremos *dos cravos, dos alfinetes, dos carvões, e dos feixes de cabello, ou de trapos*, que tem semelhança com os sacramentos dos verdadeiros Magicos? Que diremos *das mulheres, que em presença de circunstantes acordados, e*

Cong. p. 186.
 Ani-
 mad. p. 172.

vigi-

vigilantes , são levadas dos demonios pelos ares ?
 Nunca acabaria quem curiosamente indagando quizesse narrar todas as simplicidades , e despropósitos deste genero , que tanto favorecem aos incrédulos , e tanto offendem a pureza da Doutrina Catholica. Sábiamente escreveu Joaõ Sarisberi , no seu Polycratico , que tudo o que se conta das Lâminas , e de semelhantes fatuidades , entra bem nos L. 2.
 animos dos que são pouco firmes na Fé : *Mulier- P. 13.*
culis , & viris simplicioribus , & infirmioribus in Fide ista proveniunt. Não nos crimine o Leitor pelas extravagancias que contamos dos referidos Auctores , porque a materia que tratamos , e a necessidade , nos obrigou a expô-las. Julgamos os Auctores que impugnámos cheios de boa vontade , de erudição , e de sciencia , e por taes os veneramos. Cahiriamos em notavel culpa senão escrevellemos só com o intento de mostrar até onde se precipita quem admitte , e defende a efficacia , e poder dos encantamentos , e da Arte Magica. Confessou o primeiro dos nossos Adversarios , que a opiniaõ dos espiritos incubos , e súcubos , he *chimérica , ridicula , e monstruosa.* Que Apol. mais he necessario ? Diz , além disto , que justa- P. 172.
 mente se allega em favor desta opiniaõ com Santo Agostinho , e que de nada valem as outras auctoridades que se citam. Diz nas suas notas ao Cong. Discurso do Padre Gaar , que semelhante opiniaõ p. 82.

P. 82. *cegamente a abraçara innumeravel turba de Auctores*; e fallando dos recém-nascidos affirma, que *se não deve crer que depois da vinda do Salva-*

P. 12. *dor, deixe Deos nas mãos, e poder do demonio as almas innocentes.* O Auctor das *Observações*, conhecendo as futeis, e insubsistentes provas dos incubos, e súcubos, conclue finalmente, depois de largo discurso, que *ainda que vacille, e fal-*

Off.p. *te este fundamento*, nem por isso *virá a carecer*
87. *de apoio a opiniaõ que sustenta a existencia da Arte Magica.* Como não carecerá de fundamen-

to, se he esta huma das mais admiraveis obras que se attribue á Magia? O Senhor Tartarotti, para salvar a Magia, pensou em hum bello refugio, querendo que os incubos, e súcubos lhes não per-

Apol. *tençam, mas só sejam cousas annexas á Feitiça-*
P. 59. *ria*, a que chamou *ridicula, e chimérica*: mas assim como hoje não ha, nem se encontra outra Magia, que não seja a louca imaginaçãõ das Feiticeiras, assim tambem he vãa, e chimérica semelhante distincçãõ.

Tem dado grande motivo á crença dos incubos o confessarem algumas mulheres que tiveram commercio com o diabo, affirmando com certeza que por elles foram importunadas, e perseguidas. Mas que significa o não haver semelhantes confissões de homens? Deviam ser iguaes as confissões, crendo-se tanto nos incubos, como

nos súcubos. Deliram mais facilmente as mulheres, ora por causa dos sonhos, ora pela imaginação fixa sobre objectos impudicos, e ora por astuciosos, e velhacos fingimentos, dirigidos a seus estudados, e appetecidos fins. Já dissemos, fallando de São João Chrysostomo, que julgara este San- Chr. to blasphemia affirmar que *padece a natureza* t. 4. *incorporea carnal concupiscencia*. Dos que, se- p. 195. guindo *Paganorum, & Poetarum mendacia*, diziam, que os Anjos, que se transformaram em carnaes, tinham peccado; explicou-se São Philastrio da maneira seguinte: *Quod autem non factum est aliquando, nec modo fieri manifestum est*. Que diremos de serem os defensores da Magia obrigados por força do seu systema a affirmar, que para a geração *nunca se poderá mostrar ser necessario hum corpo verdadeiro, e animado*? que se abstém de declarar *se póde o demonio fazer fecundas as mulheres, sem que percam a flor da virgindade*? que algumas virgens conceberam, e pariram; que *Medicos, e Philo-* Off.p. *sophos observaram o acontecimento*; e que isto he 86. naturalmente *possivel*? Mais não indaguemos, e concluamos o discurso dizendo, que he já tempo de tirar as armas da mão, a quem estima, e se deleita de pôr a Religião santa em ridiculo; e que he tempo de impedir aos incrédulos o caminho de abusarem do que alguns Auctores enfi-

nam. Deixemos intrincadas, e subtís averiguações sobre os tempos antiquíffimos. Basta lermos em Santo Ignacio Martyr, que depois da vinda do Salvador, e de publicada a Fé Christãa, *desapparecera a Magia*: em Tertulliano, que Deos não tolerara effeito da Magia *senaõ até á prégacao do Evangelho*: em Origenes, que o Nascimento de Christo *desfizera os encantos, e anniquilara a sua efficacia*: em Santo Athanasio, que *apparecendo o Verbo se arruinara a Magia, e ficara inutil*: em Theophilo, que o Senhor *desfizera com a sua vinda as obras, e encantos dos Magicos, suo delevit adventu*: em São Jeronymo, que os conselhos, e promessas dos Magicos *se tornaram todas em nada com a vinda de Christo, cuncta rediguntur in nihilum*; e que o mesmo Christo *destruira desta Arte toda a potencia*: em Santo Ambrosio, que os Magicos conheceram, quando nasceo o Salvador, que *tinham cessado as suas Artes, suas cessare Artes*; e que o Senhor Jesu *limpara a sua Igreja*; isto he, tornara vãos, e inuteis os *versos dos encantadores*. Veja agora o prudente Leitor se o seguirmos, e defendermos esta nossa sentença, he *sustentar paradoxos desconhecidos a toda a Antiguidade, e desamparar o universal sentimento dos Padres, e da Igreja*. Confessam os mesmos Adversarios, movidos das claras auctoridades dos Padres, e finalmente

Apol.
p.144.

mente

mente obrigados da occulta força da verdade, que a Magia, depois do Evangelho, *inteiramente se destruiu*, *profus destructa est*: confessam, que *totalmente se apagara*, *plane oblitteratam esse*: confessam, que *desfizera, e annullara Christo o seu poder*: confessam, que *destruiu Christo toda a efficacia da Magia*: confessam, que o Redemptor tornara *vãa a Magia*; *inuteis, e inválidos os encantos*: confessam, que *estava toda a Magia reduzida a nada*, já nos tempos de Santo Ignacio, que floreceo nos dias Apostolicos: confessam, em fim, que *os Padres affirmam, que a Arte Magica nada póde, e que está destruida, e anniquilada*: louvado Deos, chegámos logo todos ao fim desta obra perfeitamente concordes. Vimos tambem, além do referido, que a mesma Escripura ensinou nas prophcias de Isaias, e de Michéas, que o Salvador desfizera com a sua vinda todo o magico dolo, e tornara os maleficios insignificantes, e inuteis.

FIM DO TERCEIRO, E ULTIMO
LIVRO.

INDEX

DOS CAPITULOS.

LIVRO PRIMEIRO.

- C**APITULO I. *Sem razão, e injustamente, pretendem que estejamos obrigados a crer que ha Arte Magica. Toca-se hum argumento, pelo qual seguramente se mostra que esta Arte não existe, Pag. 1.*
- CAP. II. *Quem nega as Feiticeiras, não póde, nem deve, admittir os Magicos, porque tudo he substancialmente o mesmo, pag. 13.*
- CAP. III. *Erradamente fundam os Adversarios a sua sentença sobre os suppostos pactos com o demonio, pag. 23.*
- CAP. IV. *Nunca disse o Auêtor da Arte Magica abatida, e dissipada, que houvera Arte Magica antes da vinda do Salvador, pag. 34.*
- CAP. V. *Inválida, e de nenbũa subsistencia he a razão sobre que principalmente se funda quem defende o poder, e efficacia da Arte Magica, pag. 41.*

CAP.

- CAP. VI. *O crevem alguns Santos Padres em quem lhes contava as maravilhas da Magia, não nos põe na obrigação de a crermos*, pag. 55.
- CAP. VII. *Abusam os Adversarios de alguns monumentos Ecclesiasticos*, pag. 64.

LIVRO SEGUNDO.

CAPITULO I. *Pretendem os Adversarios, que esteja toda a Antiguidade a seu favor*, pag. 79.

CAP. II. *Das mais antigas memorias que se acham da Magia nos profanos Escriptores*, pag. 82.

CAP. III. *Foram os Poetas a primeira origem da Magia*, pag. 87.

CAP. IV. *Não acha nos Historiadores Gregos fundamento a opiniaõ da Arte Magica*, pag. 93.

CAP. V. *Não he a Historia Romana menos contraria á opiniaõ da Arte Magica*, pag. 105.

CAP. VI. *Não houve Philosopho insigne, ou Cabeça de Escola, que favorecesse, ou ao menos conhecesse a Magia de nossos tempos*, pag. 111.

CAP. VII. *Astucias com que alguns Platonicos posteriores radicaram no povo o credito da Magia*, pag. 126.

CAP.

- CAP. VIII. *Riram-se da Magia os mais celebres Auctores Gregos das outras classes*, pag. 137.
- CAP. IX. *Tiveram os mais insignes Escriptores Latinos a Magia por simplicidade popular, e por engano*, pag. 151.
- CAP. X. *Sentimento do celebre Plinio a respeito da Magia*, pag. 163.
- CAP. XI. *He preciso para defender a Arte Magica, não regeitar os pretendidos milagres dos Gentios*, pag. 171.
- CAP. XII. *Responde-se ás contrarias auctoridades, e ligeiramente se toca quanto se disse neste segundo livro*, pag. 179.

LIVRO TERCEIRO.

- C**APITULO I. *Mostra-se por muitos lugares da Escriptura, que a Magia he humma impostura, sempre vãa, e sem effeito*, pag. 199.
- CAP. II. *De nada serve o facto dos Magos de Pharaó, para prova da presente controversia*, pag. 207.
- CAP. III. *De nada igualmente serve á sentença dos contrarios o facto da Pythonissa*, pag. 213.
- CAP. IV. *Naõ temos em todo o Testamento Novo prova alguma da existencia, e valor da Arte Magica*, pag. 220.

- CAP. V. *Introduziram-se pelo decurso do tempo muitas , e falsas historias acerca de Simão Mago , pag. 224.*
- CAP. VI. *Ensina a Tradição , que o demonio , depois da Redempção do genero humano , não tem poder de corresponder aos desejos de quem o invoca , pag. 237.*
- CAP. VII. *Continua-se o mesmo argumento , pag. 254.*
- CAP. VIII. *Allegam os Adversarios outra classe de auctoridades , pag. 271.*
- CAP. IX. *Dissolvem-se os argumentos contrarios , pag. 290.*
- CAP. X. , e ultimo. *Naõ só se prova com auctoridades que he a Arte Magica huma chiméra , mas tambem se mostra com a razão , pag. 312.*

FIM DO INDEX.

NOTAS DA PREFACÇÃO.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
12	1	Sam - - -	Jam.
32	16	fecit - - -	fuit.
34	8	Gazzanica -	Gazzaniga.
36	19	famiæ - -	familiæ.
45	12	Sainte - -	Saint Maur.
49	18	in 4. ^o - - -	in 8. ^o

A N N I Q U I L A D A.

24	6	- - - - -	tendo effes mefmos.
31	7	ferras - - -	feras.
39	18	- - - - -	corresponderia fó por isto o demonio , e feria por causa , e efficacia da Arte ?
171	21	- - - - -	as não tivesse.
186	17	- - - - -	que o corpo cobria com as orelhas.
187	18	- - - - -	e em quanto as Romanas mostrem nas Pandectas os adverbios.
190	19	qual affinidade	que affinidade.
309	26	Spe - - -	Spee.
311	18	- - - - -	negamos que elles existissem.
326	9	- - - - -	na minha fede.

Na pagina 60 esqueceo sobre a palavra *Satyrosque* a seguinte nota do Traductor , extrahida da Historia Natural do Conde de Buffon , na parte em que trata dos animaes do novo Mundo.

O Satyro ; ou homem silvestre , que pela sua con-
formação parece differir menos do homem , que do
macaco , encontra-se na Asia Meridional , e na Africa ,
mas não existe na America.

Le Satyre , ou l'homme des bois , qui par sa con-
formation paroît moins differer de l'homme que du sin-
ge , ne se trouve qu'en Afrique , ou dans l'Asie Meri-
dionale , & n'existe point em Amerique. Quadrup. , tom.
3. , pag. 187. , in 12. Erat hic Satyrus quadrupes , sed
ab humana specie quam præ se fert vocatur Indis *Orang-
Outang* , homo silvestris. Tulpii observ. Medicæ , lib.
3. , cap. LVI.





